

PPGCDS – Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Sustentável – da Universidade de
Brasília

PERMACULTURA E CAPOEIRA ANGOLA:

ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E ESTRUTURAÇÃO DE UNIDADES
DEMONSTRATIVAS NA NOVA PNATER

Abayomi Mandela Silva Felix

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF, maio de 2014



Universidade de Brasília

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

PERMACULTURA E CAPOEIRA ANGOLA:

ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E ESTRUTURAÇÃO DE UNIDADES DEMONSTRATIVAS NA NOVA PNATER

Abayomi Mandela Silva Felix

Orientador: Thomas Ludewigs

Co-orientador: Frederic Mertens

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF, maio de 2014

Ficha Catalográfica

Silva Felix, Abayomi Mandela

Permacultura e Capoeira Angola: análise de redes sociais e estruturação de unidades demonstrativas na nova pnater. Brasília, DF/ Abayomi Mandela Silva Felix

Brasília, 2014

154 p.:Il

Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.

Permacultura, Capoeira Angola, Redes Sociais, Capital Social, Unidades Demonstrativas, Extensão Rural, Assistência Técnica, comunidades quilombola

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O(a) autor (a) reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta tese de doutorado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do(a) autor(a).

Abayomi Mandela Silva Felix

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**PERMACULTURA E CAPOEIRA ANGOLA:
ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E ESTRUTURAÇÃO DE UNIDADES
DEMONSTRATIVAS NA NOVA PNATER**

Abayomi Mandela Silva Felix

Dissertação apresentada à Universidade de Brasília, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável – PPGDS, área de concentração em Política e Gestão da Sustentabilidade, para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado por:

Prof. Dr. Eric Pierre Sabourin
Pesquisador associado e professor do CDS-UnB

Profa. Dra. Leila Chalub Martins
Professora Adjunta da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Thomas Ludewigs
Professor adjunto da Universidade de Brasília

Brasília-DF maio de 2014

Dedico este trabalho a todas as pessoas que sofrem algum tipo de opressão e que trabalham diariamente para dar um fim à sua condição de oprimido(a) e contribuem para que outras pessoas possam fazer o mesmo em suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Deus que minha Mãe ensinou-me a cultuar. O Deus que existe dentro de cada um de nós (Eu sou) e que é constituído por todos os seres (Por que nós somos). O que está em cima é como o que está em baixo.

À minha querida mãe, Maria Lúcia Silva, por nunca ter falhado e por ter estado presente em todos os momentos de minha vida. Por ter me ensinado a ler e ensinado a gostar de ler. Por ter me ensinado a voar e por guardar um ninho para o qual eu sempre posso retornar.

A meu pai, João Batista de Jesus Felix, por mostrar o caminho o qual agora sigo e por dar o suporte necessário para que eu realize a travessia do mestrado em segurança.

À meu irmão, Pedro Mayella Silva Machado, pelo companheirismo nos momentos mais difíceis e por ser um modelo na vida familiar que desejo para mim.

À Lorena Monique Cirino dos Santos pelo Amor que lhe tenho e pelo Amor que recebo. Cada momento contigo é mágico e maravilhoso. Que possamos dividir muitos outros momentos em nossa caminhada.

À minha Tia Maria Luiza Junior pelo apoio às saídas de campo e pelos puxões de orelha necessários.

Ao Mestre Cobra Mansa por seus maravilhosos ensinamentos e principalmente por ensinar por meio do exemplo o valor do trabalho para a transformação do mundo. Espero que o que tenho para lhe oferecer em troca seja de valor semelhante ao que recebi.

A todos os participantes do evento Permangola e do Kilombo Tenondé. O que fiz foi apenas uma fotografia de tudo o que estas pessoas estão construindo.

À orientação dos professores Thomas Ludewigs e Frederic Mertens.

Ao professor Maurício Amazonas por sua boa influência em minha escolha de Mestrado e pela ajuda na escolha do objeto de estudo.

Ao Centro de Desenvolvimento Sustentável por criar momentos de ensino, aprendizado, discussões e trocas de conhecimentos. Somente por meio deste processo de construção coletiva do conhecimento foi possível chegar até aqui. Agradeço especialmente a Osmar Coelho por nossas intermináveis conversas. Com toda certeza, de nossos 'brainstorms' surgiram ideias que iluminaram este trabalho. Espero que tenha oferecido ao seu trabalho quantidade igual de ideias como as que pude aproveitar em meu trabalho.

À Capes/CnPq por subsidiarem estes estudos.

À república dos loucos por todos os momentos de aprendizado.

Mas eu não quero ser o primeiro, nem ser melhor do que ninguém. Eu só quero viver em paz! E ser tratado de igual para igual (Nos trevos e cancelas, becos e vielas, guetos e favelas quero ver você: trocar de igual). Pois em troca do meu carinho e do meu amor, eu quero ser compreendido e considerado, ser for possível também amado. Pois não importa o que eu tenho e sim o que eu possa fazer com o que eu tenho. Pois já não sou, o que foram os meus irmãos. Pois eu nasci de um ventre livre, eu também sou um anjo. Eu tenho fé, o amor e a fé no século XXI. Onde as conquistas científicas, espaciais, medicinais, a confraternização dos povos e a humildade de um rei serão as armas da vitória para a paz universal. (Hey pé de breque, vai pensando que tá bom!) E o mundo todo vai ouvir; O mundo todo vai saber (Minha mente é um labirinto e meu coração chora) (Com Deus no Coração, o resto Nóiz resolve!!!) (Chora agora, ri depois!) (Sem Justiça não há paz! É escravidão!)

Jorge Ben e Racionais Mc's

RESUMO

Esta dissertação relata um estudo de caso sobre o Kilombo Tenondé durante os eventos Pemangola e Permangolinha 2013. Nestes eventos são realizadas atividades de Permacultura e Capoeira Angola. O evento acontece no povoado de Bonfim, próximo à cidade de Valença, interior da Bahia. O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar os elementos estruturais das Redes Sociais das relações de aprendizado recíprocas estabelecidas durante os eventos. Com os resultados obtidos a partir das análises destas Redes Sociais, será iniciado o processo de construção de uma proposta de Unidade Demonstrativa para a formação de técnicos extensionistas em Metodologias Participativas e Dialógicas dentro na nova PNATER. O ponto de partida desta pesquisa é o entendimento de que Redes Sociais constituídas de relações horizontais, um sentido identitário fortalecido e a ação coletiva pautada em aspectos culturais influenciam de forma positiva na difusão das tecnologias ecológicas no meio rural tendo em vista a realização da transição agroecológica. Durante a coleta de dados nos eventos, foram aplicados dois questionários: O primeiro durante o ato de inscrição dos participantes e o segundo ao final do evento. Os dados dos atributos, relações e motivações dos participantes alimentaram os *softwares* UCINET e NETDRAW para a análise das Redes Sociais de relações de aprendizado recíprocas. As lideranças foram identificadas e comparadas com as pessoas chaves nas estruturas das Redes Sociais. Para a auto definição do Kilombo Tenondé as lideranças foram entrevistadas. Para a compreensão das estratégias de gestão do evento, os dados financeiros foram coletados. Foi detectado que mais de 50% dos participantes dos eventos receberam algum tipo de bolsa. Os resultados demonstram que de fato esta estratégia vem obtendo sucesso, mesmo sem por o capital financeiro como o fator determinante nas tomadas de decisões. Porém os resultados das Análises das Redes Sociais demonstraram a existência de pessoas que concentram o conhecimento de forma que as Redes Sociais apresentaram-se estruturalmente verticais.

Palavras-chaves: Permacultura, Capoeira Angola, Redes Sociais, Capital Social, Reciprocidade, Unidades Demonstrativas, Extensão Rural, Assistência Técnica, Comunidades Quilombolas.

ABSTRACT

This dissertation reports a case study on the Kilombo Tenondé during the events Pemangola and Permangolinha 2013. During these events are realized activities of Permaculture and Capoeira Angola. The events takes place in the town of Bonfim, near the city of Valencia, Bahia. The objective of this research is to identify and to analyze elements of the structure of Social Networks of reciprocal learning relationships established during the events. From the results will be initiated the process of constructing a proposal for a Demo Unit for training extension workers in Participatory Methodologies. The starting point of this research is the understanding that social networks constituted of horizontal relations, a strengthened sense of identity and collective action grounded in cultural aspects influence positively the diffusion of environmentally friendly technologies in rural areas with a view to the realization of agroecological transition. During the data collection in the event, two questionnaires were applied: the first during the registration of participants and the second at the end of the event. The data attributes, relationships and motivations of participants fed NETDRAW and UCINET software for the analysis of social networks of relations of reciprocity. The leaders were identified and compared with the key peoples in the structures of social networks. Leaders were interviewed for the auto definition of Kilombo Tenondé. To understand the strategies of event management, financial data were collected. It was discovered that over 50% of event participants received some sort of scholarship. The results show that in fact this strategy has been successful, even without a financial capital as the determining factor in decision making process. But the results of analyzes of social networks have shown the existence of people who concentrating knowledge so that the Social Networking is structurally presented vertical.

Keywords: Permaculture, Capoeira Angola, Social Networks, Social Capital, Reciprocity, Demonstration Units, Rural Extension, Technical Assistance, Maroons.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Unidade Demonstrativa da Embrapa Semi-árido.
- Figura 2 Capital Social nos Estados Norte-Americanos
- Figura 3 Taxa de homicídios de jovens negros
- Figura 4 Mestre Cobra Mansa
- Figura 5 Símbolo do Kilombo Tenondé
- Figura 6 Entrada do Kilombo Tenonde
- Figura 7 Localização do Kilombo Tenondé
- Figura 8 Mapa esquemático do Kilombo Tenodé
- Figura 9 Princípio éticos e de Design da Permacultura
- Figura 11 Local de origem dos participantes dos Permangolas (2009; 2010; 2013)
- Figura 16 Rio do Kilombo Tenondé
- Figura 17 Seu Brasilino na trilha coletiva
- Figura 18 Treino Contra Mestra Gege e roda de capoeira
- Figura 19 Núbia, responsável pela cozinha no Permangola 2013
- Figura 20 Café da manhã
- Figura 21 Bioconstrução
- Figura 22 Dó, Renata Rangel e Mãozinha explicando a Bioconstrução
- Figura 23 Mestre Cobra Mansa na Horta orgânica
- Figura 24 Miki e voluntária na Horta orgânica
- Figura 25 Participantes do evento Permangolinha 2013 trabalhando na agrofloresta inicial
- Figura 26 Oficina de alimentação natural
- Figura 27 Oficina de alimentação natural
- Figura 28 Moqueca de jaca
- Figura 29 Roda de Capoeira com Mestre Cobra Mansa, Mestre Lua de Santana e Mestre Lua Rasta
- Figura 30 Construção da estrutura do Temascal
- Figura 31 Mestre Cobra Mansa e Gonzalo Hidalgo
- Figura 32 Fogo Sagrado
- Figura 33 Permangola 2013: Rede Social das relações de aprendizado de Capoeira Angola
- Figura 34 Permangola 2013: Rede social de aprendizado de Permacultura
- Figura 35 Permangolinha 2013: Rede Social de relações de aprendizado de Capoeira Angola
- Figura 36 Permangolinha 2013: Rede Social das relações de aprendizado de Permacultura
- Figura 37 Permangola 2013: Rede Social do aprendizado da Capoeira Angola

Figura 38 Permangola 2013: Rede Social da reciprocidade no aprendizado da Capoeira Angola

Figura 40 Permangolinha 2013: Rede Social de reciprocidade no aprendizado da Capoeira Angola

Figura 41 Permangolinha 2013: Rede Social da reciprocidade no aprendizado da Permacultura

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Pessoas de 10 anos ou mais de idade, total e com rendimento, e valor do rendimento nominal médio e mediano mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, total e com rendimento, segundo o sexo e a cor ou raça- Brasil – 2010

Tabela 2 Local de origem dos participantes dos Permangolas

Tabela 3 Dados financeiros do Permangola 2013

Tabela 4 Dados financeiros do Permangolinha 2013

Tabela 5 Dados sobre gênero

Tabela 6 Dados sobre escolaridade

Tabela 7 Dados sobre profissão

Tabela 8 Dados sobre os conhecimentos em Permacultura

Tabela 9 Dados sobre os conhecimentos em Capoeira Angola

Tabela 10 Dados sobre a participação em outros Permangolas

Tabela 11 Dados sobre as bolsas

Tabela 12 Lideranças no Permangola 2013

Tabela 13 Lideranças do Permangolinha 2013

Tabela 14 Pessoas chave no aprendizado da capoeira angola no Permangola 2013

Tabela 15 Pessoas chaves no aprendizado da Permacultura, Permangola 2013

Tabela 16 Pessoas chaves no aprendizado da Capoeira Angola

Tabela 17 Pessoas chave no aprendizado da Permacultura

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Tipos de relações em Redes Sociais

Quadro 2 Tipos de Assistência Técnica e Extensão Rural

Quadro 3 A expansão dos Serviços de Extensão Rural

Quadro 4 Campos de demonstração e fazendas modelo de criação.

Quadro 5 Nomes dos quilombos em diferentes localidades das Américas.

Quadro 6 Rendimento Médio por hora (2011/2012)

Quadro 7 Pessoas entrevistadas para a auto-atribuição do Kilombo Tenondé

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Taxas de homicídio total (em 100 mil) por idades simples e cor.

Gráfico 2 Distribuição percentual da população residente, segundo a cor ou raça Brasil - 2000/2010

Gráfico 3 Participantes dos Permangolas

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE GRÁFICOS

INTRODUÇÃO.....	1
Motivações do estudo.....	4
Hipótese de trabalho.....	7
Objetivo.....	7
Objetivos específicos	8
Justificativa.....	8
Justificativa científica.....	10
Referencial teórico	13
Capital Social	13
Análise de Redes Sociais	20
1. Capítulo I: Unidades Demonstrativas na nova Política Nacional de ATER.....	25
1.1. Histórico da ATER	25
1.2. Mudanças na PNATER: Objetivos, metas, finalidades e ferramentas técnicas.....	31
1.2.1. Unidades Demonstrativas.....	33
1.2.2. Metodologias participativas e dialógicas.....	38
1.3. Pesquisas e propostas de soluções já existentes	42
2. Capítulo II – Estudo de caso: O Kilombo Tenondé.	48
2.1. Kilombos na África	48
2.2. Quilombos na América e Caribe	50
2.3. Quilombos brasileiros na atualidade.....	65
2.4. Gênese do Kilombo Tenondé.....	69
2.5. Kilombo Tenondé: Uma comunidade intencional internacional	75

2.5.1.	Princípios de atuação	79
2.5.2.	Atividades do Kilombo	80
2.5.3.	A auto atribuição do Kilombo Tenondé.....	81
2.6.	Permacultura + Capoeira Angola = Permangola	85
2.6.1.	Permacultura: Uma Cultura Permanente	86
2.6.2.	Capoeira Angola	90
2.6.3.	Permangola.....	93
3.	Capítulo III: Análise das Redes Sociais do Kilombo Tenondé.....	120
3.1.	Reciprocidade como elemento de medida do Capital Social	120
3.2.	Metodologia da Análise de Redes Sociais	125
3.3.	Perfil dos Participantes do Permangola 2013 e Permangolinha 2013	127
3.4.	Mensuração das relações de aprendizado recíprocas.....	134
3.4.1.	Redes Sociais de aprendizados recíprocos da Permacultura e da Capoeira Angola	142
	Conclusão.....	149
	Agenda de Pesquisas Para a Construção da Unidade Demonstrativa	159
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162
	Anexos	170
	Primeiro questionário	170
	Segundo questionário	171
	Terceiro questionário	172
	Entrevista semi-estruturada com os principais atores do Kilombo Tenondé e do Permangola.....	173
	Entrevista semi-estruturada sobre as motivações e as relações dos participantes de mais de um Permangola.....	174
	Mapeamento das comunidades quilombolas no Brasil	175
	Cartazes dos eventos Permangola.....	177
	Valença, Brasil: permangolinha 2009	180
	Cartaz do curso de Bambu.....	187
	Cartaz do evento Plantando Agrofloresta na Capoeira.....	189
	Oficinas de mosaico e capoeira angola	190

Jardins Imperiais da Rússia	191
Eco city Farms COME UNITY	192
Cartaz do evento Na Onda da Angola.....	193
Mapas dos locais de origem dos participantes dos Permangolas	195
Culinária do Permangola	198
Receita – Moqueca de jaca da Núbia	199

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo identificar elementos estruturais de Redes Sociais que possam facilitar processos de **aprendizado recíprocos** tendo por meta dar início à um processo de estruturação de uma proposta de **Unidade Demonstrativa**¹ para a formação continuada de Técnicos Extensionistas em **Metodologias Participativas e Dialógicas**². De tal modo, antes de dar início à esta dissertação, é necessário apresentar a formação histórica da Assistência Técnica e Extensão Rural no Brasil para que se possa entender como se formaram as Unidades Demonstrativas dentro da nova PNATER (Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural).

Ao analisar criticamente os programas de ATER aplicados no Brasil, é possível perceber que estes programas foram influenciados pelo pensamento difusionista. Correa Júnior (1998) considera difusionismo o termo utilizado para designar várias linhas teórico-metodológicas de orientação funcionalista, surgida nos Estados Unidos a partir dos anos quarenta sob o nome de *diffusion research*, voltadas para a difusão de inovações tecnológicas no campo. Esta teoria defende a tese de que determinada inovação surge em uma determinada cultura, para então difundir-se a partir desse ponto inicial (Rogers, 1983).

Um dos pontos negativos do pensamento difusionista na realidade brasileira, é que técnicas importadas pelas instituições extensionistas estatais provocaram uma invasão de novas tecnologias nem sempre adequadas ao cenário sócio-econômico existentes no país (Silveira & Pippi, 2005). Segundo estes autores, criou-se uma dependência que foi mascarada pelo caráter científico tecnológico das inovações e legitimada pelo apreço do senso comum às idéias importadas dos países desenvolvidos.

Para lidar com a questão posta acima, no ano de 2003, por meio do Decreto nº 4.739, de 13 de junho de 2003, o Ministério do Desenvolvimento Agrário estabeleceu os princípios básicos da nova PNATER. A partir deste decreto, pretendeu-se criar instrumentos e metodologias que possibilitassem a participação popular e o controle social sobre esta Política Pública, de modo que se estabeleçam possibilidades concretas para que o aparato

¹ Uma Unidade Demonstrativa é um sistema de produção integrado onde são realizadas visitas, exposições, aulas e demonstrações do processo produtivo com o objetivo de replicação do modelo.

² Metodologia Participativa é aquela que permite a atuação efetiva dos participantes no processo educativo sem considerá-los meros, receptores, nos quais depositam conhecimentos e informações. No enfoque participativo, os conhecimentos e experiências dos participantes são valorizados, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas. É uma forma de trabalho didático e pedagógico baseada no prazer, na vivência e na participação em situações reais e imaginárias, onde através de técnicas de dinâmica de grupo, jogos dramáticos e outros os participantes conseguem, por meio de fantasia, trabalhar situações concretas (Lopes, Luz, Azevedo, & Moraes., 2010).

estatal e os serviços públicos em geral fiquem à disposição da população, particularmente daqueles segmentos até então alijados do processo de desenvolvimento (BRASIL, 2007).

Esta política, a partir de 2007, passou a ser coordenada pela Secretaria da Agricultura Familiar – SAF, do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, como estabelece o Decreto nº 4.739. A concepção da nova Política Nacional de ATER fundamenta-se em aspectos considerados básicos para a promoção do desenvolvimento rural sustentável e pretende-se que seja estabelecida de forma sistêmica, articulando recursos humanos e financeiros a partir de parcerias eficazes, solidárias e comprometidas com o desenvolvimento e fortalecimento da agricultura familiar em todo o território nacional (BRASIL, 2007). Ainda segundo as diretrizes desta política, dentre os pilares fundamentais que sustentam a PNATER, destaca-se o respeito à pluralidade e às diversidades sociais, econômicas, étnicas, culturais e ambientais do país, o que implica na necessidade de incluir enfoques de gênero, de geração, de raça e de etnia nas orientações de projetos e programas.

Atualmente as diretrizes e ações da PNATER não são implementadas em todas as suas dimensões devido a diversos fatores, dentre eles, à falta de formação dos Técnicos Extensionistas nos conhecimentos demandados pela nova política, pois estes agentes, em sua grande maioria, receberam formação técnica ou superior direcionada à transferência de pacotes tecnológicos com pouco diálogo entre Extensionistas e produtores rurais além da não valorização dos conhecimentos das comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos e produtores familiares.

Um mecanismo criado no contexto da nova PNATER e que apresenta grandes potencialidades são as Unidades Demonstrativas. Estas normalmente são utilizadas como forma de difundir tecnologias produtivas para os produtores familiares. Na literatura sua eficácia é reconhecida e elas são utilizadas como instrumentos metodológicos no trabalho da assessoria técnica na busca de uma ação eficaz de mobilização de conhecimentos, especialmente no que concerne ao aprendizado de técnicas de produção por parte dos produtores familiares. Esta ferramenta objetiva propiciar às comunidades os meios para a experimentação e aprendizado de propostas técnicas e/ou organizativas promissoras para a solução de problemas e/ou para o melhor aproveitamento de potencialidades dos agricultores (MDA, 2004).

As Unidades Demonstrativas priorizam o caráter educativo ao econômico. Para isso a escala da experiência deve ser suficiente para que os agricultores familiares possam se apropriar dos conhecimentos relativos à prática produtiva e organizativa. Segundo o manual para elaboração de projetos de unidades demonstrativas do MDA (2004) as experiências produtivas devem constituir módulos replicáveis cujo tamanho possa ser multiplicado, caso a

caso, para a posterior constituição de áreas produtivas com o objetivo de gerar ocupação, renda, segurança hídrica e alimentar. Aconselha-se a estimular a vinculação da instalação das Unidades Demonstrativas com experiências de pesquisa participativa.

Normalmente as Unidades Demonstrativas são construídas para ensinar produtores familiares rurais tecnologias e práticas organizativas bem sucedidas que então são replicadas nas propriedades dos produtores rurais. Porém neste trabalho é feita a proposta de uma nova utilização desta ferramenta, qual seja, a criação de Unidades Demonstrativas para a formação continuada dos Técnicos Extensionistas para o aprendizado de Metodologias Participativas e Dialógicas para serem aplicadas durante o contato entre os extensionistas e as comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos e pequenos produtores familiares. Para a estruturação de uma Unidade Demonstrativa desta natureza está sendo proposta a realização de uma **Agenda de Pesquisas** que procure identificar e sistematizar experiências bem sucedidas na utilização de metodologias participativas e dialógicas que incorporem os diferentes conhecimentos tradicionais no processo de construção de soluções para as questões da produção agroecológica.

Desta forma, dando início às pesquisas desta agenda, esta dissertação relata o estudo de caso sobre o Kilombo Tenondé³ e o evento Permangola⁴. A pesquisa buscou identificar e analisar os elementos estruturais das Redes Sociais do Kilombo Tenondê e os padrões de comportamento das relações de aprendizado recíprocas constituintes das Redes Sociais estabelecidas durante o evento Permangola, bem como analisar a **estratégia de funcionamento** do evento Permangola e sua **metodologia de ensino** visando o início do processo de construção desta proposta de Unidade Demonstrativa.

³ O Kilombo Tenondé apresenta-se como um quilombo que busca se integrar ao mundo moderno globalizado, mantendo as ligações existentes com os quilombos criados no Brasil há séculos atrás. Durante a colonização brasileira, os povos africanos organizaram comunidades auto-sustentáveis de resistência contra a escravidão e a opressão, baseadas nos princípios de suas culturas de origem. Apoiados pelos nativos do Brasil e europeus exilados, os quilombos tornaram-se um grande movimento de resistência contra o sistema colonial. Isso aconteceu não apenas no Brasil, mas também em outras regiões da diáspora africana, como no México, América Central e América do Sul, onde eram chamadas de Palenques (Peçanha F. C., 2013). O Kilombo Tenondé é coordenado pelo Mestre Cobra Mansa.

Nota linguística: Na ortografia das palavras em língua bantu, dispensa-se a representação da tonalidade, fenômeno característico dessas línguas. Essa tonalidade é marcada pelos tons baixo, alto, montante, descendente. Exemplo: kilómbò (Munanga, 1996). O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (*kilombo*, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire.

Neste trabalho, a grafia com a letra 'K' na palavra 'Kilombo' é feita em referência ao Kilombo Tenondé, pois é desta forma que ele se auto-denomina, e em referência aos quilombos africanos. A grafia "quilombo" com as letras "qu" é feita em relação aos quilombos brasileiros. No capítulo II há um quadro que informa alguns dos nomes recebidos por estas comunidades na diáspora africana.

⁴ Permangola: Junção dos termos Permacultura e Capoeira Angola.

Motivações do estudo

Este objeto de estudo foi escolhido após contatos pessoais do pesquisador. Apesar de ser engenheiro florestal com trabalhos em reflorestamento e combate à incêndios florestais, o primeiro contato que tive com o evento Permangola foi por meio da Capoeira Angola⁵ e não da Permacultura⁶. Já conhecia esta forma de agricultura alternativa⁷ e concordava com seus princípios e visões de mundo, porém, não me identificava com os grupos com os quais travei contato até então. Somente passei a ter interesse pela Permacultura após este contato intermediado pela Capoeira Angola.

Pratico capoeira há 8 anos, 4 no grupo Sol Nascente e 3 no grupo Semente do Jogo de Angola. Durante o II encontro de Capoeira Angola realizado no vilarejo de São Jorge durante o IX Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros realizado no ano de 2009, participei de uma oficina ministrada pelo Mestre Cobra Mansa⁸. Ao final da oficina, o Mestre informou aos participantes do encontro a existência do evento Permangola. Imediatamente tive interesse em conhecer a Permacultura.

Assim, no ano seguinte, viajei para o interior da Bahia, no município de Valença para participar do IV Permangola. O evento teve duração de dez dias sendo realizado do dia 27 de janeiro ao dia 7 de fevereiro de 2010. O valor da inscrição para residentes no Brasil foi de R\$ 350,00 e para os estrangeiros U\$ 300. Nesse momento duas coisas chamaram minha atenção. A primeira, a diferenciação no preço cobrado dos brasileiros em relação ao preço cobrado dos estrangeiros; A segunda, algumas pessoas receberam descontos ou bolsas em troca de trabalho durante o evento. Esses questionamentos iniciais só foram respondidos em janeiro de 2013 durante o VII Permangola, quando realizei a primeira saída de campo da pesquisa e descobri que a distribuição de bolsas e descontos na inscrição do evento era uma prática comum, sendo que normalmente de 50 a 60% das pessoas que participam do

⁵ A Capoeira Angola é o movimento dos africanos no Brasil, uma mistura de danças e lutas tradicionais dos povos bantos e está ligada aos rituais afro-brasileiros. A música é orgânica e ritualizada, acompanhada por bateria completa de oito instrumentos (Peçanha F. C., 2013)

⁶ Permacultura: Junção das palavras Permanente e Cultura. O objetivo da Permacultura é a construção de paisagens conscientemente desenhadas que reproduzam padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzam alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais. A visão da Permacultura evoluiu de uma agricultura permanente ou sustentável para uma visão de uma cultura permanente sustentável (Holmgren, 2007).

⁷ Em sua origem, a agricultura alternativa está associada a um pensamento filosófico, antroposófico ou esotérico, de contestação política ou de reações a padrões industriais de produção e consumo de alimentos. Quer seja associado à preservação de saúde ou a um estilo de vida anticonsumista, são todos movimentos de reação e de contestação ao domínio técnico industrial e crítico à agricultura de insumos químicos. (Brandenburg, 2002)

⁸ Cinésio Feliciano Peçanha, Mestre Cobra Mansa, nascido no Rio de Janeiro, Brasil, em 1960 começou capoeira em 1973 com mestre Josias da Silva e Raimundo, e em 1974 torna-se aluno de Mestre Moraes que o formou mestre. Capoeirista internacionalmente reconhecido, Mestre Cobra Mansa viaja o mundo realizando oficinas de Capoeira Angola.

evento recebem algum tipo de bolsa ou desconto. Em relação à diferenciação nos preços das inscrições entre brasileiros e estrangeiros, descobri que não era mais realizada devido à crise econômica da Europa.

Durante o primeiro evento que participei, tive a oportunidade de entrar em contato com a visão de mundo de alguns capoeiristas em relação aos problemas ambientais. Percebi que é praticamente uma ideia consensual a atribuição da responsabilidade pela degradação ambiental ao sistema capitalista, chamado de 'Babilônia'. Para essas pessoas a Capoeira Angola seria um instrumento que possibilita agregar pessoas com visões de mundo e projetos de vida semelhantes para a realização de práticas ecológicas que preservem e/ou recuperem o ambiente. Em relação ao Kilombo Tenondé, este é visto como um quilombo por ser um local seguro onde as pessoas podem se refugiar junto à natureza para se fortalecerem para enfrentar os desafios encontrados no cotidiano dos grandes centros urbanos.

Em relação à organização das atividades cotidianas, esta era feita ao início de cada dia contando com a participação de praticamente todas as pessoas, tanto as responsáveis pelas atividades quanto a dos participantes que em tese estavam no evento apenas para aprender novas técnicas de produção ecológicas. Este ponto também chamou minha atenção, e percebi que as pessoas que receberam bolsas e descontos eram as que participaram mais ativamente das oficinas e práticas de trabalho coletivo. Muitos participantes que pagaram sua inscrição integralmente acabaram ficando mais afastados das práticas e dos trabalhos coletivos, sendo que estes, em sua maioria, aproveitaram mais o espaço para descanso e recreação. Isto me levou a pensar: Em que grau isto não faria parte da estratégia do próprio evento? No caso, os pagantes integrais seriam necessários e importantes para que o evento possa cobrir os gastos para a realização do mesmo, mas os bolsistas seriam as pessoas das quais se esperaria maior envolvimento e as pessoas que mais absorveriam os conhecimentos que estavam sendo ensinados.

Encerrei minha participação no evento, mas fiquei profundamente marcado por esta experiência. Pensei em várias maneiras de dar continuidade com o processo iniciado. Assim, retornei ao Permangola nos anos posteriores, sempre no caráter de participante, com o intuito de aprender mais da forma que as técnicas e princípios da Permacultura eram ensinados utilizando os princípios da Capoeira Angola como ferramenta pedagógica. Sempre achei interessante como durante todos os encontros ambos os conhecimentos recebiam a mesma valoração tanto por parte dos participantes quanto por parte dos organizadores do evento. As pessoas que possuem conhecimentos de Capoeira Angola ficam em uma situação de igualdade com as pessoas que possuem conhecimentos da Permacultura. Senti que isso acontecia muito por que as pessoas que possuíam um tipo de

conhecimento (por exemplo, capoeira) eram incentivadas a participar das atividades do conhecimento que não dominavam (no caso, Permacultura) e assim ficavam no mesmo nível em que as pessoas para quem tinham acabado de ensinar algo estavam.

No ano de 2012 passei no processo seletivo do mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB (Universidade de Brasília) com um projeto de pesquisa sobre a implantação dos Mecanismos de Desenvolvimento Limpo em comunidades indígenas. Porém, por não ter proximidade com os projetos realizados junto à ONG responsável pelo projeto e nem com a comunidade onde o projeto estava sendo implantado, tive certa dificuldade para dar continuidade a este projeto de pesquisa. Fui aconselhado pelo professor Maurício Amazonas a procurar um objeto de estudo do qual tivesse proximidade. Assim, entrei em contato com Mestre Cobra Mansa durante o Permangola de julho de 2012 para propor a realização de minha pesquisa no Kilombo Tenondé. De pronto a proposta foi aceita e fui informado de que já existia uma pesquisa de Doutorado em andamento no local. No caso a pesquisa de doutorado trata das relações entre a Capoeira Angola e a Ecologia. A pesquisadora responsável pelo trabalho é a Mestra em Educação Sara de Abreu Mata Machado.

Assim, decidido o objeto de pesquisa era preciso escolher o que exatamente seria pesquisado. Para mim, os pontos mais interessantes do Permangola são:

- **Sua estratégia de funcionamento:** O Mestre Cobra Mansa ao longo do ano, realiza oficinas, treinos e eventos de Capoeira Angola nos mais diversos países como representante da FICA⁹ e durante estas atividades convida os capoeiristas a conhecerem o Kilombo Tenondé e a participar do Permangola.
 - A utilização, por parte do Mestre Cobra Mansa dos contatos da FICA para a divulgação dos seus trabalhos ecológicos é algo muito interessante e aponta para a importância do **Capital Social** para a realização do Permangola.
- **O perfil dos participantes dos eventos:** Pessoas das mais diferentes origens, em sua maioria com ensino superior em áreas próximas à ecologia e à preservação ambiental, com diferentes experiências profissionais, abertura para trabalhos coletivos e troca de conhecimentos e experiências.

⁹ Federação Internacional de Capoeira Angola: Os Mestres Cobra Mansa, Jurandir e Valmir, ao longo de cada ano, viajam por diferentes países para darem suporte aos diversos núcleos da FICA. No Brasil, os núcleos principais da entidade concentram-se em Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo, (SP), Brasília (DF) e Goiânia (GO). A FICA está presente nos EUA (Nova Iorque, Washington, Chicago, Filadélfia, Havaí, Seattle e Oakland), Alemanha, Colômbia, Costa Rica, Finlândia, França, Itália, Japão, México, Moçambique, Rússia, Suécia e Ucrânia. (Machado S. A., 2012)

Desta forma, a partir dos questionamentos levantados foi criado um projeto de pesquisa para buscar responder aos questionamentos ligados às relações estabelecidas entre técnicos extensionistas e comunidades quilombolas, comunidades indígenas, ribeirinhos e produtores familiares por meio das propostas apresentadas no início na introdução deste trabalho.

Hipótese de trabalho

A hipótese deste trabalho possui dois componentes. O primeiro componente defende que o Kilombo Tenondé, em sua **estratégia de funcionamento**, diversifica o uso de diferentes capitais. Desta forma, a utilização do **Capital Social** recebe maior importância; O **Capital Físico** é de baixo custo e baixo consumo energético e, por fim, o **Capital Financeiro** é importante, mas não é o fator determinante nas tomadas de decisão. Admitindo-se a relativa importância do **Capital Financeiro**, aponta-se para a necessidade da determinação do grau de importância do **Capital Social**¹⁰.

O segundo componente da hipótese, parte da necessidade de mensuração do **capital social**, e afirma que tanto a **estratégia de funcionamento** quanto a **metodologia de ensino** do Kilombo Tenondé possibilitam o estabelecimento de relações de aprendizado recíprocas.

Objetivo

Identificar e analisar os elementos estruturais das Redes Sociais do Kilombo Tenondé geradoras de espaços propícios para relações de aprendizado recíprocas, ação coletiva e difusão de técnicas ecológicas para dar início ao processo de discussão e construção de uma Unidade Demonstrativa para formação de técnicos extensionistas rurais em metodologias participativas e dialógicas.

¹⁰ Entende-se a importância do **capital social** em empreendimentos quando, seguindo a linha de pensamento de John Wenger (2013), percebe-se que um sistema vivo, como uma família ou uma empresa opera a partir de um conjunto de normas implícitas. Tanto as famílias quanto as empresas possuem valores, crenças e modos de agir, ou seja, regras sociais que não são escritas e não são ditas e que possibilitam a manutenção do status quo e seu correto funcionamento.

Elinor Ostrom também aponta que em comunidades ou unidades familiares em que as regras ou normas se estabelecem com razoável força e aceitação, em função das relações de confiança, reciprocidade e compartilhamento, pode-se dizer que o capital social se encontra presente. Tais atributos se desenvolvem melhor em condições democráticas, onde indivíduos se expressam livremente e se apropriam do processo criativo de novas instituições.

Objetivos específicos

- Analisar a utilização das Unidades Demonstrativas no contexto da nova Política Nacional de ATER como ferramenta para a demonstração de tecnologias e práticas ecológicas, bem como discutir a possibilidade de novas formas de utilização desta ferramenta;
- Contextualizar o Kilombo Tenondé, o evento Permangola, sua estratégia de funcionamento, sua metodologia de ensino, bem como os principais atores de suas Redes Sociais;
- Analisar as Redes Sociais constituídas durante o evento Permangola e Permangolinha 2013.

Justificativa

Após o Decreto nº 4.739, de 13 de junho de 2003, o Ministério do Desenvolvimento Agrário estabeleceu os princípios básicos da nova PNATER (Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural). Assim, os aparatos públicos de assistência técnica e extensão rural terão que transformar sua prática convencional e introduzir mudanças institucionais, para que possam atender às novas exigências sócio-ambientais (BRASIL, 2007). Devido às crises econômica e socioambiental geradas pelos estilos convencionais de desenvolvimento, recomendou-se uma ruptura com o modelo extensionista baseado na Teoria da Difusão de Inovações¹¹ e nos tradicionais pacotes da “Revolução Verde”¹². Pois apesar de a agricultura convencional¹³ mostrar elevada eficiência produtiva, a mesma tem

¹¹ A difusão é o processo pelo qual uma inovação é comunicada através de certos canais ao longo do tempo entre os membros de um determinado grupo social. A difusão é um tipo especial de comunicação, em que as mensagens são relativas à novas ideias. É uma espécie de mudança social, definida como o processo no qual ocorre a alteração na estrutura e função de um sistema social (Rogers, Diffusion of innovations, 1983).

¹² O termo “Revolução Verde” é utilizado para identificar o modelo de modernização da agricultura mundial, predominantemente praticada hoje em dia. E tem como pilares a monocultura com plantas híbridas e o alto aporte de energia na forma de agrotóxicos, adubos e mecanização. Esta necessidade de insumos é decorrente da não valorização da biodiversidade funcional nos agroecossistemas, e caracterizando-se por um pacote tecnológico desenvolvido para a produção em larga escala, em grandes monoculturas (Ferraz, 2007).

¹³ Conceito usado exaustivamente no período da “Revolução Verde” a “agricultura convencional” é um modo agrícola onde prevalece a busca da maior produtividade através da utilização intensa de insumos externos, o que em curto prazo trás resultados econômicos visíveis como o aumento da

provocado diversos impactos sociais e ambientais, que se apresentam na forma de erosão dos solos, contaminação das águas superficiais e subterrâneas, redução da biodiversidade e perda de saberes tradicionais, dependência econômica, redução das oportunidades de trabalho e renda, êxodo rural e exclusão social (Embrapa, 2011).

Para dar conta destes desafios, afirmou-se que os serviços públicos de ATER (realizados por entidades estatais e não estatais) devem ser executados mediante o uso de metodologias participativas, sendo que seus agentes devem desempenhar um papel educativo, atuando como animadores e facilitadores de processos de desenvolvimento rural sustentável (BRASIL, 2007). Ao mesmo tempo, segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, as ações de ATER devem privilegiar:

- O potencial endógeno das comunidades e territórios;
- Resgatar e interagir com os conhecimentos dos agricultores familiares e demais povos que vivem e trabalham no campo em regime de economia familiar;
- Estimular o uso sustentável dos recursos locais.

Ao contrário da prática extensionista convencional, estruturada para transferir pacotes tecnológicos, a nova ATER pública busca atuar partindo do conhecimento e análise dos agroecossistemas¹⁴, adotando um enfoque holístico e integrador de estratégias de desenvolvimento (BRASIL, 2007).

Dentre os princípios da Política Nacional de ATER, os que justificam a realização desta pesquisa, são:

- Adoção de uma abordagem multidisciplinar e interdisciplinar, estimulando o uso de novos enfoques metodológicos participativos e de um paradigma tecnológico baseado nos princípios da Agroecologia¹⁵;
- Desenvolvimento de processos educativos permanentes e continuados, a partir de um enfoque dialético, humanista e construtivista, visando à formação de competências, mudanças de atitudes e procedimentos dos atores sociais, que

produtividade e eficiência agrícola. No primeiro momento também o aumento da produtividade contribui para a diminuição da migração rural e melhora a distribuição de renda (Souza N. d., 2005).

¹⁴ Os agroecossistemas são constituídos por múltiplos sistemas que interagem e competem dentro de um sinergismo, devido em grande medida à diversidade de seus componentes. Esta biodiversidade exerce influência ao nível de todos os componentes do agroecossistema. Um agroecossistema deve se aproximar ao máximo da ecofisiologia do sistema natural (Severo, Costa, Cabana, Porto, & Borges, 2008).

¹⁵ A agroecologia é uma ciência emergente que estuda os agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, ecologia, economia e sociologia (Altieri, 1989)

potencializem os objetivos de melhoria da qualidade de vida e de promoção do desenvolvimento rural sustentável.

Por sua vez, dentro das orientações estratégicas para as ações de ATER, é possível encontrar indicações que justificam estudos de estratégias adaptadas e a preocupação com temas transversais, quais sejam:

- Orientação da construção de sistemas produtivos e estratégias de desenvolvimento rural sustentável norteado pelos princípios da Agroecologia, considerando a amplitude conceitual deste novo enfoque científico;
- Adoção de um planejamento das ações com base no território rural, sempre considerando as dimensões econômicas, ambientais, sociais, culturais e políticas do desenvolvimento sustentável, num contexto de relações de trabalho e de vida;
- Consideração das especificidades relativas à etnia, raça, gênero, geração e diferenças socioeconômicas e culturais das populações rurais, em todos os programas, projetos de ATER e atividades de capacitação;
- Promoção de abordagens metodológicas que sejam participativas e utilizem técnicas vivenciais, estabelecendo estreita relação entre teoria e prática, propiciando a construção coletiva de saberes, o intercâmbio de conhecimentos e o protagonismo dos atores na tomada de decisões.

A partir destas premissas, deverão ser privilegiadas atividades de pesquisa-ação participativas, investigação-ação participante e outras metodologias e técnicas que contemplem o protagonismo dos beneficiários e o papel de agricultores-experimentadores, bem como novas estratégias de geração e socialização de conhecimentos e de mobilização comunitária que possibilitem a participação de agricultores e demais públicos da extensão como agentes do desenvolvimento rural sustentável (BRASIL, 2007).

Justificativa científica

As pessoas envolvidas com a Agroecologia buscam a construção de uma nova agricultura que se afaste da orientação dominante de uma agricultura intensiva em capital, energia e recursos naturais não renováveis, agressiva ao meio ambiente, excludente do ponto de vista social e causadora de dependência econômica (Caporal & Costabeber, 2002). Por outro lado, ainda segundo estes autores, o entendimento do que é Agroecologia

e onde se deseja chegar não está claro, fato que faz com que existam interpretações conceituais diversas.

A Permacultura, ainda incipiente nos fóruns acadêmicos, pode ser compreendida como uma ciência em construção, semelhante à Agroecologia, sendo que apresenta epistemologia própria, métodos replicáveis sendo composta por processos que englobam diversas áreas do saber. Por ser uma metodologia de desenho e gestão ambiental pré-elaborada, esta pode ser vista como complementar aos princípios agroecológicos com relação à ocupação humana nos agroecossistemas, tais como energia, habitações e saneamento, além do cultivo da terra (Jacintho, 2007). Segundo este autor, no método de desenho e ocupação de solo realizado segundo os princípios da Permacultura está embutido conhecimentos de diversas áreas do saber, todos fundamentados por um prisma ecológico que se vale objetivamente do saber empírico das comunidades tradicionais na realidade onde se aplica.

Um dos principais aspectos da Permacultura reside na importância dada à "observação do objeto": "A observação cuidadosa e a interação racional provêm a inspiração, o repertório e os padrões para o design". Como resultado desta observação, afirma-se que, enquanto a agricultura tradicional é intensiva em trabalho humano e a industrial em energia fóssil, o design Permacultural deve ser intensivo em informação e planejamento (Jacintho, 2007). Logo, estudos de caso que construam conhecimentos científicos que subsidiem, validem ou contraponham-se à observação cotidiana, podem gerar um processo de retroalimentação que venha a fortalecer o processo de sistematização e construção do conhecimento agroecológico.

Jacintho (2007) afirma que a agroecologia não é somente uma caixa de ferramentas ecológicas para ser aplicada pelos agricultores. As condições culturais e comunitárias em que estão imersos os agricultores, sua identidade local e suas práticas sociais são elementos centrais para a concretização e apropriação social das suas práticas e métodos, caso contrário os empreendimentos possuem pouca probabilidade de atingirem êxito. Desta forma, Altafin (2003) afirma que é necessário investir na formação de técnicos em agroecologia no sentido de valorizar os conhecimentos tradicionais. Ao discutir as possíveis razões para o fracasso da implantação de cultivos baseados nos pacotes da revolução verde, Villas Boas (2005) em locais avaliados, chegou a conclusão que nestes locais havia:

- Ausência de habilidades para o trabalho coletivo;
- Capacitação insuficiente dos assentados para as atividades propostas;
- Oferta reduzida de assistência técnica; e
- Grande dificuldade no escoamento dos produtos para os mercados consumidores.

Considerando-se que a ATER deve ser construída sobre o norte dos princípios agroecológicos, além de novas práticas agrícolas, deve-se incorporar uma nova forma de construção do conhecimento, bem como novos enfoques na elaboração de projetos agronômicos003A

- Os processos de capacitação em agroecologia e Permacultura devem ser construídos no seio das comunidades beneficiárias;
- As empresas prestadoras de assistência técnica devem adotar os preceitos da agroecologia e formar técnicos habilitados para este tipo de assistência;
- Os aspectos ambientais devem vir atrelados aos aspectos produtivos, econômicos, sociais e culturais.

Para isso são necessárias pesquisas científicas para sistematizar as experiências de aplicação dos princípios agroecológicos ou Permaculturais de modo a criar uma metodologia que dê suporte aos(às) extensionistas em seu trabalho de facilitar a transição agroecológica da agricultura familiar, assentamentos da reforma agrária, quilombolas e outros (BRASIL, 2007). O MDA considera que “para o estabelecimento de um novo paradigma¹⁶ orientado ao desenvolvimento rural sustentável e ao estabelecimento de estilos de agricultura sustentável, com base nos princípios da Agroecologia”, deve-se ter como ponto de partida um processo de capacitação massiva de extensionistas e assessores técnicos, capaz de garantir a implantação de um enfoque de ATER baseado em processos educativos que potencializem o crescimento do ser humano como cidadão. Isto requer uma sólida formação dos agentes para o uso de metodologias participativas promotoras do envolvimento consciente dos atores sociais e que fortaleçam suas capacidades para a ação individual e coletiva.

O processo de capacitação para a transição deverá ter um conteúdo capaz de formar os profissionais para atuarem como agentes de desenvolvimento local, com condições de investigar, identificar e disponibilizar aos agricultores, demais públicos da extensão e ao conjunto das pessoas que vivem no meio rural um conjunto de opções técnicas e não

¹⁶ Como paradigma entende-se que um modelo de ação extensionista seja, essencialmente, uma ação pedagógica, educativa. As concepções tradicional, técnico burocrática e liberal têm em comum a visão da educação como um processo de desenvolvimento individual e de omissão da perspectiva político pedagógica subjacentes a elas. Assumem-se como neutras. Um traço claro da educação emancipadora é o deslocamento de enfoque do individual para o social, político e ideológico. A educação é assumida como ato político, produtivo e de conhecimento, pois implica em escolhas: Para quem? Por quê? Em favor de quem? Contra quem? Contra o quê? (MDA, 2010)

técnicas, compatíveis com as necessidades dos beneficiários e com o espaço territorial onde estejam inseridos.

Referencial teórico

Capital Social

As discussões sobre o **Capital Social** serão feitas neste trabalho podem colaborar na construção de possibilidades de estratégias para lidar com a falta de **Capital Financeiro** existentes nas comunidades quilombolas, povos indígenas, ribeirinhos e agricultores familiares. De fato a situação atual destas comunidades podem ser explicadas em termos de exploração, dominação e falta de recursos, porém é possível utilizar outros recursos para suprir estas faltas, como por exemplo, **o capital natural, capital humano e o capital social**.

As novas teorias sobre o capital mostram que as relações entre as classes sociais, no contexto da sociedade contemporânea, tornaram-se turvas, pois, a imagem da estrutura social modificou-se de um antagonismo dicotômico para uma estrutura estratificada caracterizada por negociações entre os diferentes atores sociais (Lin, 1999). Reconhecer a existência deste novo cenário de negociações não significa a não existência de relações desiguais de poder. É preciso ter em mente que a estrutura da distribuição de diferentes tipos e subtipos de capital em um dado momento no tempo representa a estrutura imanente do mundo social (Bourdieu, 1985). Para este autor, o mundo social é historicamente acumulado e ele não pode ser reduzido a uma série descontínua de equilíbrios mecânicos instantâneos entre agentes que são tratados como partículas intercambiáveis. É preciso reintroduzir na noção de capital os efeitos da acumulação. Em última instância o capital é o trabalho acumulado, sendo que segundo Bordieu (1985) em seu livro “The forms of the capital”, este pode se apresentar como:

- **Capital financeiro:** O qual é imediata e diretamente conversível em dinheiro e pode ser institucionalizado na forma de direitos;
- **Capital físico:** Representa o potencial de máquinas, ferramentas e edifícios a serem utilizados na produção de bens e serviços;

- **Capital humano:** Habilidades e conhecimentos adquiridos que aumentam a produtividade do trabalho;
- **Capital cultural:** Pode ser institucionalizado na forma de qualificações educacionais.
- **Capital Social:** Mudanças nas relações entre indivíduos que possibilita o acesso aos recursos existentes em Redes Sociais.

Desta forma, para Bourdieu (1985) seria possível derivar os demais tipos de capital do **Capital Financeiro**, mas apenas ao custo de esforços de transformações maiores ou menores. Este autor considera impossível levar em consideração a estrutura e o funcionamento do mundo social a menos que se reintroduza o capital em todas as suas formas e não apenas na forma reconhecida pela **teoria econômica clássica**. Esta teoria reduz o universo de trocas às trocas mercantis, a qual é orientada objetivamente e subjetivamente à maximização dos lucros. Ao definir algumas trocas como economicamente interessantes, implicitamente a teoria econômica clássica, define as demais formas de trocas como não-econômicas, e desta forma não interessantes. Porém Bourdieu afirma que são as práticas não-econômicas que garantem a acumulação do capital ao longo do tempo, sendo que estas práticas e ativos são virtualmente monopólio da classe dominante.

A característica distintiva destas novas teorias do capital, para Lin (1999), reside no potencial de investimento e captura da mais valia pelos trabalhadores. Por exemplo, a teoria do capital humano desafia a teoria clássica do capital quanto a quem pode ou não adquirir capital, de modo que, segundo esta teoria, qualquer um pode investir e adquirir capital, pois o capital humano é operacionalizado e mensurável pela **educação, treinamento e experiência**. De modo que o investimento em capital humano da parte dos trabalhadores é benéfico não apenas para uma empresa, mas também para os próprios trabalhadores. Assim, dentro das novas teorias do capital, **o capital social** seria outra forma de capital, assim como **o capital humano** ou **o capital cultural**.

De fato, a primeira análise contemporânea sistemática do capital social foi produzida por Pierre Bourdieu, que definiu o conceito como um agregado dos recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede social durável ou relações de reconhecimento mais ou menos institucionalizadas (Portes, 1998). Para Portes, o tratamento dado por Bourdieu para este conceito é instrumental, focando-se nos benefícios para os indivíduos pela participação em grupos e na construção deliberada da sociabilidade com o propósito da criação destes recursos, já que as redes sociais não são um dado natural e precisam ser construídas por meio de estratégias de investimento.

O **capital social** é conceituado por Lin (1999) como sendo **recursos** incorporados dentro de uma **estrutura social**, os quais são acessados e mobilizados para a realização de ações intencionais por **atores sociais**. Interessante pontuar o fato de que a teoria do capital social deste autor trabalha firmemente ancorada na teoria clássica do capital, de modo que este autor busca contribuir com o entendimento do processo de capitalização explicitamente relacionado com estruturas hierárquicas, redes sociais e atores.

O autor Nam Lin afirma que a premissa por trás da noção de capital social é simples: Realização de investimentos nas relações sociais com a expectativa de retornos (Lin, 1999). Como o capital físico é criado pelas mudanças em determinados materiais para construção de ferramentas que facilitam a produção, o capital humano é criado por mudanças nas pessoas, as quais trazem habilidades e conhecimentos que as tornam aptas para agir de novas formas, por sua vez o capital social surge por meio de mudanças nas relações entre as pessoas que facilitam suas ações (Coleman, 2006). Se o capital físico é totalmente tangível, sendo incorporado pelas ferramentas e o capital humano menos tangível, sendo incorporado nas habilidades e conhecimentos adquiridos pelos indivíduos, o capital social é ainda menos tangível, pois ele existe nas relações entre as pessoas. Como o capital físico e capital humano facilitam as atividades produtivas, o capital social faz o mesmo.

Existem duas formas de pensar a utilização do capital social. A primeira, defendida por Bourdieu (1985), indivíduos acessam e utilizam os recursos das Redes Sociais visando obter retornos. A segunda forma, é defendida por Putnam, diz respeito às características de uma comunidade, como confiança, reciprocidade e conformidade às normas, que contribuem para fortalecer as relações entre os indivíduos, facilitando a coordenação das ações (Putnam, 1999). Este autor argumenta que uma característica específica do capital social é o fato de que ele normalmente constitui um bem público, ao contrário do capital convencional, que normalmente é um bem privado. Nas palavras de Putnam: “Por ser um atributo da estrutura social em que se insere o indivíduo, o capital social não é propriedade particular de nenhuma das pessoas que dele se beneficiam”.

A posição defendida por Portes (1998) é diferente, pois este autor acredita que a importância teórica do capital social reside nas análises realizadas no nível dos indivíduos, apesar de admitir que não há nada intrinsecamente errado em definir este conceito como uma propriedade estrutural de grupos sociais. Mesmo havendo duas perspectivas para se lidar com a questão da utilização do capital social, Lin (1999) informa que há um consenso em relação à visão de que é a interação entre os membros do grupo social que realiza a manutenção e a reprodução do capital social.

Há três explicações de por que os recursos existentes nas redes sociais facilitam as atividades produtivas:

- Por facilitarem o fluxo de informação;
- Por influenciarem os atores que tomam as decisões;
- Por reforçarem as identidades e o reconhecimento dos indivíduos dentro de um grupo.

Porém é importante pontuar que existem falhas conceituais em relação ao capital social. A principal é a de que muitas vezes as fontes do capital social não são diferenciadas das consequências de sua utilização (Woolcock & Narayan, 2000). Para estes autores, igualando-se o capital social aos resultados positivos de sua utilização, acaba-se por ignorar a existência de resultados negativos advindos do capital social, como por exemplo, os resultados positivos podendo ser gerados à custas de outros grupos ou os resultados desejáveis hoje podem vir a ter custos significativos no futuro. Os mesmos mecanismos que possibilitam a apropriação pelos indivíduos e grupos de recursos e retornos por meio do capital social podem gerar consequências negativas. Estudos recentes tem identificado ao menos 4 consequências negativas do capital social:

- **Exclusão das pessoas que não pertencem ao grupo:** Os mesmos laços fortes que trazem benefícios aos membros de um grupo normalmente barram o acesso à outros indivíduos.
- **Excesso de favores exigidos:** Devido à exigência de favores por parte dos indivíduos do grupo aos novos negócios, muitos empreendimentos não prosperam.
- **Restrições às liberdades individuais:** A participação em comunidades e grupos, necessariamente, cria demanda por conformidade. O nível de controle social é forte e pode ser muito restritivo às liberdades pessoais.
- **Nivelamento por baixo das normas:** Há situações em que a solidariedade do grupo é cimentada por uma experiência comum de adversidades e oposição à sociedade. Nestas circunstâncias, histórias de sucessos individuais minam a coesão do grupo por conta que está coesão existe justamente pela alegação da impossibilidade da ocorrência destes fenômenos. O resultado é o nivelamento por baixo das normas

que operam para manter os membros do grupo sob controle das normas existentes (Portes, 1998).

O reconhecimento dos aspectos negativos da utilização do capital social é bem diferente da constatação de que o capital social encontra-se em declínio como defende Putnam (1999) em relação à sociedade norte-americana. Autores como Lin (1999) discordam desta hipótese, pois se a análise for feita para além das redes sociais tradicionais e focar-se nas redes sociais virtuais que surgiram a partir de 1990 existe um engajamento crescente das novas gerações em diversos grupos que utilizam as redes virtuais para atuarem socialmente.

Com o surgimento e fortalecimento das redes sociais virtuais, Lin (1999) defende que o mundo passa por uma nova era, na qual o capital social irá, rapidamente, preceder o capital financeiro em importância. Apoiando-se nas ideias de Wellman (1998), Lin argumenta que as redes sociais virtuais sugerem a possibilidade de um processo de globalização de baixo para cima onde a formação de empresas e grupos tomam-se viáveis sem a dominação de uma classe ou ator sobre o restante da sociedade. A rede mundial de computadores possibilita a criação de novas redes de empresas democráticas, constituídas de relações nas quais os recursos fluem e podem ser compartilhados entre um grande número de participantes.

A globalização não é necessariamente a reprodução do sistema mundial de modelo centro-periferia onde o centro estabelece ligações com a periferia por meio da contínua dominação da informação, recursos e da mais-valia. Ao contrário, no momento, a informação é livre e mais acessível para mais indivíduos do que jamais foi na história humana (Lin, 1999). Com o aumento da viabilidade de computadores mais baratos e com o aumento sempre crescente da capacidade de armazenamento de dados da internet, assiste-se a formação de **vilas globais**. Para este autor, há fortes evidências que um número crescente de pessoas engaja-se nestas novas formas de redes e relações sociais, havendo poucas dúvidas de que parte significativa destas atividades envolvem a criação e o uso do capital social.

Dentro do contexto teórico do **Capital Social**, este trabalho parte da ideia de que a organização do Kilombo Tenondé utiliza, dentre outros tipos de capital, o **Capital Social** como um dos principais instrumentos em sua **estratégia de funcionamento**, retirando do **Capital Financeiro** a posição de definidor das **tomadas de decisão**. A ativação do capital social do Kilombo Tenondé inicia-se da seguinte maneira: Em um primeiro momento são

utilizadas, para a divulgação do evento Permangola, as Redes de núcleos da FICA e os contatos pessoais de Mestre Cobra Mansa. Os contatos pessoais de Mestre Cobra Mansa o permitem acessar movimentos ecológicos, movimentos políticos e movimentos negros. Já a Rede de núcleos da FICA restringe-se aos praticantes de Capoeira Angola, permitindo algum contato com participantes de outros grupos de capoeira.

Durante oficinas, aulas e treinos de capoeira realizados nos núcleos do grupo de Capoeira Angola FICA em diferentes países, Mestre Cobra Mansa divulga o evento Permangola para as pessoas que participam destes encontros de capoeira. Em um segundo momento o 'Facebook'¹⁷ é utilizado para divulgação e manutenção de contato entre as pessoas que participam do evento Permangola. Neste site existem três espaços virtuais: O perfil do Mestre Cobra Mansa, O perfil do Kilombo Tenondé e o grupo do Kilombo Tenondé.

A utilização de ferramentas virtuais é importante, como pontua Kliksberg (1999), as revoluções tecnológicas, em curso, têm alterado, substancialmente, as capacidades potenciais de gerar bens e serviços. Os avanços simultâneos em campos como a informática, a biotecnologia, a robótica, a microeletrônica, as telecomunicações tem determinado rupturas qualitativas nas possibilidades usuais de produção, ampliando-as extensamente, e com um horizonte de contínuo crescimento.

Por fim, durante o evento Permangola, é utilizada uma estratégia para a ativação do **Capital Social**. São distribuídas, entre os participantes do evento, bolsas na inscrição em troca de trabalho no Kilombo Tenondé. Em média de 50% dos participantes recebem algum tipo de bolsa ou desconto. Um ponto importante é que os trabalhos realizados por essas pessoas não tem caráter voluntário, pois o que ocorre de fato são trocas entre as partes. O evento obtém mão-de-obra e os participantes recebem o conhecimento da Permacultura e da Capoeira Angola.

Esta ativação do Capital Social pelo Kilombo Tenondé relaciona-se com discussões existentes na literatura do Capital Social, como por exemplo, qual elemento seria mais importante na geração do capital social:

- A coesão interna de uma determinada Rede Social; ou
- A ligação fraca entre membros de diferentes Redes Sociais?

¹⁷ O Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.

É enfatizado por Coleman (2006) que o grau de proximidade das relações entre indivíduos facilita a ação coletiva, onde os beneficiários do capital social serão todos aqueles que formam parte da estrutura social. Este autor enfatiza a densidade das redes como condição para o surgimento do capital social. Diferentemente, Granoveter (1973) diz que o elemento mais importante seria "a força dos vínculos fracos", pois afirma que são os indivíduos que estão mais fracamente ligados à uma rede social as pessoas mais propensas a moverem-se em círculos distintos e assim ter acesso a informações diferentes. Redes Sociais densas tendem a transmitir informação redundante, enquanto que os vínculos mais fracos podem ser fontes de novos conhecimentos e recursos¹⁸.

As duas estratégias utilizadas pelo Kilombo Tenondé demonstram as possibilidades de tratamento do capital social como sendo um atributo do indivíduo ou de um grupo. A primeira estratégia parte da utilização da rede social do Mestre Cobra Mansa para a obtenção de retornos, que por sua vez fortaleceriam a rede social da comunidade do Kilombo Tenondé. No segundo momento a estratégia de troca de trabalho pelo valor da inscrição fortaleceria a comunidade como um todo e possibilitaria o fortalecimento das relações recíprocas entre os participantes da Rede Social do Kilombo Tenondé. Assim, existem elementos suficientes que apontam para a utilização tanto da força dos laços fracos para a expansão da rede social do Kilombo Tenondé e acesso a informações diversas, quanto o fortalecimento da coesão interna do grupo por meio da troca de trabalho pela inscrição no evento.

As principais atividades realizadas no evento Permangola referem-se aos campos de conhecimento da Permacultura e da Capoeira Angola, porém os participantes são incentivados durante todo o evento a ocuparem espaços dentro da programação com **atividades complementares**, como por exemplo, ioga, tai chi chuan, alongamento, contato improvisação, frevo e massagem. Em geral, são os bolsistas as pessoas que oferecem estas atividades-extras. Assim, as pessoas que a princípio vão ao evento para aprender, passam a ensinar algo aos outros participantes e para as lideranças gerando **relações de aprendizado recíprocas**. Desta forma, neste trabalho, a **Reciprocidade no Aprendizado** será utilizada como elemento para a mensuração do **Capital Social** do Kilombo Tenondé a partir das **Redes Sociais** constituídas no evento Permangola.

¹⁸ **A proposição da força dos laços fortes:** Quanto mais forte o laço, mais provavelmente o capital social acessado irá afetar positivamente o sucesso de ações expressivas.

A proposição dos laços fracos: Quanto mais fraco o laço, mais provavelmente o indivíduo irá acessar melhores capitais sociais para ações instrumentais.

Análise de Redes Sociais

As estruturas das redes e suas propriedades estão sendo muito pesquisadas. O número de artigos relacionados a este tópico triplicou nas últimas décadas (Borgatti, Mehra, Brass, & Labiancas, 2009). A pesquisa sobre um fenômeno social utilizando os métodos da Análise de Redes justifica-se por existir certa familiaridade com pesquisas em Redes Sociais na Física e na Biologia, mas haver poucos estudos deste tipo realizados nas Ciências Sociais. Inclusive, o Capital Social tornou-se importante conceito Sociologia e nas Ciências Políticas (Burt R. S., 1998), normalmente sendo utilizado apenas em contextos teóricos. Poucos pesquisadores tem se confrontado com a questão de sua medição. Aqueles que fazem isso, por exemplo, (Burt R. S., 1992), (Gulati, 1999), têm escolhido ou construído um único tipo de medição do capital social. Em seu artigo sobre as medições do Capital Social nas Redes Sociais (Network measures of social capital), os autores Borgatti e Jones (1998) consideraram a existência de medições do Capital Social que podem ser realizadas a partir da Análise das Redes Sociais, as quais podem ser utilizadas para a formalização da noção de Capital Social.

A Análise de Redes Sociais¹⁹ parte da premissa de que a vida social é criada, prioritariamente, pelas relações humanas e pelos padrões formados por estas relações (Wellman & Wellman, 2009). Para Borgatti *et al* (2009) uma das ideias mais potentes nas ciências sociais é a noção de que os indivíduos estão inseridos em uma densa Rede Social formada por suas relações e interações. Estes autores afirmam que a Teoria das Redes Sociais provê uma resposta à questão de como indivíduos autônomos podem trabalhar em conjunto para criarem sociedades funcionais.

Formalmente, uma rede social é definida como sendo um conjunto de nós (ou participantes da rede) que se conectam uns aos outros por um ou mais tipos de relação (Wasserman & Faust, 1994). O tipo de análise que se faz de uma rede social depende da concepção que se tem da rede social. Uma importante fonte de variação destas concepções é a unidade de análise, as quais podem ser:

- Indivíduo ou grupo;
- Relações interiores ao grupo;

¹⁹ A análise de Redes estabelece um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social. Para estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, a unidade de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através de suas interações uns com os outros. A estrutura é apreendida concretamente como uma rede de relações e de limitações que pesa sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos, as opiniões dos indivíduos (Marteleto, 2001).

- Relações exteriores dos indivíduos que compõem o grupo com o seu ambiente.

Quando a unidade de análise escolhida é o grupo, este não é tomado como um universo na qual as relações existentes se restringem aos indivíduos que o constituem, onde nada exterior ao grupo é considerado (Borgatti & Jones, 1998). Os grupos não são universos isolados. Eles estão incorporados em um ambiente social. Para Wellman (2009), após a identificação dos membros de uma Rede Social, o próximo passo é a identificação das relações entre os nós, sendo que Borgatti et al (2009) identificaram quatro tipos de relações possíveis:

Similaridades	Ocorre quando dois nós compartilham atributos semelhantes.
Relações sociais	Inclui relações de parentesco, relações de amizade, relações profissionais, de ensino e aprendizagem, laços afetivos, etc.
Interações	Referem-se a comportamentos baseados em conversas, ajudas, convites, desentendimentos. Normalmente ocorrem no contexto das relações sociais.
Fluxos	São relações baseadas em trocas e transferências entre os nós. Este tipo de relação pode incluir casos onde recursos, informações, influências fluem por entre os nós da rede.

Quadro 1 Tipos de relações em Redes Sociais

Fonte: (Borgatti & Jones, 1998)

Dentre estes tipos de relações possíveis, a análise realizada por este estudo aproxima-se do estudo dos fluxos. De forma que o fluxo de informações e conhecimentos entre os nós das Redes Sociais serão analisados. Mesmo não sendo o foco da pesquisa, as relações de similaridades são importantes neste contexto, pois a Capoeira Angola, enquanto elemento identitário, possibilitaria a criação de relações de similaridade entre os participantes do Permangola o que poderia facilitar a realização destas relações de aprendizado recíprocas.

Para uma análise detalhada destas categorias é importante ter em mente a noção de que cada indivíduo possui atributos particulares. Para estudar os efeitos destes atributos como raça, gênero, educação e origem, os pesquisadores de outras áreas de estudo,

normalmente, escolhem alguns indivíduos baseando-se em seus atributos particulares e procuram determinar quais resultados devem-se às suas particularidades. Em contraste, A Teoria de Redes Sociais argumenta que as causas para resultados específicos localizam-se mais na estrutura social e nas relações estabelecidas entre os indivíduos do que nos próprios indivíduos (Wellman & Wellman, 2009).

A estrutura das Redes Sociais também permite influenciar as pessoas inseridas nesta estrutura a adotarem novas práticas e a mudarem de comportamento (Valente T. W., 2012). Segundo este autor, há um acúmulo de evidências que indicam que, as redes sociais podem ser levadas a:

- Acelerar mudanças de comportamento;
- Aumentar a eficiência organizacional;
- Fortalecer o processo de mudança social;
- Fortalecer a disseminação e a difusão de inovações tecnológicas.

Este tipo de procedimento é estudado pela **Intervenção em Redes Sociais**, sendo que este campo de estudo baseia-se na **Teoria de Difusão de Inovações**, a qual explica como novas ideias e práticas são difundidas.

Em relação à Análise de Redes Sociais, a primeira questão que surge é a definição de quais nós são importantes para a inclusão em uma Análise de Redes Sociais? Laumann *et al* (1983) identificaram 3 abordagens para a determinação das fronteiras de uma rede:

- **Posição na rede:** consideram-se os atores membros de uma organização que ocupam posições formalmente definidas.
- **Presença em um evento:** Define as fronteiras da população baseando-se na participação em eventos chaves.
- **Relações:** A partir de um pequeno conjunto de nós expande-se a rede a partir de determinados tipos de relações entre os nós.

Na definição das fronteiras das Redes Sociais que serão analisadas neste trabalho, estas 3 abordagens serão levadas em consideração. Os atores que fazem parte da estrutura do Kilombo Tenondé e que são responsáveis por oficinas, aulas, treinamentos e coordenação dos trabalhos serão considerados **as lideranças**. A presença nos eventos Permangola 2013 e Permangolinha 2013 será o fator que determinará a participação das pessoas que constituirão a população de estudo. Por fim, a análise será feita a partir das **relações de aprendizado recíprocas**.

Por fim, como último passo antes de iniciar o primeiro capítulo desta dissertação, torna-se importante explicitar as ligações entre os três capítulos deste trabalho, ou seja, a ligação existente entre a análise da nova PNATER e suas Unidades Demonstrativas, a experiência do Kilombo Tenondé e a Análise das Redes Sociais de aprendizado recíproco. A nova PNATER é o ponto de partida deste estudo, sendo que a criação de uma proposta de **Unidade Demonstrativa** para formação continuada de técnicos extensionistas em **metodologias participativas e dialógicas** é o ponto de chegada. O estudo de caso do Kilombo Tenondé faz parte do caminho que será percorrido.

Como já exposto, a nova PNATER demanda pesquisas científicas que sistematizem experiências bem sucedidas de aplicação dos princípios Agroecológicos de modo a criar metodologias que deem suporte aos técnicos extensionistas em seu trabalho junto às comunidades quilombolas, comunidades indígenas, ribeirinhas, extrativistas e produtores familiares. Pois as relações estabelecidas entre técnicos extensionistas e seu público-alvo têm sido marcadas por uma imposição de **pacotes tecnológicos** por parte dos técnicos extensionistas e a desconsideração dos conhecimentos tradicionais das comunidades assistidas para lidar com as questões de produção alimentar.

Desta forma, este trabalho reconhece a importância dos estudos de experiências na aplicação de metodologias participativas junto a produtores rurais, comunidades indígenas e ribeirinhas, bem como buscar adaptar estas experiências para lidar com a realidade das comunidades quilombolas de forma a que este conhecimento sistematizado possa ser utilizado para lidar com a formação continuada dos técnicos extensionistas em **metodologias participativas e dialógicas** em seu trabalho junto a estes grupos. Assim espera-se que estes atores passem a estabelecer relações horizontais junto às comunidades assistidas para a construção conjunta das soluções para os problemas enfrentados por estes grupos em suas realidades.

Neste contexto, o Kilombo Tenondé apresenta-se enquanto uma experiência interessante que pode trazer algumas respostas para a questão apresentada acima. No Kilombo Tenondé, pessoas de diferentes origens e diferentes localidades buscam aprender técnicas de produção de alimentos orgânicos, a Permacultura, juntamente com um conhecimento popular tradicional, a Capoeira Angola. Nas práticas realizadas neste local, baseadas na metodologia de ensino do evento Permangola, o qual será descrito em detalhes no segundo capítulo, procura-se estabelecer pontos de semelhança entre estes dois campos de conhecimento. Desta forma, a Análise da experiência do Kilombo Tenondé e da metodologia de ensino do Permangola insere-se no processo de sistematização de

experiências que buscam criar metodologias participativas que valorizem tanto os conhecimentos técnicos quanto os conhecimentos tradicionais de produção de alimentos.

Como será discutido em detalhes no capítulo II, a **estratégia de funcionamento** do Kilombo Tenondé utiliza de forma diferenciada seus **capitais** de forma que se levantou a hipótese que esta estratégia de funcionamento junto com a **metodologia de ensino** poderiam gerar **relações de aprendizado recíprocas**. Para determinar se de fato durante a realização dos eventos Permangola e Permangolinha 2013 foram estabelecidas relações recíprocas de aprendizado, no capítulo III procurou-se analisar a estrutura das Redes Sociais estabelecidas. Os resultados obtidos nesta Análise dão início à **Agenda de Pesquisas** para a construção da proposta de Unidade Demonstrativa para a formação dos Técnicos Extensionistas na nova PNATER. Desta forma, o primeiro capítulo desta dissertação fará um levantamento bibliográfico sobre a Assistência Técnica e Extensão Rural no Brasil, seu desenvolvimento histórico e as críticas realizadas sobre esta Política Pública nos pontos referentes às relações estabelecidas entre os Extensionistas Rurais e as comunidades quilombolas, comunidades indígenas, ribeirinhos e produtores familiares.

1. Capítulo I: Unidades Demonstrativas na nova Política Nacional de ATER

1.1. Histórico da ATER

Este trabalho busca contribuir com as diversas tentativas de reestruturação da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no Brasil. Os problemas enfrentados por esta política pública tem origem, em grande parte, no tipo de relacionamento estabelecido entre **os produtores rurais e os técnicos extensionistas**. Estes problemas são reconhecidos na literatura. A principal crítica à Assistência Técnica existente no Brasil foi feita por Paulo Freire (1983). Para este autor, as ações de extensão envolvem atividades que, transformam as pessoas do campo em “coisas”, negando-os como seres de transformação do mundo. Como consequência, negam sua capacidade de formar e constituir conhecimentos autênticos, além de negar sua ação e reflexão verdadeiras.

Este trabalho parte do entendimento de que o padrão historicamente construído deste relacionamento é uma das principais fontes das dificuldades encontradas para a realização efetiva do **Desenvolvimento Rural Sustentável**²⁰ (Almeida, 2011). Existem estudos atuais, como os de Oliveira (2012), que mostram que mesmo a partir da construção de novas propostas de ação dos agentes de extensão pela nova PNATER não houve mudanças significativas na formação oferecidas pelas unidades de ensino técnico e superior, pois esta formação não os habilita em temáticas relacionadas ao DRS e aos novos parâmetros da PNATER, além da ausência de outros conteúdos, como Sociologia, Antropologia ou Pedagogia, necessárias para um trabalho de campo desta natureza. Esta autora sugere a criação de espaços para trabalhos multidisciplinares e interdisciplinares e que temáticas relativas ao Meio Ambiente e à Extensão Rural perpassem toda a formação destes profissionais de modo transversal e interdisciplinar.

Para dar início a uma contextualização histórica, é necessário explanar o que neste trabalho se entende por assistência técnica e extensão rural. Aqui será dada prioridade aos entendimentos que ligam este conceito às práticas do Estado, devido o fato de que este ator social, na maior parte do tempo, ter assumido papel preponderante de fomentador e coordenador da assistência técnica e extensão rural.

²⁰ O Desenvolvimento Rural Sustentável é proposto como sendo um caminho possível de produção agrícola capaz de compatibilizar desenvolvimento e sustentabilidade. Entende-se por DRS um conjunto de práticas e tecnologias, utilizadas nas atividades agrárias que correspondam aos critérios definidos internacionalmente para o Desenvolvimento Sustentável (Almeida, 2011).

O Senado Federal, em um estudo realizado por Peixoto (2008) sobre o histórico da legislação sobre extensão rural, afirma que esta prática tem importância fundamental no processo de comunicação de novas tecnologias, geradas pela pesquisa, essenciais ao desenvolvimento rural no sentido amplo e ao desenvolvimento das atividades agropecuária, florestal e pesqueira. Os autores Jones e Garforth (1997), propõem três formas diferentes para conceituar a assistência técnica e extensão rural: Como *Processo*, como *Instituição* e como *Política Pública*.

Como **Processo** ATER significa um processo educativo de comunicação de conhecimentos de qualquer natureza sejam conhecimentos técnicos ou não. Conceitualmente a extensão rural difere da assistência técnica pelo fato de que esta não tem, necessariamente, um caráter educativo, pois visa somente resolver problemas específicos, pontuais, sem capacitar o produtor rural.

Paulo Freire (1983) contrapõe a ideia de **Extensão** à ideia de **Comunicação**. Para ele, o ato de estender um conhecimento liga-se à **relações verticais** nas quais somente o extensionista possuiria o conhecimento e de forma mecânica o estenderia ao agricultor rural, o qual não possuiria conhecimentos válidos para a solução dos problemas enfrentados em sua realidade. Este autor propõe a mudança de perspectiva de modo que este relacionamento seja intermediado por ações de **comunicação**. Na comunicação existem dois agentes de realidades diferentes, que possuem diferentes conhecimentos e realizam trocas e intercâmbios de conhecimento na busca pelas possíveis soluções para os problemas enfrentados na realidade rural. O objetivo desta mudança é a construção de **relações horizontais** nas quais não exista apenas um agente que atue junto a um objeto, mas sim dois ou mais agentes que atuem em conjunto para a solução dos problemas enfrentados.

Como **Instituição** a extensão rural refere-se às organizações estatais prestadoras dos serviços de ATER. A expressão “extensão rural” é entendida como a instituição, entidade ou organização pública ou privada prestadora de serviços de ATER nos estados. Com o desenvolvimento da agricultura convencional, os grandes produtores rurais tornaram-se independentes das ações de ATER estatal e se relacionam somente com as agências privadas.

Por fim como **Política Pública** pode ser entendida como políticas de extensão rural, traçadas pelos governos (federal, estaduais ou municipais) ao longo do tempo, através de dispositivos legais ou programáticos, que podem ser executadas por organizações públicas e/ou privadas.

Basicamente podem existir quatro modelos de ATER:

	PÚBLICO	PRIVADO
GRATUITO	Público e gratuito	Privado e gratuito
PAGO	Público e pago	Privado e pago

Quadro 2 Tipos de Assistência Técnica e Extensão Rural

Fonte: (Jones & Garforth, 1997)

Dentre os quatro tipos possíveis de assistência técnica e extensão rural, as ações no Brasil tem variado entre ações de cunho privada e as ações públicas e gratuitas. Dependendo do período e da necessidade dos mercados externos as ações de ATER privadas variaram entre ações gratuitas e ações pagas. Assim, quando foi do interesse do mercado externo a modernização da produção agrária brasileiras e a importação de pacotes tecnológicos, as ações de extensão tinham cunho privado e foram financiadas por grupos ligados à família Rockefeller. Quando o processo de modernização e mecanização da produção agrária estava consolidado entre os grandes produtores rurais, as ações extensionistas e de assistência técnica predominante eram privadas e pagas deixando os pequenos produtores desassistidos. Em relação às comunidade quilombolas, povos indígenas e ribeirinhos eram praticamente ignorados pelo Estado brasileiro e pelas Empresas de ATER.

Apesar de as origens da ação de extensão serem remotas, remetendo à Mesopotâmia (1800 a.C) (Jones & Garforth, 1997), neste estudo será tratado apenas as modernas formas de extensão, sendo que o tipo de ações de ATER realizadas no Brasil tem origem no início do século XX nos Estados Unidos. Segundo informam Jones Garforth (1997), a criação do serviço cooperativo de extensão rural dos EUA, estruturado com a participação de universidades americanas, conhecidas como Land-Grant Colleges, consolidou naquele país, pela primeira vez na História, uma forma institucionalizada de extensão rural.

Já a implantação de uma mentalidade extensionista no Brasil deve-se, em grande parte, ao trabalho pioneiro desenvolvido pela ACAR²¹ fundada em 1948, em Minas Gerais (AmbienteBrasil, 2011). A criação da ACAR foi fruto dos esforços feitos pela American

²¹ Associação de Crédito e Assistência Rural

International Association – A.I.A., instituição filantrópica ligada à família Rockefeller, que estava empenhada em difundir o modelo do Serviço de Extensão norte-americano. Em relação ao contexto político, entende-se que os serviços de ATER tiveram início sob uma política desenvolvimentista do pós-guerra, com o objetivo de promover a melhoria das condições de vida da população rural e apoiar o processo de modernização da agricultura, inserindo-se nas estratégias voltadas à política de industrialização do país (BRASIL, 2007).

O quadro a seguir apresenta o desenvolvimento das principais agências que atuaram no país até 1956, ano em que é criado um sistema nacional integrado e os serviços de ATER são assumidos como responsabilidade do Estado brasileiro.

Criação da ACAR – 1948	Em dezembro de 1948, o Governo de Minas Gerais assinava convênio com a A.I.A., criando a ACAR, que iniciou suas atividades a partir de janeiro de 1949.
Criação da ANCAR no Nordeste – 1954	Devido à criação do Banco do Nordeste do Brasil, com sede em Recife, em 1954, um grupo de líderes e autoridades resolveu criar uma entidade nos moldes da ACAR, em âmbito regional, abrangendo os oito Estados do Polígono das Secas: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.
Novos Serviços de Extensão surgem no Sul – 1955/56	No Rio Grande do Sul, em junho de 1955, surge o terceiro Serviço de Extensão, com o nome de Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural, – ASCAR, a qual iniciou suas atividades a partir de 1965.
Fundação da ABCAR – 1956	Posteriormente, com apoio do governo do presidente Juscelino Kubitschek, foi criada, em 1956, a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR, constituindo-se, então, um Sistema Nacional articulado com Associações

Quadro 3 A expansão dos Serviços de Extensão Rural

Fonte: Ambiente Brasil (2011)

Segundo (Peixoto, 2008) de 1956 a 1974 foram criadas 23 ACAR pelos Estados brasileiros, os quais, juntamente com a ABCAR formavam o então chamado Sistema ABCAR, também conhecido e tratado na legislação como Sistema Brasileiro de Extensão Rural (SIBER). Segundo o estudo realizado por este autor, o Decreto-Lei nº 1.110, de 09 de julho de 1970, criou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e extinguiu o INDA, o IBRA e o Grupo Executivo da Reforma Agrária (GERA), cujos direitos, competência, atribuições e responsabilidades foram absorvidas pelo novo Instituto. Este autor analisa que embora o INCRA tivesse a responsabilidade legal de coordenar a extensão rural no País, não conseguia fazê-lo a contento. Para promover e garantir a articulação entre as ações de ATER e de pesquisa agropecuária foi criada, no Ministério da Agricultura, a Comissão Nacional de Pesquisa Agropecuária e de Assistência Técnica e Extensão Rural (COMPATER) através do Decreto nº 74.154, de 06 de junho de 1974.

Em consequência das dificuldades de coordenação pela INCRA, o Sistema Brasileiro de Extensão Rural começou a ser estatizado através da lei nº 6.126, de 06 de novembro de 1974, que autorizou o Poder Executivo a instituir a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), empresa pública, vinculada ao Ministério da Agricultura, com personalidade jurídica de direito privado e patrimônio próprio (Peixoto, 2008). Esta entidade promovia a sua integração com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). De tal forma a ACAR foi estatizada. As estruturas da ACAR ano a ano foram absorvidas pelos estados e criadas empresas ou outras estruturas governamentais de assistência técnica e extensão rural (EMATER), o sistema ABCAR (ou SIBER) transformou-se no Sistema Brasileiro de Assistência Técnica Rural (SIBRATER).

Existem várias críticas a este sistema. No entendimento de Almeida (2011) o SIBRATER participou ativamente, nas décadas de 50 a 70, do processo de adoção do modelo de desenvolvimento rural baseado na difusão de pacotes tecnológicos modernizantes. A modernização da agropecuária foi caracterizada pelo consumo de insumos e equipamentos industrializados, sendo que a mecanização intensiva liberou mão-de-obra rural para a indústria e construção civil.

Percebe-se que este processo intensificou o êxodo rural e fortaleceu os grandes produtores rurais. Na atualidade, não existem ações voltadas aos pequenos produtores e os

poucos técnicos extensionistas recebem formação voltada para a aplicação destes pacotes tecnológicos, de modo que, os pequenos produtores que seguem estas recomendações encontram dificuldades, pois não possuem capital suficiente para modernizar plenamente sua produção. Por muito tempo, a responsabilidade por estes resultados negativos foi creditada a não aplicação de forma completa pelos pequenos produtores. Atualmente entende-se que estes pacotes tecnológicos não são adaptados à realidade dos pequenos produtores.

A partir do reconhecimento de alguns dos problemas gerados pelo modelo de desenvolvimento rural adotado até então, na década de 1980, a EMBRATER passou a apoiar um modelo de desenvolvimento rural ecologicamente correto, economicamente viável e socialmente justo, e por estimular, dentro do SIBRATER, ações voltadas prioritariamente para os pequenos produtores e assentados rurais do 1º Programa Nacional de Reforma Agrária, além de novas metodologias de capacitação extensionista, baseadas na **pedagogia da alternância** (Peixoto, 2008). Porém, em 1990, o governo do presidente Collor de Mello extinguiu a EMBRATER, desativou o SIBRATER e abandonou os esforços para garantir a existência de serviços de ATER no país (MMA, 2013). Atualmente, o Estado brasileiro reconhece que a consequência deste processo foi uma diminuição da oferta de serviços públicos de ATER ao meio rural e comprovada insuficiência destes serviços em atender à demanda da agricultura familiar e dos demais povos que vivem e exercem atividades produtivas no meio rural, principalmente nas áreas de maior necessidade, como as regiões Norte e Nordeste.

Um estudo coordenado por Guanzirolli e Cardim (2000) feito para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, a partir de dados do Censo Agropecuário de 1996 mostra que, de fato, a ATER pública sofreu com a extinção da EMBRATER e houve redução dos orçamentos federal e estaduais destinados a este serviço. A criação da ASBRAER, em 1990 e do DATER, em 1994, bem como as atribuições legais ministeriais de apoio aos serviços de ATER, não se traduziram em ações ou recursos financeiros que efetivamente recuperassem a importância e a capacidade de ação do setor extensionista.

Assim o período entre a década de 1990 até o início de 2002 foi marcado pelo enfraquecimento das políticas de ATER. No sentido da recuperação destas políticas um importante marco legal do planejamento da política de ATER pelo Estado foi a emissão pelo CNDRS (Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável) que aprovou a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a agricultura familiar, no âmbito do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), dez anos depois do Plano elaborado pela EMBRAPA (Peixoto, 2008). Segundo este autor, a Política foi elaborada pela Câmara

Técnica de Assistência Técnica, Extensão Rural, Pesquisa e Capacitação, do Conselho, e atribuía à Câmara de Fortalecimento da Agricultura Familiar a responsabilidade pela elaboração de uma proposta de implantação da referida Política em curto prazo, em 2002, e em médio prazo, em 2003.

Lançada em maio de 2004, a PNATER definiu as diretrizes para a elaboração do PRONATER (Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural), cuja primeira versão foi publicada em 1º de março de 2005. Após o lançamento da PNATER o Governo Federal, através do DATER/MDA, tem estimulado os estados a elaborarem seus programas estaduais de ATER. Apesar de já terem se passado nove (09) anos do lançamento desta política, ela ainda encontra diversos desafios para a sua efetiva aplicação. A seção seguinte fará um breve apanhado destes pontos.

1.2. Mudanças na PNATER: Objetivos, metas, finalidades e ferramentas técnicas.

Dentre os principais desafios enfrentados pela nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, segundo (Silva, 2006) encontra-se os seguintes pontos:

- Consolidação do **Sistema Nacional Descentralizado de ATER**;
- Otimização no uso dos recursos financeiros através do apoio à redes de ATER e um direcionamento mais eficiente dos orçamentos, com base na PNATER;
- Consolidação das parcerias que garantam à ampliação dos aportes financeiros governamentais, garantido a **continuidade dos serviços**;
- Participação efetiva das **Organizações Não Governamentais**;
- Implementação de um **novo profissionalismo**;
- Continuidade e ampliação do processo de formação de Agentes de Ater.
- Mudanças nos conteúdos e grades curriculares das Instituições de ensino médio e superior, de modo a formar profissionais capazes de atender as demandas atuais do meio rural, com base nos princípios da PNATER.

Dentre os desafios elencados, a capacitação técnica apresenta importância destacada, pois os profissionais de ATER ou profissionais de ciências agrárias,

desempenham um papel relevante na transição para um modelo de produção mais sustentável (Oliveira, 2012). Para esta autora são estes profissionais que estão diretamente envolvidos na divulgação, bem como na implementação do conjunto de práticas e tecnologias que poderão viabilizar uma produção agrícola diferenciada. Porém como será exposta em maiores detalhes nas seções subsequentes, esta dimensão do problema tem recebido pouca atenção, apesar das consistentes análises e críticas apontarem para o problema da falta de formação dos técnicos extensionistas para lidar com a realidade dos pequenos produtores rurais. Paulo Freire (1983), enquanto educador aponta que:

A capacitação técnica não pode ser focalizada, numa perspectiva humanista e científica, a não ser dentro do contexto de uma realidade cultural total, posto que as atitudes dos camponeses com relação a fenômenos como o plantio, a colheita, a erosão, o reflorestamento, têm a ver com suas atitudes frente à natureza; com as ideias expressas em seu culto religioso; com seus valores. Donde se deduz que o agrônomo-educador não pode efetuar a mudança das atitudes dos camponeses em relação a qualquer aspecto sem conhecer sua visão do mundo e sem confrontá-la em sua totalidade.

No que se refere à atuação dos profissionais de ATER, parte-se do pressuposto que suas práticas e ações são fundamentadas nos saberes e conhecimentos que adquiriram em sua formação (Oliveira, 2012). Porém como aponta Callou *et al* (2008) em seu estudo sobre o estado da arte do ensino da extensão rural no Brasil, os programas de ensino não refletem o avanço das discussões acadêmicas acerca das questões que hoje circundam o meio rural e as novas políticas de assistência técnica e extensão rural.

Sem mudanças no processo de formação dos técnicos extensionistas percebe-se que as relações estabelecidas entre estes agentes e os atores da produção familiar continua nas mesmas bases apontadas por Paulo Freire (1983), quais sejam, relações com o objetivo fundamental de substituir os conhecimentos dos produtores familiares pelos conhecimentos técnico-científicos não adaptados à sua realidade. Esta forma de realização da extensão rural perpetua o que é tratado por Freire (1983) como **invasão cultural**²². O invasor, no caso o extensionista, reduz as pessoas do espaço invadido a meros objetivos de sua ação. As relações entre invasor e invadidos, que são relações autoritárias, situam seus polos em posições antagônicas.

Para solucionar estes problemas, a nova PNATER propõe a formação dos técnicos extensionistas em **Metodologias Participativas e Dialógicas**. A longo prazo, a tarefa que se apresenta é a mudança nos currículos de formação a nível médio, técnico e superior,

²² Toda invasão sugere um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores (Freire, Extensão ou Comunicação, 1983).

pois como mostram os resultados da pesquisa de Oliveira (2012) os currículos e programas de ensino não contemplam muitos dos objetivos e premissas da PNATER e do DRS. Esta autora detectou que temáticas como: Etnia, Gênero, atividades não agrícolas, e outras, praticamente não aparecem nos programas de ensino e na 'fala' da maioria dos professores entrevistados da rede de ensino técnico. Verificou-se que a lei da PNATER está desconectada da realidade acadêmica e curricular das instituições de ensino que formam profissionais em ciências agrárias.

A curto e médio prazo é preciso pensar na atualização dos técnicos que já atuam profissionalmente de modo a preencher as lacunas existentes em seus conhecimentos e práticas profissionais. Autores como Caporal (2009) defendem que uma boa entidade de ATER precisa manter um programa continuado de qualificação profissional em serviço, que contribua para a permanente atualização sobre políticas públicas e situações conjunturais que implicam no desenvolvimento rural. Para este autor, o terceiro setor vem desempenhando um importante papel na prestação de Serviços de ATER, no entanto, é preciso verificar a viabilidade destes serviços de modo que os mesmos possam ser permanentes, contínuos, com capacidade de corresponder às premissas da PNATER.

É justamente neste ponto que o presente trabalho procura se inserir para colaborar na construção coletiva das soluções aos problemas enfrentados. A premissa para tanto é que existe uma necessidade por formação contínua que supra as deficiências na formação dos profissionais extensionistas, principalmente nos pontos relativos às relações entre técnicos extensionistas e o público alvo de suas ações. Assim espera-se, a partir dos resultados obtidos no estudo de caso, colaborar com o início do processo de construção de uma Unidade Demonstrativa para a formação continuada dos técnicos extensionistas.

1.2.1. Unidades Demonstrativas

As Unidades demonstrativas são um tipo de metodologia utilizada para demonstrar uma determinada tecnologia já experimentada com sucesso por outros produtores (EMBRAPA, 2013). A unidade demonstrativa, normalmente, é feita na propriedade de um agricultor que seja representativo do conjunto de agricultores de determinada região com o objetivo de difundir informações técnicas seguras para serem adotadas ou adaptadas. Esta metodologia apresenta algumas características interessantes. Para Santana (2006) a Unidade Demonstrativa, é uma estrutura de aprendizado que prioriza o caráter educativo ao

econômico. Assim a escala da experiência deve ser apenas suficiente para os agricultores familiares se apropriarem dos conhecimentos pertinentes à prática produtiva e/ou organizativa de dado cultivo ou cultura, ou seja, na Unidade Demonstrativa, as experiências produtivas devem constituir **módulos replicáveis** cujo tamanho possa ser multiplicado, caso a caso, para a posterior constituição de áreas produtivas com o objetivo de gerar ocupação produtiva, renda e segurança hídrica e alimentar (Santana, 2006). Tendo como exemplo a experiência desenvolvida pelo Projeto Dom Helder Camara (PDHC) pode-se entender que um objetivo da utilização de Unidades Demonstrativas seja a criação de um instrumento metodológico do trabalho da assessoria técnica visando uma ação mais eficaz de mobilização de conhecimentos.

Esta é uma ferramenta reconhecida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário para alcançar os objetivos do Desenvolvimento Rural Sustentável junto aos produtores familiares. Para esta instituição, as Unidades Demonstrativas têm importante papel na construção, disseminação e resgate de práticas agroecológicas que são indispensáveis para que o desenvolvimento rural se realize de maneira sustentável (MDA, 2004). A implantação de Unidades Demonstrativas com **experimentação participativa** leva os agricultores não apenas ao uso e desenvolvimento de práticas diferenciadas, mas também, ao aprendizado acerca das possibilidades de solução dos seus próprios problemas. Isto é possível porque neste tipo de experiência o agricultor também aprende a trabalhar de forma organizada e solidária, desenvolvendo competências que vão além das técnicas produtivas.

Para Souza (2012), as Unidades Demonstrativas podem ser usadas em estudos comparativos, além de servir como estratégia de promoção de ações educativas, que possibilitam a interação entre a comunidade científica e a sociedade, frente aos desafios propostos para consorciar conservação ambiental e desenvolvimento econômico.

A utilização de propriedades modelos para a demonstração da aplicação de técnicas de produção de eficiência reconhecida não é algo novo. Políticas neste sentido existem no Brasil desde 1910. Peixoto (2008) em seu estudo sobre a evolução da legislação referente à assistência técnica e extensão rural no Brasil apresenta o Decreto nº 8.319, de 20 de outubro de 1910, sancionado pelo presidente Nilo Peçanha. Este decreto criou e regulamentou o Ensino Agrônomo, nos níveis básico, médio e superior. Em seu capítulo XLVII tratava detalhadamente da criação de **Campos de Demonstração**, que tinham “Por fim divulgar os conhecimentos práticos, adquiridos em experimentações anteriores, tendo em vista o aumento de produção agrícola” (art. 410). Já o seu capítulo XLVIII tratava da criação de **Fazendas Experimentais**, que destinavam-se “Ao ensino pratico da agricultura, em seus diferentes ramos, por meio de demonstrações e culturas systematicas das plantas

uteis, principalmente das que forem comuns á região em que se acharem estabelecidas e com auxilio de praticas referentes á zootechnia e ás industriais ruraes”(art. 428).

Após a edição do Decreto 8.319/10, vários decretos foram publicados nos anos seguintes, instituindo campos de demonstração e fazendas modelo de criação, conforme pode ser evidenciado na Tabela abaixo:

Decreto presidencial	Objeto do decreto
Decreto n. 9.333 - de 17 de janeiro de 1912	Fazenda Modelo de Criação na fazenda de Santa Monica, município de Valença, Estado do Rio de Janeiro
Decreto n. 9.613, de 13 de junho de 1912	Campos de Demonstração na fazenda Alta-Mira, município da Villa do Conde, Estado da Bahia.
Decreto n. 9.868 - de 13 de novembro de 1912	Fazenda Modelo de Criação no município de Uberaba, Estado de Minas Geraes
Decreto n. 10.075 - de 19 de fevereiro de 1913	Fazenda Modelo de Criação no município de Caxias, no Estado do Maranhão
Decreto n. 11.875 - de 12 de janeiro de 1916	Fazenda Modelo de Criação na ilha de Marajó, Estado do Pará
Decreto n. 11.876 - de 12 de janeiro de 1916	Fazenda Modelo de Criação no município de Ponta Grossa, Estado do Paraná
Decreto n. 11.882 - de 12 de janeiro de 1916	Fazenda Modelo de Criação, no Estado de Pernambuco

Quadro 4 Campos de demonstração e fazendas modelo de criação.

Fonte: SICON/Senado Federal. Elaborado por (Peixoto, 2008)

Para a compreensão das atuais utilizações das Unidades Demonstrativas, a seguir serão elencados alguns exemplos de Unidades Demonstrativas e seus usos variados:

1. A imagem a seguir apresenta uma Unidade Demonstrativa de um Sistema de Produção Integrado criado pela EMBRAPA semi-árido para se tornar uma alternativa de uso adequado para o efluente do sistema de dessalinização, minimizando o impacto ambiental e contribuindo para segurança alimentar (MMA, 2013).



Figura 1 Unidade Demonstrativa da Embrapa Semi-árido.

Fonte: Ministério do Meio Ambiente

Segundo informações do Ministério do Meio Ambiente, este sistema produtivo utiliza uma área total aproximada de 2 hectares e é constituído por 2 viveiros para criação de tilápia, 1 tanque para reciclagem do concentrado enriquecido em matéria orgânica (1 hectare) e uma área irrigada para cultivo da erva sal (1 hectare), além de uma área para a fenação. Existem parâmetros que devem ser satisfeitos para que esta unidade demonstrativa possa ser replicada. Os critérios são definidos pelo Programa Água Doce²³.

2. O assentamento Luiz Nunes e os três Projetos Fundo de Pasto (PFPs²⁴) Ladeira Grande e Barra Cacimba recebem o plantio de espécies adaptadas à caatinga em suas Unidades Demonstrativas. A iniciativa tem o propósito do aumento da sustentabilidade e da segurança alimentar de 143 trabalhadores rurais sertanejos que vivem em áreas situadas no município de Casa Nova, território de identidade do Sertão do São Francisco, na Bahia (INCRA, 2012). O projeto prevê a transferência de tecnologia entre a EMBRAPA, da unidade Caatinga, e o INCRA, através da articulação da Assessoria Técnica, conveniada por meio da Fundação Juazeirense para o Desenvolvimento Científico, Tecnológico, Econômico, Sociocultural e

²³ As Unidades Demonstrativas (UDs) do **Programa Água Doce** fazem parte da estrutura do Sistema Integrado de Reuso dos Efluentes da Dessalinização, uma tecnologia desenvolvida na Embrapa Semiárido, em Petrolina (PE), e certificada pela Fundação Banco do Brasil em 2003. De funcionamento simples e eficiente, é uma cadeia produtiva que começa com a dessalinização da água salobra. Os resíduos do processo são reaproveitados para a criação de peixes e irrigação de plantas que servem para alimentar animais.

²⁴ Os PFPs são comunidades tradicionais reconhecidas pelo INCRA, localizadas na caatinga ou cerrado, e que possuem um modo próprio de gestão da terra e dos recursos naturais. Elas têm como principal atividade a criação de ovinos e caprinos.

Ambiental (FUNDESF). A proposta das UDs é de integração lavoura-pecuária, visando à correção das deficiências forrageiras e a introdução de culturas consorciadas.

3. *Em Mercês, município localizado na Regional Emater-MG de Cataguases* a Emater-MG iniciou a implantação de 15 unidades demonstrativas de recuperação de pastagens para o gado de leite nas regionais Juiz de Fora, Cataguases e Belo Horizonte (EMATER-MG, 2013). As propriedades participantes recebem insumos tendo como base a divisão e recuperação de pastagens, a fim de que o gado se alimente melhor e produza mais leite com um menor custo de produção. Tais condições serão implementadas por meio de medidas que inclui análise e correção do solo com calcário e adubo. As propriedades foram escolhidas de acordo com a disponibilidade do produtor familiar em aceitar a implementação da tecnologia e permitir a visita de interessados em conhecer a técnica empregada.

4. As Unidades Demonstrativas de Aquicultura, implantadas com o apoio do MPA (Ministério da Pesca e Aquicultura), constituem um importante instrumento de transferência de tecnologia e de inserção produtiva das comunidades ribeirinhas. Estas comunidades são capacitadas para a atividade, com o objetivo de promover a melhoria de sua renda familiar (MPA, 2011). 1.500 pessoas foram treinadas. As Unidades Demonstrativas de Aquicultura possibilitam que os beneficiários tenham condições para a sua inserção econômica de formas sustentável, competitiva e ordenada nas águas de domínio da União. Além disso, geram informações zootécnicas de grande valia para a compreensão e planejamento das futuras ações.

5. As regiões de São Valério e Santa do Estado de Tocantins possuem seis Unidades Demonstrativas de biodiesel instaladas para pesquisa de oleaginosas com o intuito de atender os agricultores familiares. Estes produtores contarão com incentivos para produção de biodiesel, por meio de soja. Técnicos da Secretaria estadual da Agricultura e Pecuária (SEAGRO), do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS), escolherão os locais dos experimentos em três fazendas. A implantação dos experimentos é resultado de um convênio repassado pelo MDA (TOCANTINS, 2013).

Estes são exemplos dos possíveis usos das Unidades Demonstrativas. Vão da piscicultura até o plantio de oleaginosas para a produção de biodiesel. Porém a utilização desta ferramenta tem sido realizada de forma estreita, pois lida apenas com um dos atores sociais envolvidos nas relações extensionistas-produtores rurais, qual seja os produtores rurais. Desta forma este trabalho parte da premissa de que é possível utilizar esta ferramenta para alcançar o outro ator desta relação dialógica, qual seja, o técnico extensionista. Tendo clareza de este trabalho não lidará com todas as dimensões necessárias para a criação de uma Unidade Demonstrativa desta natureza, mas apenas com alguns parâmetros relativos à relações de aprendizado recíprocas dando início à uma Agenda de Pesquisas para a estruturação de uma proposta de Unidade Demonstrativa para a formação continuada dos técnicos extensionistas em metodologias dialógicas e participativas.

1.2.2. Metodologias participativas e dialógicas

Nesta seção será feito breve apanhado histórico sobre o desenvolvimento das metodologias participativas para em seguida apontar para experiências de grupos que buscam apresentar propostas de soluções para esta questão. Robert Chambers *apud* (Garrafiel, Nobre, & Dain, 1999) informa que entre os anos de 1950 e 1960 os países industrializados trabalhavam com a ideia de que o desenvolvimento rural seria algo simples. Bastava dispor de tecnologias “modernas” desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos e transferi-las para os produtores pobres no lugar das técnicas “primitivas” utilizadas por estes produtores. Este processo não obteve sucesso ao lidar com os produtores familiares e produtores de médio porte brasileiros. Vale pontuar que as comunidades quilombolas, povos indígenas, ribeirinhos foram ignorados por estas ações.

Assim a próxima tentativa, por parte dos técnicos extensionistas brasileiros, foi diagnosticar o cenário rural para “identificar as soluções corretas” para as áreas onde atuavam (Garrafiel, Nobre, & Dain, 1999). Estes autores informam que estes diagnósticos não funcionaram a contento, pois acabaram se mostrando:

- a. Superficiais;
- b. Onerosos;
- c. Incompletos ou com informações inúteis.

Como resultado, as novas tecnologias não foram adotadas pelo público alvo. Avaliações posteriores demonstraram que as tecnologias não eram apropriadas às condições das populações de pequenos produtores (Garrafiel, Nobre, & Dain, 1999). Sendo que os especialistas não levaram em consideração fatores sócio-econômicos como, por exemplo, mão-de-obra, posse da terra, disponibilidade de recursos ou meios de comercialização.

Para superar estes desafios, nos anos 1970 e 1980 especialistas na África, Ásia, e América Latina desenvolveram novas metodologias de pesquisa e extensão com a preocupação de conhecer melhor os sistemas agrícolas, numa abordagem sistêmica e mais integrada. As **pesquisas participativas** voltadas para a ação tiveram influência de métodos utilizados nas ciências sociais, principalmente o enfoque pedagógico pregado e experimentado por Paulo Freire ainda na década de 1960 (Garrafiel, Nobre, & Dain, 1999).

Desta forma na década de 1980 surgiram as primeiras publicações científicas com a proposição de novas metodologias de diagnósticos dos cenários rurais. Estas foram o **Diagnóstico Rural Rápido (DRR)** e o **Diagnóstico Rural Participativo (DRP)**, **Análise de Sistemas Agroecológicos (ASA)**. Segundo Hildebrand *apud* (Garrafiel, Nobre, & Dain, 1999) estes métodos incluíram como instrumento fundamental, técnicas de diagnósticos que consideram o “conhecimento local”. As vantagens apresentadas por metodologias desta natureza, segundo Chambers (1992) permitem que:

A **aprendizagem progressiva** seja flexiva, exploratória, interativa e inventiva, além de permitir **mudanças de rumo** necessárias (aprender junto com as populações rurais, descobrir e usar os seus critérios e categorias, e encontrar, entender e apreciar conhecimento técnico local), averiguando **não mais do que o necessário**, mas utilizando diferentes técnicas, fontes e disciplinas, junto com o uso de uma variedade de informantes, numa grande variedade de lugares, permitindo um controle cruzado de informações para chegar mais perto da situação real.

A construção destas novas metodologias de análise e diagnósticos fundamenta-se no entendimento de que é preciso reconhecer que as populações possuem conhecimento profundo da situação que os rodeiam, do meio ambiente e de suas necessidades e precisam ser incluídos em todos os aspectos de qualquer programa destinado a ajudá-los (Garrafiel, Nobre, & Dain, 1999). É possível justificar este tipo de entendimento quando se aceita a validade dos seguintes pontos:

- A inclusão da visão das populações locais nos processos decisórios pode assegurar que esta decisão será apropriada para eles;
- O comprometimento, em todos os aspectos do projeto, aumenta a confiança nos retornos que pode levar anos para se manifestar;
- Ter por objetivos a auto-gestão do projeto pelas famílias ou comunidades;
- Ocorrência do aprendizado a partir dos diagnósticos tanto por parte das famílias e comunidades quanto por parte dos técnicos extensionistas (Chambers, 1992).

Com base nestas ideias, muitas instituições começaram a incorporar indivíduos das comunidades como participantes das equipes nos diagnósticos e como parceiros nas discussões e avaliações dos dados levantados. A partir das avaliações realizadas por estas equipes percebeu-se que da parte dos técnicos extensionistas são necessárias mudanças para que estes possam atuar em conjunto com as populações rurais. Autores como Pretty (1995) afirmam um ponto exposto anteriormente, no qual a atuação dos profissionais da nova ATER pública exige um **novo profissionalismo**²⁵. Tal conceito se caracterizaria pela capacidade de pôr as pessoas antes das coisas, com especial atenção aos grupos menos favorecidos.

As mudanças realizadas nas metodologias as tornaram mais participativas, porém apenas mudanças metodológicas não são suficientes para a construção de novas formas de relacionamento entre agentes e beneficiários, principalmente quando, como já demonstrado, a formação destes técnicos extensionistas não passa por reformulações que os habilitem a lidar com os aspectos sociais da produção rural. Para Pretty (1995) os profissionais da Extensão Rural Agroecológica devem assumir novos conceitos, valores e comportamentos, ademais de novos métodos.

A posição assumida neste trabalho é a de que o principal objetivo a ser alcançado pela utilização de **metodologias participativas e dialógicas** é a mudança na forma de encarar a importância dos atores do processo de desenvolvimento rural sustentável. De tal forma, concordando com Kummer (2007) em relação aos produtores rurais e ao seu contexto local, a promoção do desenvolvimento rural depende de uma mudança interna. As pessoas

²⁵ Um “novo profissionalismo”, ademais, requer que se reconheça que nem sempre o que pensamos e estabelecemos como necessidades dos indivíduos e grupos assistidos corresponde às necessidades sentidas por eles mesmos, de modo que o agente deveria estar, cotidianamente, buscando identificar os valores próprios dos beneficiários. Por outro lado, requer que se adote uma formação mais multidisciplinar ou, pelo menos, se amplie a capacidade de interagir com outras profissões e disciplinas. Como destacam diversos autores, este “novo profissionalismo” é um grande desafio e requer uma ampla ação de capacitação e reciclagem de agentes de extensão rural (Pretty, 1995).

devem assumir o papel de protagonistas deste processo para uma melhoria da qualidade de suas próprias vidas. Pois como afirma Altieri (1998) a proposta de construção de um novo mundo já não concebe a formulação de receitas prontas, elaboradas em locais distantes das realidades locais. Esta construção necessariamente deve nascer do protagonismo dos atores e atrizes locais, empoderados e conscientes da sua condição de cidadãos capazes de construir o seu desenvolvimento com bases mais sólidas e propostas mais afinadas com a sua realidade.

Desta forma, a nova ATER vai buscar seu modelo teórico-pedagógico no **construtivismo**²⁶, cuja constituição foi elaborada, entre outros pensadores, por Paulo Freire. Os conhecimentos dos agricultores precisam ser valorizados e incorporados como elementos fundamentais de uma estratégia de desenvolvimento rural, o que é quase impossível conseguir utilizando-se os métodos persuasivos da tradição extensionista (Caporal & Ramos, 2006).

Com isso não se pretende afirmar que os técnicos extensionistas perdem totalmente sua importância e funções neste processo. Apenas se assume a posição de que as funções exercidas por estes atores devem se adaptar às demandas construídas conjuntamente com as comunidades quilombolas, povos indígenas, ribeirinhos e produtores familiares rurais deixando de apenas levar ao campo as técnicas e tecnologias de produção agrícola e passando a apresentar-se enquanto facilitadores dos processos de mudança das pessoas e grupos assistidos nos seus conhecimentos, habilidades e atitudes (Kummer, 2007).

Para a construção de um espaço que possibilite e fortaleça processos dialógicos e participativos de construção de conhecimento é preciso uma ação constante de facilitação por parte de todos os agentes envolvidos. Para tanto os técnicos extensionistas devem compreender às metodologias participativas e os parâmetros que possibilitam a operacionalização destas metodologias em um nível que alcance as comunidades assistidas. Desta forma Kummer (2007) propõe seis etapas que definiriam algumas exigências a serem cumpridas, para garantir melhores efeitos do trabalho desenvolvido:

1. Sensibilização;
2. Mobilização;
3. Diagnóstico participativo;

²⁶O ponto central no construtivismo é a premissa de que o homem-agricultor possui um acúmulo de conhecimentos históricos, culturais, individuais ou coletivos que fazem com que ele esteja inserido no mundo do saber.

4. Planejamento participativo;
5. Execução de atividades e projetos específicos;
6. Monitoramento, avaliação, acompanhamento e replanejamento;

Para além da construção e aplicação de algumas etapas rigidamente demarcadas e procedimentos mecanizados Caporal (2003) aponta para a necessidade da construção de estratégias de atuação diferenciadas para vencer os obstáculos existentes na atuação específica nos diferentes locais. Dentre todas as possibilidades elencadas por este autor, as principais são:

- A necessidade de imersão do agente;
- O resgate do conhecimento local;
- Participação como direito;
- O processo educativo deve ser potencializar o crescimento dos sujeitos como cidadãos;
- Sistematização das experiências.

Tendo por base a necessidade da sistematização das experiências, neste momento será apresentada algumas experiências da utilização de metodologias participativas e dialógicas. A procura foi feita no sentido de procurar as experiências que lidaram com a formação dos técnicos extensionistas para lidar com as diferentes realidades encontradas em campo. Importante pontuar que não foi encontrada experiências que lidem com comunidades quilombolas, apesar de toda a demanda existente e a exclusão histórica que será apresentada no capítulo II.

1.3. Pesquisas e propostas de soluções já existentes

Para dar continuidade a esta discussão sobre as novas dimensões apresentadas pela PNATER na utilização de metodologias participativas e dialógicas é importante realizar a contextualização desta pesquisa junto à pesquisas anteriores que buscam objetivos semelhantes. Pois de fato, existem diversos grupos que realizam pesquisas e experimentos

no sentido de construir **metodologias participativas** e a formação dos técnicos extensionistas para lidarem com seu público alvo de forma horizontal, levando em consideração seus conhecimentos na construção das soluções para as questões enfrentadas em suas realidades. Importante pontuar que as comunidades quilombolas só recentemente vem recebendo atenção no sentido de recebimento de Assistência Técnica para a produção agrícola de forma que as experiências encontradas na literatura relacionam-se majoritariamente aos produtores familiares. Para lidar com as comunidades quilombolas é necessário traçar paralelos com estas experiências, aproveitando os conhecimentos acumulados e os adaptando à realidade das comunidades quilombolas.

Inicialmente ao realizar o levantamento de experiências práticas em metodologias participativas e dialógicas uma rede que chama atenção por seu histórico é a AS-PTA²⁷. Segundo informações existentes em seu site (<http://aspta.org.br/>) a AS-PTA é uma:

Associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. A experiência acumulada pela entidade ao longo desses anos permitiu comprovar a contribuição do enfoque agroecológico para o enfrentamento dos grandes desafios da sustentabilidade agrícola pelas famílias agricultores. A AS-PTA participou da constituição e atua em diversas redes da sociedade civil voltadas para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Ao mesmo tempo em que constituem espaços de aprendizado coletivo, essas redes proporcionam ações articuladas de organizações e movimentos da sociedade para influenciar elaboração, implantação e monitoramento de políticas públicas.

A metodologia empregada por esta organização “Procura estimular os agricultores a formularem e executarem seus próprios projetos de desenvolvimento” (Pereira, 2004). Para que isso seja possível são utilizadas **metodologias participativas** nas diferentes etapas de intervenção. De forma que se procura transformar os produtores em pesquisadores de sua própria realidade e difusores das técnicas desenvolvidas.

Uma das experiências desta organização realiza-se no agreste da Paraíba, pequena região de Curimataú, Município de Solânea. O trabalho é feito com diversas organizações de produtores (Sabourin, 2001). Mais do que nas técnicas utilizadas, o foco desta experiência recai sobre os resultados das experiências, pois os mesmos devem ser negociados e dialogados tornando-se produtos de uma visão construída entre os agricultores e os técnicos extensionistas.

Outra experiência interessante foi desenvolvida pelo Arboreto/PZ/UFAC. Ao avaliar a sustentabilidade de 156 áreas de Sistemas Agroflorestais no Estado do Acre, este grupo

²⁷ Assessoria e Serviços a Projetos de Agricultura Alternativa. Originou-se de um projeto da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE, através do Projeto de Tecnologias Alternativas – PTA. Este projeto foi concebido em 1980/81 e iniciado em 1983 (Pereira, 2004).

constatou a falta de capacitação dos técnicos extensionistas quanto aos conhecimentos relacionados à Sistemas Agroflorestais. De forma que, junto a outros parceiros, este grupo realizou a formação de 21 técnicos extensionistas em “Sistemas Agroflorestais e metodologias de educação agroflorestal”²⁸. Segundo informações de Rodrigues *et al* (2000) foi desenvolvida uma metodologia de educação florestal. A mesma foi aplicada e avaliada junto a agricultores (colonos, índios); técnicos extensionistas; estudantes de curso técnico profissionalizante, universitários da UFAC²⁹ e alunos do ensino fundamental de seis Pólos Agroflorestais do estado do Acre, localizados nos municípios de Rio Branco, Xapuri, Brasília, Epitaciolândia, Capixaba e Sena Madureira. Essa metodologia foi respaldada pela **Mochila do Educador Florestal**.

O trabalho realizado teve início por meio de um **diagnóstico situacional** sobre os assuntos ou temas que as comunidades tinham interesse de aprender, descobrir ou inventar. Em seguida foi feito um **planejamento participativo** no qual foram discutidas as melhores formas de resolver as questões levantadas e fortalecer as potencialidades existentes.

Outra experiência relevante é o **Mutirão Agroflorestal** (Garrote, Amador, Pinho, Peneireiro, & Marcon, 2002). Inspirados pelos trabalhos de Ernst Gotsch no desenvolvimento de sistemas agroflorestais sucessoriais, desde 1986 em sua fazenda, no município de Piraí do Norte, Bahia, um grupo de profissionais e estudantes das áreas de ciências agrárias, biológicas e humanas uniram-se para discutir os conceitos e aprender através da troca de experiências, gerando a possibilidade de realização de um trabalho coletivo, aglutinando conhecimentos e catalisando as ações.

Este grupo formou-se em 1996. As principais motivações para a formação do grupo foram a vontade de aprender sobre agrofloresta a partir de experiências práticas e a possibilidade de realizar um trabalho coletivo, de modo que os participantes pudessem compartilhar conhecimentos e catalisar ações. O grupo tem como seus principais objetivos:

1. Construção coletiva do conhecimento em agrofloresta a partir do trabalho prático e participativo;
2. Capacitação de técnicos, estudantes e agricultores em técnicas de manejo e estratégias de desenvolvimento rural baseado em agroflorestas;
3. Desenvolvimento de metodologias educativas com vivência na implantação, manejo e avaliação de agroflorestas; e

²⁸ O Programa de Educação Agroflorestal desenvolvido pelo projeto Arboreto /PZ/UFAC foi realizado no período de junho de 2000 a maio de 2001, sendo dividido em quatro etapas modulares, com carga horária de 210 horas/aula, incluindo atividades teórico-práticas e visitas a campo.

²⁹ Universidade Federal do Acre.

4. Difusão dos princípios e técnicas do manejo agroflorestal a partir de vivências práticas;

Uma característica do Mutirão Agroflorestal semelhante ao objeto de estudo desta pesquisa é o fato de que os participantes não residem na mesma localidade. O grupo funciona através de uma rede, que se comunica via internet. Em 1999 foi criado um grupo virtual que serviu como plataforma para a comunicação. Em 2002 foi criada uma *homepage* (www.agrofloresta.net). Os encontros bimestrais em propriedades ou áreas de trabalho são utilizados para o fortalecimento do grupo. A participação é aberta, entre as quais, agricultores, estudantes, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas. As áreas implantadas nas diversas regiões passaram **núcleos**, ou seja, unidades experimentais e demonstrativas que aglutinam instituições locais e pessoas da região, formando polos de irradiação e difusão da proposta. A manifestação artística (música, dança, teatro, pintura) é um ponto alto sempre presente em todas as atividades do grupo, muito usada como instrumento de percepção, avaliação, planejamento e registro.

Durante o acesso ao site do grupo, realizado em 25/02/2014, uma informação de 2002 dizia que: Ao longo de seis anos houve 36 mutirões, com uma média de 30 pessoas por encontro, totalizando aproximadamente 1080 pessoas, considerando que algumas pessoas participaram de mais de um encontro.

Por fim, apresento a experiência de agricultores familiares da Associação Comunitária São João (ACRJ). Comunidade situada no município de Marapanim. Estes agricultores integram o Projeto Raízes da Terra³⁰. Em um estudo apresentado no VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia em Porto Alegre por Ferreira *et al* (2013) a propriedade de um agricultor familiar foi analisada comparando o uso da terra no ano de 2005 e em 2009. Na região é comum o uso de fogo. A fim de criar alternativas à esta prática, foram realizadas etapas de capacitação e reuniões, ao final destas, os agricultores propuseram parceria para o trabalho com espécies perenes, principalmente as fruteiras e embasado em sistemas agroflorestais (SAF).

Entre os principais resultados apresentados, está a redução no monocultivo, aumento de áreas de capoeira e sistemas agroflorestais (SAF). As ferramentas participativas e as capacitações utilizadas pelo projeto Raízes da Terra na ACRSJ contribuíram para o melhor

³⁰ Projeto iniciado em 2005. O Projeto “Mudanças de práticas agrícolas, biodiversidade e capacitação: semeando alternativas agroecológicas para redução do desmatamento e das queimadas, ficou conhecido como projeto “Raízes da Terra”

entendimento e construção conjunta entre o conhecimento técnico e científico em busca de um meio rural sustentável de base agroecológica.

Estas experiências mostram que a questão das metodologias participativas e dialógicas já vem sendo abordada em diversas pesquisas e grupos experimentadores de agroecologia os quais assumem a importância da perspectiva da participação. Estes grupos realizam atividades com técnicas agroecológicas e buscam criar novas formas de diálogo com os grupos produtores com o fim de realizar a transição agroecológica da produção alimentar. A partir da sistematização destas diferentes experiências é possível se pensar na construção de uma metodologia que não seja pautada na ideia da mera transferência de pacotes tecnológicos, mas sim ferramentas que dê poder a diferentes comunidades tradicionais com o fim de permitir que estas participem ativamente do processo de construção das respostas para as questões enfrentadas em suas realidades. Espera-se que esta Rede de experimetadores sirva de apoio para o trabalho dos técnicos extensionistas que lidam com as realidades das comunidades tradicionais. Sendo assim, este trabalho insere-se neste contexto de análise, estudo e sistematização de experiências na utilização das técnicas de produção agroecológica e busca lidar diretamente com a lacuna existente relacionada à falta de atenção dada **às comunidades quilombolas**, pois é importante perceber-se que estes grupos possuem características singulares que precisam ser levadas em consideração durante o trabalho de extensão dos técnicos extensionistas.

Tendo como ponto de partida a necessidade de mudanças nos parâmetros da Assistência Técnica e Extensão Rural no Brasil, principalmente nos pontos relativos às relações entre os Técnicos Extensionistas e as comunidades quilombolas, comunidades indígenas, ribeirinho e produtores familiares, além de lidar com a formação continuada dos Técnicos Extensionistas, este trabalho busca colaborar com este processo de mudança. Para tanto foi realizado um estudo de caso no Kilombo Tenondé, local onde são realizadas atividades de Permacultura e Capoeira Angola tendo entre seus objetivos realizar atividades que propiciem tanto mudanças nas relações humanas, quanto mudanças no cuidado com a natureza. Desta forma foi realizado um estudo de caso tendo por objeto de estudo o Kilombo Tenondé. Foi feita uma descrição detalhada do local, processo de criação, estratégia de funcionamento e metodologia de ensino. Além disso, foi feito uma Análise de Redes Sociais constituídas pelas relações de aprendizado recíproco, de modo que se espera determinar se de fato a estratégia de funcionamento e a metodologia de ensino permitem a constituição de Redes Sociais de aprendizado recíproco.

Entendendo que as práticas e ações dos técnicos extensionistas se fundamentam nos conhecimentos que adquirem em sua formação de nível técnico e superior, sendo que como foi demonstrado ao longo deste capítulo, as mudanças apresentadas pela nova PNATER ainda não se refletem nos currículos dos cursos de formação dos técnicos extensionistas. Além de que é necessário lidar com as mudanças de forma dinâmica, sendo a atualização constante deste profissional uma necessidade que pode ser suprida por meio de uma

Unidade Demonstrativa para a formação continuada. Desta forma, o próximo capítulo apresentará as questões relativas ao objeto de estudo deste estudo de caso apontando para as características que podem colaborar com a realização dos objetivos apontados neste primeiro capítulo.

2. Capítulo II – Estudo de caso: O Kilombo Tenondé.

2.1. Kilombos na África

O fenômeno representado por grupos de pessoas escravizadas em fuga de um sistema opressor que procuram organizar-se, resistir à opressão e em muitos momentos realizar o enfrentamento ao sistema, ocorreu em todas as áreas e momentos históricos onde o sistema escravagista se estruturou. Para José Jorge de Carvalho (2003) a história da opressão escravista corre em paralelo com a história de resistência dos povos oprimidos:

Isso significa dizer que a história do cativo negro nas Américas se confunde com a história da rebelião contra o regime escravista. Ambos movimentos moldaram, profunda e definitivamente, até os dias atuais, o perfil ideológico, cultural e psicossocial de todos os países das Américas Negras. E, em cada um deles, se foi construindo uma saga das lutas dos escravos, com seus sucessos, fracassos, perseguições, retrações, armistícios, traições e atos de heroísmo.

Na África, a história do kilombo como a dos povos bantos é uma história que envolveu povos de regiões diferentes entre Zaire e Angola (Munanga, 1996). Este autor relata que a história dos quilombos começa no império Luba (centro e sudeste do Zaire), provavelmente no fim do século XVI. Segundo uma das versões de seu mito fundador, esse império era governado por Kalala Ilung Mbidi. Após a sua morte houve conflitos por conta da sucessão. Seu filho Kimbinda Ilunga, partiu com seus seguidores em busca de novos territórios. Encontraram o reino da rainha Rweej. Ambos se apaixonaram e se casaram. O casamento conferiu o poder à Kimbinda, príncipe estrangeiro, o que causou o descontentamento entre os parentes da rainha. Kinguli, irmão da rainha, foi-se com seus simpatizantes para oeste, em direção a Angola. Estes acontecimentos ocorreram no século XVII. Os seguidores de Kinguli se juntaram aos povos jaga ou imbangala. Estes povos se uniram e formaram um grupo militarmente poderoso que ficou conhecido pelo nome de kilombo.

Apesar de ter recebido um nome de origem umbundu, de acordo com J. Miller *apud* Munanga (1996), esta instituição militar pertencia aos Jaga. Após sua formação, os kilombos se espalharam por toda a região mbundu depois de 1640 e finalmente se estabeleceram para fundar novos estados mbundu (Kalandula, Kanuku, Matanda, Holo, Kasanje, Mwa, Ndonge).

Segundo Munanga (1996), sendo uma sociedade guerreira, o kilombo forneceu ao exército de Kinguli original duas características que lhe faltavam:

- Estrutura firme capaz de reunir grande número de estranhos desvinculados de suas linhagens vencidas
- Disciplina militar capaz de derrotar os grandes reinos que bloqueavam sua progressão ao norte e ao oeste de Kwanza.

As palavras de Kabengele Munanga ajudam a dar maior concretude ao entendimento desta instituição:

O kilombo africano, no seu processo de amadurecimento, tornou-se uma instituição política e militar transétnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação. A iniciação, além de conferir-lhes forças específicas e qualidades de grandes guerreiros, tinha a função de unificá-los e integrá-los ritualmente, tendo em vista que foram recrutados das linhagens estrangeiras ao grupo de origem. Como instituição centralizada, o kilombo era liderado por um guerreiro entre guerreiros, um chefe intransigente dentro da rigidez da disciplina militar.

A instituição dos quilombos chegou às Américas por meio do tráfico escravista³¹. Os seres humanos comercializados oriundos dos portos africanos foram espalhados por todos os países das Américas e do Caribe. Os quilombos, nestes locais, surgiram como resultado de fugas, representando uma resistência difusa atuando por meio de diferentes frentes de enfrentamento ao sistema escravista. Para Munanga (1996) os escravizados africanos e seus descendentes não ficaram presos aos modelos ideológicos excludentes. Suas práticas e estratégicas desenvolveram-se, com o objetivo de formar identidades pessoais ricas e estáveis que não se estruturaram unicamente dentro dos limites de sua cultura. Tiveram uma abertura externa em duplo sentido para dar e receber influências culturais de outras comunidades, sem abrir mão de sua existência enquanto cultura distinta e sem desrespeitar o que havia de comum entre seres humanos.

³¹ Segundo dados compilados no banco de dados The transatlantic Slave Trade, indivíduos do oeste e do centro da África representavam 45% do número total de escravos africanos, dos quais 800.100 – homens, mulheres e crianças – aportaram no Brasil durante o período de três séculos. Como apenas metade das viagens dos portugueses para transportar escravos foi computada nesses dados, pode-se dizer que aproximadamente 1,6 milhão de africanos do oeste e do centro do continente foram embarcados para o Brasil (Geledés, 2007)

2.2. Quilombos na América e Caribe

As comunidades formadas pelos negros escravizados, que fugiram do trabalho forçado e resistiram à recaptura por parte das forças escravocratas, receberam vários nomes nas diversas regiões das Américas. O quadro a seguir apresenta algumas destas nomenclaturas

PAÍS	NOME RECEBIDO
BRASIL	QUILOMBOS, MOCAMBOS OU TERRAS DE PRETOS
COLÔMBIA	PALANQUES
CUBA	PALANQUES
VENEZUELA	CUMBES
HAITI E DEMAIS ILHAS DO CARIBE	MARRONS ³²
AMÉRICA ESPANHOLA	CIMARRONES
JAMAICA	MAROONS
SURINAME	MAROONS
SUL DOS ESTADOS UNIDOS	MAROONS
OUTROS NOMES:	QUILIMBOS; MACAMBAS; LADERIAS; MABISES

Quadro 5 Nomes dos quilombos em diferentes localidades das Américas.

Fonte: (Carvalho, 2003) (Hilliard, 1995)

José Jorge de Carvalho afirma que no Brasil existe um entendimento limitado em relação ao que seja quilombo. Normalmente entende-se que estas instituições são remanescentes de fenômenos historicamente limitados ao período escravista. Seguindo esta linha de pensamento, Leite (2000) aponta para a necessidade de novos referenciais

³² Os termos marron e maroon derivam do espanhol cimarrón, nome dado pelos primeiros colonizadores das Américas ao gado doméstico fugido para as montanhas da então ilha de Hispaniola

que possam superar certo reducionismo teórico no que concerne às implicações antropológicas dos direitos específicos ou 'difusos' das 'novas 'etnias'.

Após a década de 1970, os movimentos negros passaram a pautar a permanência histórica dos quilombos e sua ocorrência também nas cidades na forma de uma rede de associações, irmandades, clubes, terreiros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras, grêmios, confrarias e academias de capoeira (Nascimento, 1980). Para Leite (2000):

Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira, sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado. Inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afro-descendentes, partidos políticos, cientistas e militantes são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas.

Esta visão politiza o fenômeno do quilombo tomando-o como uma vivência pautada em valores comunitários originários dos povos africanos em resistência e lutas contra a opressão. Abdias do Nascimento (1980) propõe o termo **Quilombismo**³³ para explicar o fenômeno que busca a construção de um mundo melhor para os africanos nas Américas e libertação mútua dos povos indígenas destas terras, os quais também foram e são vítimas do **racismo**³⁴.

O quilombismo estruturou-se em formas associativas que podem ser encontradas em comunidades independentes em áreas afastadas, o que facilita sua defesa e protege sua organização econômica, social e política (Nascimento, 1980). É importante perceber-se a relação entre estas formas associativas e comunitárias de resistência e os sistemas escravistas, pois estes visavam justamente a atomização dos grupos étnicos não

³³ O termo quilombismo possui forte ligação com o termo **pan-africanismo**. Este surge de um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem comum entre os negros do Caribe e dos Estados Unidos. Ambos estavam envolvidos numa luta semelhante contra a violenta segregação racial. Essa solidariedade que marcou a segunda metade do século XIX propôs a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. O termo pan-africanismo foi cunhado pela primeira vez por Sylvester Willians, advogado negro de Trinidad, por ocasião de uma conferência de intelectuais negros realizada em Londres, em 1900 (Palmares, www.palmares.gov.br, 2013).

³⁴ O racismo é uma ideologia que se realiza nas relações entre pessoas e grupos, no desenho e desenvolvimento das políticas públicas, nas estruturas de governo e nas formas de organização dos Estados. Ou seja, trata-se de um fenômeno de abrangência ampla e complexa que penetra e participa da cultura, da política e da ética. Por sua ampla e complexa atuação, o racismo deve ser reconhecido também como um sistema, uma vez que se organiza e se desenvolve através de estruturas, políticas, práticas e normas capazes de definir oportunidades e valores para pessoas e populações a partir de sua aparência atuando em diferentes níveis: pessoal, interpessoal e institucional (Geledés, 2007).

hegemônicos. Desta forma Putnam (2001) ao realizar estudos que objetivavam a mensuração do capital social nos Estados Unidos, construiu um mapa onde se registra o nível do capital social nos diferentes estados.

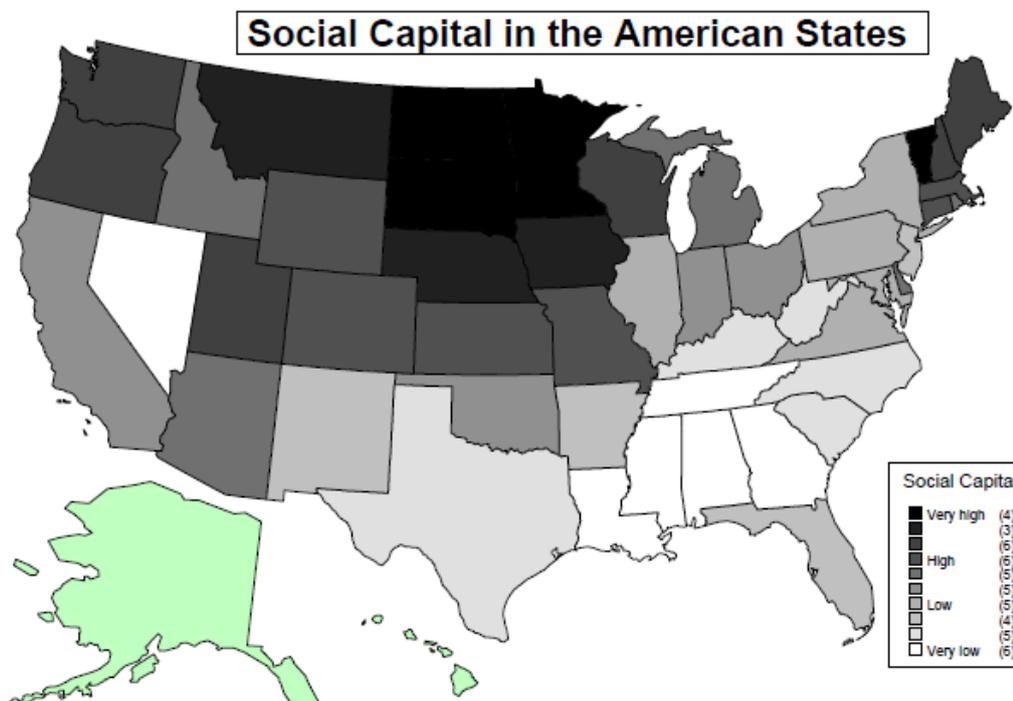


Figura 2 Capital Social nos Estados Norte-Americanos

Fonte: Measurement and consequences (Putnam, 2001)

Como resultado este autor encontrou uma correlação positiva entre os Estados com menor capital social e os Estados onde a escravidão realizou-se de forma mais profunda bem como a implantação de leis segregacionistas após a Guerra de Secessão³⁵. O autor aponta razões históricas para a formação deste padrão. Em suas palavras:

Não é um acidente o nível mais baixo de capital social estar claramente associado com os Estados que aprofundaram a escravidão no século XIX. Isso ocorre por conta do fato de que a escravidão enquanto sistema e a reconstrução dos Estados após o período escravista ter sido institucionalmente criada para destruir o capital social, pois é justamente sobre isso que se trata a escravidão: Destruição de capital social, por conta de este ser, entre os negros em um primeiro momento, e após a escravidão, a conexão social entre negros e brancos pobres, um perigo para a estrutura

³⁵ Leis Jim Crow.

de poder. Não é um acidente existir uma forte correlação entre o passado escravista e os níveis atuais de capital social [...].

Redes de reciprocidade bem estabelecidas entre as pessoas oprimidas poderiam gerar o perigo de rebeliões, sendo que laços igualitários de simpatia entre pessoas escravizadas e pessoas livres poderiam minar a legitimidade do sistema. Depois da emancipação, as classes dominantes no Sul continuaram a ter forte interesse em inibir a criação de redes sociais horizontais. De modo que não é coincidência este baixo nível de organização comunitária – baseados no capital social gerado nos locais onde existiram séculos de plantações escravistas seguidas por séculos de políticas baseadas nas Leis Jim Crow. Desigualdade e solidariedade social são profundamente incompatíveis. (Putman, 2001) (Putnam, 1995) (tradução livre).

Findo os sistemas escravistas, não tiveram fim seus efeitos nos grupos discriminados. Amartya Sen (1999) em seu livro ‘Desenvolvimento como Liberdade’ demonstra que a desestruturação das comunidades negras gerou efeitos negativos nestes grupos sociais:

É comum o argumento de que, nos Estados Unidos, os afro-americanos são relativamente pobres em comparação com os americanos brancos, porém são muito mais ricos do que os habitantes do Terceiro Mundo. No entanto, é importante reconhecer que os afro-americanos têm uma chance *absolutamente* menor de chegar à idade madura do que as pessoas que vivem em muitas sociedades do Terceiro Mundo, como China, Sri Lanka ou partes da Índia (com diferentes sistemas de saúde, educação e relações comunitárias).

O crescimento econômico por si não gera condições sociais que possibilitem à população negra afro-americano desfrutar de segurança social. Amartya Sen demonstra que no que se refere à relação entre mortalidade e renda, nos Estados Unidos, os afro-americanos como um grupo têm uma chance menor de chegar a idades avançadas do que as pessoas nascidas nas economias imensamente mais pobre da China ou do Estado indiano de Kerala. As mulheres negras ficam atrás não só das mulheres brancas dos Estados Unidos como também das indianas de Kerala, e por bem pouco não ficam atrás das chinesas. Restringindo a análise apenas às populações dos EUA, Amartya demonstra que:

A mortalidade é imensamente mais alta para os homens negros em comparação com os homens brancos e para as mulheres negras em comparação com as brancas. E esses diferenciais não são eliminados fazendo-se o ajustamento para as diferenças de rendas. As mulheres negras apresentam mortalidade quase três vezes maior do que as mulheres brancas. Fazendo-se os ajustes para as diferenças de renda familiar, enquanto a taxa de mortalidade é 1,2 vezes mais alta para os homens negros, chega a 2,2 vezes mais elevada para as mulheres negras.

Apesar de os dados e conclusões de Amartya Sen serem de grande importância no esforço de demonstrar a persistência dos efeitos dos sistemas escravistas dentro das comunidades negras e, considerando que seu trabalho busca explicar as limitações de se

considerar apenas **o crescimento econômico**³⁶ na determinação da qualidade de vida das comunidades, este autor falha no momento de buscar uma explicação plausível para o fenômeno observado. Em seu livro, o **Racismo** e as consequências do **sistema escravista** não são citados como causas dos efeitos observados. O autor elenca fatores como “disposições sociais e comunitárias como cobertura médica, serviços de saúde públicos, educação escolar, lei e ordem, prevalência da violência”, porém não inclui estes dois elementos centrais na constituição dos Estados Unidos enquanto nação desenvolvida.

No Brasil existem efeitos semelhantes aos demonstrados por Amartya Sen. Em 2013 foi lançado pela SEPPIR³⁷ o Plano Juventude Viva. A justificativa de tal plano é a de que os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Mais da metade (53,3%) dos 49.932 mortos por homicídios em 2010 no Brasil eram jovens, dos quais 76,6% negros (pretos e pardos) e 91,3% do sexo masculino. Os quadros a seguir mostram os dados disponibilizados pelo Plano Juventude Viva em seu site de monitoramento.

³⁶ Tim Jackson é um autor importante na discussão sobre a diferenciação do crescimento econômico, medido pelo aumento do PIB (Produto Interno Bruto), da prosperidade, sendo que esta necessita de medidores que permitam o acompanhamento de seu desenvolvimento. Este autor propõe que a prosperidade deva ser mensurada por meio dos fatores que possibilitam o florescimento das potencialidades do ser humano.

³⁷ Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

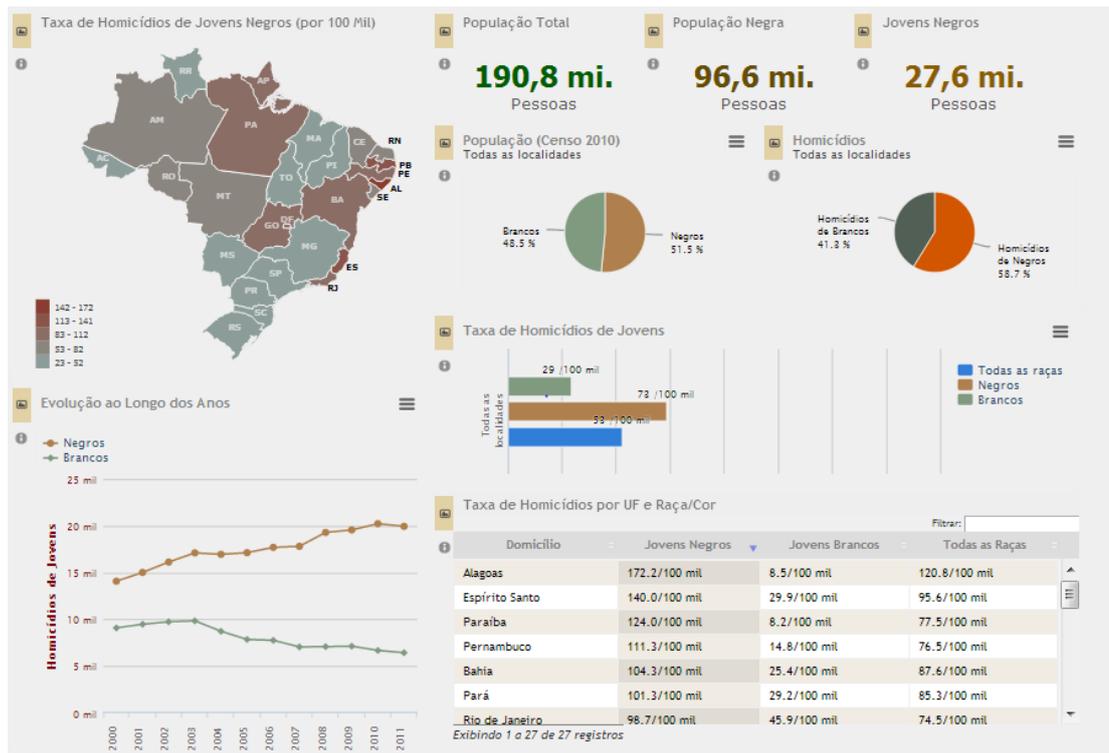
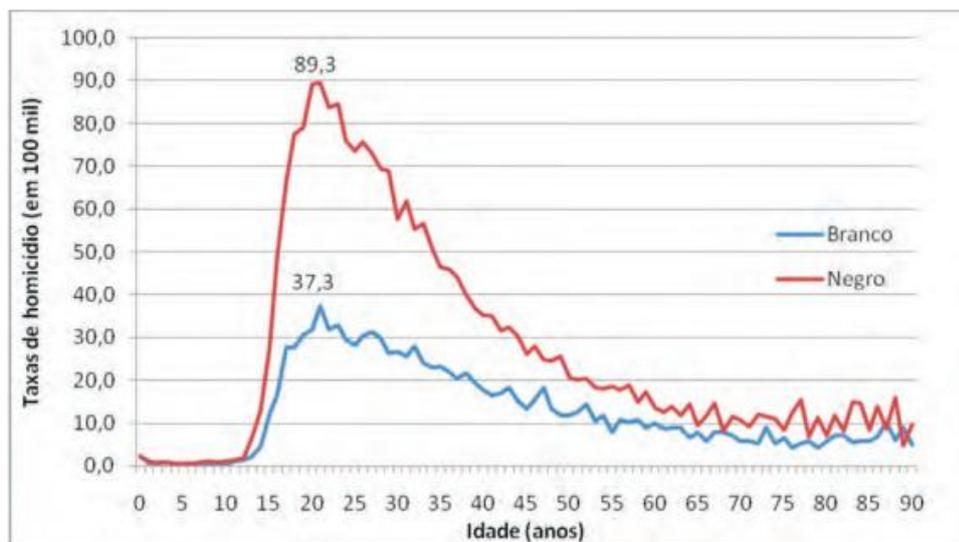


Figura 3 Taxa de homicídios de jovens negros

Fonte: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Gráfico 6.1. Taxas de homicídio total (em 100 mil) por idades simples e cor. Brasil. 2010



Fonte: Processamento dos microdados do SIM/SVS/MS e do Censo 2010/IBGE.

Gráfico 1 Taxas de homício total (em 100 mil) por idades simples e cor.

Diferente da interpretação de Amartya Sen, o Estado Brasileiro assume o **Racismo** como sendo a causa específica do fenômeno. Ao relacionar o fenômeno observado na sociedade norte-americana com os fenômenos observados na realidade da sociedade brasileira é possível perceber que ao se somar as consequências dos sistemas escravistas historicamente constituídos nestas sociedades aos efeitos do racismo existente nestas mesmas sociedades o **Capital Social** das comunidades negras são constantemente degradadas por meio principalmente do assassinato da juventude negra, no caso brasileiro, e da mortalidade acentuada dos homens negros e mulheres negras, no caso da sociedade norte americana.

Retomando o pensamento às resistências comunitárias históricas aos efeitos dos sistemas escravistas e racistas, as comunidades de quilombos nas Américas e no Caribe apresentaram organização difusa mais próxima de grupos em uma rede na qual praticamente não havia comunicação entre seus nós. Estas comunidades de resistência possuíam origem, objetivos e estratégias de atuação semelhantes.

A fim de contextualização será apresentado um resumo da ocorrência dos quilombos nas Américas e no Caribe, e algumas de suas características em uma tentativa de demonstrar a existência de uma rede, mesmo que dispersa e pouco conectada, de resistência pautada em valores comunitários originário dos povos africanos trazidos às Américas e ao Caribe.

SURINAME

A experiência mais extraordinária de quilombos no Novo Mundo sucedeu neste país. Os negros fugiram em massa das plantações nas primeiras décadas do século XVII e, após mais de cem anos de luta contra os exércitos escravistas, assinaram tratados de paz com o Estado holandês e tomaram posse de vasto território na selva. Refizeram seis nações, resultado de mais de um século de adaptação forçada à selva tropical, mas cujo estilo de vida se moldou diretamente nas sociedades da África Ocidental. Essas nações se comportam como estados semi-autônomos dentro do Estado surinamês, cada uma delas com o seu rei próprio e vivem em um regime de independência relativa, com respeito à ex-colônia holandesa, via comércio e exploração dos recursos naturais da selva tropical.

HAITI

Primeira nação, em todo o mundo latino-americano e caribenho, a se tornar independente, em 1804, do poder colonial europeu. O quilombo mais famoso da história haitiana foi o Bahoruco, localizado numa montanha a leste da ilha, já na fronteira com a República Dominicana. Este, em 1665, contava já com 1200 homens. O Bahoruco foi habitado durante 85 anos, havendo resistido a inúmeras expedições militares e ao intermitente, contudo parcial, extermínio de seus ocupantes. No Bahoruco, engendram-se as instituições basilares das comunidades negras haitianas libertas, antes e depois da abolição da escravidão: o regime agrícola dominante, o escambo com as plantações, a língua creole e a síntese religiosa católico-africana conhecida por vodu.

JAMAICA

A Jamaica é um dos países que registram números elevados de sublevações de escravos no Novo Mundo. Já no primeiro período da sua história, com a colonização espanhola que terminou em 1655, foram notáveis os feitos libertários do negro Juan de Bolas, o qual deu nome a um quilombo que existe, até hoje. Existem ainda várias comunidades quilombolas continuadoras do período colonial. Em todos esses povoados, vivem os descendentes dos escravos libertos que os fundaram. Cada uma dessas localidades funciona como um pequeno território autônomo dentro do país, com o seu chefe e a sua organização política interna própria. A propriedade da terra é comunal desde o século XVIII; o líder de cada comunidade quilombola é chamado Coronel, cargo antes vitalício, mas para o qual, hoje em dia, se é eleito por cinco anos.

COLÔMBIA

Os palenques se concentraram inteiramente na Costa Atlântica, ao norte do país, ao redor da bela Cidade, hoje patrimônio histórico da humanidade, Cartagena das Índias, dos séculos XVI ao XVIII. O líder mais famoso da história de lutas do negro colombiano contra o regime escravo foi Domingo Bioho, que era rei de uma das nações da Guiné-Bissau, e que fundou, em 1600, o palenque de La Matuna, na região da Sierra María. Após a consolidação do seu palenque, Domingo passou a chamar-se Benkos Bioho, ou Rei Bioho. Dado o poder de seu grupo, chegou a estabelecer um armistício com a colônia, segundo o qual não seria

mais perseguido pelas forças escravistas e poderia, até, vestir-se à espanhola e portar armas; mas, já não poderia intitular-se Rei do Arcabuco e, como em todos os armistícios feitos entre escravistas e quilombolas, se comprometia a não mais interferir com a ordem escravocrata. Mais tarde, porém, voltou a incitar outros escravos a fugir e juntar-se a seu bando: foi, então, capturado e enforcado.

CUBA

Os levantes mais importantes de escravos em Cuba foram bem mais tardios e menos numerosos. A rebelião mais antiga se deu nas vizinhanças de Santiago de Cuba, em 1677, outras sublevações importantes foram registradas também em 1785 e 1793. O palenque mais famoso da história cubana foi o de El frijol, destruído em 1816. A maior insurreição urbana de Cuba, de algum modo equivalente à rebelião dos malês na Bahia, foi a rebelião dos lucumis (nome dado aos nagôs, ou iorubás, em Cuba) em 1835, encabeçada por Taita hermenejildo, fuzilado em 1836.

VENEZUELA

O primeiro levantamento conhecido ocorreu na região de Coro, em 1532. O líder negro mais famoso da Venezuela foi o Negro Miguel, que se sublevou em 1552 junto com os escravos das minas de Buría, perto de Coro. Miguel era chamado de Rei por seus seguidores. Os cumbes dessa região resistiram intermitentemente por mais de dois séculos. A partir de 1812, com a guerra da independência, muitos dos escravos foram libertados e a fuga quilombola diminuiu.

BRASIL

Os Poderes Instituídos jamais assinaram tratados de paz com escravos ou libertos. As atitudes da colônia portuguesa, Império e República brasileiros, foram inflexíveis e impiedosas. Segundo a edição comemorativa dos 120 anos da Lei Áurea do Jornal do Senado lançado em 13 de maio de 2009, os primeiros relatos de resistência à escravidão são de 1575, quando se registraram fugas de negros da então Capitania da Bahia (Brasil, 2009). Inicialmente, eles se refugiavam em mocambos, espécie de acampamento militar e moradia dos negros. A repressão teve início no ano de 1588, quando foi publicado regimento que estabelecia “punição exemplar” para os fugitivos. Nos quase quatro séculos de escravidão no Brasil, houve grande enfrentamento de tropas do governo e perseguições

determinadas pelos senhores de escravos, que contavam com o trabalho dos capitães-domato (Brasil, 2009).

No Rio de Janeiro, os primeiros registros são de 1625. No século seguinte, os mocambos surgiram em Cabo Frio, Campos dos Goitacazes e Saquarema. O século 18 foi de expansão dos grupos negros. No Maranhão, as tropas atacaram grupos que se reuniam entre os rios Gurupi e Turiaçu no início dos anos 1700. Nas capitanias do Rio Negro e do Grão-Pará, as comunidades negras também recebiam militares desertores e índios. Há registros de fugitivos em outras regiões da Floresta Amazônica, assim como nas capitanias do Espírito Santo e de Minas Gerais. Na segunda metade do século 18, surgem denúncias contra quilombo no Rio Grande do Sul, em Mato Grosso e Goiás.

As capitanias de Sergipe e da Bahia foram tomadas por mocambos no início do século 17. Na Paraíba, em 1691, se formou o Quilombo do Cumbe, combatido em 1731. As comunidades de fugitivos passaram, depois a ser chamadas de quilombos. Em 1740 o Conselho Ultramarino, a fim de direcionar a repressão, define o quilombo como sendo “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”.

As maiores comunidades de fugitivos de toda a América concentraram-se na região açucareira de Pernambuco e de Alagoas. Vários núcleos de povoamento de negros fugitivos formaram o **Quilombo dos Palmares**, que pode ter abrigado mais de 20 mil pessoas por volta de 1670. Os registros indicam sua fundação em 1597. Localizado na serra da Barriga, Zona da Mata alagoana, o quilombo resistiu por mais de um século a fortes combates de tropas do governo colonial. As invasões holandesas no Brasil, entre 1624 e 1654, interferiram na rotina dos engenhos e, com isso, ajudaram a fuga dos negros e a formação dos núcleos de povoamento do quilombo, sendo Macaco, Subupira, Zumbi e Tapocas os principais. Os líderes negros de maior representatividade foram Ganga Zumba e seu sobrinho Zumbi, que acabou assassinado. Foram mais de 18 as expedições realizadas até que se conseguisse acabar definitivamente com o Quilombo dos Palmares, por volta de 1710.

As experiências de resistência não se limitaram ao espaço rural, nem ao tempo da escravidão. Apesar de quantitativamente a ocorrência dos **quilombos rurais** apresentar-se de forma mais expressiva, os **quilombos urbanos** são de grande importância. Os quilombos urbanos ocorreram em todas as cidades brasileiras e constituíram-se em organizações que empregaram e empregam estratégias de organização ligadas a aspectos culturais, educacionais, de recreação e desportiva. A ocorrência deste fenômeno é mais bem documentada na cidade de São Paulo, pelo fato de esta cidade, na época da abolição da escravidão e início da construção do projeto de República, apresentar-se como a de

maior dinamismo social e econômico. No documentário 'Mil Trutas, Mil Tretas' do grupo de rap Racionais Mc's afirma-se que:

A história dos quilombos brasileiros é pouco conhecida. As poucas histórias de quilombo de que a historiografia se ocupou se referem aos territórios negros do mundo rural em plena escravidão. Mas o mundo da monocultura escravista não era somente rural. Embora o centro da produção fossem as fazendas, uma rede de cidades se desenvolveu. Assim como nas fazendas, os trabalhos mecânicos também eram realizados por escravos (Mc's, 2007).

Na ocupação dos territórios paulistas, em 1854, com 30 mil habitantes na cidade de São Paulo, os senhores de escravos moravam em chácaras ao redor da cidade ou em sobrados do centro da cidade, sendo que as ruas eram territórios de domínio das pessoas escravizadas.

Escravos e libertos que viviam em São Paulo no final da escravidão definiam um território negro nas ruas do centro. Um dos pontos destes territórios eram **as irmandades**, organizações religiosas negras. Nossa senhora do Rosário na praça Antonio Prado ou Nossa Senhora dos Remédios na Liberdade. Eram onde em dias de festas cristãs, se batucava e dançava.

As irmandades eram locais de habitação de libertos, sendo que também organizavam fundos de emancipação por meio da compra de alforrias. "Viver em porões ou em habitações coletivas era a forma de moradia acessível aos libertos, única opção de moradia barata acessível nos grandes centros urbanos. A arquitetura das habitações coletivas era semelhante às das zonas urbanas da África Ocidental. Essas habitações coletivas são quilombos urbanos no final da escravidão" (Mc's, 2007).

Com a pressão do Capital Inglês pelo fim do tráfico negreiro os fazendeiros e empresários de São Paulo perceberam a inevitabilidade da abolição da escravatura e passaram a pensar a substituição da mão de obra. A substituição do escravo negro pelo imigrante europeu livre foi acompanhada de um discurso que difundia a solução como uma alternativa progressista³⁸. Sobre este assunto o documentário dos Racionais Mc's afirma:

³⁸ Eric Hobsbawm em seu livro A Era dos Impérios: "Ainda assim o apelo à biologia também tornava mais dramático o desespero daqueles cujos planos para a modernização de seus países foram de encontro à incompreensão e à resistência silenciosas de seus povos. Nas repúblicas da América Latina, ideólogos e políticos, inspirados nas revoluções que haviam transformado a Europa e os EUA, pensaram que o progresso de seus países dependia da "arianização" – ou seja, do "branqueamento" progressivo do povo através de casamento inter-racial (Brasil) ou de um verdadeiro repovoamento por europeus brancos importados (Argentina). Suas classes dirigentes eram, por certo, brancas – ou ao menos assim se consideravam – e os sobrenomes não ibéricos dos descendentes de europeus eram e ainda são desproporcionalmente frequentes nos integrantes de suas elites políticas. [...] A "ocidentalização" parecia suficientemente problemática nesse período, a ponto de sugerir que ela só

Temerosas de um processo de libertação violento como o do Haiti, as autoridades do Império desde cedo procuraram embranquecer o sangue negro, neutralizando sua cultura própria e impedindo o acesso a postos-chaves. E a vinda de imigrantes europeus traria elementos étnicos superiores e através da miscigenação poderiam branquear o país.

A substituição da mão de obra escrava significou a redefinição do lugar do negro na sociedade de escravo a marginal³⁹. Estas pessoas são deslocadas para os locais mais afastados dos grandes centros urbanos. Surgem bairros de presença majoritária negra. Trabalhadores negros⁴⁰ que desta forma passaram a ocupar **bairros inteiros** e imprimiram nestes territórios as marcas culturais de sua presença. Aos pés destas regiões, surgiram núcleos de habitações coletivas onde os negros e mulatos ligados aos serviços domésticos moravam com suas famílias. Este foi um dos movimentos da comunidade negra que configurou três dos quilombos de São Paulo pós-abolição: Barra Funda, Liberdade e Bexiga⁴¹. Estes locais se configuraram territórios negros importantes principalmente com suas escolas de samba, terreiros, times de futebol e salões de baile. Qualquer um desses quilombos paulistanos da primeira República tinha a fama de ser lugar de desclassificados⁴². Os poderes instituídos não apresentaram **Políticas Públicas** para lidar com os problemas da falta de trabalhos qualificados ou falta de moradia desta população. Nas palavras de Washington Luís, ex-secretário da segurança pública e ex-presidente da República, em relação à Várzea do Carmo, atual Parque Dom Pedro, reduto da população negra na época:

É ai que, protegida pelas depressões do terreno, pelas voltas e banquetes do Tamanduateí, pelas arcadas das pontes, pela vegetação das moitas, pela ausência de iluminação se reúne e dorme e se encachoa, a noite, a vasa da cidade, numa promiscuidade nojosa, composta de negros vagabundos, de negras edemaciadas pela embriaguez habitual, de uma

poderia ser realizada com êxito por meio de uma injeção do que hoje chamaríamos de genes ocidentais” (Hobsbawn, 1988).

³⁹ Em 1886 dois anos antes da lei áurea que abolia oficialmente a escravidão, São Paulo era uma cidade com quase 50 mil habitantes, sendo de 25% de estrangeiros. O imigrante europeu substituiu tanto os escravos quanto os libertos na posição de trabalhador. Em 1893 os imigrantes constituíam 80% do pessoal que ocupavam as atividades de trabalho (Mc's, 2007).

⁴⁰ Ser empregado doméstico ou carregador ocasional na estrada de ferro era uma das poucas ocupações possíveis para os homens negros na cidade do trabalho livre.

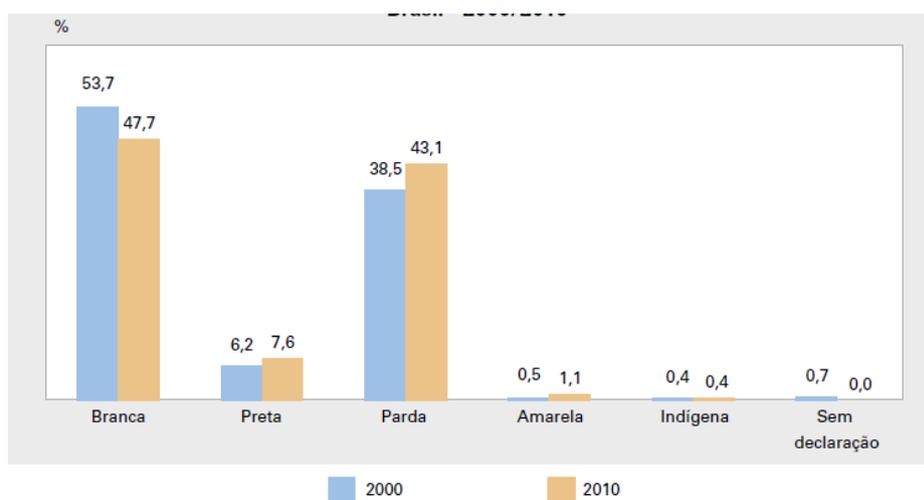
⁴¹ No início do século, era a Barra Funda território mais caracterizadamente negro de São Paulo, suas habitações coletivas abrigavam várias Tias africanas com seus clãs que pouco a pouco com seus batiques familiares foram se transformando em cordões de carnaval. A história do Bexiga como território negro começou no século XIX quando ali existia um quilombo semi rural O Saracura. Mas o Bexiga se tornou realmente território negro com as grandes reformas de embelezamento da cidade que na segunda década do século expulsaram as habitações coletivas do centro velho.

⁴²Relatório Apresentado pelo Chefe de Polícia ao Presidente da Província de São Paulo em 1879: São considerados vagabundos pelo artigo 300 do regimento número 120 de 31 de janeiro de 1842 os indivíduos que não tem domicílio certo, nem profissão ou ofício, nem renda, nem meio conhecido de subsistência. Não tem domicílio certo os que não mostrarem ter fixado em alguma parte do império sua habitação ordinária e permanente, ou não estiverem assalariados ou agregados a alguma pessoa ou família.

mestiçagem viciosa, de restos inomináveis e vencidos de todas as nacionalidades, em todas as idades, todos perigosos. É aí que se cometem atentados que a decência manda calar; é para aí que se atraem jovens estouvados e velhos concupiscentes para matar e roubar, como nos dão notícia os canais judiciários, com grave dano a moral e para a segurança individual, não obstante a solicitude e a vigilância de nossa **polícia**. Era aí que, quando a polícia fazia o expurgo da cidade, encontrava a mais farta colheita.

A posição de marginalidade das comunidades negras só começou a se alterar a partir da década de 1930 com a Frente Negra Brasileira, agremiação turística fundada em 1939 que defendia a necessidade de instrução e organização da vida familiar. Uma das ações concretas da frente foi a compra de terrenos em loteamentos recém-abertos nas periferias da cidade fundando núcleos negros⁴³.

Assim, percebe-se a importância dos quilombos em todas as suas diferentes manifestações no sentido da organização das populações negras em um Estado que manteve um regime escravista por 388 anos e, após sua abolição, com 124 anos de República não apresentou Política Pública reparatória da condição social desta população, tendo por resultado sua exclusão social e econômica. Para ilustrar este argumento, no Censo do IBGE⁴⁴ de 2010 o percentual de pardos, em comparação com o Censo realizado em 2000, cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas). Já a proporção de pretos subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões).



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

Gráfico 2 Distribuição percentual da população residente, segundo a cor ou raça Brasil - 2000/2010

⁴³ Casa Verde, Vila Formosa, Parque Peruche, Rio das Almas e Bosque da Saúde. Bairros inicialmente sem nenhuma infra-estrutura.

⁴⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Mesmo sendo maioria da população, como resultado do processo histórico de exclusão da população negra do mercado de trabalho após a abolição do sistema escravista descrito anteriormente, o Censo de 2010 traz dados que demonstram que as pessoas brancas recebem salários mais altos que as pessoas negras. Segundo os dados do Censo, essa realidade é ainda mais acentuada na região Sudeste, onde os rendimentos recebidos pelas pessoas brancas correspondem ao dobro dos pagos às pessoas negras (Palmares, 2012).

Tabela 1 Pessoas de 10 anos ou mais de idade, total e com rendimento, e valor do rendimento nominal médio e mediano mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, total e com rendimento, segundo o sexo e a cor ou raça- Brasil – 2010

Sexo e cor ou raça	Pessoas de 10 anos ou mais de idade		Valor do rendimento nominal mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade (R\$) (1)			
	Total	Com rendimento (2)	Médio		Mediano	
			Total	Com rendimento	Total	Com rendimento
Total (3)	161 990 266	101 882 118	756,19	1 202,05	510,00	600,00
Branca	77 787 902	51 643 202	1 020,00	1 535,94	510,00	800,00
Preta	12 974 794	8 407 081	539,96	833,21	510,00	510,00
Amarela	1 824 789	1 153 429	994,22	1 572,08	510,00	700,00
Parda	68 779 712	40 387 795	496,04	844,66	255,00	510,00
Indígena	616 927	290 355	345,91	734,88	0,00	510,00
Homens (3)	78 765 859	54 509 799	963,65	1 392,10	510,00	763,00
Branca	36 975 994	27 211 201	1 322,80	1 796,93	600,00	1 000,00
Preta	6 712 927	4 708 292	662,75	944,79	510,00	600,00
Amarela	818 800	575 321	1 345,04	1 913,00	510,00	900,00
Parda	33 945 661	21 866 871	627,85	974,55	510,00	600,00
Indígena	307 976	147 963	412,62	858,75	0,00	510,00
Mulheres (3)	83 224 407	47 372 319	559,85	983,36	200,00	510,00
Branca	40 811 908	24 432 001	745,68	1 245,27	510,00	662,00
Preta	6 261 867	3 698 789	408,32	691,19	224,00	510,00
Amarela	1 005 989	578 108	708,74	1 232,81	250,00	560,00
Parda	34 834 051	18 520 924	367,60	691,31	90,00	510,00
Indígena	308 951	142 392	279,40	606,16	0,00	510,00

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

O DIEESE apresentou em 2013 a pesquisa “O negro nos mercados de trabalho metropolitanos”, onde os trabalhadores e trabalhadoras negras recebem, em média, 36,1% menos do que os trabalhadores e trabalhadoras não negras. Sendo que a diferença salarial e de oportunidades de trabalho são ainda maiores nos cargos de chefia.

Rendimento médio por hora (2011/2012)		
Escolaridade	Negro	Não negro
Fund. incompleto	R\$ 5,27	R\$ 6,46
Fund. completo	R\$ 5,77	R\$ 6,76
Médio completo	R\$ 7,13	R\$ 9,56
Sup. completo	R\$ 17,39	R\$ 29,03
<i>Fonte: DIEESE/SEADE, MTE/FAT e entidades regionais</i>		

Quadro 6 Rendimento Médio por hora (2011/2012)

A pesquisa aponta que as pessoas negras se concentram nas ocupações de menor prestígio e valorização como pedreiros, serventes, pintores, caiadores e trabalhadores braçais na construção, faxineiros, lixeiros, serventes, camareiros e empregados domésticos.

Retomando o pensamento à existência e persistência histórica dos quilombos no Brasil percebe-se a importância de tais comunidades no sentido de organizar esta população historicamente marginalizada. Autores como Abdias do Nascimento (1980) mostram que a multiplicidade dos quilombos, no tempo e no espaço, os torna um movimento social e político autêntico, abrangente e permanente. Para este autor, como foi devidamente descrito, os quilombos foram um fenômeno aparentemente esporádico, para em seguida se tornarem, a partir da improvisação emergencial de seus métodos, em uma forma de vida constante das massas dos povos africanos.

Muitas destas características permanecem nos dias atuais. O que mudou foram seus objetivos e as estratégias utilizadas. Antes os objetivos destas comunidades basicamente se referiam à resistência a escravidão e as estratégias era a fuga, resistência e enfrentamento em lutas. Atualmente, com as mudanças e atualizações das opressões na sociedade, bem como o avanço na conquista de direito destes grupos, os objetivos e estratégias também apresentaram modificações. Hoje os principais objetivos referem-se a resiliência destes grupos dentro de seus contextos sociais. De forma que a posse das terras, o direito à autoafirmação e determinação, respeito à cultura e formas de vida, respeito às manifestações religiosas tornam-se seus objetivos principais. A seguir será apresentada a situação atual dos quilombos brasileiros e os instrumentos criados pelo Estado brasileiro para lidar com a situação.

2.3. Quilombos brasileiros na atualidade

O primeiro momento que o Estado Brasileiro passou a lidar com as comunidades quilombolas no sentido de positivá-las foi na Constituição Federal de 1988. A atual definição oficial do Estado brasileiro de comunidades quilombolas informa que elas “São grupos étnico-raciais segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Decreto 4887/2003). A publicação “Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas” produzido pela Seppir (2013) traz um diagnóstico das comunidades quilombolas no Brasil. Segundo os dados desta publicação existem **2.197 comunidades** reconhecidas oficialmente pelo Estado brasileiro; **2.040 comunidades** certificadas pela Fundação Cultural Palmares, sendo 63% delas no Nordeste; **1.229 processos abertos** para titulação de terras no INCRA; **207 comunidades** tituladas com área total de **995,1 mil hectares**, beneficiando **12.906 famílias**. Considerando que se estima que existam **23.322 mil comunidades quilombolas** no Brasil, os dados mostram que apenas **9.42% das comunidades são tituladas**. O estudo não mostra quantas dessas comunidades tem acesso à assistência técnica.

Os dados socioeconômicos mostram que existem 80 mil famílias quilombolas cadastradas no CADUNICO (Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal); 64 mil famílias, 79,78% do total, beneficiárias do Bolsa Família; 74,73% das famílias quilombolas em situação de extrema pobreza; 92,1% autodeclararam-se pretos ou pardos;

24,81% não sabem ler; 82,2% desenvolve atividades agrícolas, extrativismo ou pesca artesanal⁴⁵.

A tarefa que se apresenta como prioritária é a regularização das terras ocupadas pelos descendentes de antigos escravos. Segundo a pesquisadora Ana Lúcia Valente (2007), as primeiras iniciativas governamentais no sentido de assegurar às comunidades quilombolas a propriedade da terra tiveram curso por intermédio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, em 1991. De 1999 a 2002, ao ser atribuído ao Ministério da Cultura a competência para o cumprimento da disposição constitucional, o INCRA e o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e outros órgãos paralisaram todas as ações em curso, causando prejuízos de custo financeiro e político, além do desmonte das equipes que começavam a criar procedimentos para lidar com a temática.

Durante o período em que a Fundação Cultural Palmares assumiu esta responsabilidade foram realizados levantamentos da realidade de várias comunidades quilombolas localizadas nas diversas regiões do País, mas que não culminaram em ações efetivas (Valente A. L., 2007). Em 2002, como produto desse trabalho foi proposto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável – CNDRS que contemplasse no âmbito do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável recursos necessários à implantação das ações específicas junto às comunidades remanescentes de quilombos. Em 2003, após a criação da Seppir, foi regulamentado o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. O INCRA voltou a assumir a dianteira nesse processo e para garantir a viabilidade de execução do conjunto dessas políticas, foi prevista a capacitação dos funcionários e gestores, além da elaboração de novas normatizações sobre os procedimentos de regularização fundiária e as ações voltadas para a criação de infra-estrutura local e de programa de ações produtivas e de segurança alimentar específicos. O marco legal que sustenta estas ações:

- Constituição Federal de 1988:
 - Artigos 215 e 216 da Constituição Federal – Direito à preservação de sua própria cultura.
 - Artigo 68 da ADCT – Direito à propriedade das terras de comunidades remanescentes de quilombos.

⁴⁵ Em anexo as informações mapeadas pelo Brasil.

- Convenção 169 da OIT (Dec. 5051/2004) – Direito à autodeterminação de Povos e Comunidades Tradicionais.
- Lei número 12.288 de 20 de julho de 2010 – Estatuto da Igualdade Racial
- Decreto número 4.887, de 20 de novembro de 2003 – Trata da regularização fundiária de terras de quilombos e define as responsabilidades dos órgãos governamentais.
- Decreto número 6040, de 7 de fevereiro de 2007 – Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
- Decreto número 6261, de 20 de novembro de 2007 – Dispõe sobre a gestão integrada para o desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola
- Portaria Fundação Cultural Palmares número 98 de 26 de novembro de 2007 – Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres.
- Instrução normativa INCRA número 57, de 20 de outubro de 2009 – Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desinvasão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

Para lidar com esta situação o Governo Federal nas gestões de Luís Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff criaram os seguintes mecanismos:

- **Programa Brasil Quilombola:** Lançado em 12 de março de 2004. Tem o objetivo de consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas. É dividido em quatro eixos sendo que o terceiro eixo trata da **Inclusão Produtiva e Desenvolvimento Local:** Apoio ao desenvolvimento produtivo local e autonomia econômica, baseado na identidade cultural e nos recursos naturais presentes no território, visando a sustentabilidade ambiental, social, cultural, econômica e política das comunidades.
- **Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais:** Criada em 27 de dezembro de 2004.

- **Agenda Social Quilombola** (Decreto 6261/2007), que agrupa as ações voltadas às comunidades.

Este quadro demonstra esforços do Estado brasileiro para lidar com a questão quilombola que se iniciam em 1988 com a Constituição Federal, mas que começaram a serem implantados apenas em 2004. Somente após estes dois marcos históricos, os quilombos surgem enquanto uma questão científica. Por meio de uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Antropologia dos Processos de formação do Departamento de Educação da PUC-RIO (Cardoso & Arruti, 2011), pesquisa a qual objetivou construir instrumentos e subsídios para investigações sobre a situação das comunidades quilombolas, localizou-se o tema “Quilombo” em 368 teses/dissertações, todas produzidas no período de 1990 a 2009.

Segundo as discussões levantadas por este trabalho, a partir de 2004, houve um aumento significativo da produção acadêmica referente a este tema, refletindo o lançamento do Programa Brasil Quilombola. O ápice desta produção ocorreu no ano de 2008 com a produção de 10 teses/dissertações de mestrado e uma de doutorado. Em 2009, esse número diminuiu para 09 dissertações de mestrado e 01 tese de doutorado. Segundo esta mesma pesquisa: “O debate acerca das comunidades negras rurais passou a ser pautado pela problemática relativa à aplicação jurídica ‘comunidades remanescentes de quilombos’ e por sua relação imediata com a postulação legal da regularização fundiária”. Analisando a literatura referente ao tema percebe-se que os temas pesquisados e discutidos referem-se à posse da terra e a valorização dos conhecimentos tradicionais destas comunidades, não sendo localizados trabalhos tendo por temática o acesso à Assistência Técnica para a produção agroecológica.

De forma que, a questão posta por este trabalho aproxima-se dos esforços estatais por meio da proposição da formação continuada dos técnicos extensionistas para lidarem com a realidade quilombola. Sendo que o ponto da **segurança alimentar**⁴⁶ das comunidades quilombolas pode ser respondido com a sistematização de experiências consolidadas de Permacultura, Agroecologia e outras agriculturas alternativas. Em 2004, a Fundação Universidade de Brasília – FUBRA – realizou levantamento socioeconômico e

⁴⁶ Segurança alimentar e nutricional –SAN entende-se a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis. As ações da SESAN estão estruturadas em três eixos: 1. Produção; 2. Comercialização e 3. Consumo.

cultural das comunidades quilombolas de Alcântara (MA), Ivaporunduva (SP) e Kalunga (GO), com a coordenação da Seppir. Constatou-se que nas três comunidades a vulnerabilidade alimentar era grande, assim como são altos os percentuais de pobreza (Valente A. L., 2007). No caso específico deste estudo, a experiência do Kilombo Tenondé pode ser entendida como uma **comunidade intencional internacional** que se articula por meio de redes internacionais de grupos de Capoeira Angola e de Permacultura tendo o intuito de incentivar a mudança de valores humanos e difusão de práticas ecológicas na produção de alimentos orgânicos.

2.4. Gênese do Kilombo Tenondé

O idealizador e coordenador do Kilombo Tenondé é Cinézio Feliciano Peçanha, mestre de Capoeira Angola, conhecido como Mestre Cobra Mansa, um dos fundadores da FICA. Mestre Cobra Mansa começou na capoeira em 1973 junto com Mestre Josias da Silva e Raimundo no Rio de Janeiro, mais precisamente em Duque de Caxias. Jogou capoeira em rodas desta cidade com os mestres Russo e Peixinho de Caxias. Em 1974, começou seus estudos em Capoeira Angola com o Mestre Moraes. Antes de dedicar sua vida à Capoeira Angola, Cobra Mansa trabalhou como fotógrafo e como vendedor de rua. Em 1979 foi para Belo Horizonte, onde trabalhou como policial por 2 anos. Em 1981 passou a residir em Salvador, onde começou a organizar uma escola, a GCAP⁴⁷, juntamente com Mestre Moraes.

⁴⁷ Grupo Capoeira Angola Pelourinho

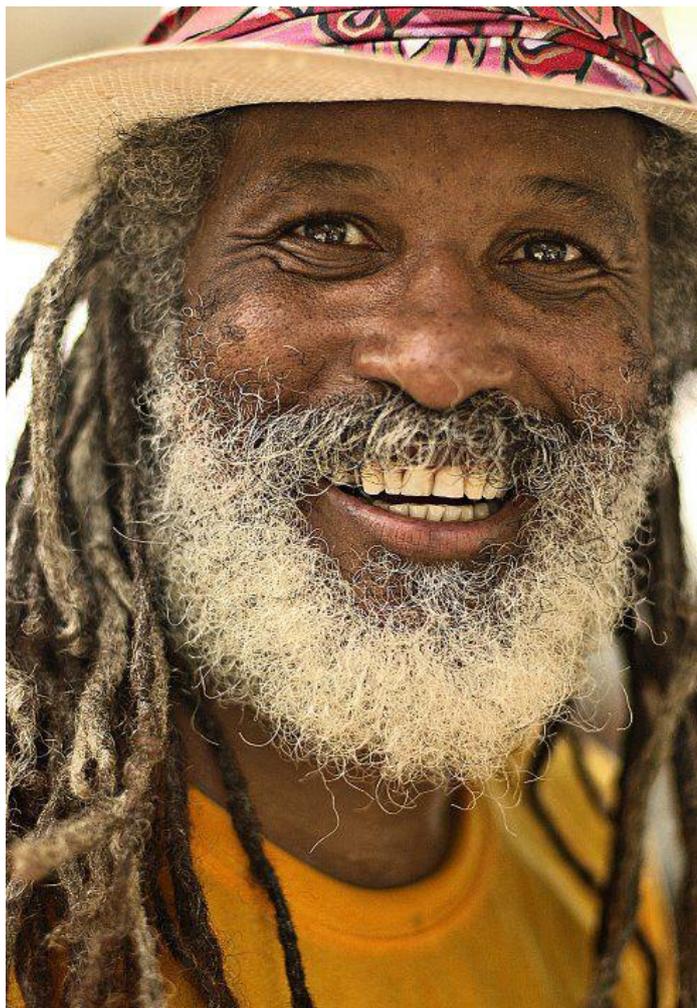


Figura 4 Mestre Cobra Mansa

Foto retirada do perfil do Facebook

Após sua saída do GCAP e criação da FICA, Mestre Cobra Mansa mudou-se para os Estados Unidos, onde abriu uma escola em Washington DC, em 1994. Posteriormente passou a atuar como professor adjunto na George Washington University. Em 2004, deixou os EUA e voltou a residir em Salvador, no Brasil, criando o Kilombo Tenondé.

Porém, como afirma Mestre Cobra Mansa, as sementes do Kilombo Tenondé são muito mais antigas tanto em sua trajetória de vida, quanto na história dos povos ameríndios e afrodescendentes. Em relação à história de vida de Mestre Cobra Mansa, a proximidade com o cuidado da terra antecede qualquer projeto de maiores proporções:

Pra mim, vem de uma coisa desde a infância. Na época que minha mãe tinha uma terrazinha, um terreno baldio, lá de casa eu era o único que me

dedicava a fazer uma horta, assim. Eu me lembro perfeitamente. Eu tinha minha hortinha que tinha tudo, dava tudo. E eu ficava puto, porque eu cuidava, eu levantava de manhã, molhava, aí depois minha mãe dizia que todo mundo tinha direito a comer (Peçanha C. F., 2012).

Suas primeiras experiências de infância o marcaram de forma profunda e tiveram fim após a venda da casa em que residiam. Depois deste primeiro contato, sua próxima experiência marcante com o cultivo da terra ocorreu por volta de 1984, com o grupo **Legião Rasta**, primeiro grupo de jovens interessados no **Reggae** e no **Rastafarianismo**⁴⁸ no Brasil. Este grupo surgiu na Bahia, Salvador, e segundo Cunha (1991) começa a formar-se no início da década de 80 em torno de um ateliê de dois jovens negros, artistas plásticos do bairro da Liberdade. Esta autora informa que em um primeiro momento, o ateliê tornou-se um "ponto de encontro" de parte da juventude local, que passou a adotar os *dreadlocks* como estilo de cabelo, inspirando-se principalmente nos cantores de reggae jamaicanos.

O grupo possuía certa proximidade com o **movimento negro**, apesar de esta relação ter tido complicações devido as diferenças na luta **anti-racista**. Enquanto o movimento negro possuía uma posição mais elitizada, a Legião Rasta buscava uma vivência mais próxima às suas origens africanas, mais ligada à natureza objetivando a construção de outros referenciais estéticos e outros valores culturais.

De volta de uma visita aos Estados Unidos, Mestre Cobra Mansa trouxe ao grupo Legião Rasta um livro sobre o rastafarianismo⁴⁹. Neste livro o movimento rastafári era caracterizado por rejeitar à Babilônia, buscar uma vivência na floresta e o cultivo de seus próprios alimentos. Após leitura, discussões sobre seu conteúdo e significados, ocorreram alguns fatos marcantes com o grupo, como por exemplo, o aprofundamento das divergências com o movimento negro e enfrentamentos com a polícia⁵⁰. Estes fatos levaram os integrantes da Legião Rasta a procurarem formas de por em prática as novas ideias a que tiveram contato. De tal modo, o grupo resolveu afastar-se da cidade de Salvador e

⁴⁸ Neste trabalho o **rastafarianismo** será entendido como um amplo conjunto de práticas e idéias que começaram a se esboçarem em movimentos político-religiosos, e sobretudo étnicos, na Jamaica desde o século XIX. Tais movimentos, intimamente relacionados com a luta contra a opressão da estrutura escravista britânica, tinham vínculos com associações religiosas, organizações e igrejas do sul dos Estados Unidos e do Caribe que, a partir de uma interpretação étnica da Bíblia, começaram a fazer, junto aos negros jamaicanos, pregações nas quais o "paraíso" e a Terra Prometida se localizavam na Etiópia/África. Tal territorialização do mito bíblico permitiu uma ruptura radical com toda uma ideologia colonial e protestante que durante séculos justificou a escravidão apoiada em interpretações religiosas (Cunha, 1991).

⁴⁹ Não foi informado o nome do livro.

⁵⁰ Cunha (1991) informa que os estigmas carregados por este grupo faz com que sejam vistos quase sempre como "sujos", "maconheiros" e "ladrões", principalmente pelos setores policiais.

passaram a morar no sítio de um de seus integrantes em Cachoeira, município do Estado da Bahia⁵¹. Contudo, esta experiência não durou muito tempo:

E a galera foi pra lá nessa viagem de viver na natureza e tal. Só que ninguém conhecia nada de terra, aí na primeira semana uma galera já voltou, outros ficaram um mês. Eu fiquei um mês eu acho. Não tinha comida, não tinha como trabalhar... Tava virando mendigo em Cachoeira. [Mestre] Lua e outros meninos foi que ficaram mais tempo. E essa ideia da terra é que ficou na cabeça, sabe. (Peçanha C. F., 2012)

Esta experiência foi marcante e segundo Mestre Cobra Mansa ensinou a ele uma lição muito importante, qual seja, a necessidade da busca por conhecimento para cultivar a terra e a organização de um grupo para lidar com as situações cotidianas encontradas no meio rural. Estes conhecimentos puderam ser encontrados posteriormente na Permacultura, pois esta ensina justamente como aproveitar da melhor maneira possível os recursos locais para o cultivo de alimentos em ambientes mais próximos à paisagem natural.

Mestre Cobra Mansa continuou sua trajetória na Capoeira Angola, o que o levou a residir em Washington DC, Estados Unidos. A partir deste momento passou a estabelecer contatos com grupos de pessoas que trabalhavam com horta orgânica. Também começou a participar de cursos de Permacultura. Seus projetos em relação ao cultivo da terra ainda se ligavam às ideias da Legião Rasta, ou seja, havia o desejo da compra coletiva de um terreno com pessoas ligadas à capoeira para a formação de uma ecovila⁵². Porém na medida em que visitou algumas Ecovilas e teve contato com os problemas enfrentados por estes grupos suas ideias em relação ao seu projeto mudaram:

Aí, eu desisti de fazer uma eco vila, porque essas que eu visitei, era muita confusão, assim... e o principal era quando as pessoas resolviam não fazer mais parte da ecovila, aí dava muita confusão. Porque a ecovila ficava valorizada, o cara queria vender o valor, mas quem tava lá dentro não queria comprar a ecovila valorizada. Às vezes também tem casal que se separa, um quer vender, etc. Aí, eu fui olhando essas coisas e pensei: esse negócio de ecovila não dá certo. Eu vou comprar meu negócio sozinho e quem quiser vai comprando do lado (Peçanha C. F., 2012).

⁵¹ **A Cidade de Cachoeira** Situa-se às margens do Rio Paraguaçu. Está distante cerca de 120 km da capital do estado, Salvador. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2003 sua população era estimada em 31.071 habitantes. Sua área é de 398 quilômetros quadrados. Cachoeira é uma das cidades baianas que mais preservou a sua identidade cultural e histórica com o passar dos anos, o que a faz um dos principais roteiros turísticos históricos do estado. Além disto, a imponência do seu casario barroco, das suas igrejas e museus, levou a cidade a alcançar o *status* de "Cidade Monumento Nacional" e "Cidade Heroica" (pela participação decisiva nas lutas pela independência do Brasil) a partir do Decreto 68 045, de 13 de Janeiro de 1971, assinado pelo presidente Emílio Garrastazu Médici (Wikipedia, 2013).

⁵² A Ecovila é um assentamento que busca a sustentabilidade em vários níveis, tanto energético como social, espiritual e cultural. É um planejamento de ocupação de uma área onde irão morar várias famílias com um mínimo de impacto possível e com convivência social e trabalhos comunitários (Bueno, 2005).

A escolha do nome foi feita a partir das ligações étnicas com a cultura de matriz africana e indígena. A ideia de quilombo sempre acompanhou a trajetória política de Mestre Cobra Mansa, algo como um objetivo ou meta de seu trabalho na capoeira. Tenonde, em guarani, significa “o primeiro, o que vem na frente”, próximo ao espírito guerreiro de Ogum, orixá que abre os caminhos, Orixá de Mestre Cobra Mansa. De forma que, ele considerou as características de seu Orixá semelhantes às características para as quais a palavra Tenondé se remete. Esta semelhança foi considerada como sendo um sinal de que este seria a função do Kilombo Tenondé: ser o primeiro quilombo a realizar atividades de Permacultura e que suas características poderiam servir como modelo para que outros grupos e organizações possam se espelhar em suas práticas.

O Kilombo Tenonde tem início no final da década de 1990 em uma casa em Coutos, região suburbana de Salvador, onde Mestre Cobra Mansa coordenava um grupo de pessoas na realização de atividades culturais, artísticas, o plantio de hortas com crianças e jovens e construções ecológicas. Em meados de 2004, adquiriu um terreno no município de Valença/BA, para a ampliação do projeto. Para a escolha do local, ele considerou três elementos principais: a existência de um rio, de nascente de água e de uma área de mata. A maior parte do terreno, inicialmente, era de pasto.

Neste momento tem início a construção dos objetivos e metas do Kilombo. Desta forma, considerando o fato de que a trajetória de vida de Mestre Cobra Mansa foi em grande dimensão pautada pelos mesmos valores e práticas existentes nas formas de organização coletivas dos quilombos os objetivos e metas do Kilombo Tenondé foram construídas seguindo esta linha de atuação. Assim em um cartaz criado em torno do ano de 2008 para a realização do primeiro Permangola encontra-se a seguinte informação:

Durante a colonização [brasileira], o povo africano organizou comunidades auto-sustentáveis de resistência contra a escravidão e a opressão baseados em princípios fundamentais da ideologia africana. Apoiados pelos nativos do Brasil e europeus exilados, os Kilombos tornaram-se uma grande comunidade de resistência contra o sistema colonial.

O Kilombo Tenonde reconhece a existência das novas formas de opressão na sociedade moderna e industrializada. E tem como instância maior proporcionar oportunidades de fuga para este enfraquecimento. Agindo na regeneração da criatividade e do pensamento construtivo, nos ideais e na oportunidade de resgatarmos na sociedade, os verdadeiros valores que ao longo do tempo foram esquecidos.

Para Mestre Cobra Mansa um quilombo, na contemporaneidade, remete à ideia de um local de reunião e resistência onde se busca a liberdade interior, pois em sua visão, um dos grandes desafios da nossa era moderna é descobrir como deixar um mundo melhor para as futuras gerações.

2.5. Kilombo Tenondé: Uma comunidade intencional internacional



Figura 5 Símbolo do Kilombo Tenondé



Figura 6 Entrada do Kilombo Tenonde

Fonte: Saída de campo

Localiza-se no povoado de Bonfim, cidade de Valença, no interior do Estado da Bahia. Possui 60 hectares: três (3) de agrofloresta; trinta e três (33) de florestas em regeneração; vinte (20) de florestas preservadas; dois (2) de pastos em recuperação; hortas; lagoas; um rio que passa na propriedade e algumas represas. No centro existe uma área que possui em torno de 5 hectares a parte. Os planos do Kilombo incluem a futura compra deste terreno, pois nele existe uma nascente que alimenta o rio que passa dentro do Kilombo.

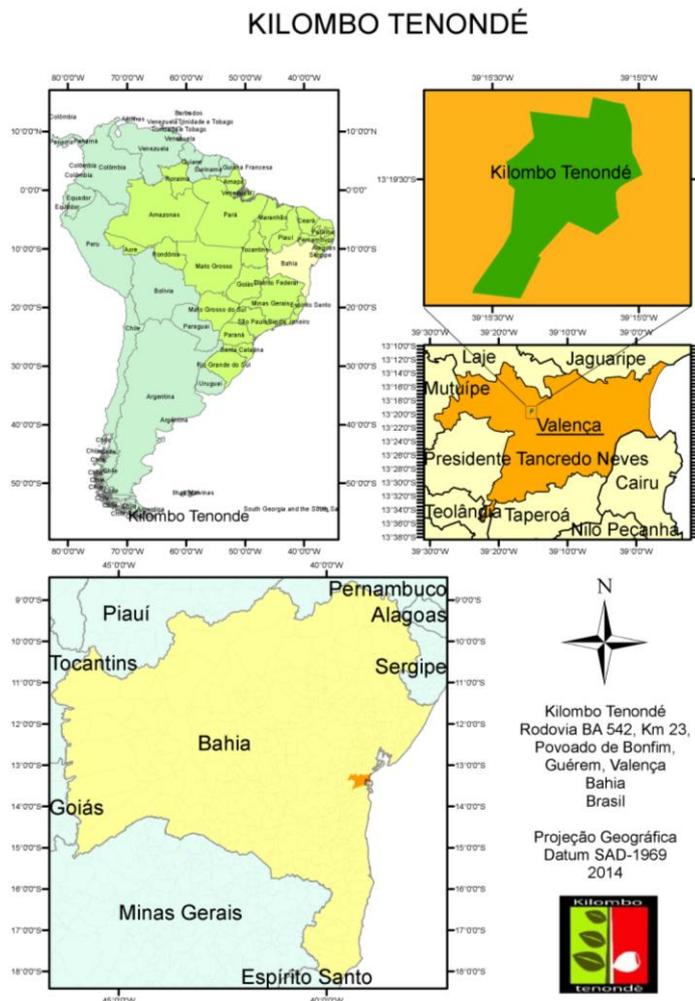


Figura 7 Localização do Kilombo Tenondé

Fonte: Saída de campo

Kilombo Tenondé

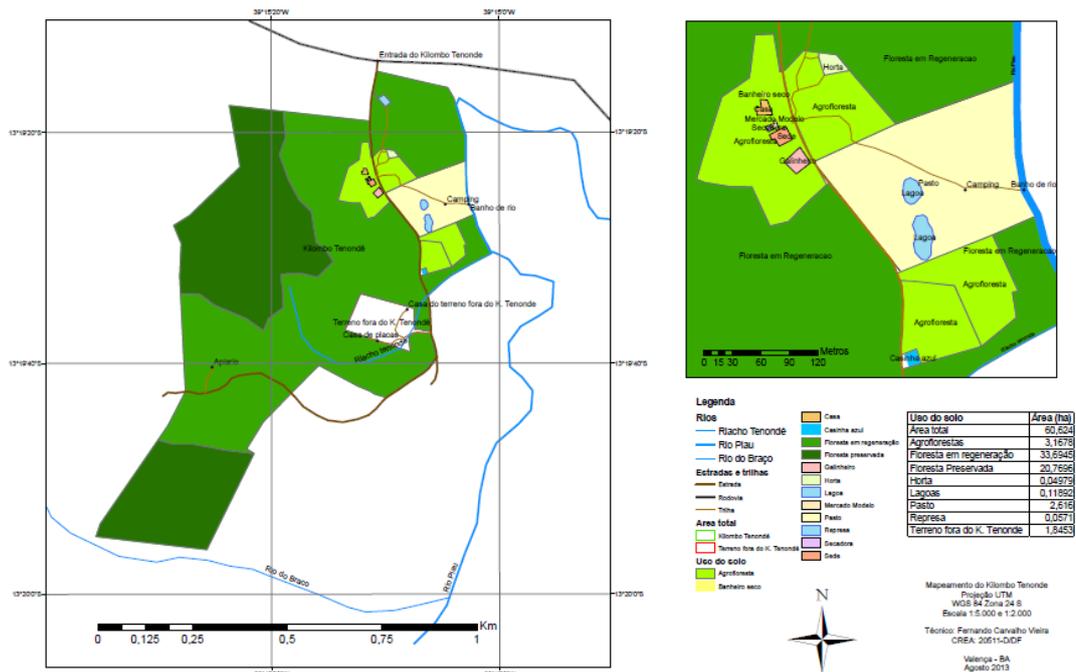


Figura 8 Mapa esquemático do Kilombo Tenondé

Fonte: Saída de campo

Estes mapas⁵³ foram construídos com o objetivo de facilitar o planejamento da futura utilização do espaço, a elaboração do zoneamento Permacultural do local, apresentação da área aos visitantes além de ser útil para compor cadastros de regularização ambiental previstos no novo Código Florestal Brasileiro⁵⁴. Neste mapa é possível ver que o fruto das atividades e trabalhos realizados até o momento concentra-se em torno da sede do Kilombo. Há muito espaço para a ampliação das atividades sendo que o espaço será organizado seguindo alguns princípios da Permacultura com vistas ao melhor aproveitamento possível dos recursos locais. A preocupação com o uso da terra possui ligação com os quilombos historicamente constituídos, pois estes possuíam um sistema produtivo auto sustentado, baseado no trabalho coletivo e comunitário, como descreve Clóvis Moura:

⁵³ Sua construção seguiu as práticas comuns ao Kilombo Tenondé, pois o pagamento deste serviço foi realizado por meio da participação no evento Permangolinha do Engenheiro Florestal responsável, Fernando Carvalho e contou com a participação do Mestre Cobra Mansa é do Dó como as pessoas que conheciam a região e puderam prestar informações referentes aos aspectos geográficos.

⁵⁴ A demarcação da área do quilombo foi feita com GPS através do caminhamento de todo seu perímetro junto aos proprietários da terra. As coordenadas dos vértices da propriedade foram marcadas nos locais sinalizados com pedras e árvores de castanheira real (*Pachira aquática*), comumente utilizada para esse fim na região. O uso do solo nas glebas da propriedade foi demarcado em campo para detalhar o mapeamento. O mapa foi elaborado através do software ArcGis 10.1 ESRI, sistema de UTM, WGS 1984, Zona 24S.

Os quilombos [...] aproveitando-se dos recursos naturais regionais e de elementos retirados das fazendas e dos engenhos, dinamizaram uma agricultura policultora-comunitária, que satisfazia às necessidades dos quilombolas e ainda produzia um excedente comerciável. (MOURA, 1987, p.33).

Décio Freitas, ao falar sobre o modo de produção do Quilombo dos Palmares, confirma que a experiência com a agricultura baseada na policultura já era um costume antigo em África:

Eles [os negros] como que traziam a agricultura na massa do sangue. Na África, haviam sido acima de tudo homens da terra: a agricultura parece impregnar toda história do Continente Negro. O cativo obliterara essa rica experiência agrícola. Ao passo que na África haviam praticado uma policultura baseada em técnicas complexas, no Brasil se tinham visto rebaixados a uma monocultura primária. (FREITAS, 1984, p.35).

Desta forma, o Kilombo Tenonde procura se constituir como uma comunidade que respeita as tradições que o ligam aos povos africanos, porém traz novos elementos que possibilitam sua inserção no campo de disputa das questões em debate na sociedade, como por exemplo, a preservação ambiental, a transição agroecológica da produção alimentar e as relações étnico-raciais.

O principal objetivo do Kilombo Tenonde é a construção de uma **comunidade intencional internacional** que reúna pessoas para a construção de um centro de experiências e aprendizados que envolvam práticas da Permacultura, Agroecologia e atividades artístico culturais, buscando estimular a criatividade, o auto-conhecimento, a consciência de respeito à vida e os valores de convivência humana solidária e em harmonia com a natureza. O que a experiência do Kilombo Tenonde pode ajudar a demonstrar é que com o advento da Internet, com as facilidades de viagens internacionais e um forte elemento identitário, como a capoeira angola, é possível criar uma **comunidade intencional internacional**, como apontou o Coordenador das Atividades Internacionais do Kilombo Tenondé, Gonzalo Hidalgo:

Kilombo moderno é o que em outras partes se chama uma **comunidade intencional**. Tem um propósito que nesse caso é a capoeira e o propósito de morar em comunidade fazendo a permacultura gran parte do desing como estrutura a parte humana e como estruturar a localidade que ela fique sendo cada vez mais sustentável, com produção alimentícia também com o uso sustentável das águas e também de la natureza, não é (Entrevista realizada durante o Permangola de janeiro de 2013).

No *continuum* dos sentidos dos quilombos históricos aos “quilombos” atuais, podemos destacar algumas características, como a de se manter a diversidade de culturas plantadas, de conhecer e respeitar a natureza ao cultivar os alimentos, do trabalho coletivo, voltado

para as necessidades de toda a comunidade, juntamente com o convívio com a diversidade cultural e a troca de conhecimentos e saberes diversos.

2.5.1. Princípios de atuação

No site do Kilombo Tenondé (<http://www.kilombotenonde.com/kilombo-tenonde/>) encontra-se a declaração dos princípios que norteiam esta comunidade:

- Encontro entre Cultura e Natureza;
- Manutenção da ancestralidade, que nas culturas de matriz africana e indígena está relacionada ao encontro com a Natureza, como lugar sagrado;
- Relações coletivas marcadas pela solidariedade, pluralidade e integração;
- Valorização do corpo, como lugar sagrado e cultural;
- Noção holística de desenvolvimento humano, onde corpo e mente, espírito e meio natural estão integrados.

A ligação da **ancestralidade** com a **natureza** e sua conseqüente sacralização traz a tona o respeito aos recursos naturais, visando a manutenção do estoque dos recursos naturais para as próximas gerações. Este princípio oferece suporte às atividades da Permacultura que realizam a recuperação e o aumento destes recursos naturais, tanto em qualidade, com a não utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos, quanto em quantidade, ao aumentar as áreas de agroflorestas. A sacralização da natureza não significa a sua não utilização e ausência de seres humanos para a sua preservação. Ao contrário, por meio desta visão as pessoas tornam-se responsáveis pela natureza, por sua manutenção e desenvolvimento buscando criar uma relação harmoniosa e espiritual com o ambiente.

O princípio que lida com as relações coletivas marcadas pela solidariedade, pluralidade e integração traz o elemento que possibilita pensar em um espaço propício para o estabelecimento de relações de reciprocidade em diferentes dimensões. Pois um espaço com pluralidade de conhecimentos, origens étnicas, campos do conhecimento etc, possibilita a construção de relações de trocas de conhecimentos. Estes dois princípios discutidos fortalecem e trazem a tona dois capitais que se mostram importantes para o Kilombo Tenondé, quais sejam, **o capital natural** e **o capital social**.

2.5.2. Atividades do Kilombo

Ao longo do ano o Kilombo realiza suas atividades cotidianas por meio do trabalho dos seus moradores e das pessoas de outros países interessadas em aprender as técnicas da Permacultura na prática. Estas pessoas trocam sua mão-de-obra por estadia e alimentação. Para serem aceitas como voluntárias, precisam permanecer no mínimo por 2 meses para receberem treinamento no trabalho. Entre os eventos Permangola e Permangolinha também são realizadas outras atividades. No ano de 2013 foram realizados:

- **Curso Prático de Construção de Bambu:** Atividade realizada nos dias 04 e 05 de Maio. Facilitador Bruno Sales graduando do curso de Engenharia Agrônômica e estagiário do departamento de Engenharia Florestal da UFFRJ e da EMBRAPA.
- **Plantando agrofloresta na capoeira: Uma experiência prática.** Oficina de agrofloresta. Facilitadora Renata Rangel Engenheira Florestal formada pela Universidade de Brasília. De 24 a 26 de maio.
- **Oficinas de Mosaico e Capoeira Angola.** Atividade realizada em três (03) dias em outubro de 2013.⁵⁵

Mestre Cobra Mansa foi convidado a partilhar as experiências do Kilombo Tenondé:

- **ECO City Farms Present COME-UNITY:** Em 19 de março de 2013. Palestra sobre: “Capoeira, Percussão e Permacultura”;
- **Festival ‘Jardins dos Imperadores da Rússia’ em Mikhailosky Garden:** Em 09 de julho de 2013. Palestra com o tema: “**Permangola: A experiência da síntese dos princípios ecológicos da Permacultura e as bases filosóficas da capoeira no seminário anual do Kilombo Tenondé**”. Foi montado um jardim Permacultural premiado com Menção honrosa e segundo lugar na preferência do público.
- **A Onda de Angola:** De 09 a 13 de Setembro de 2013. Cali Colômbia. “Promovendo uma comunidade sustentável através da Permacultura e da Capoeira Angola”.

⁵⁵ Cartazes em anexo.

2.5.3. A auto atribuição do Kilombo Tenondé

Para a compreensão das características desta comunidade intencional é necessário compreender a visão que os indivíduos possuem de si mesmo enquanto comunidade. A auto atribuição é instrumento utilizado para a identificação das comunidades quilombolas de ocupação tradicional. Embora o Kilombo Tenondé não se apresente enquanto uma comunidade desse tipo continua sendo necessário construir a identidade do local levando em consideração o que é pensado pelas próprias pessoas que constituem esta comunidade. Para tanto, durante o Permangola 2013, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com as lideranças do Kilombo Tenondé. As pessoas identificadas como lideranças foram as que cumpriram funções de coordenação durante a realização do evento:

PESSOA ENTREVISTADA	FUNÇÃO REALIZADA
Adriano Rasta	Oficina de apicultura
Burro Brabo	Bioconstrução
Cacau Lopes	Minhocário
Dó	Agrofloresta
Fabício	Marceneiro de móveis rústicos
Gonzalo	Permacultor e Coordenador Internacional
Lenhinho	Artesão
Mãozinha	Bioconstrução
Miki	Horta orgânica
Núbia	Cozinha natural
Welisson	Bioconstrução

Quadro 7 Pessoas entrevistadas para a auto-atribuição do Kilombo Tenondé

Fonte: Saída de campo.

Foram realizadas quatro questões⁵⁶ fechadas, além de algumas outras que surgiram ao longo da entrevista, porém, para a construção desta seção, basicamente duas respostas foram utilizadas:

- O que a pessoa entende por quilombo moderno?
- Qual a ligação entre Permacultura e Capoeira Angola?

A primeira característica apresentada foi informada por Adriano Rasta como sendo a abertura por parte do Kilombo Tenondé para a realização de diferentes atividades. Além da liberdade para o desenvolvimento de cursos e oficinas, o uso da terra para a produção de alimentos com divisão da produção em meada. Também é liberado espaços para experimentações. Esta informação confirma o que de maneira informal foi dito por Mestre Cobra Mansa a respeito da relação estabelecida com Dó, responsável pela coordenação do espaço ao longo do ano. Foi informado que além desta função, Dó também comercializa a produção das hortas orgânicas, sendo que o valor da produção é dividido meio a meio entre o Kilombo Tenondé e Dó.

A associação aos quilombos historicamente constituídos foi uma característica constantemente apontada pelos entrevistados. Para estes, o Kilombo Tenondé representa a continuidade da luta travada pelos quilombos. Para Adriano Rasta antes as opressões tinham origem 'dos donos das terras' e hoje esta opressão tem origem 'dos grandes empresários, das multinacionais que dominam o sistema capitalista'. Dó afirma que uma das funções do Kilombo Tenondé é o de constituir-se enquanto um refúgio, o qual recebe as pessoas para que estas se fortaleçam, possibilitando momentos de reflexão e fortalecimento para o posterior retorno à suas vidas. O relato de Fabrício leva a discussão para outra dimensão. Este entrevistado mora em Alto Paraíso de Goiás, local onde existem muitas experiências de Ecovilas. Desta forma, em sua opinião, os quilombos, enquanto comunidades alternativas ao sistema hegemônico podem ser considerados as primeiras Ecovilas do Brasil.

De todos os relatos, o que apresenta a descrição mais interessante é o feito por Gonzalo. A partir deste relato e de suas afirmações foi possível realizar pesquisas que remetem à ideias propostas pelo autor Tim Jackson para lidar com o paradoxo da 'Prosperidade sem crescimento econômico'. Gonzalo afirma que o Kilombo Tenondé é uma **comunidade intencional** com um propósito, neste caso a Capoeira Angola, que reúne

⁵⁶ Em anexo.

peças de diferentes países para a construção de uma comunidade baseada em rede e a estruturação do local para que se torne cada vez mais sustentável, com produção alimentar orgânica e uso sustentável da água e da natureza. Interessante observar que o termo comunidade intencional normalmente se refere às Ecovilas, de forma que dois entrevistados percebem certa ligação do Kilombo Tenondé com as Ecovilas, apesar de o Mestre Cobra Mansa procurar certo distanciamento desta forma de organização, como foi exposto em seções anteriores.

Outra comunidade que possui características semelhantes ao Kilombo Tenondé são os Kibutz⁵⁷. Esta afirmação foi feita por Miki. Nascida em Israel veio ao Brasil de carona em um barco à vela com uma família que há anos mora nesta embarcação em alto mar. Sua intenção inicial foi a de conhecer a Capoeira Angola no Brasil, sendo que esta viagem de barco foi motivada pelo desejo de realizar a mesma rota de viagem dos navios negreiros. Miki morou e trabalhou por algum tempo em algumas destas comunidades em Israel. Em sua opinião, as características que aproximam estas duas comunidades é a partilha entre os membros da comunidade dos frutos do trabalho. Nestes locais não havia diferenciação na quantidade recebida por cada membro e a alimentação também era coletiva. O trabalho, realizado principalmente na época de colheita da Tamara, é realizado de forma coletiva com apoio de trabalho voluntário.

No Kilombo Tenondé, Miki afirmou haver maior liberdade para a criatividade e para o aprendizado por meio da prática. Apesar de ninguém a ensinar algo mais além dos princípios da Permacultura, ela iniciou experimentando e sentindo como cada plantio se comportava e aos poucos foi aprendendo a lidar com a horta orgânica do Kilombo:

Ninguém me ensinou as coisas. Só porque eu estou aqui e é minha responsabilidade eu estou aprendendo só de fazer e é muito legal isso [...] Posso fazer as coisas, acabo que eu to trabalhando o dia todo, mas porque eu quero! Não porque alguém fala faz assim, faz daquele jeito ou faz nesse tempo! Você tem aqui mais liberdade para fazer as coisas que você gosta de fazer! [...] muitos lugares fora você fica estressado por que as pessoas tá mandando em você e aqui você tem a sua tempo pra escolher as coisas que você gosta de fazer e começar a fazer e estudar como fazer, pegar responsabilidade de uma coisa pra outro e pra mim isso é coisa que é bom

⁵⁷ Um **kibutz** (hebraico: קיבוץ; plural: **kibutzim**: מיצובים, "reunião" ou "juntos") é uma forma de coletividade comunitária israelita. Apesar de existirem empresas comunais (ou cooperativas) noutros países, em nenhum outro as comunidades coletivas voluntárias desempenharam papel tão importante como o dos kibutzim em Israel, onde tiveram função essencial na criação do Estado judeu. Combinando o socialismo e o sionismo no sionismo trabalhista, os kibutzim são uma experiência única israelita e parte de um dos maiores movimentos comunais seculares na história. Os kibutzim foram fundados numa altura em que a lavoura individual não era prática. Forçados pela necessidade de vida comunal e inspirados por ideologia socialista, os membros do kibutz desenvolveram modo de vida em comunidade que atraiu interesse de todo o mundo.

pro kilombo também e pra outras pessoas que pode fugir um pouco pra lugar que... não só pra sentar e não fazer nada, mas para descobrir as coisas que ele gosta de fazer, a criatividade, por que eu acho que a criatividade não pode sair quando você tá muito estressado, as vezes é bom, mas quando tá sempre alguém em cima da sua cabeça você não tem confiança, você não pode fazer as coisas. E aqui é o lugar que eu acho que é o melhor para fazer isso.

Outra característica que liga o local com suas origens africanas e indígenas é a **sacralidade** da natureza. Durante o evento Permangola houve algumas oportunidades de presenciar atividades que tinham por objetivo realizar a religação dos participantes do evento com as dimensões sagradas da vida e da natureza. Isto foi feito por meio de rituais como o Temazcal⁵⁸; Um funeral simbólico com plantio de uma árvore, realizado em homenagem à Leandro Lopes, uma dos colaboradores iniciais da comunidade; Oficinas de óleos essenciais e o poder das plantas aromáticas; Fogueiras na beira do rio com cânticos e danças circulares. As palavras de Cacau Lopes descrevem bem esta dimensão:

Aqui acaba sendo um lugar de paz [...] E ai a gente vem aqui e fica num retiro, num silêncio assim da babilônia, da cidade, do centro, então você acaba literalmente se refugiando, então você tá aqui, presente no aqui e agora, assim, intensamente com as pessoas, várias experiências do mundo, então, eu acho que é muito isso.

De fato a religação com as dimensões sagradas da natureza, para Mestre Cobra Mansa, só é possível se as pessoas conseguem alcançar a harmonia interior.

No mundo é impossível você encontrar harmonia se não encontrar harmonia dentro de você primeiro. A harmonia do homem está dentro de si. Todo o segredo do homem, todo o segredo que nós precisamos para o mundo está dentro de cada um de nós. A questão é: Se nós estamos dispostos a entrar dentro de si próprio e buscar dentro de você toda a sua verdade. O capoeirista, ele busca isso. Ele busca a sua essência. Ele busca o que tem de melhor dentro de si, para colocar para fora. O homem moderno, ele precisa hoje em dia, estar mais dentro de si, olhar pra dentro de si. Em contato com a natureza, eu acho que você vai encontrar o verdadeiro sentido da vida. O Kilombo, ele vem trazer exatamente este sentido: O homem em harmonia com si próprio e em harmonia com a natureza. A partir do momento que você encontrar a si, encontra a natureza, você pode fazer um mundo melhor para todos. Mas a resposta está dentro de nós.

⁵⁸ Ritual xamânico sagrado de limpeza física, mental e espiritual. O Temazcal também chamado de ‘Tenda do suor’ ou ‘Sauna sagrada’ possui vestígios nas zonas arqueológicas do México e da Guatemala. É um banho de vapor, porém, com uma profunda conotação espiritual. Na língua Lakota, falada pelos Sioux, significa ‘Útero da Mãe Terra’. Nele, intervêm os quatro elementos: a Terra, que nos apoiamos, o Fogo, onde as pedras são aquecidas, a Água, colocada sobre estas, o vapor, representando o Ar. São utilizadas também plantas medicinais. Trata-se de uma tradição milenar usada por várias etnias ameríndias com o objetivo de curar, limpar e purificar corpo e espírito.

A união entre a Permacultura e a Capoeira Angola é algo que soa natural para estes entrevistados. Para algumas pessoas como Adriano Rasta, Permacultor, Biólogo e Capoeirista esta ligação representou uma possibilidade de unir pontos importantes em sua vida, tanto em dimensões profissionais quanto em dimensões ideológicas. No caso de Cacau Lopes houve a diferença de que ele somente praticava a Permacultura em sua casa e em alguns trabalhos em ONGs. Apesar de nascido em Salvador, nunca havia se interessado em treinar capoeira. Porém ao participar do evento sentiu que de fato existia uma ligação entre estes dois campos do conhecimento. Com o passar do tempo, e participando de outros Permangolas passou a treinar Capoeira Angola.

O relato de Cacau Lopes ajuda a compreender de que forma é possível fazer esta junção. Pois, segundo este entrevistado, a Permacultura foi criada por meio da observação das práticas ancestrais de diferentes povos e sua posterior sistematização. A Capoeira Angola é fruto da resistência da população negra oprimida que buscava meios de libertação do sistema escravista brasileiro. A Permacultura e a Capoeira Angola, juntas, possibilitam a criação de meios de vida adaptadas às condições brasileiras para a produção alimentar orgânica.

A experiência de Fabrício apresenta um contraponto à de Cacau, pois Fabrício foi ao Kilombo Tenondé inicialmente por conta da Capoeira Angola e durante o Permangola teve contato com a Permacultura, apesar das muitas Ecovilas próximas à sua casa. Para este entrevistado a maior semelhança entre estes dois campos de conhecimento é a questão de serem movimentos de resistência. Em sua opinião, tanto a Permacultura quanto a Capoeira Angola, em seus respectivos campos de atuação, resistem ao mesmo sistema de opressões por meio da utilização de conhecimentos ancestrais.

Miki informa que a ligação entre estes campos do conhecimento realiza-se justamente por meio da prática. Para ela a ligação ocorre em uma **Área Cinza**. Nesta região as coisas não são nem pretas nem brancas, ou seja, não é possível afirmar que algo é totalmente verdadeiro ou totalmente falso, dependendo para isso do contexto de cada situação. Esta área cinza é o local que possibilitaria o surgimento da criatividade. Os praticantes tanto da Permacultura quanto da Capoeira Angola precisam observar e interpretar cada situação para escolher a melhor forma de intervenção ou ação.

2.6. Permacultura + Capoeira Angola = Permangola

A realização conjunta destas duas práticas inicialmente foi feita pelo Mestre Cobra Mansa. Sendo Mestre de Capoeira Angola e tendo iniciado seu aprendizado sobre as técnicas da Permacultura, Mestre Cobra Mansa percebeu que tanto a Capoeira Angola quanto a Permacultura possuem várias características semelhantes e poderiam ser realizadas de forma a se complementarem. Desta forma, nesta seção, será apresentada algumas características que segundo Cobra Mansa conectam estas áreas.

2.6.1. Permacultura: Uma Cultura Permanente

Da mesma forma que a palavra 'Permagola' é a junção de duas palavras, 'Permacultura' também é formada pela junção de duas outras palavras, quais sejam, 'Cultura' e 'Permanente'. Isto foi feito por seus criadores, Bill Mollison e David Holmgren, em meados dos anos de 1970. Eles tinham a intenção de descrever um sistema integrado de espécies animais e vegetais perenes ou que se perpetuam naturalmente e que possam ser úteis aos seres humanos (Holmgren, 2007). Uma definição mais atual da Permacultura reflete a ampliação de sua abordagem. Desta forma David Holmgren passou a considerar a Permacultura como um conjunto de técnicas que lidam com paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais.

A Permacultura possui forte preocupação em se aproximar das atuais discussões sobre sustentabilidade, pois há a preocupação em se atingir o objetivo de tornar a humanidade capaz de prover suas necessidades, ao mesmo tempo em que aumenta o capital natural para as futuras gerações. Esta preocupação faz com que a Permacultura busque a autonomia das comunidades, para tanto busca-se a constituição de redes de comunidades e grupos semelhantes que possam atuar em conjunto prestando auxílios e realizando trocas de conhecimentos e experiências. Como mostra Holmgren (2007):

A Permacultura é uma rede de pessoas e grupos difundindo as soluções de design propostas em países ricos e pobres de todos os continentes. Embora a Permacultura não seja em grande parte reconhecida nos meios acadêmicos ou apoiada pelo poder público ou pelo setor empresarial, os permacultores vem contribuindo para um futuro mais sustentável através da reorganização de suas vidas e do seu trabalho em consonância com os princípios de design da Permacultura. Dessa forma, estão criando pequenas mudanças locais que influenciam direta e indiretamente ações nos campos do desenvolvimento sustentável, agricultura orgânica, tecnologias apropriadas e planejamento de comunidades intencionais.

A Permacultura possui uma visão de mundo que fundamenta suas práticas conforme informa David Holgren e Bill Molison:

- O ser humano embora seja um ser diferenciado do mundo natural está sujeito às mesmas leis naturais que governam este mundo;
- A extração de combustíveis fósseis ao longo da era industrial é vista como a causa primária da espetacular explosão do crescimento populacional, da tecnologia e de cada nova característica da sociedade moderna;
- A crise ambiental é real e de uma magnitude que certamente transformará a sociedade industrial global moderna de modos sem precedentes;
- Os impactos da sociedade industrial global no presente e no futuro, assim como os impactos do número crescente de seres humanos são entendidos como muito maiores do que as grandes mudanças ocorridas nos últimos séculos;
- Apesar da inevitável natureza singular das realidades futuras, o esgotamento fatal dos combustíveis fósseis dentro de algumas gerações resultará num retorno gradual aos princípios de design de sistemas observáveis na natureza e nas sociedades pré-industriais, e que se caracterizam por serem dependentes de recursos e energias renováveis.

2.6.1.1. Princípios Éticos e de Design da Permacultura:

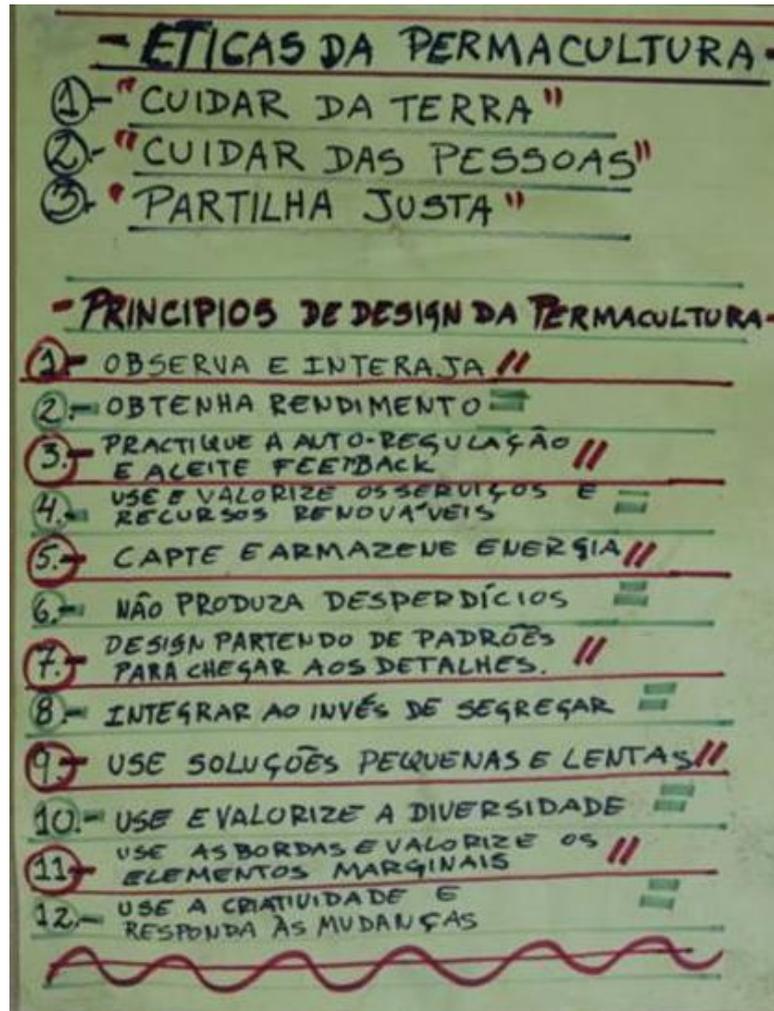


Figura 9 Princípio éticos e de Design da Permacultura

Fonte: Saída de campo

Princípios éticos:

A ética atua como um freio aos instintos de sobrevivência e a outras ações pessoais e sociais em benefício próprio, que tendem a direcionar o comportamento humano em qualquer sociedade. Os princípios éticos são mecanismos que evoluíram culturalmente de modo a promover interesses pessoais menos egoístas, uma visão mais inclusiva de quem e o que constitui uma comunidade, além de uma compreensão de longo prazo das consequências boas e ruins das nossas ações (Holgrem, 2007). De fato, os princípios éticos da Permacultura foram elaborados a partir do estudo e investigação sobre a ética de comunidades mais antigas.

- **Cuidado com a Terra:** As pessoas praticantes da Permacultura assumem que a Terra seja uma entidade viva que por meio de seus processos químico-físicos

mantêm seu equilíbrio. Semelhante a Hipótese Gaia⁵⁹. De modo que para estas pessoas, a Terra necessita de cuidado e carinho da mesma forma que outras formas de vida. O princípio do cuidado com a Terra pode ser entendido como cuidar do solo vivo. O estado do solo é frequentemente a melhor medida para a saúde e o bem-estar da sociedade.

- **Cuidado com as pessoas:** Esse cuidado pode ser traduzido no companheirismo e do trabalho colaborativo para proporcionar mudanças nas relações entre as pessoas. O cuidado com as pessoas começa com o cuidado conosco expandindo-se para incluir as nossas famílias, vizinhos e comunidades locais e, por fim, a sociedade de um modo amplo. O desafio é o crescimento com autoconfiança e responsabilidade pessoal.
- **Partilha justa:** Buscar o que se precisa, seguido do ato de partilhar aquilo que temos com outras pessoas que também necessitam do mesmo, reconhecendo que há limites para o quanto podemos dar e o quanto podemos tomar. Uma imagem que pode facilitar este entendimento é a de uma árvore quando frutifica. Normalmente ela produz muito mais do que uma pessoa pode comer. Faz sentido dividir o que não podemos usar. Leva tempo para pegar, comer, separar e conservar a colheita e há limites para a quantidade de frutos que podemos processar e usar.

Princípios de Design:

Uma palavra-chave para a Permacultura é **design**. Restritamente no caso da Permacultura, este conceito por ser entendido como criação consciente e intencional de sistemas integrados. O processo de criação passa por alocar cada componente do sistema onde este possa melhor se conectar com os demais e possa ser utilizado quando for necessário. É a ciência do melhor posicionamento dos elementos em um plano ou padrão o qual tem por principal função o aumento dos recursos do sistema, a conservação de energia e a redução ou eliminação de poluição ou resíduos (Molisson, 1993). A base científica para os princípios de design em Permacultura situa-se dentro de um ramo da ecologia da ciência moderna chamada de “ecologia de sistemas” (Odum, 1953). Fundamentalmente, os

⁵⁹ A Hipótese *Gaia*, também denominada como hipótese biogeoquímica, é uma hipótese controversa em ecologia profunda que propõe que a biosfera e os componentes físicos da Terra (atmosfera, criosfera, hidrosfera e litosfera) são intimamente integrados de modo a formar um complexo sistema interagente que mantêm as condições climáticas e biogeoquímicas preferivelmente em homeostase. Originalmente proposta pelo investigador britânico James E. Lovelock em 1972 como *hipótese de resposta da Terra*, ela foi renomeada conforme sugestão de seu colega, William Golding, como Hipótese de Gaia, em referência a Deusa grega suprema da Terra – Gaia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3tese_de_Gaia, 2013).

de Mestre Pastinha segundo as informações constantes no quadro das árvores genealógicas da Capoeira Angola.

Dentro da Capoeira existe uma disputa sobre as origens da Capoeira. Um grupo de pesquisadores e Capoeiristas defendem que o nascimento da Capoeira ocorreu no Brasil. Para Mestre Pastinha e os capoeiristas ligados à sua linha de pensamento, a Capoeira veio para o Brasil com os africanos escravizados. Segundo este Mestre, “como seu nome indica, a Capoeira Angola chegou à Bahia com os primeiros escravos angolanos que, à falta de armas, nela encontraram sua melhor expressão de luta” (Pastinha, 1988). A explicação deste Mestre para a formação da Capoeira Angola remete à história brasileira. Desta forma, os negros africanos, no Brasil colônia, foram escravizados e nessa condição não lhes foi permitido o uso de qualquer espécie de arma ou prática de meios de defesa pessoal que viessem por em risco a segurança de seus senhores. Viu-se, nestas circunstâncias, a Capoeira, tolhida em seu desenvolvimento, sendo praticada às escondidas ou disfarçada, cautelosamente, com danças e músicas de sua terra natal.

Por muito tempo sua prática foi considerada crime, sendo tratada como caso de polícia. Para atuar no sentido de reverter esta situação Mestre Pastinha fundou sua Academia de Capoeira Angola. Sua Academia localizava-se no Largo do Pelourinho, posteriormente restaurado e transformado em restaurante, onde Vicente Ferreira Pastinha formou gerações de capoeiristas e de onde foi despejado. Este Mestre faleceu em 13 de novembro de 1981, precisamente quando os poderes públicos passaram a reconhecer a Capoeira como um fenômeno cultural brasileiro.

2.6.2.1. Fundamentos da Capoeira Angola

Os manuscritos de Mestre Pastinha são uns dos documentos mais importantes para a compreensão dos fundamentos da Capoeira Angola. Um dos poucos Mestres que deixou seus ensinamentos em forma escrita. Neles é possível compreender quais os objetivos do ensino e aprendizagem da Capoeira Angola. Para Mestre Pastinha, a Capoeira Angola não visa preparar o indivíduo para o ataque ou defesa contra uma agressão, mas desenvolver, por meio de exercícios físicos e mentais, um estado de equilíbrio fazendo do capoeirista uma pessoa com autodomínio. De modo que, nas palavras de Pastinha, “O capoeirista deve ser calmo, tranquilo e calculista. Além dos exercícios de ordem física dever exercitar-se mentalmente, imaginando situações críticas as mais diversas, que procurará resolver. Se algum dia se encontrar em tais emergências terá maiores probabilidades de vitória”.

Mestre Pastinha valoriza outras dimensões além da física. Para ele, a Capoeira exige certo misticismo, lealdade com os companheiros de 'jogo' e obediência absoluta às regras que o presidem. Para Mestre Cobra Mansa, a Capoeira Angola liga-se diretamente à suas raízes africanas justamente pela manutenção deste misticismo. De forma que no trabalho de Mestre Cobra Mansa é possível perceber seu esforço na manutenção de sua ligação com a filosofia de vida dos antigos, procurando no conjunto de pensamentos deixados como herança ao povo negro no Brasil, possíveis respostas aos desafios enfrentados nos tempos atuais:

A filosofia da Capoeira, ela é uma filosofia de paz, mas ela é uma filosofia de resistência, né? Então, quando a gente aprende a Capoeira, a gente pode aprender com diferentes objetivos, né? Algumas pessoas podem aprender Capoeira pra se defender, outra aprender a Capoeira pra ficar em forma, mas no fundo todos vão descobrir que a Capoeira é muito mais além do que aquilo que a gente tava buscando, que a Capoeira é uma filosofia de vida.

Em uma definição mais poética, Mestre Cobra Mansa afirma que:

Capoeira é luta de bailarino. É dança de gladiador. É duelo de camaradas. É jogo, é bailado, é disputa. Simbiose perfeita entre força e ritmo. Poesia e agilidade. Onde os movimentos são comandados pela música e pelo canto. A submissão da força ao ritmo. Da violência à biologia. A submissão dos antagonicos. A Capoeira tem a pequena roda, que é a roda de capoeira, mas tudo que a gente aprende nesta pequena roda é levada para a grande roda e a grande roda é a roda da Vida.

Os fundamentos aprendidos no jogo da Capoeira devem ser interpretados e transpostos para as questões e desafios da vida em sociedade. Em relação ao papel dos praticantes da Capoeira Angola nas questões sociais e ambientais, Mestre Cobra Mansa afirma que em sua maioria estas pessoas são trabalhadores da construção, professores, estudantes, esposas, maridos, doutores, advogados, banqueiros, administradores, desempregados, músicos e artistas. Todas possuindo uma determinada função dentro da Sociedade:

Somos, inevitavelmente, o elemento básico que constitui a sociedade; ela existe porque estamos nela. Mas ao mesmo tempo, não somos absorvidos ou assimilados a força por esta sociedade e, pessoalmente, acredito que é aí que nos capoeiristas, como qualquer outro grupo na sociedade, podemos fazer diferença, pois, cumprimos com o que nos cabe como parte desta sociedade, contudo, tem uma outra parte das nossas vidas que simplesmente não se "enquadra" dentro desta mesma sociedade que seguimos. Somos, por natureza e/ou por escolha, um tipo diferente de indivíduos: desejamos a liberdade no nível mais profundo de nosso ser.

De forma que em sua visão pessoal, a Capoeira Angola habilita indivíduos a fortalecerem-se para a busca da liberdade das amarras sociais. Porém, Mestre Cobra Mansa não entende esta busca como sendo algo de responsabilidade individual:

Um Homem disse uma vez: "Se você deseja ser livre, você tem apenas que começar a ser livre." A liberdade é um estado mental e não um estado do corpo. Nós somos e continuaremos a ser parte desta sociedade, contudo, não de forma passiva, pois, devemos também continuar a aumentar o que temos de melhor dentro dela. Nenhum sistema ou sociedade pode engolir o que um indivíduo tem de melhor, uma vez que este tenha tomado consciência destas suas virtudes. [...] Embora estejamos abertos para crescermos no espírito e conhecimento da capoeira, queremos evitar a imposição de valores de um grupo de pessoas e burocratas que já tenham criado as suas próprias escalas de valores. Queremos uma comunidade que celebre e encoraje a individualidade e a cooperação entre seus membros; **uma comunidade mundial** de capoeira que respeite diferentes valores, crenças, pontos de vista, práticas, etc; em resumo, o que queremos é uma comunidade que respeite as nossas diferentes estórias e histórias, as nossas vidas diferentes e o nosso crescimento em direções variadas para o seu próprio fortalecimento. Pois, e isto o que nós todos teremos para oferecer através do entendimento e do amor sob a prática e o espírito da capoeira.

A busca de Mestre Cobra Mansa em seus trabalhos é pela construção de comunidades que possuam formas alternativas de convivência para a construção coletiva de soluções para os problemas vivenciados na sociedade. Dentro destes objetivos e desta visão de mundo se insere a construção do Kilombo Tenondé, como já exposto, e o encontro Permangola.

2.6.3. Permangola

Logo após adquirir o terreno do Kilombo Tenondé, Mestre Cobra Mansa organizou o primeiro encontro para a realização de atividades de Capoeira Angola e Permacultura. O primeiro Permangola ocorreu entre os dias 15 a 21 de janeiro de 2008⁶⁰. Neste encontro, participaram dois instrutores de Permacultura e reuniu cerca de 20 pessoas, a maioria formada por não-capoeiristas. Em suas palavras, Mestre Cobra Mansa explica que:

O primeiro Permangola foi com o Tiago, dando um curso sobre o bambu, um pessoal da **OPA**⁶¹ falando sobre superadobe e nós construímos aquele

⁶⁰ Os cartazes dos Permangolas encontram-se em anexo.

⁶¹ OPA: A Organização de Permacultura e Arte é uma instituição fundada em 2004 por artistas, educadores e permacultores de origens e culturas diversas que acreditam na fusão da arte e Permacultura como meios de gerar qualificação, ideias inovadoras, melhoria na qualidade de vida e

tanque [tanque de captação e armazenamento de água da chuva]. O pessoal que veio pro evento da FICA, da capoeira, foi participar (Peçanha C. F., 2012)”.

A partir do seu segundo ano de realização, surgiu o nome “Permangola” e desde então o evento vem sendo realizado anualmente, no mês de janeiro (além de edições de menor escala no período de junho/julho, o “Permangolinha”), sendo crescente a quantidade de participantes. A tabela a seguir apresenta a quantidade de participantes nos eventos Permangola 2008, Permangola 2009, Permangola 2010, Permangola 2013 e Permangolinha 2013:

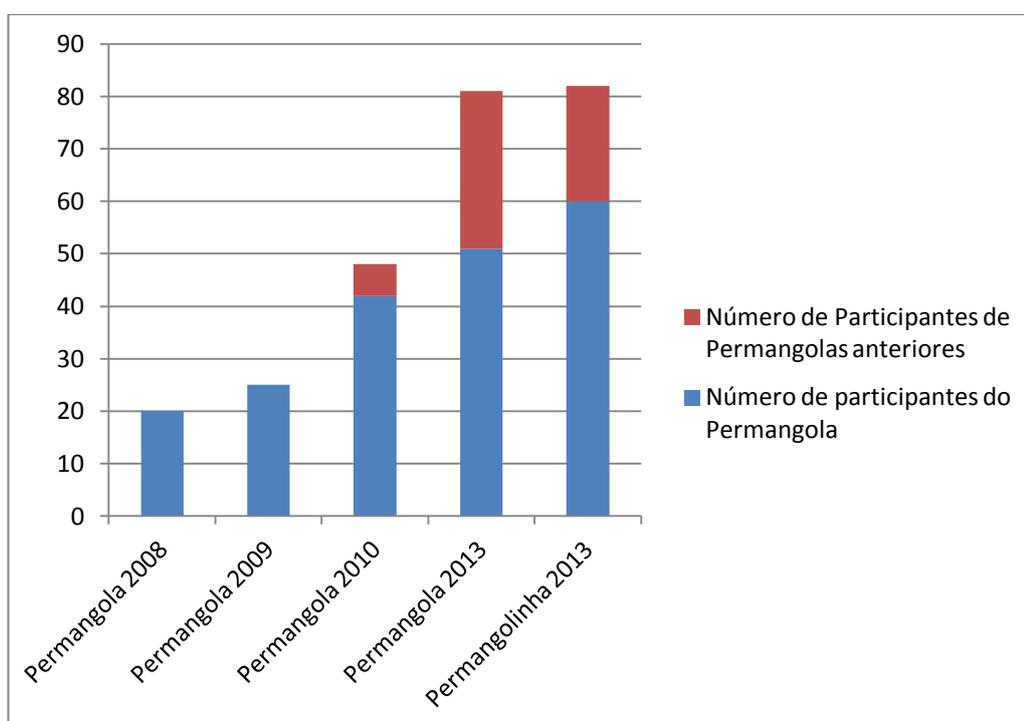


Gráfico 3 Participantes dos Permangolas

Fonte: Dados da pesquisa de campo

As informações foram obtidas durante as saídas de campo, entrevistas com o Mestre Cobra Mansa e nos arquivos do Kilombo Tenondé. Durante o evento Permangola 2008, segundos relatos, não havia divisão entre os participantes e os instrutores. Todos os participantes estavam em condições semelhantes. Durante as entrevistas, Mestre Cobra

soluções na direção de um futuro sustentável, fortalecendo pessoas e suas comunidades (Arte, 2006).

Mansa relata que houve, entre os capoeiristas, certo estranhamento por não compreenderem o objetivo do encontro. Um reflexo deste fato foi a baixa participação de capoeiristas, segundo o relato de Mestre Cobra Mansa de vinte (20) participantes, algo em torno de cinco (05) eram capoeiristas.

Durante a saída de campo realizada no evento Permangolinha 2013 percebeu-se uma mudança, pois, durante este evento a maioria dos participantes possuíam conhecimentos de capoeira. De forma que de oitenta e dois (82) participantes, apenas oito (08) não possuíam nenhum tipo de conhecimento de capoeira. Durante conversas com Mestre Cobra Mansa foram realizados comentários a respeito do fato de que muitas pessoas passaram a treinar capoeira depois de participar do Permangola.

Os dados coletados sobre o número de participantes que retornam ao evento Permangola (Permangola 2010; Permangola 2013 e Permangolinha 2013) são as partes vermelhas superiores das barras dos gráficos. Esta informação é importante para a determinação do sucesso ou insucesso do Kilombo Tenondé em constituir uma comunidade. Para apresentar maior grau de confiança sua série histórica necessita ser coletada de forma constante ao longo dos eventos subsequentes.

O local de origem dos participantes também é um dado que possibilita a mensuração em relação ao objetivo do Kilombo Tenondé de se constituir enquanto uma **comunidade intencional internacional**. De tal forma, a partir dos dados obtidos foi possível criar um quadro da evolução dos locais de origem dos participantes⁶².

Tabela 2 Local de origem dos participantes dos Permangolas

LOCAL DE ORIGEM DOS PARTICIPANTES						
LOCAL DE ORIGEM	DE PERMANGOLA 2009	PERMANGOLA 2010	PERMANGOLA 2013	PERMANGOLINHA	TOTAL	
BRASIL	13	38	50	58	15	9
USA		3	3	7	13	
ISRAEL	1		3	3	7	
FRANÇA			2	4	6	
SUÉCIA	1	1	1	3	6	
ARGENTINA			4	1	5	

⁶²Por falta de informações nos arquivos, não foi possível obter as informações de todos os eventos.

INGLATERRA	2	1	1	4
CANADÁ	1	2		3
PERU		1	2	3
ÁFRICA DO SUL	2			2
ALEMANHA	1		1	2
ESPANHA		1	1	2
RÚSSIA	1	1		2
COLÔMBIA			1	1
CONGO		1		1
EQUADOR		1		1
ESCÓCIA		1		1
FINLÂNDIA	1			1
HOLANDA		1		1
ÍNDIA	1			1
ITÁLIA		1		1
MARTINICA		1		1
MÉXICO			1	1
MUNDO	1			1
UCRÂNIA		1		1
URUGUAI			1	1

Fonte: Saída de campo e arquivo do Kilombo Tenondé

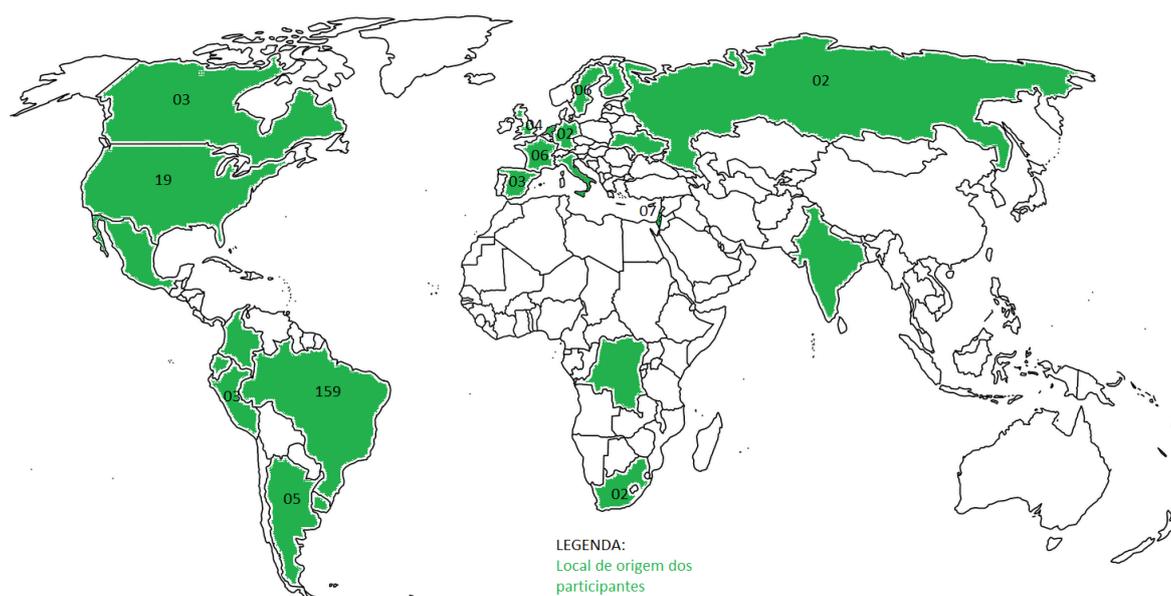


Figura 101 Local de origem dos participantes dos Permangolas (2009; 2010; 2013)

Fonte: Saída de campo e arquivo do Kilombo Tenondé

O crescimento no número de participantes indica que de fato uma comunidade está se formando, pois os participantes que tiveram uma boa vivência retornam a eventos subsequentes e convidam outras pessoas. Do Permangola 2009 para o Permangola 2010 o crescimento no número de participantes foi de 92%. Já o crescimento no número de participantes do Permangola 2013 para o Permangolinha 2013 foi de 1,2%. Sendo que o tempo transcorrido entre estes dois eventos foi de seis meses.

A evolução do Permangola em seu período de existência, cinco (05) anos, apresenta a realização de oito (08) eventos, sendo seis (06) Permangolas e dois (02) Permangolinhas. Neste período o crescimento no número de participantes foi de 224%. Neste período registrou-se a participação de pessoas de vinte e quatro (24) países diferentes⁶³. A participação das pessoas ligadas à Rede Social da Capoeira Angola, apesar de certa resistência inicial, aumentou de forma significativa. Por fim, a quantidade de pessoas que participaram de um dado Permangola e resolveram participar de eventos posteriores aumentou de seis (06) pessoas, no ano de 2010, para vinte e duas (22) pessoas, em julho de 2013, sendo que em janeiro de 2013 este número foi de trinta (30) pessoas.

Apoiado nestes dados é possível defender a posição de que a estratégia de funcionamento do Kilombo Tenondé está sendo bem sucedida.

2.6.3.1. Metodologia de ensino do Permangola

As raízes da metodologia do Kilombo Tenondé encontram-se nos quilombos descendentes dos povos africanos escravizados nas América do Norte, América Sul e Caribe. Suas práticas tem origem nos processos de aprendizados de civilizações africanas como o Egito Antigo. No livro 'The Maroon within us' escrito por Asa G. Hilliard (1995) os processos de aprendizado desta civilização são descritos detalhadamente. Para este autor, a criação dos quilombos nas Américas e Caribe realizou-se como consequência da brutal destruição das civilizações africanas. Estes atos não se igualam a nenhum outro fato da história escrita. Porém, "durante a longa noite da escravidão, milhões de pessoas escravizadas libertaram-se a si mesmas e estabeleceram quilombos onde podiam viver de

⁶³ Este valor está sub-representado, pois não foi possível ter acesso aos arquivos de todos os eventos.

forma independente, sendo que ainda nos dias atuais existem remanescentes destes grupos”.

Na América do Norte, os quilombos são conhecidos como ‘Maroons’, termo originário da palavra espanhola ‘Cimarron’, a qual se refere ao gado solto que retorna ao estado selvagem. A grande quantidade de comunidades ‘marrons’ existentes no período escravista possuíam muitas características em comum:

- Localizavam-se em lugares que eram virtualmente inacessíveis aos escravizadores;
- Utilizavam a hostilidade do ambiente em sua vantagem;
- Eram auto-suficientes;
- Eram culturalmente distintos;
- Possuíam certa fragilidade em relação à traições;

A partir destes locais, estabeleceu-se a construção de um sistema de educação baseado em fundamentos preservados das antigas civilizações africanas. A educação Africana desenvolvida nestes locais fundamenta-se em um profundo respeito à natureza e nasce de uma profunda crença de que a humanidade faz parte da natureza (Hilliard, 1995). Não se esperava que os aprendizes obtivessem apenas habilidades técnicas. Eles deviam lidar com uma perspectiva social. Todos eram introduzidos à ideias profundas por meio de **provérbios, analogias, parábolas e histórias com lições morais**. Aos estudantes eram dadas responsabilidades reais e esperava-se iniciativa para lidar com as situações vivenciadas. Ensinava-se cortesia e respeito às pessoas mais velhas e com as demais pessoas da comunidade (Hilliard, 1995).

A memória era valorizada, como objeto de análise, explicações e imitações desde que estas servissem como modelos para os comportamentos esperados na comunidade. Era fundamental a crença na unidade e interconectividade de todas as coisas por meio do uso de analogias, as quais eram ferramentas pedagógicas poderosas para ensinar que: “O que está em cima é como o que está em baixo” como na música de Jorge Ben ‘Hermes Trismegistro e sua celeste Tábua de Esmeralda’ em seu Álbum ‘A Tábua de Esmeralda’ (Ben, 1974).

Nestes sistemas educativos existiam rituais e momentos de iniciação e/ou transição importantes para o ensino de valores e visões de mundo. Para a realização deste processo os seguintes procedimentos eram incluídos no processo de iniciação:

1. Os iniciados eram segregados fisicamente das atividades regulares da vida cotidiana;
2. Eram afastados do ambiente familiar e passavam a ter contato direto com a natureza;
3. Os iniciados compartilhavam uma vida em comum;
4. Eram separados de seus pais e de sua comunidade;
5. Renunciavam a todos os chamados de sua experiência passada;
6. Eram ensinados pelas pessoas mais velhas de sua vila ou cidade;
7. Vestiam roupas mais rústicas, as quais simbolizavam as roupas utilizadas pelos primeiros homens e mulheres;
8. Participavam de rituais de banhos purificadores;
9. Passavam por testes de audácia, coragem, velocidade, resistência, modificações e escarificações.

Neste sistema educacional, é dada maior atenção para as características sociais e coletivas que poderiam facilitar o desenvolvimento educacional. Este era um esforço coletivo bem mais do que individual (Hilliard, 1995). O processo de educação tinha início com a **observação da natureza**. Os iniciados eram postos juntos a algum Mestre como aprendizes. Mas o propósito do aprendizado era ensinar ao estudante as leis da matéria. Era o conhecimento destas leis que separava o trabalho dos Mestres do trabalho realizado por outros trabalhadores.

Durante o aprendizado o iniciado era exposto a problemas de consciência. Isto permitia o desenvolvimento de um senso de responsabilidade e julgamento. Ao final de um processo de aprendizado bem sucedido, ao iniciado era oferecido a chance para escolher entre dois caminhos: O caminho do poder político ou o caminho da sabedoria.

2.6.3.2. Descrição da Metodologia de Ensino do Permangola

A metodologia de ensino utilizada pelo Kilombo Tenondé durante o evento Permangola inicia com o contato direto com a natureza e a observação dos processos e ciclos naturais. A medida que as pessoas chegam ao Kilombo Tenondé, Mestre Cobra Mansa as recebe retirando suas bagagens de viagem e oferecendo um mergulho no

Rio. Em suas palavras, isto serve para a retirada das energias trazidas da cidade e para o pedido de bênção às águas.



Figura 11 Rio do Kilombo Tenondé

A observação da natureza também é uma característica importante no aprendizado da Permacultura. A partir da observação dos padrões naturais espera-se obter informações necessárias para a construção de padrões humanos para casas, comunidades e redes. A Permacultura em sintonia com os conhecimentos indígenas, africanos e de outros povos tradicionais, propõe que as pessoas estejam em contato direto com suas necessidades, observando as leis da natureza antes de dar cada passo:

O planejamento em Permacultura é desenvolvido através da cuidadosa observação dos padrões naturais e das características de cada lugar em particular, o que permite uma gradual implementação de métodos ótimos para integrar instalações humanas com os sistemas naturais de produção de energia como florestas, plantas comestíveis, aquicultura, animais silvestres e domésticos, dentre outros. (Holmgren, 2007)

Em seguida é realizada uma **trilha coletiva** pelo território do Kilombo Tenondé. Seu Brasilino⁶⁴ é responsável pela caminhada. Esta trilha é utilizada para o reconhecimento do território pelos participantes de modo a ensiná-los como realizar uma **leitura da paisagem**. Seu Brasilino explica o processo histórico da formação do local e as espécies vegetais existentes nas matas, além de explicar os possíveis usos tradicionais das plantas.



Figura 12 Seu Brasilino na trilha coletiva

Após a recepção dos participantes, é feita a inscrição dos mesmos é dado início às atividades do Permangola. A tabela a seguir apresenta as atividades desenvolvidas no Permangola e Permangolinha 2013.

⁶⁴ Seu Brasilino é pai de Dó, uma das pessoas responsáveis pela manutenção do Kilombo Tenondé. Ambos possuem terrenos próximos ao Kilombo e nasceram e foram criados no local. De fato, segundo relatos de seu Brasilino, sua mãe era Dona de um terreno de aproximadamente 500 hectares, o qual englobava o terreno do próprio Kilombo Tenondé. Ao falecer deixou de herança para seus filhos este terreno, que por diversos motivos acabaram sendo vendidos para outras pessoas.

PROGRAMAÇÃO DO PERMANGOLA 2013							
HORÁRIO	TERÇA FEIRA DIA 15	QUARTA FEIRA DIA 16	QUINTA FEIRA DIA 17	SEXTA FEIRA DIA 18	SÁBADO DIA 19	DOMINGO DIA 20	
05:30-07:30	CHEGADA	TREINO DE CAPOEIRA ANGOLA	TREINO DE CAPOEIRA ANGOLA	TREINO DE CAPOEIRA ANGOLA	TREINO DE CAPOEIRA ANGOLA	TREINO DE CAPOEIRA ANGOLA	
05:30-07:30	CHEGADA	AULA DE YOGA	AULA DE YOGA	AULA DE YOGA	AULA DE YOGA	AULA DE YOGA	
08:00-09:00	CHEGADA	CAFÉ DA MANHÃ	CAFÉ DA MANHÃ	CAFÉ DA MANHÃ	CAFÉ DA MANHÃ	CAFÉ DA MANHÃ	
09:00-12:00	INTRODUÇÃO À PERMACULTURA (BIOCONSTRUÇÃO)	INTRODUÇÃO À PERMACULTURA II	TRATAMENTO DE ÁGUA E SISTEMA DE IRRIGAÇÃO	AULA DE CAPOEIRA ANGOLA	CONFEÇÃO DE BERIMBAU	FINALIZAÇÃO DO BERIMBAU	
09:00-12:00	PRÁTICA DE BIOSCONSTRUÇÃO	PRÁTICA DE AGROFLORESTA	PODA E ENXERTIA	PRÁTICA COM BAMBU: MANEJO E CONSTRUÇÃO	INTRODUÇÃO À ABELHAS NATIVAS	FINALIZAÇÃO DO BERIMBAU	
12:00-14:00	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	
14:00-17:00	PRÁTICA DE MANEJO AGROFLORESTAL	INTRODUÇÃO À AGROFLORESTA	PODA E ENXERTIA	AULA DE BERIMBAU	JOGO DE FUTEBOL	CONTOS DE CASOS DO PERMANGOLA	
17:00-18:00	CAMINHADA DE RECONHECIMENTO DO KILOMBO	ATIVIDADE EXTRA	TEMASCAL (SAUNA SAGRADA)	AULA DE PERCURSSÃO	RODA DE CAPOEIRA NO POVOADO DE BONFIM	CONTOS DE CASOS DO PERMANGOLA	
20:00-22:00	JANTAR/RODA	JANTAR/RODA	JANTAR/RODA	JANTAR/RODA	JANTAR/RODA	ENCERRAMENTO	

Quadro 8 Programação de atividades do Permangola

Fonte: Saída de campo

Basicamente a dinâmica de ensino do Permangola consiste na alternância entre atividades de Capoeira Angola e atividades teóricas e práticas de Permacultura, entremeadas por outras **atividades complementares**. Estas são oferecidas pelos bolsistas em troca da participação no evento. Desta forma, os dias têm início às cinco horas da manhã (05:30) com um treino de Capoeira Angola.



Figura 13 Treino Contra Mestra Gege e roda de capoeira

Nos primeiros eventos, eram realizados apenas treinos, sem aulas de movimentação, porém ao notar que havia muitos participantes que não praticavam capoeira, passou-se a alternar treinos de capoeira com aulas de movimentações mais básicas. Considerando que existe uma divisão entre os participantes que possuem maior conhecimento em Capoeira Angola e outros que possuem maiores conhecimentos em Permacultura, neste primeiro momento as pessoas praticantes da Capoeira Angola assumem certa posição de destaque servindo de instrutores dos demais participantes.

Após esta primeira atividade matinal o café da manhã é servido. A pessoa responsável pela alimentação no Kilombo é a Núbia Maria Santana de Souza, natural de Valença. Ela residiu no Kilombo por um curto período de tempo.



Figura 14 Núbia, responsável pela cozinha no Permangola 2013

Fonte: Saída de campo



Figura 15 Café da manhã

Fonte: Saída de campo

Para o evento, Núbia prepara pratos integrais, vegetarianos, aproveitando praticamente todas as partes de frutas, legumes e vegetais, sendo que a maior parte dos alimentos é proveniente da horta orgânica do Kilombo ou de doações feitas pelas propriedades vizinhas. Os momentos de refeição são utilizados como horários de convivência e intercâmbio de conhecimentos e vivências. Como posto por Gonzalo Hidalgo, a prática de alimentação coletiva formando pequenos círculos de convivência é uma prática vernacular e antiga.

Após o café da manhã são realizadas atividades teóricas e práticas de Permacultura. É quando ocorre a troca de posições entre os participantes do evento na relação de aprendizado. As pessoas que possuem maiores conhecimentos em Permacultura ocupam posições de instrução e as pessoas que possuem menores conhecimentos passam a ocupar a posição de aprendizado. Em alguns casos, a posição de instrução, tanto na Capoeira angola quanto na Permacultura, são ocupadas pelo mesmo indivíduo, como por exemplo, as pessoas que organizam o evento: Mestre Cobra Mansa, Mãozinha, Adriano e Dó.

Após a realização de aulas teóricas sobre as atividades de Permacultura, os participantes são divididos em grupos, pois são realizadas duas ou mais atividades práticas simultaneamente.



Figura 16 Bioconstrução

Fonte: Saída de campo



Figura 17 Dó, Renata Rangel e Mãozinha explicando a Bioconstrução



Figura 18 Mestre Cobra Mansa na Horta orgânica



Figura 19 Miki e voluntária na Horta orgânica



Figura 20 Participantes do evento Permangolinha 2013 trabalhando na agrofloresta inicial

Após a realização das atividades do período da manhã, é servido o almoço. Durante o Permangola 2013 foi realizada pela primeira vez uma oficina de **cozinha natural** onde Núbia ensinou a preparar o prato **Moqueca de jaca**⁶⁵.



Figura 21 Oficina de alimentação natural



Figura 22 Oficina de alimentação natural

⁶⁵ Receita em anexo.



Figura 23 Moqueca de jaca

Após o almoço, as atividades iniciadas pela manhã são retomadas no período da tarde. No início da tarde, após o término das atividades de Permacultura realizadas no dia, é aberto um espaço para a realização das atividades complementares. É um momento de trocas de conhecimento entre os participantes, sendo que nestes momentos não existe uma demarcação rígida entre instrutores e aprendizes.

No primeiro dia do evento e no sábado são realizadas duas rodas de Capoeira Angola. A primeira é a roda de abertura do evento e nela são apresentadas os Mestres, Professores e instrutores e a programação do evento. A segunda roda é realizada no sábado no Povoado de Bonfim no Bar da Dona Neide. Nesta roda, ocorre a presença da comunidade e de capoeiristas da região.



Figura 24 Roda de Capoeira com Mestre Cobra Mansa, Mestre Lua de Santana e Mestre Lua Rasta

Por fim, uma atividade que apresenta grande importância para o evento por realizar a conexão com as matrizes indígenas é a realização do ritual Temazcal. Este é um ritual conhecido como sweat lodge – um cerimônia antiga de purificação que trabalha com os quatro elementos para curar o corpo, a mente e o espírito significando um retorno ao útero da mãe Terra para a cura e o renascimento de uma nova pessoa. Busca-se realizar o ritual em uma noite de lua cheia. As pessoas que desejam participar devem, durante o dia, realizar certos procedimentos que os preparam para o ritual. Um grupo de 10 pessoas é escolhido. Estas pessoas devem montar o local do ritual com bambu, folhas de bananeira e madeira e, por fim, devem preparar a fogueira.

Após a construção do local de realização do ritual, uma pessoa é escolhida como guardião do fogo, responsável por sua manutenção. Esta fogueira aquecerá as pedras que serão utilizadas para gerar os vapores purificadores. Quando o ritual tem início, as pessoas entram e ocupam seus lugares dentro da estrutura, as pedras são inseridas e é jogada sobre as pedras água com ervas aromáticas. Em seguida tem início orações individuais onde cada pessoa busca em seu interior as questões que se mostram mais importantes em sua vida. A temperatura é elevada gradualmente, da mesma forma, as orações e as dinâmicas são intensificadas.

Após a sauna sagrada as pessoas vão ao Rio dar continuidade ao ritual. Neste local as sensações vivenciadas são compartilhadas entre todos em um círculo formado dentro da água. Por fim a última etapa do ritual é o compartilhamento da refeição.



Figura 25 Construção da estrutura do Temascal



Figura 26 Mestre Cobra Mansa e Gonzalo Hidalgo



Figura 27 Fogo Sagrado

Fonte: Davide Baroni

Para dar continuidade a esta discussão, na próxima sessão, antes de apresentar os dados financeiros do evento, será discutida as possíveis formas de operacionalizar os resultados obtidos no estudo de caso realizado no Kilombo Tenondé para auxiliar na constituição de uma proposta de Unidade Demonstrativa para a formação continuada dos

técnicos extensionistas em metodologias participativas e dialógicas em sua relação com comunidades quilombolas tradicionais dentro das premissas da nova PNATER.

2.6.3.3. *Possibilidades de operacionalização das experiências do Kilombo Tenondé na nova PNATER*

A partir da observação e reflexões posteriores sobre a **metodologia de ensino** utilizada pelo Kilombo Tenondé nos eventos Permangola e Permangolinha foi possível perceber que existem potencialidades que podem ser exploradas no sentido de criar generalizações que possam colaborar com a solução dos desafios enfrentados nas diferentes realidades das comunidades quilombolas. Desta forma, o estudo de caso realizado no Kilombo Tenondé aponta para a possibilidade de a partir da sistematização de outras experiências semelhantes, criar uma metodologia participativa e dialógica que possibilite o trabalho junto à comunidades quilombolas.

Iniciando esta discussão a partir da metodologia de ensino do Permangola, é possível perceber que esta metodologia foi criada a partir do encontro de dois campos do conhecimento distintos, quais sejam a Permacultura e a Capoeira Angola. Ao realizar as atividades teóricas e práticas destas duas áreas de **forma alternada** com a inclusão de **atividades complementares** o Kilombo Tenonde criou a metodologia de ensino e aprendizado utilizada no Permangola.

A partir desta experiência, e buscando uma generalização passível de lidar com diferentes conhecimentos em diferentes realidades, neste trabalho assume-se ser possível gerar metodologias semelhantes adaptadas a diferentes contextos. A ponte que este trabalho pretende construir é a que possibilita traçar paralelos entre o ensino da Capoeira Angola e da Permacultura, com a realidade encontrada pelos Técnicos Extensionistas quando em seu trabalho de campo junto às comunidades quilombolas, povos Indígenas, Riberinhos. Foi montada a seguinte equação, na qual em sua primeira parte entram dois conhecimentos distintos e em sua segunda parte, tem-se como resultado a prática do ensino simultâneo destes dois conhecimentos. Algo como:

Equação 1

$$\text{Capoeira Angola} + \text{Permacultura} = \text{Permangola}$$

Onde:

Capoeira Angola = Conhecimento Tradicional de um determinado grupo (CT)

Permacultura = Conhecimento Sistematizado para a produção orgânica (CS)

Permangola = Metodologia Participativa e Dialógica (MPD)

De modo que a equação genérica seria:

Equação 2

$$CT + CS = MPD$$

De tal forma espera-se, tendo o Permangola como ponto de partida, dar início à uma **Agenda de Pesquisas** com o fim de construir **Metodologias Participativas e Dialógicas** para serem utilizadas em uma **Unidades Demonstrativas** segundo os princípios elencados na nova PNATER para a formação de Técnicos Extensionistas de modo a habilitá-los a estabelecer relações dialógicas com as comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e produtores familiares. Para a realização desta tarefa, reconhece-se que apenas com as informações obtidas neste estudo de caso não seja possível a criação de tal Metodologia ou mesmo tal Unidade Demonstrativa, de forma que, torna-se necessária a realização de estudos comparativos com experiências similares.

Desta forma, as pesquisas necessárias que constituiriam esta **Agenda de Pesquisas** teriam que realizar as seguintes tarefas:

- Estudos comparativos de diferentes experiências de fazendas produtoras de alimentos orgânicos:
 - A Rede WHOOF ⁶⁶ aparenta constituir-se de 'nós' que podem ser interessantes objetos de um estudo desta natureza.

⁶⁶ World Wide Opportunities on Organic Farms: Linking volunteers with organic farms and growers. A WHOOF é uma rede de fazendas produtoras de alimentos orgânicos espalhadas por diferentes países do mundo. Esta rede baseia-se na troca: Em retorno do trabalho oferecido por voluntários, as

- Experiências como as realizadas pela Rede AS-PTA com produtores familiares e a construção de conhecimentos agroecológicos;
- Experiências como o mutirão agroflorestal, o qual realiza, por meio de um rede de profissionais ligados à agroecologia, encontros bimestrais para a construção do conhecimento integrado, gerando e sistematizando informações sobre agroflorestas a partir da implantação e áreas experimentais e demonstrativas em diversos contextos sócio ambientais.
- Estudos comparativos entre Unidades Demonstrativas e suas diferentes possibilidades de utilização dentro da nova PNATER;
- Criação do Projeto de uma nova Unidade Demonstrativa para a formação de Técnicos Extensionistas em **metodologias participativas e dialógicas**;
- Mapeamento das comunidades quilombolas e determinação do grau de insegurança alimentar existente nestes locais;
- Levantamento dos conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas;
- Determinação do nível de acesso à Assistência Técnica das comunidades quilombolas.

Desta forma, com os conhecimentos obtidos a partir da realização destas pesquisas é possível contribuir, principalmente, com a solução de um ponto específico para a implantação efetiva da nova PNATER, qual seja, a criação de um **novo profissionalismo**. Seguindo a discussão iniciada no primeiro capítulo, a nova PNATER busca realizar de forma contínua a ampliação do processo de formação de Agentes de ATER. Para que estes agentes possam cumprir a demanda existente no meio rural de forma efetiva é necessário que os mesmos recebam uma formação consistente em Conhecimentos Sistematizados para a produção orgânica (como por exemplo, a Permacultura, Agroecologia ou as demais Agriculturas Alternativas), bem como obtenham domínio sobre as **metodologias participativas e dialógicas** de forma a estabelecerem relações horizontais com as comunidades quilombolas na busca conjunta das soluções para os desafios ligados à **insegurança alimentar** destas comunidades.

Para além do domínio destas áreas, espera-se que os técnicos extensionistas passem a compreender os conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas como sendo instrumentos valiosos para a solução de seus desafios, pois com a integração destes

fazendas oferecem estadia, alimentação e oportunidades para o aprendizado sobre o estilo de vida dos produtores de alimentos orgânicos.

conhecimentos com os conhecimentos sistematizados de produção de alimentos orgânicos é possível criar estratégias de enfrentamento adaptadas as diferentes realidades.

Por fim, é preciso discutir a realização da formação continuada dos técnicos extensionistas por meio da utilização de uma Unidade Demonstrativa. Como exposto no primeiro capítulo, a formação dos técnicos extensionistas não contempla os conhecimentos necessários para a realização da transição agroecológica nas comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e produtores familiares. Para sanar este problema é preciso realizar uma reestruturação das grades curriculares dos cursos Técnicos e Superiores. Porém estas são medidas de médio e longo prazo. Em curto prazo, é preciso lidar com os técnicos extensionistas já formados, além de que, é necessário se pensar na formação continuada destes agentes. Desta forma, acredita-se que uma Unidade Demonstrativa desta natureza possa servir como ferramenta para a formação dos técnicos extensionistas em **metodologias participativas e dialógicas**.

A experiência do Kilombo Tenondé possui características que podem servir como ponto de partida para a constituição de uma Unidade Demonstrativa desta natureza. Estas características são:

- Os participantes do evento Permangola convivem durante uma semana em um ambiente de aprendizado e de trocas de conhecimentos;
- O Kilombo Tenondé recebe pessoas interessadas em aprender técnicas de Permacultura que permanecem no local por alguns meses;
- Por meio de sua metodologia de ensino busca-se determinar os pontos de semelhanças entre diferentes campos de conhecimento;
- A dimensão da experiência do Kilombo Tenondé é pequena de modo podendo priorizar o aprendizado ao caráter econômico e a replicação das experiências em outros locais.

Uma questão importante ao se pensar o trabalho de assistência técnica em comunidades quilombolas e a criação de estratégias para lidar com a falta de **capital financeiro** destas comunidades. De forma que a análise da estratégia de funcionamento do Kilombo Tenondé pode apresentar possíveis caminhos para a resolução desta questão. Na seção seguinte será apresentada a forma que o Kilombo Tenonde utiliza seu **capital financeiro** e seu **capital social** em sua estratégia de funcionamento.

2.6.3.4. *Capital Social e Capital Financeiro do Permangola e Permangolinha*

Os dados coletados durante os eventos Permangola e Permangolinha de 2013 serão apresentados para discutir o primeiro componente da hipótese de trabalho desta pesquisa. Este trabalho parte do pressuposto de que o capital, entendido como os recursos necessários para a realização de empreendimentos de diferentes naturezas, não se restringe apenas à sua dimensão financeira:

- **Capital financeiro:** O qual é imediata e diretamente conversível em dinheiro e pode ser institucionalizado na forma de direitos;
- **Capital físico:** O potencial de máquinas, ferramentas e edifícios a serem utilizados na produção de bens e serviços;
- **Capital humano:** Habilidades e conhecimentos adquiridos e que aumentam a produtividade do trabalho;
- **Capital cultural:** Pode ser institucionalizado na forma de qualificações educacionais;
- **Capital social:** Mudanças nas relações entre indivíduos que possibilita o acesso aos recursos existentes em uma rede social.
- **Capital natural:** estoque de recursos naturais.

A maioria dos empreendimentos foca sua atenção em alguns poucos tipos de capital, deixando de fora, importantes capitais, os quais são fundamentais para o sucesso de um empreendimento. O Permangola, em sua estratégia de atuação, utiliza estes capitais de forma não convencional. Inicialmente o **capital natural** não é utilizado enquanto recurso, no sentido de alimentar um sistema produtivo. Sua existência, preservação e crescimento são fatores que atuam no sentido de servirem como atrativos para as pessoas que procuram participar do evento. A beleza cênica do local atrai a atenção destas pessoas, as atividades realizadas durante o evento ensinam aos participantes técnicas e práticas que possibilitem a preservação do capital natural do local e, ao final do evento, ocorre um aumento na qualidade e na quantidade deste capital natural.

O **capital físico** do Kilombo Tenondé, em sua maior parte, constitui-se de construções naturais de barro, bomba carneiro hidráulico de garrafa PET, construções com bambu,

apiário, cisterna de captação de água da chuva de superadobe, enfim, tecnologias de baixo consumo energético e baixo custo econômico. O uso diferenciado destes tipos de capital ocupa posição de destaque e de grande importância para o funcionamento do evento Permangola e do próprio Kilombo Tenondé, porém neste trabalho, a relação existente entre o **capital social** e o **capital financeiro** receberá maior atenção.

A participação no evento Permangola não é determinada única e exclusivamente pelo pagamento da inscrição. Sendo prática comum a distribuição de bolsas de participação no evento em troca de trabalho. Para tanto, estas pessoas chegam ao Kilombo Tenondé um mês antes ou permanecem trabalhando no local durante um mês ou mais depois. Conseqüentemente o sucesso do evento não pode ser mensurado apenas por sua dimensão econômica (obtenção de lucro), mas é preciso procurar outras dimensões que possibilitem determinar seu desempenho ao longo do tempo. Medidas possíveis são relativas aos dados da Rede Social do Kilombo Tenondé, de forma que torna-se importante a construção de ferramentas para a mensuração do **tamanho desta Rede Social**, sua **taxa de crescimento** e a **taxa de retorno** dos participantes aos eventos posteriores.

Para dar continuidade a esta discussão, serão apresentados os dados financeiros relativos aos eventos **Permangola 2013** e **Permangolinha 2013**, bem como as informações da rede social do Kilombo Tenondé relativas aos eventos **Permangola 2009**, **Permangola 2010**, **Permangola 2013** e **Permangolinha 2013**.

2.6.3.4.1. FINANCEIRO DO PERMANGOLA 2013

Os dados apresentados a seguir foram coletados durante o ato de inscrição dos participantes do evento, bem como tendo acesso aos arquivos do Kilombo Tenondé.

Tabela 3 Dados financeiros do Permangola 2013

Financeiro Permangola 2013				
Descrição	Valor da unidade	Quantidade	Percentual (%)	Valor total
Inscrição no evento	R\$ 450,00	22	42,30	R\$ 9.900,00
Inscrição no evento com bolsas	de R\$ 45,00 a R\$ 400,00	30	57,7	R\$ 6.028,50

Gastos Gerais	R\$ 4.003,42	1	R\$ 4.003,42
Apoio Técnico	R\$ 7.850,00	1	R\$ 7.850,00
TOTAL BRUTO			R\$ 15.928,50
TOTAL LÍQUIDO			R\$ 4.075,08

Fonte: Saída de campo.

Os dados mostram que: O número total de inscritos no evento foi de 52 indivíduos, sendo que deste total 57,7% receberam bolsas para a participação no evento. As bolsas variaram de 10% (R\$ 400,00) a 100%, sendo que o menor valor pago foi de \$ 45,00 (bolsa de 90%). Mesmo com a quantidade de bolsas passando de 50% em relação ao número de participantes do evento, o mesmo obteve lucro de R\$ 4.075,08.

2.6.3.4.2. FINANCEIRO DO PERMANGOLINHA 2013

Este evento é realizado nos mês de julho e normalmente a expectativa é de uma participação menor em relação ao Permangola. Porém, neste ano ocorreu o contrário, com o número de participantes do Permangolinha foi superior ao número de participantes do Permangola. Apesar de este fato possuir uma dimensão positiva, este crescimento inesperado gerou alguns problemas à organização do evento, como por exemplo, a falta de estrutura para a acomodação de todos os participantes e dificuldades relativas às refeições.

A seguir são apresentados os dados financeiros do evento.

Tabela 4 Dados financeiros do Permangolinha 2013

Financeiro Permangolinha 2013					
Descrição		Quantidade	Valor da unidade	Percentual (%)	Valor total
Inscrição evento	no	17	R\$ 200	36,17	R\$ 3.400,00
Inscrição evento depósito desconto)	no por (sem	3	R\$ 200,00	6,38	R\$ 600,00

Inscrição no evento depósito (depois do evento sem desconto)	no por	3	R\$ 200,00	6,38	R\$ 600,00
Inscrição no evento com bolsa	com	24	de R\$ 50,00 a R\$ 150,00	51,06	R\$ 3.110,00
Apoio Técnico		9	de R\$ 50,00 a R\$ 500,00	19,15	R\$ 2.050,00
Gastos gerais		1	R\$ 1.016,85		R\$ 1.016,85
TOTAL BRUTO					R\$ 7.710,00
TOTAL LÍQUIDO					R\$ 3.743,15

Fonte: Saída de campo.

O saldo líquido final do evento foi de R\$ 3.743,15. Este valor é muito próximo do valor do saldo líquido do Permangola de janeiro de 2013 (R\$ 4.075,08), com uma diferença de R\$ 331,93. As diferenças nos valores apresentados pelos eventos encontram-se no fato de que o Permangola de janeiro de 2013 teve **22 pagantes e 30 bolsistas**. Já o Permangolinha de julho de 2013 teve **20 pagantes e 40 bolsistas**. O número de pagantes foi menor no Permangolinha em relação ao Permangola; O valor da inscrição no Permangola foi de R\$ 400,00, com um desconto de 20% para os pagamentos realizados antes de dezembro de 2012. Já o valor da inscrição do Permangolinha foi metade deste valor, R\$ 200,00, com desconto de 25%, caso o pagamento tivesse sido feito antes do dia 30/06/2013. De forma que é possível perceber que o Permangolinha apresentou maiores vantagens e preços menores.

A ordem dos valores arrecadados no Permangola foram maiores. Algo em torno de R\$ 15.000,00, porém os gastos também foram maiores, da ordem de R\$ 7.000,00 de apoio técnico e R\$ 4.000,00 de gastos gerais. Já o Permangolinha teve arrecadação menor, da ordem de R\$ 6.000,00, menos da metade do arrecado no Permangola, sendo que os gastos também foram menores, da ordem de R\$ 1.800,00 de apoio técnico e R\$ 1.000,00 de gastos gerais.

Da análise destes dados pode-se perceber que a porcentagem de 51,06% de bolsistas presentes no Permangolinha 2013 foi menor do que a porcentagem de 57% de bolsistas presentes no Permangola 2013. Porém o número absoluto de presentes foi inverso: 40 bolsistas no Permangolinha e 30 bolsistas no Permangola. Esta porcentagem de bolsistas

demonstra que a estratégia do Kilombo Tenondé o **capital financeiro** não é o fator determinante nas tomadas de decisões.

O segundo capítulo desta dissertação buscou apresentar os resultados obtidos no estudo de caso do Kilombo Tenondé durante a realização do evento Permangola 2013 e Permangolinha 2013. Para tanto foi levado em consideração o contexto de criação do Kilombo Tenondé, bem como foi realizada uma caracterização do Kilombo por meio da visão dos indivíduos constituintes de sua comunidade. Os objetivos do Kilombo foram apresentados e discutidos em relação aos objetivos dos quilombos historicamente constituídos de modo que a atualização dos sistemas de opressão é percebida e assume-se a necessidade da atualização das formas de resistência e enfrentamento à estes sistemas, de modo que, é somado ao combate do racismo, sexismo e exploração do trabalho questões ligadas à degradação do meio ambiente.

Ao longo do desenvolvimento deste capítulo, foi informado que a **estratégia de funcionamento** do Kilombo Tenondé utiliza diferentes tipos de capital. Neste trabalho foram analisadas apenas as dimensões referentes ao **Capital Social** e do **Capital Financeiro**. O Capital Social ocupa uma posição de destaque na estratégia de estruturação do evento. Os resultados demonstram que apesar de a dimensão econômica não ser a principal dimensão na estratégia de atuação do Kilombo Tenondé o mesmo vem se estruturando com sucesso. O crescimento na quantidade de pessoas participantes do evento Permangola foi utilizado para constatar se o Kilombo Tenondé vem sendo bem sucedido em sua meta de constituir-se enquanto uma **comunidade intencional internacional**. Os resultados mostram que o número de participantes do evento vem crescendo em uma taxa alta, sendo que o número de pessoas que participaram de mais de um evento também vem crescendo.

Em relação à metodologia de ensino utilizada no Permangola, foi feita uma descrição de suas principais características, desde sua ligação com as antigas civilizações africanas. De forma resumida, esta metodologia realiza de forma alternada o ensino de dois campos de conhecimento, com a realização de atividades complementares propostas pelos participantes do evento. Ao se realizar uma discussão sobre esta metodologia é possível pensar na utilização da mesma em diferentes contextos. Como forma de determinar a eficácia desta metodologia, no terceiro capítulo será realizada Análises das Redes Sociais constituídas a partir de relações de aprendizado recíprocas.

3. Capítulo III: Análise das Redes Sociais do Kilombo Tenondé

3.1. Reciprocidade como elemento de medida do Capital Social

Antes de iniciar o processo de Análise das Redes Sociais do Kilombo Tenondé, é necessário definir o que será entendido por **reciprocidade** neste trabalho, pois seguindo os posicionamentos de Putnam, este será o elemento do **Capital Social** que será utilizado para a mensuração dentro das Redes Sociais estabelecidas a partir das relações de aprendizado recíprocas que foram detectadas durante os eventos Permangola e Permangolinha 2013. Desta forma, para a definição do conceito de reciprocidade será utilizado o pensamento de alguns autores ligados aos campos do conhecimento da Antropologia e da Sociologia como, por exemplo, Marcel Mauss, Lévi-Strauss e Dominique Temple. A importância central de Robert Putnam deve-se ao fato de que a leitura de seu livro “Bowling Alone” trouxe melhor compreensão da **reciprocidade** enquanto componente do **capital social**, sendo que para este autor a ativação do capital social se dá por meio das **relações** de indivíduos de uma dada **comunidade**.

Nas discussões teóricas pioneiras relativas à reciprocidade, **a dádiva** mostra-se como tendo um papel importante em sua origem. Na introdução à obra de Marcel Mauss “Sociologia e Antropologia” Lévi Strauss (1950), ao discutir as questões levantadas por este autor, afirma que **a dádiva**, diferentemente da troca, cria uma tríplice obrigação de “**dar, receber e retribuir**” sendo o tempo um fator importante que gera o vínculo entre as partes. Para explicar o que fora observado é utilizada a ideia de um elemento externo que realizaria a união entre as pessoas que realizam a dádiva. Este elemento seria o **Mana**⁶⁷. Claude Lévi-Strauss, ao analisar a obra de Mauss e suas assertivas acerca das trocas do tipo dádiva, extrai o que fora nomeado “Princípio da Reciprocidade”. Nas palavras deste autor: “As conclusões de Mauss e Malinowski incitaria a considerar os próprios indígenas melanésios como os verdadeiros autores da teoria moderna da reciprocidade” (Lévi-Strauss, 1950, p. 30).

⁶⁷ Mana: Segundo Mauss, a palavra *mana* é comum a todas as línguas melanésias e à maior parte das línguas polinésias. O *mana* não é simplesmente uma força, um ser, é também uma ação, uma qualidade e um estado. A palavra é ao mesmo tempo um substantivo, um adjetivo e um verbo. A palavra compreende uma quantidade de ideias que remetem ao poder de feiticeiro, qualidade mágica de uma coisa, coisa mágica, ser mágico, ter poder mágico, estar encantado, agir magicamente (Mauss, 1950).

A **coletividade** e o **tempo** são elementos importantes neste processo. Em relação ao primeiro elemento, este processo ocorre com as coletividades sendo as responsáveis pela manutenção das obrigações da reciprocidade da prestação das dádivas, mediante os grupos familiares, comunitários ou mediante seus chefes. Quanto ao segundo elemento, as dádivas são trocadas de tal forma que as partes têm plena consciência de que a relação entre ambas não se esgota em um único momento. Ambas participam de contextos comuns que proporcionam repetidos encontros e o estabelecimento de novos relacionamentos. O tempo é o elemento que permite a constituição de vínculos entre as pessoas ou grupos envolvidos com o processo da dádiva. Portanto mesmo que de forma não explícita, há certa compreensão de que o retorno da dádiva oferecida ocorrerá.

Com a realização do ato da dádiva existe a intenção de se obter prestígio. Assim, alguém que possui algo ao oferecê-lo em dádiva para quem não possui, busca reconhecimento em seu grupo criando um vínculo entre as partes. O que pode ser objeto da dádiva é a hospitalidade, alimentos, víveres ou proteção (Mauss, 1950).

A **teoria da reciprocidade** entende que a reciprocidade atua como um mecanismo de manutenção da estabilidade de grupos e comunidades (Gouldner, 1960). Trata-se, para este autor, de uma norma moral, generalizada e universal, essencial à manutenção de estruturas sociais e de sistemas sociais estáveis. Este autor defende a hipótese de que a reciprocidade seria um dos principais componentes universais dos códigos morais. Outros autores seguem esta mesma linha de pensamento, como por exemplo, Richard Thurnwald *apud* Gouldner (1960) ao concordar com a importância central do princípio da reciprocidade nas relações sociais.

Dentro da teoria da reciprocidade existem quatro elementos constituintes, quais sejam:

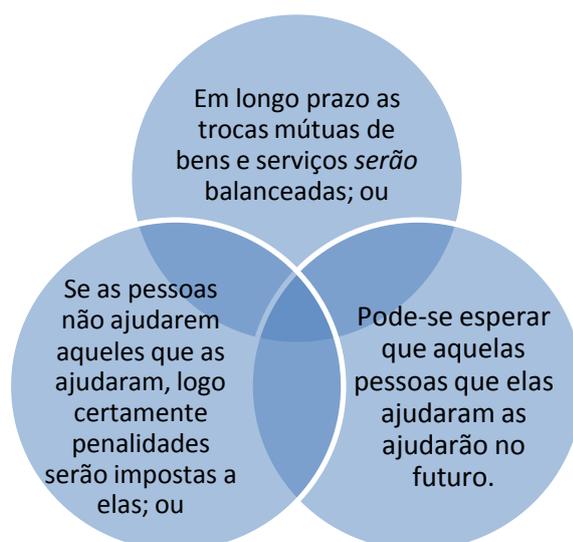
1. O princípio de reciprocidade não se limita a uma relação de dádiva/contra-dádiva entre pares ou grupos sociais simétricos. Do ponto de vista econômico, a reciprocidade constitui não somente uma categoria econômica diferente da troca mercantil, mas um princípio econômico oposto ao da troca ou mesmo antagônica a troca.
2. A reciprocidade pode assumir várias formas: Simétrica, assimétrica, positiva ou negativa;
3. As relações de reciprocidade podem ser analisadas em termos de estruturas: A relação de reciprocidade em uma estrutura bilateral simétrica gera um sentimento de amizade; a estrutura de divisão simétrica dos bens dentro de um grupo gera a

justiça. Assim, outros tipos de relação, em outras estruturas, podem produzir outros valores específicos.

4. Existem três planos ou níveis de reciprocidade: O real, o simbólico (a linguagem) e o imaginário (as representações).

Para explicar a interpretação da reciprocidade enquanto uma **maquinaria social** que garante a efetividade das normas sociais, Gouldner (1960, p. 169), a partir das etnografias realizadas por Malinowski, apresenta a tese de que as pessoas *devem obrigações umas às outras* e que, desta forma, a conformidade às **normas sociais** é algo que as pessoas *devem umas às outras*. Este autor interpreta a reciprocidade de forma que ela vá para além da prestação de favores ou trocas de bens materiais entre indivíduos. A reciprocidade implica uma “dependência mútua e realiza-se em arranjos equivalentes de **serviços** recíprocos”. Para este autor, a reciprocidade conota que cada parte em uma dada relação tem **direitos** e **deveres** (Gouldner, 1960).

A reciprocidade funciona por meio de indivíduos que interpretam uma norma e decidem tomar a atitude que de alguma forma acreditam poder ajudá-los a atingir seus objetivos. Desta forma Gouldner apresenta algumas possibilidades de crenças que levam os indivíduos a adotarem comportamentos recíprocos entre si. Assim para este autor as pessoas acreditam que:



Quadro 9 Motivações para a ação recíproca. Tabela elaborada a partir de (Gouldner, 1960)

A forma de pensar exposta acima pode ser operacionalizada pelos indivíduos de maneira que estes passam a inserir em seus planos e estratégias possíveis resultados advindos da reciprocidade em suas relações. Desta forma, as pessoas irão ajudar aquelas pessoas que as ajudaram. Similarmente, a *norma* da reciprocidade sustenta que as pessoas devem ajudar aquelas que as ajudaram assim, desta forma, aquelas pessoas que você ajudou tem uma obrigação de ajudá-lo. A conclusão é clara: Se você quer ser ajudado por outras pessoas você deve ajudar as pessoas, de forma que a norma da reciprocidade torne-se um mecanismo concreto e especial que envolve a manutenção de um sistema social estável (Gouldner, 1960).

Porém para uma compreensão mais aprofundada da reciprocidade, é importante destacar que não existem apenas relações recíprocas positivas que geram confiança e fortalecimento das comunidades. De fato, apesar de os esforços das comunidades e da maioria dos indivíduos dirigirem-se no sentido da criação de relações de trocas recíprocas positivas. De modo que Temple (2012) apresenta três formas de reciprocidade: **Positiva, negativa e simétrica.**

A **reciprocidade simétrica**, embora complexa, é mais simples de ser entendida por possuir elementos de apreensão intuitiva. Este tipo de reciprocidade pode ser entendida como uma relação de troca pontual na qual as partes interagem, gerando valores afetivos e éticos. Gera sentimentos de amizade e justiça. Este tipo de reciprocidade não preexiste nas comunidades sendo necessários constantes esforços para a sua constituição e manutenção. É difícil de ser estabelecida por demandar ações de mesmo simbólico ou material semelhantes. Como explicação para o surgimento das outras duas formas de reciprocidade, Temple informa que é o desequilíbrio nas ações recíprocas pode causar a superioridade de um indivíduo sobre outro, criando formas de **reciprocidade negativa**. É feita de trocas centradas na defesa do interesse próprio e de forma impessoal. Ao se tornar sistemática, este tipo de relação pode gerar uma dinâmica como a dos **ciclos de vingança**. Diferentemente da troca, cujo desenvolvimento, para estes autores, associa-se à lógica da concorrência e do acúmulo pelo lucro, a lógica da vingança está ligada a uma dialética da honra (Temple & Chabal, 1995).

A literatura sobre este assunto é consensual ao afirmar que a reciprocidade negativa é motivada por um desejo de restabelecer o equilíbrio de um grupo, após uma agressão. No campo teórico, alguns autores explicam que cada grupo humano possui uma identidade imaginária que pode ser interpretada como *capital-vida*, e a própria vida como uma *capital*

espiritual e social que os membros do grupo têm o dever de defender e fazer- com que frutifique. A vingança protegeria este capital (Temple D. , 2012). Desta forma, este autor prossegue afirmando que não é alguma qualidade do agressor ou qualquer outra qualidade intrínseca que leva um indivíduo à vingança, mas sim a necessidade da **reciprocidade**.

Neste momento é interessante entender as formas que estas ações recíprocas entre indivíduos e grupos podem ser entendidas dentro de contextos socialmente importantes como a educação, pois este elemento é importante quando se pensa a metodologia de ensino utilizada no evento Permangola. Segundo Paulo Freire em livros como a Pedagogia do Oprimido (Freire, 1970) educar não se constitui apenas numa relação de dádiva assimétrica e unilateral: do educador que sabe para o educando que não sabe. O processo de aprendizagem seria a construção da **autonomia**, sendo que nasce e se fortalece na interação entre o educando, o educador, o meio, e até com os outros aprendizes. De forma que educar enquanto ação individual seria uma dádiva, porém a educação enquanto fenômeno social seria constituída por um conjunto de ações recíprocas.

Assim, na perspectiva educacional, pensando neste como sendo um processo duradouro que se desenvolve ao longo da vida dos indivíduos e ocorre por meio das relações entre pessoas que se educam umas às outras, a reciprocidade pode ser entendida como sendo o princípio pelo qual a produção do conhecimento ocorre em um espírito de solidariedade, no marco de uma relação entre pessoas tendo consciência de uma comunidade de interesses que leva a uma obrigação moral de apoio mútuo (Castel, 2006).

Desta forma, realizando o último passo para a compreensão do tratamento dado ao conceito de **reciprocidade** neste trabalho, é preciso demonstrar a ligação existente entre a **reciprocidade** e o **capital social** feita por Putnam (2001). Este autor afirma que a ideia central presente no conceito de capital social é o valor associado **às redes de relacionamentos e às normas de reciprocidade**. É nestas Redes Sociais onde o capital social pode facilmente se desenvolver e onde é possível obter ganhos por meio das relações entre os indivíduos. Porém é importante ter clareza de que este autor lida mais com a questão das **virtudes cívicas** do que com a busca da realização de objetivos individuais. Seu pensamento é mais do tipo “O que você pode fazer pela sua comunidade” do que do tipo “O que sua comunidade pode fazer por você”. Desta forma, ao lidar com as virtudes cívicas, Putnam afirma que este componente é mais poderoso quando está incorporado dentro de uma rede social densa de relações sociais recíprocas. Para este autor, uma sociedade com muitos indivíduos virtuosos, mas isolados não é necessariamente mais rica em capital social do que uma sociedade com poucos indivíduos virtuosos, mas densamente conectados (Putnam, 1995). Em suas palavras:

As redes sociais (pelo menos por definição) envolvem obrigações mútuas; não são apenas meros contatos. As redes sociais de comunidades lidam com a questão do fortalecimento do respeito às normas de reciprocidade: Eu farei isto por você agora, na expectativa de que você (ou talvez outra pessoa) retornará o favor. [...] “Se você não for ao funeral de alguém, ninguém irá ao seu funeral”

Neste caso, a reciprocidade é *específica*. Porém Putnam defende que uma norma de reciprocidade *generalizada* seja mais valiosa. “Eu farei isto por você sem a expectativa de receber algo de você, na confiança de que alguém irá fazer algo por mim futuramente.”. Desta forma, este autor defende que a mensuração de normas de reciprocidade generalizadas – altruísmo, voluntariado e filantropia, ou seja, nossa prontidão em ajudar outras pessoas – possa ser uma forma de mensuração do capital social. Porém para este autor, a reciprocidade possui um papel preponderante dentre estes três elementos. Em sua explicação Putnam utiliza o pensamento do filósofo John Dewey que enfatiza a distinção entre “fazer com” e “fazer para”. O **Capital Social** refere-se à rede de conexões entre indivíduos – fazer com – e não com a utilização do capital financeiro para a realização de ações filantrópicas – fazer para. Assim para este autor, o voluntariado e a filantropia, apesar de serem componentes importantes, não são bons fatores para mensurar o capital social, pois lidam mais com o ‘fazer para’.

Desta forma, a partir desta discussão que identifica a **reciprocidade** enquanto um importante componente para a mensuração do **capital social**, sem negar a existência de outros componentes, na seção subsequente, a rede social do Kilombo Tenondé será analisada em relação à reciprocidade nas trocas de conhecimento. A análise será feita a partir dos dados obtidos nos eventos Permangola e Permangolinha 2013. No capítulo II, a partir dos dados coletados na saída de campo, foi possível demonstrar que o Kilombo Tenondé utiliza suas **Redes Sociais** e seu **Capital Social** como componentes importantes em sua estratégia de funcionamento. Foi possível demonstrar que o **Capital Financeiro** não é o componente mais importante na tomada de decisões e nem o fator determinante da participação das pessoas no evento e conseqüente inserção nesta **comunidade intencional internacional**. Os resultados demonstram que a **estratégia de funcionamento** utilizado pelo Kilombo Tenondé vem obtendo sucesso. De modo que neste capítulo, será iniciado o processo de mensuração do **Capital Social** para determinar a importância deste componente dentro da **estratégia de funcionamento** do Kilombo Tenondé.

3.2. Metodologia da Análise de Redes Sociais

Os dados empíricos foram coletados no Kilombo Tenondé localizado na Rodovia BA 542, km 23, Povoado do Bonfim, Guérem, Valença-BA, Brasil durante os eventos Permangola 2013, realizado nos dias 15 a 20 de janeiro e do Permangolinha 2013 realizado de 15 a 21 de julho. Como visto no capítulo anterior o Kilombo Tenondé é composto por indivíduos que residem em diferentes países e se encontram semestralmente nos eventos Permangola e Permangolinha, de forma que, devido à impossibilidade de incluir todos os indivíduos nesta análise, foi necessária a utilização de uma amostra. O critério de seleção para a composição da amostra foi a participação nos eventos Permangola 2013 e Permangolinha 2013. Para a coleta dos dados relativos aos atributos dos participantes, um questionário foi aplicado durante o ato da inscrição no evento. Ao término do evento, outros dois questionários foram aplicados, um relativo às atividades da Capoeira Angola e outro referente às atividades de Permacultura.

Para a realização das análises das Redes Sociais de aprendizados recíprocos estabelecidos entre os participantes dos eventos Permangola e Permangolinha 2013 foram realizados os seguintes procedimentos. Os dados referentes aos atributos dos participantes foram coletados no ato da inscrição nos eventos⁶⁸. Ao término dos eventos, outros dois questionários foram aplicados, um relativo às atividades de Capoeira Angola e outro relativo às atividades de Permacultura, os quais objetivaram a obtenção de informações relativas às motivações dos indivíduos que os levaram a participar dos eventos, bem como informações relativas às relações de aprendizado estabelecidas ao longo dos eventos.

Os dados referentes aos atributos dos participantes foram analisados para a construção do perfil destes. As informações referentes ao gênero, escolaridade, profissão, conhecimentos de Permacultura, conhecimentos de Capoeira Angola, participação em Permangolas anteriores e o recebimento de bolsas de participação no evento foram discutidos.

As pessoas que participaram da organização do evento foram identificadas como **lideranças**. Após a realização da Análise das Redes Sociais, as pessoas que receberam nomeações acima da média de nomeações mais um desvio padrão foram identificadas como **pessoas chaves** no processo de ensino da Capoeira Angola e da Permacultura. Estas duas posições foram comparadas como forma de mensurar a importância relativa dos participantes e dos organizadores do evento no processo de ensino-aprendizagem dos dois campos de conhecimento em questão. A partir destas informações as estruturas das Redes Sociais foram analisadas segundo:

⁶⁸ Questionário em anexo.

1. A quantidade de pessoas chaves existentes nas Redes Sociais;
2. A semelhança entre Lideranças e Pessoas Chaves em uma determinada Rede social;
3. A diferença de nomeações entre a primeira e segunda Pessoa Chave de uma determinada Rede Social em uma determinada Rede Social;
4. A diferença de nomeações entre a primeira e a última Pessoa Chave de uma determinada Rede Social em uma determinada Rede Social.

Para realizar a mensuração da reciprocidade nos aprendizados de Capoeira Angola e da Permacultura foram utilizadas as respostas às questões:

1. Com quem você mais aprendeu Capoeira Angola/Permacultura?;
2. Você ensinou algo de Capoeira Angola/Permacultura a esta pessoa?

Desta forma, aqui serão consideradas relações de aprendizado recíprocas quando, ao responder à primeira pergunta, uma pessoa informar ter aprendido algo com uma pessoa e, ao responder a segunda pergunta, informar ter ensinado algo a esta mesma pessoa. A partir das respostas a estas questões, os softwares NETDRAW e UCINET foram utilizados para a construção das Redes Sociais de aprendizados recíprocos da Capoeira Angola e da Permacultura, sendo que as características estruturais das Redes Sociais constituídas a partir do aprendizado foram comparadas com as características estruturais das Redes Sociais constituídas a partir da reciprocidade no ensino.

3.3. Perfil dos Participantes do Permangola 2013 e Permangolinha 2013

A apresentação do perfil dos participantes é importante pois suas características, em grande medida, influenciam a ocorrência dos fenômenos observados na Análise da Rede Social. O campo de conhecimento da Análise de Redes Sociais tem como pressuposto o estudo das estruturas das Redes Sociais para a compreensão de fenômenos sociais, integrando a esta informação os efeitos produzidos pelos indivíduos. A determinação das

especificidades de cada Rede Social devida à diversidade de seus indivíduos constituintes é importante para que se possa separar os efeitos produzidos pelos indivíduos dos efeitos produzidos devido à estrutura das redes sociais e as relações entre os indivíduos.

A seguir será feita a análise deste conjunto de informações buscando com isso uma maior compreensão sobre o perfil dos participantes do evento Permangola, bem como obter informações sobre o **capital humano** que a **comunidade intencional** do Kilombo Tenondé tem acesso.

A primeira informação sobre o gênero dos participantes mostra que a participação masculina é maior do que a participação feminina tanto no Permangola quanto no Permangolinha, sendo que no Permangolinha a desigualdade aumentou, pois a presença feminina caiu de 44,7% para 43,9% e a presença masculina aumentou de 55,3% para 56,1%.

Tabela 5 Dados sobre gênero

	Permangola 2013 (n=85)	Permangolinha 2013 (n=82)
Gênero		
Mulheres (%)	44,7	43,9
Homens (%)	55,3	56,1

Fonte: Saída de campo

Durante o evento foi observado que principalmente as mulheres discutem a questão de gênero. Alguns exemplos de pontos problematizados durante os eventos são:

- A Contra-Mestra Gêge, uma das responsáveis pela organização do primeiro encontro feminino de Capoeira Angola da FICA em 1997, chamado de 'Women's in movement', durante os eventos, trabalhou a participação feminina de forma sutil e constante, fazendo com que as mulheres ocupassem posições importantes ao longo dos treinos e das rodas de Capoeira. Em encontros de Capoeira Angola ao longo do ano de 2012, foi observado que outra estratégia utilizada por ela foi a de jogar com todas as mulheres da roda, uma por vez, sendo que durante o evento Permangola isso não foi observado.
- Ao aplicar um questionário para uma participante francesa, ao chegar no item sobre o gênero, fui automaticamente marcando feminino e ela questionou se eu não

deveria perguntar qual era o gênero dela antes de fazer qualquer marcação neste item.

- Ao questionar o gênero de uma criança, o pai e a mãe falaram para não marcar nada, pois eles optaram por esperar que a criança cresça e defina por si.
- Uma participante canadense notou que os homens sempre participam dos treinos de Capoeira Angola e dos trabalhos de Permacultura, mas dificilmente ajudam nos trabalhos da cozinha. De fato, no Permangolinha participei mais ativamente na cozinha e apesar de notar que os outros homens ajudam nestes trabalhos, a presença feminina foi majoritária.

O que foi percebido é que a discussão sobre a desconstrução dos papéis de gênero pré-estabelecidos na sociedade existe entre os participantes do evento, com as mulheres problematizando esta questão mais frequentemente. Observou-se que a maioria das participantes femininas busca lidar com esta questão ao longo do evento de sua própria maneira. Porém no Permangolinha 2013 foi realizada uma Roda de discussão sobre “O Sagrado Feminino” dentro da programação. A participante laiá Floresta discutiu junto à outras participantes:

- Percepção sobre o ser feminino na sociedade atual;
- Conexão da mulher com a lua na visão Permacultural;
- A biodinâmica e os ciclos da lua e da mulher;
- A mulher na capoeira; e
- O empoderamento a partir do auto conhecimento.

O item sobre escolaridade é importante, pois este pode ser considerado um indicador do nível do **capital humano** dos participantes do evento Permangola. Apesar de este não ser o recorte específico desta discussão, é necessário ter uma noção mesmo que simplificada sobre esta dimensão, principalmente, por dois motivos: O primeiro é que a Hipótese deste trabalho afirma que a estratégia de funcionamento do Kilombo Tenondé diversifica o uso dos diferentes tipos de capitais existentes, retirando do **capital financeiro** a dimensão central que normalmente lhe é dado; O segundo motivo é o de que a **Permacultura** busca diminuir a dependência da produção alimentar em tecnologias de alto

consumo energético e alto influxo de capital financeiro, para isso, são intensificados o **trabalho** e o **capital humano**.

Os dados referentes à escolaridade mostram que a quantidade de participantes com nível superior foi de 56,5% no Permangola e de 61,0% no Permangolinha, ou seja, mais da metade dos participantes possuem nível superior, sendo que o nível médio de escolaridade está na faixa entre 10 a 15%.

Tabela 6 Dados sobre escolaridade

	Permangola (n=85)	2013	Permangolinha (n=82)	2013
Escolaridade				
Ensino Fundamental (%)	1,2		11,0	
Ensino Médio (%)	14,1		11,0	
Ensino Superior (%)	56,5		61,0	
SD (%)	28,2		17,1	

Fonte: Saída de campo

Os dados referentes à profissão exercida pelos participantes mostra a diversidade de áreas de atuação. Ao todo 32 profissões foram declaradas pelos participantes.

Tabela 7 Dados sobre profissão

	Permangola (n=85)	2013	Permangolinha (n=82)	2013
Áreas de atuação profissional				
Agricultor orgânico (%)	14,1		6,1	
Antropóloga (%)	2,4		0,0	
Artesão (%)	2,4		2,4	
Artista (%)	5,9		4,9	
Assessora Comunicação (%)	1,2		1,2	
Assistente Administrativa (%)	0,0		1,2	
Assistente	1,2		0,0	

Social (%)		
Ator (%)	2,4	1,2
Autônomo (%)	4,7	2,4
Bióloga (%)	1,2	0,0
Bombeiro Militar (%)	1,2	0,0
Professor de Capoeira (%)	5,9	12,2
Cineasta (%)	3,5	0,0
Cozinheiro (%)	1,2	1,2
Desempregada (%)	0,0	2,4
Dona de casa (%)	0,0	1,2
Educadora (%)	12,9	9,8
Engenheiro (%)	1,2	1,2
Estudante (%)	11,8	26,8
Fisioterapeuta (%)	1,2	0,0
Fotógrafo (%)	1,2	0,0
Funcionário Público (%)	3,5	1,2
Geógrafo (%)	0,0	1,2
Mediador Comunitário (%)	0,0	1,2
Médico Natural (%)	1,2	0,0
Músico (%)	1,2	2,4
Pescador (%)	0,0	1,2
Pesquisadora (%)	3,5	2,4
Recepcionista (%)	0,0	2,4
Técnico de Comunicação Visual (%)	1,2	0,0
Técnico de Refrigeração (%)	0,0	1,2
Terapeuta Corporal (%)	2,4	0,0
Viajante (%)	1,2	0,0
SD (%)	10,6	12,2

Fonte: Saída de campo

Uma informação interessante que pode ser retirada dos dados é a de que do Permangola para o Permangolinha uma das profissões mais ligadas aos temas trabalhados no evento, ou seja, os agricultores orgânicos apresentou diminuição de 14,1%, no

Permangola, para 6,1%, no Permangolinha. Considerando o tempo decorrido entre os eventos, seis (06) meses, não foi possível determinar o motivo desta diminuição. Seguindo esta mesma linha, sobre as profissões ligadas ao campo do conhecimento da Capoeira, percebe-se que a quantidade de professores de capoeira aumentou de 5,9% para 12,2%.

Em relação ao conhecimento de Permacultura que os participantes já possuíam antes de participarem do evento, é possível perceber que a quantidade de pessoas que já possuíam conhecimentos teóricos e práticos de Permacultura mantiveram-se em um nível alto e estável, pois nos dois eventos registrou-se 69,4% e 69,5%. Já a quantidade de pessoas que não possuíam nenhum tipo de conhecimento de Permacultura diminuiu, pois no Permangola este número foi de 25,9% e no Permangolinha 18,3%.

Tabela 8 Dados sobre os conhecimentos em Permacultura

		Permangola (n=85)	2013 Permangolinha (n=82)	2013
Conhecimento de Permacultura				
	Sim (%)	69,4	69,5	
	Não (%)	25,9	18,3	
	SD (%)	4,7	12,2	

Fonte: Saída de campo

A diminuição de pessoas que não possuíam nenhum conhecimento de Permacultura mostra que o Permangola está se tornando mais atrativo para pessoas ligadas à Permacultura, sendo que possivelmente estas pessoas buscam participar do evento como forma de aprender novas técnicas, praticar os conhecimentos já adquiridos ou integrar os conhecimentos de Permacultura com outros tipos de conhecimento.

Quanto ao conhecimento de Capoeira Angola, percebe-se que o número de participantes que possuem algum tipo de conhecimento também é alto e manteve-se constante, na faixa de 80%. Sendo que a diminuição da quantidade de pessoas que não conhecem a Capoeira Angola, da mesma forma que a Permacultura, também diminuiu, indo de 16,5% para 9,8%.

Tabela 9 Dados sobre os conhecimentos em Capoeira Angola

	Permangola (n=85)	2013	Permangolinha (n=82)	2013
Conhecimento de Capoeira Angola				
Sim(%)	80,0		81,7	
Não(%)	16,5		9,8	
SD (%)	3,5		8,5	

Fonte: Saída de campo

Neste ponto vale lembrar a informação prestada por Mestre Cobra Mansa e informada no capítulo II, de que no primeiro Permangola realizado no ano de 2008 houve certa resistência dos capoeiristas em participarem do Permangola por não entenderem a proposta do evento. De vinte (20) participantes, a maioria eram pessoas ligadas à Permacultura e poucos capoeiristas. Os dados mostram a mudança neste cenário, sendo que o que foi observado em campo foi justamente certa sobrevalorização das atividades da Capoeira Angola em relação às atividades relacionadas à Permacultura.

Como foi discutida no capítulo II, a **taxa de retorno** dos participantes é uma informação importante para a mensuração da capacidade do Kilombo Tenondé em atingir seu objetivo de constituir-se enquanto uma **comunidade intencional internacional**, pois uma das características de uma comunidade desta natureza seria a de que os indivíduos que a constituem residam em diferentes países, mantenham contato por meio das Redes Sociais Virtuais e se encontrem semestralmente no evento Permangola, ou visitem o Kilombo Tenondé ao longo do ano. Para tanto, a participação no evento não deve se restringir apenas a participações esporádicas ou únicas. É necessário que o retorno ao evento Permangola, ou ao Kilombo Tenondé ao longo do ano, seja algo que ocorra constantemente ao longo do tempo, ainda que a frequência das participações entre os diferentes indivíduos possa ser variável.

Tabela 10 Dados sobre a participação em outros Permangolas

	Permangola (n=85)	2013	Permangolinha (n=82)	2013
Participação em outros Permangolas				
Sim (%)	38,8		26,8	
Não (%)	55,3		73,2	
SD (%)	5,9		0,0	

Fonte: Saída de campo

O dado coletado no Permangolinha 2013 referente às pessoas que nunca participaram de um evento do Permangola anteriormente mostra que uma quantidade significativa de novas pessoas entraram em contato com o Kilombo Tenondé, com o aumento de 17,9% entre os eventos. Em contraponto, a porcentagem de pessoas que já participaram do evento Permangola anteriormente, diminuiu em 12%.

Tabela 11 Dados sobre as bolsas

	Permangola (n=85)	2013 Permangolinha (n=82)
Bolsista		
Não (%)	38,8	36,6
Sim (%)	56,5	59,8
SD (%)	4,7	3,7

Fonte: Saída de campo

A quantidade de bolsistas indica as trocas de pagamento de inscrição no evento por trabalho no mesmo, sendo uma informação importante que indica um dos processos de ativação do **capital social** no evento Permangola. Os dados demonstram que a quantidade de bolsas distribuídas aumentou em 3,3% entre os eventos. Este ponto foi discutido em maiores detalhes no capítulo II.

3.4. Mensuração das relações de aprendizado recíprocas

Como forma de iniciar este processo, as **Redes Sociais** do Kilombo Tenondé foram analisadas em relação à dimensão das **relações de reciprocidade** entre os participantes dos eventos Permangola e Permangolinha 2013 no aprendizado dos conhecimentos de Permacultura e de Capoeira Angola. O segundo componente da hipótese de trabalho afirma que a metodologia de realização do evento, na qual dois campos de conhecimentos distintos

são ensinados em um mesmo local e momento, possibilita a criação de relações recíprocas no aprendizado destes campos do conhecimento. De forma que para testar esta hipótese, é esperado que a estrutura das Redes Sociais estabelecidas nos aprendizados de Permacultura e Capoeira Angola tenham maior número de **pessoas chaves** e as relações estabelecidas tenham uma taxa considerável de **relações recíprocas**.

É importante lembrar que o debate em torno da questão da mensuração do capital social continua em aberto na literatura e não há consenso sobre a melhor forma de realizá-lo. Como exposto no referencial teórico, autores como Borgatti e Jones (1998) afirmam que o capital social normalmente é mais utilizado em contextos teóricos. Segundo estes autores, poucos pesquisadores tem se confrontado com a questão da medição. As medições realizadas neste trabalho seguem as proposições de Putnam (1995), pois este autor entende o capital social como uma qualidade das comunidades. Desta forma, este trabalho pretende participar deste processo de construção de conhecimento que se caracteriza, assim como qualquer outro processo de construção de conhecimentos, de uma dinâmica de **tentativa e erro**, ainda que de forma sistematizada por meio da utilização do método científico.

Como exposto no capítulo anterior, o Kilombo Tenondé possui uma organização composta por pessoas responsáveis por sua manutenção ao longo do ano, bem como por exercerem funções de coordenação das atividades durante a realização do Permangola. Estas pessoas foram identificadas como **lideranças**⁶⁹. A partir das informações obtidas nos questionários aplicados referentes às relações de reciprocidade, buscou-se identificar as **pessoas chaves**⁷⁰ nas Redes Sociais estabelecidas. Não necessariamente as **pessoas chaves** são as **lideranças**. De fato existe certa ambiguidade, pois, quanto maior a quantidade de **pessoas chaves**, durante o evento, maior a horizontalidade estrutural da Rede Social e conseqüentemente maior a probabilidade de existirem relações de aprendizado recíprocas. Porém, para a organização, coordenação e manutenção do

⁶⁹ Krishna (2000) demonstrou que as lideranças tem um papel crucial na ativação do capital social para o benefício da comunidade provendo aos moradores o conhecimento para lidar com a burocracia no acesso dos programas governamentais, e por facilitar a ação coletiva por meio da coordenação e resolução de conflitos. Em adição, de uma perspectiva do manejo dos recursos, os líderes podem prover a ligação à agências de assistência com informação e educação e agir como coordenadores destes esforços de formar a maximizar seus benefícios e assegurar sua implementação.

⁷⁰ A definição de **pessoas chaves** neste trabalho é a daqueles indivíduos que possuem numerosas conexões por meio das quais têm potencial de exercer influência sobre outros e podem estar melhores situados para acessar, difundir ou controlar informações. As pessoas chaves foram identificadas baseando-se em sua **centralidade**. Para assegurar a comparabilidade entre as Redes, serão consideradas **pessoas chaves** aquelas que receberam um número de nomeações superior à média de nomeações mais um (01) desvio padrão.

Kilombo Tenondé em seu cotidiano é necessário o trabalho das **lideranças**, sendo que durante os eventos, estas pessoas, por centralizarem informações e conhecimentos acabam por ocuparem a posição de **pessoas chaves** e concentram em si funções de ensino na estrutura da Rede Social, acabando por inibir que pessoas de fora da estrutura organizacional do Kilombo Tenondé tornem-se **pessoas chaves** nas Redes Sociais. De forma que na Análise das Redes Sociais é importante determinar se de fato, no conjunto das relações estabelecidas, as lideranças ocupam posições centralizadoras na Rede Social ou se a Metodologia de ensino utilizada no Permangola permite o surgimento de outras **pessoas chaves** não integrantes da estrutura organizacional interna do Kilombo Tenondé.

As **lideranças** foram identificadas pela função exercida durante o evento. Estas pessoas, bem como suas funções, são:

Tabela 12 Lideranças no Permangola 2013

Permangola 2013	
Lideranças	Função
Mestre Cobra Mansa	Coordenação Geral
Adriano Rasta	Apicultura
Burro Brabo	Bioconstrução
Cacau Lopes	Minhocário
Dó	Agrofloresta
Fabício	Marceneiro
Gonzalo	Permacultor
Leninho	Construção de artesanato
Mãozinha	Bioconstrução
Miki	Horta orgânica
Núbia	Cozinha natural
Welisson	Bioconstrução

Fonte: Saída de campo

Tabela 13 Lideranças do Permangolinha 2013

Permangolinha 2013	
Lideranças	Função
Mestre Cobra	Coordenação

Mansa	Geral
Paulo Sergio	Apoio técnico
Andrés Perez	Apoio técnico
Bruno Alves	Apoio técnico
Geomar Lima	Apoio técnico
Daniel Matar	Apoio técnico
Treinel Toca	Treino de Capoeira
Treinel Alder	Treino de Capoeira
Neidson Trindade	Cozinha natural
Rogério Teber	Treino de Capoeira
Renata Rangel	Agrofloresta
Jorge Lopes	Apoio técnico
Mestre Cabelo	Treino de Capoeira
Mestra Tiza	Treino de Capoeira
Mestre Valmir	Treino de Capoeira
Contra Mestra Gege	Treino de Capoeira
Treinel Jorge	Treino de Capoeira
Adriano Rasta	Apicultura
Dó	Agrofloresta
Barauna	Bioconstrução
Mãozinha	Bioconstrução
Onça	Apoio técnico
Cacau Lopes	Minhocário
Welisson	Bioconstrução
Miki	Horta Orgânica

Fonte: Saída de campo

Desta forma, após a identificação das **lideranças**, o passo seguinte a ser realizado é a identificação das **pessoas chaves** nas Redes Sociais estabelecidas segundo as relações de aprendizado de Capoeira Angola e de Permacultura entre todos os participantes do evento. As Redes Sociais das relações de aprendizado do Permangola 2013 e do Permangolinha 2013 foram as seguintes⁷¹:

⁷¹ Nas redes sociais apresentadas, os triângulos que apontam para baixo representam as mulheres e os triângulos que apontam para cima representam os homens. Uma seta de um indivíduo para outro indica que o primeiro citou o segundo como a pessoa que mais o ensinou Capoeira Angola ou Permacultura. As pessoas que receberam um número de nomeações superior a média mais o desvio padrão estão indicadas pela cor preta. As análises foram feitas com o software de análise de redes sociais UCINET e a visualização das redes sociais construídas foi feita com a utilização do software NETDRAW (Borgatti & Jones, 1998).

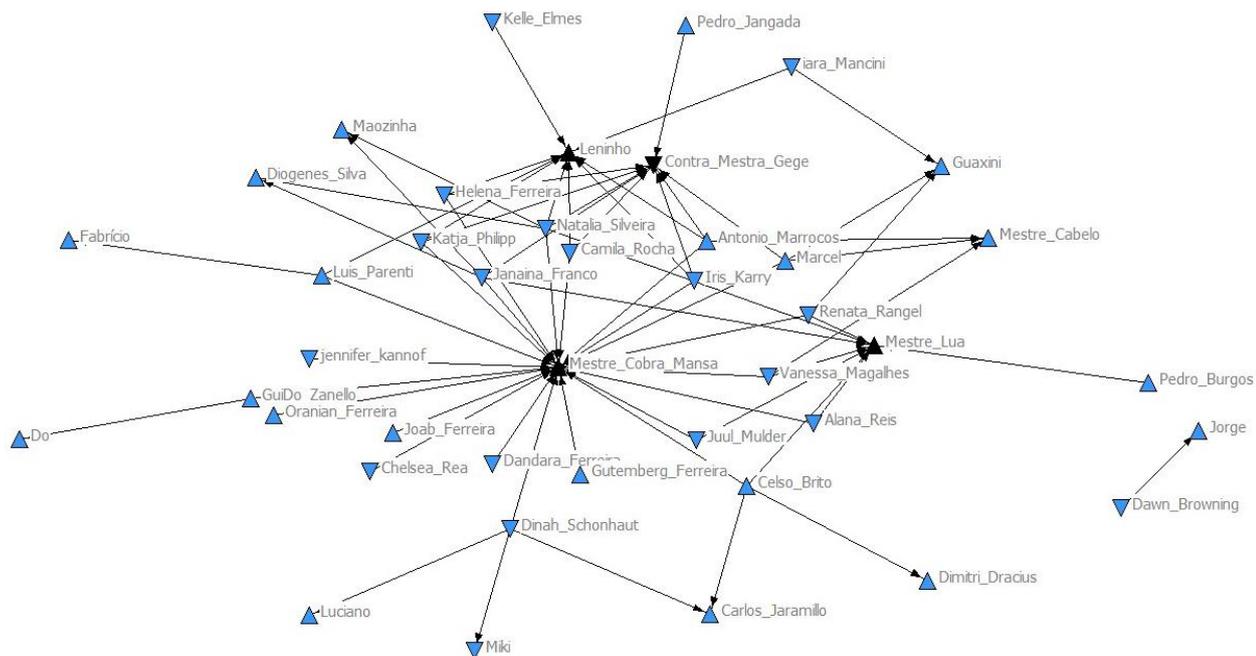


Figura 28 Permangola 2013: Rede Social de aprendizado de Capoeira Angola

Fonte: Análise de Redes Sociais

A primeira Rede Social apresenta as relações estabelecidas no aprendizado da Capoeira Angola. Por meio deste grafo é possível perceber que esta Rede Social apresenta uma estrutura hierárquica, pois apenas quatro (04) indivíduos foram reconhecidos pelos demais participantes como **peças chaves**.

Tabela 14 Pessoas chave no aprendizado da capoeira Angola no Permangola 2013

Pessoas Chaves no Aprendizado de Capoeira Angola	Média + 1 desvio padrão = 3,72
Mestre Cobra Mansa	22
Contra Mestra Gege	9
Contra Mestre Leninho	9
Mestre Lua de Santana	8

Fonte: Análise das Redes Sociais

Mestre Cobra Mansa concentrou grande quantidade de nomeações. Em relação à Contra Mestra Gege, que ocupa a segunda posição, Mestre Cobra Mansa possui treze (13) nomeações a mais, sendo que em relação à última posição, a diferença é de quatorze (14) nomeações. Esta posição de Mestre Cobra Mansa é coerente com o processo de construção do Kilombo Tenondé e do Permangola, porém tal fato pode atuar como uma

barreira para a horizontalização da estrutura desta Rede Social e o surgimento de outras **peças chaves**. Outra característica da verticalidade da estrutura desta Rede Social é o fato de que as nomeações concentram-se nos Mestres e Contra Mestres. Os treineis, professores, alunos e demais participantes do evento não receberam nomeações suficientes que permitissem que estes atuassem como peças chaves dentro desta Rede Social.

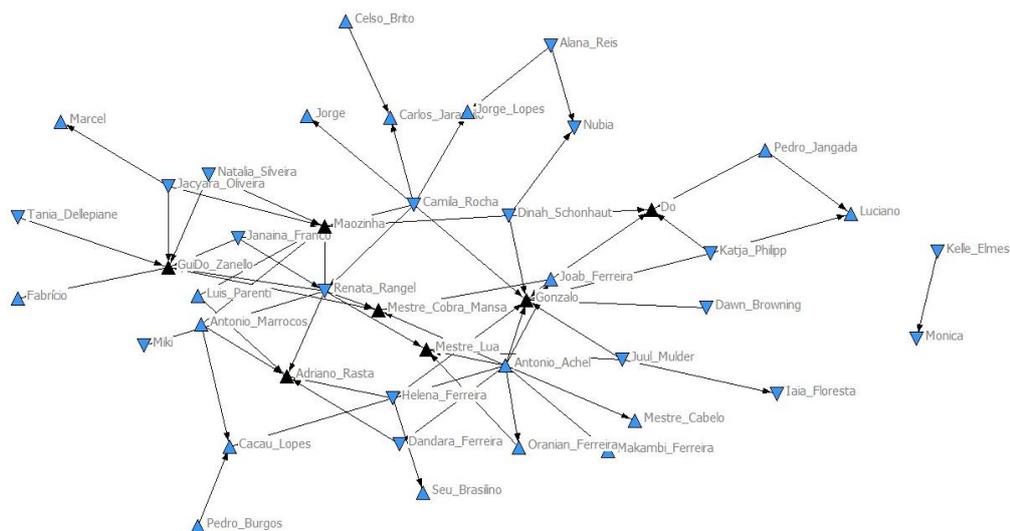


Figura 29 Permangola 2013: Rede social de aprendizado de Permacultura

Fonte: Análise das Redes Sociais

A Rede Social das relações de aprendizado de Permacultura apresenta-se menos hierárquica que a de Capoeira Angola. O total de peças chaves é de sete (07), sendo que não existem indivíduos que concentram uma quantidade desproporcional de citações.

Tabela 15 Pessoas chaves no aprendizado da Permacultura, Permangola 2013

Pessoas Chaves no Aprendizado de Permacultura	Média + 1 desvio padrão =2,42
Gonzalo	8
Mãozinha	8
Adriano Rasta	5
Guido Zanello	5
Dó	4
Mestre Cobra Mansa	4
Mestre Lua de Santana	4

Fonte: Análise das Redes Sociais

As duas pessoas que não faziam parte da estrutura organizacional do Kilombo Tenondé e foram reconhecidas como **peças chaves** no ensino da Permacultura, foram os

Mestre Cobra Mansa	32
Rogério Teber	20
Contra Mestra Gegê	19
Treinel Alder	10
Mestre Valmir	8
Mestre Cabelo	7

Fonte: Análise das Redes Sociais

Como ocorrido no evento anterior, Mestre Cobra Mansa concentra em si grande quantidade de nomeações. Porém o número das **pessoas chaves** aumentou de quatro (04) para seis (06). A Contra Mestra Gegê permaneceu como uma pessoa importante no ensino da Capoeira Angola ficando com uma nomeação a menos, dezenove (19) nomeações, do que a segunda pessoa, no caso, Mestre Rogério Teber com vinte (20) nomeações. Mestre Valmir e Mestre Cabelo participam com frequência do evento Permangola, porém no evento em questão suas participações foram muito rápidas. Ambos chegaram em um dia, deram suas oficinas, confecção de berimbau e percussão, respectivamente, e foram embora no dia seguinte. A verticalidade da Rede Social permanece uma característica marcante, pois, apesar de o Contra Mestre Alder, na época do evento Treinel Alder, ter entrado neste grupo, ele é constituído majoritariamente por Mestres e Contra Mestres deixando de fora a grande maioria dos treineis, alunos e demais participantes. Sendo que a diferença de citações do primeiro para o segundo é de doze (12) citações, e do primeiro para o último, vinte e cinco (25) citações.

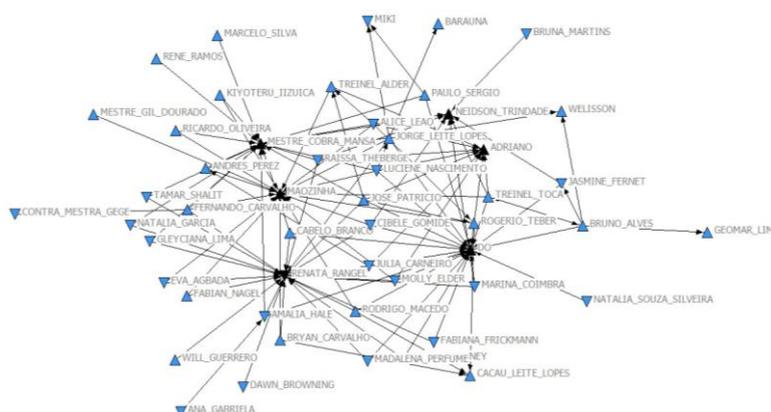


Figura 31 Permangolinha 2013: Rede Social de aprendizado de Permacultura

Fonte: Análise das Redes Sociais

A Rede Social das relações de aprendizado da Permacultura no Permangolinha, em relação à Rede Social das relações de aprendizado da Capoeira Angola do próprio

Permangolinha, continua se mostrando menos vertical. Porém, em relação à Rede Social das relações de aprendizado da Permacultura do Permangola, a quantidade de **pessoas chaves** diminuiu de sete (07) para seis (06) sendo que esta mostra maior quantidade de relações de aprendizado que aquela.

Tabela 17 Pessoas chave no aprendizado da Permacultura

Pessoas chaves no aprendizado	Média + 1 desvio padrão = 5,62
Renata Rangel	22
Dó	19
Mestre Cobra Mansa	18
Mãozinha	17
Adriano Rasta	9
Neidson Trindade	7

Fonte: Saída de campo

Outra marca da verticalidade desta Rede Social é a identificação das **pessoas chaves** com as lideranças do Kilombo Tenondé. Os participantes do Permangola continuam não conseguindo acessar esta posição na estrutura da Rede Social, apesar da metodologia de ensino. Porém é importante frisar que este fato pode estar ocorrendo por problemas metodológicos na coleta dos dados. Os participantes que receberam bolsas ofereceram em troca oficinas, aulas e trabalhos de outros campos do conhecimento como frevo, tai chi chuan, massagens terapêuticas ou construção com bambu. As questões de aprendizado focaram apenas na troca de conhecimento entre a Capoeira e a Permacultura de modo que os participantes bolsistas podem ter atuado como **pessoas chaves** no evento, porém o efeito de suas ações não foi captado pela metodologia da coleta de dados.

A diferença entre a primeira **pessoa chave**, a engenheira florestal Renata Rangel, e a segunda pessoa, o permacultor Dó, é de apenas três (03) nomeações. Já a diferença entre a primeira **pessoa-chave** e a última, o cozinheiro Neidson Trindade, é de quinze (15) nomeações. Ponto importante a se ressaltar é que Mestre Cobra Mansa, nesta Rede Social, não ocupa uma posição centralizadora, nem concentra uma quantidade desproporcional de citações, de fato, ocupa a terceira posição com dezoito (18) citações.

3.4.1. Redes Sociais de aprendizados recíprocos da Permacultura e da Capoeira Angola

Antes de apresentar os resultados obtidos é importante pontuar alguns pontos interessantes. Desta forma, a maior parte dos participantes identificados como **lideranças**,

ao responderem à questão: “Com quais pessoas mais aprenderam”, responderam que aprenderam com todos os participantes, ou seja, todas as pessoas as ensinaram de diferentes formas e em diferentes contextos, pois se assumiu a posição de que o aprendizado se dá em todos os momentos e em todas as experiências e não somente em momentos específicos de treinos, aulas ou oficinas. Neste trabalho não será defendida uma posição cética em relação à esta afirmação, porém estas respostas não foram levadas em consideração na Análise das Redes Sociais por não possibilitarem uma diferenciação entre os participantes de modo a descobrir as características que possam ser utilizadas para potencializar os processos de horizontalização das estruturas das Redes Sociais bem como a constituição de relações recíprocas no aprendizado. Respostas desta natureza foram identificadas como uma espécie de **discurso oficial**, o qual simboliza a meta para a qual os trabalhos do Kilombo Tenondé apontam, porém não colaboram na determinação da distância existente entre a estado atual e a meta almejada, bem como a estrutura presente das Redes Sociais constituídas.

Mesmo entre os participantes que nomearam pessoas específicas encontrou-se certas dificuldades, pois quando questionadas se ensinaram algo à estas pessoas em retorno do conhecimento apreendido, existe a possibilidade de estes participantes terem supervalorizado sua atuação no evento informando terem ensinado mais do que de fato ensinaram. Apesar de se reconhecer esta possibilidade e não existir uma forma de controlar a informação prestada pelos participantes entrevistados, em campo foi observado o contrário, ou seja, a tendência dos participantes foi a de subvalorizar sua atuação no evento. Estes, quando questionados, demonstraram incerteza sobre se de fato conseguiram ensinar algo aos participantes que mais os ensinaram, sendo que foi comum ter recebido como resposta frases do tipo: “Bom, eu tentei, mas se realmente consegui ensinar, isso tem que ver com a pessoa!”.

Fato importante a mencionar foi certa blindagem em relação ao Mestre Cobra Mansa. Como visto na seção anterior, Mestre Cobra Mansa obteve a maior quantidade de nomeações como a pessoa que mais ensinou Capoeira Angola, porém quando os participantes foram questionados se conseguiram ensinar algo a ele, grande parte dos participantes afirmou categoricamente não terem conseguido. Possivelmente, como vem sendo discutido, tal fato deve-se à grande diferença no nível de conhecimentos de Mestre Cobra Mansa, sendo que este ponto de vista é reforçado pelo fato de que o mesmo não ter acontecido em relação à Permacultura.

Por fim, existem outras formas de mensuração da reciprocidade nas relações de aprendizado que poderiam apresentar resultados mais rigorosos, como por exemplo, a

soma da Rede Social de aprendizado da Capoeira Angola com a Rede Social de aprendizado da Permacultura. A partir da Rede Social obtido por este procedimento, realizar a simetrização pelo mínimo para a identificação das relações recíprocas entre estas Redes Sociais. Tal operação foi realizada durante as análises, porém o resultado obtido foi o de apenas uma relação recíproca⁷². Tal rigor é verdadeiro, porém pouco útil. De fato, é possível imaginar que houve poucas ou quase nenhuma relação de reciprocidade absoluta, na qual, uma pessoa que ensinou um conhecimento de Capoeira Angola para outra pessoa, aprendeu dessa mesma pessoa, um conhecimento de Permacultura equivalente. É possível comparar este rigor, onde não foi captado nenhuma relação de reciprocidade absoluta, com a situação na qual todos aprenderam com todos em todas as relações e em todos os momentos. Estas são situações extremas que não apreendem as sutilezas das relações de ensino e aprendizado. De forma que foi escolhido considerar as afirmações dos participantes em relação à sua percepção da reciprocidade, acreditando-se que existiam poucas razões para a supervalorização das respostas dadas.

Como foi discutido na seção anterior, esta Rede Social apresenta diversas características que constituem uma Rede Social de estrutura vertical. O ensino da Capoeira Angola concentrou-se nos Mestres e Contra-Mestres. Desta forma, estas características refletem-se na Rede Social construída a partir das relações de reciprocidade no ensino da Capoeira Angola a seguir.

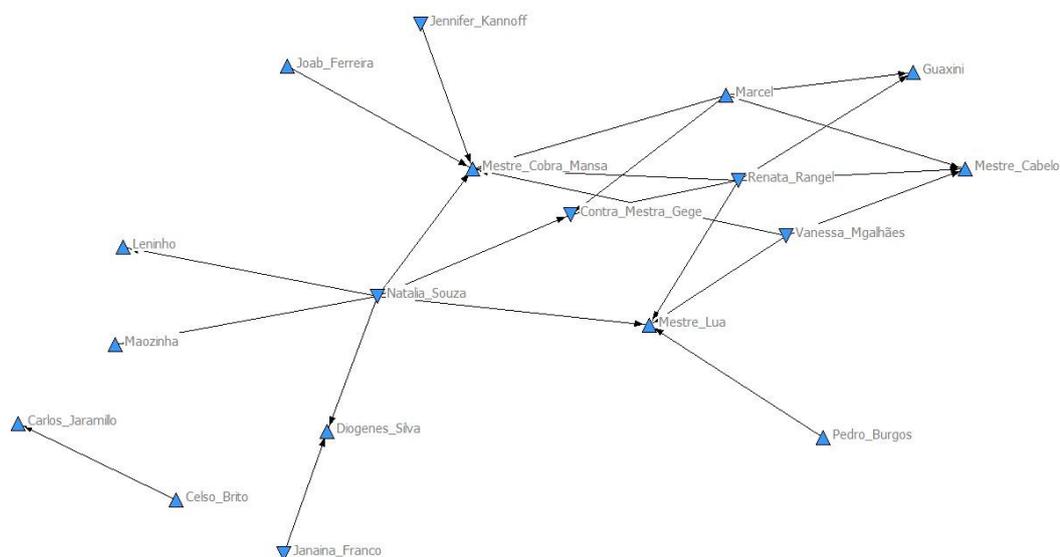


Figura 32 Permangola 2013: Rede Social de aprendizado recíproco da Capoeira Angola

Fonte: Análise das Redes Sociais

⁷² Entre o Treinel Toca e o participante Bruno Alves

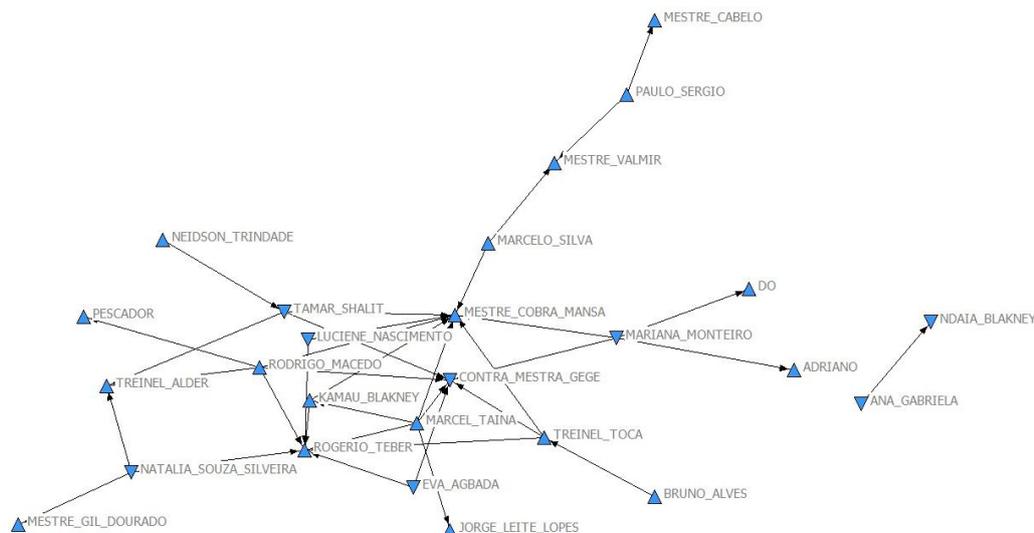


Figura 39 Permangolinha 2013: Rede Social de aprendizado recíproco da Capoeira Angola

Fonte: Análise das Redes Sociais

Percebe-se que esta Rede Social apresenta-se mais estruturada quando comparada à mesma Rede Social construída a partir das relações de aprendizado da Capoeira angola estabelecidas no evento Permangola, porém a queda na quantidade de relações também pode ser considerada grande.

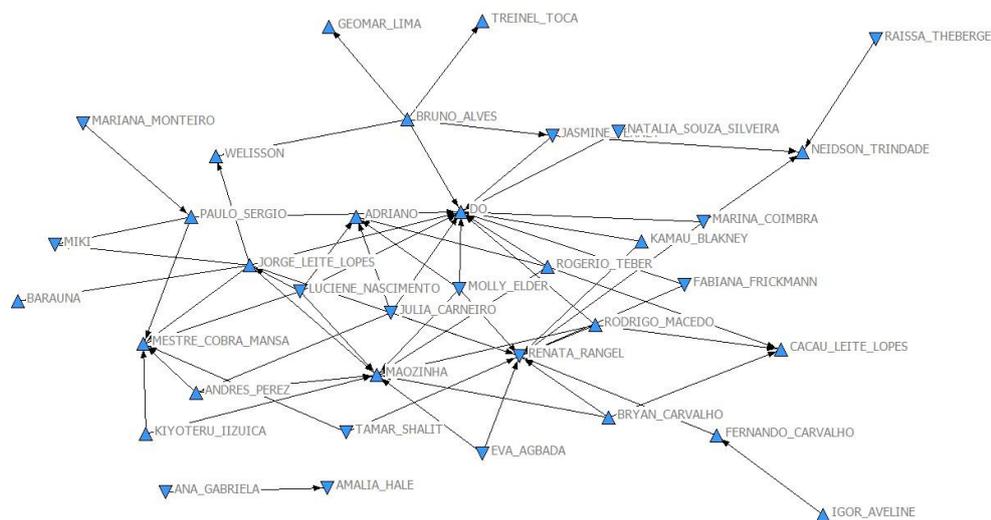


Figura 33 Permangolinha 2013: Rede Social de aprendizado recíproco da Permacultura

Fonte: Análise das Redes Sociais

Esta Rede Social apresentou a maior quantidade de relações recíprocas. É possível perceber que, basicamente, a estrutura da Rede Social de reciprocidade da Permacultura

manteve a estrutura da Rede Social do aprendizado da Permacultura, com as mesmas **pessoas chaves**, e com a redução no número das relações, quando comparado à Rede Social no aprendizado da Permacultura, fenômeno observado nas demais Redes Sociais.

Os dados apresentados neste capítulo demonstram que o segundo componente da hipótese de trabalho desta dissertação não foi comprovado. De fato, este componente afirmava que a metodologia de ensino do Kilombo Tenodé exposta no capítulo II permitiria a criação de relações recíprocas no aprendizado da Capoeira Angola e da Permacultura. Para que estas relações fossem estabelecidas acreditou-se que seria necessário que as estruturas das Redes Sociais estabelecidas durante o evento apresentassem características horizontais com considerável quantidade de **pessoas chaves**, constituindo Redes com múltiplos centros, as quais representariam tanto as **lideranças** responsáveis pela manutenção do Kilombo Tenodé quanto os participantes do evento Permangola, com maior participação daqueles participantes que trocaram a inscrição no evento por trabalho no mesmo ou oficinas dos conhecimentos possuídos. No entanto isto não foi detectado na Análise de Redes Sociais.

Este fato pode ser explicado por diversos fatores. Como exposto na introdução deste capítulo, seguindo a linha de pensamento defendida pelo autor Odile Castel, no campo educacional, a reciprocidade sendo entendida como sendo o princípio pelo qual a produção do conhecimento ocorre em um espírito de solidariedade no marco de relações entre pessoas tendo consciência de uma comunidade de interesses que leva a uma obrigação moral de apoio mútuo não é um processo natural. Tal estado dentro de uma comunidade precisa ser construído ao longo do tempo, sendo que o ponto de partida é balizado pelas relações estabelecidas dentro da sociedade capitalista, a qual incentiva comportamentos competitivos e não-solidários.

O Kilombo Tenodé possui oito (08) anos de existência sendo que neste período realizou sete (07) eventos (cinco Permangolas e dois Permangolinhas). Para determinar se de fato a estratégia de funcionamento bem como a metodologia de ensino utilizada geram relações de aprendizado recíprocas é necessário realizar monitoramento contínuo. Como foi exposto no capítulo II, o número de participantes no evento está aumentando, bem como a taxa de retorno ao evento. Os dados referentes às Redes Sociais estabelecidas durante o Permangola e Permangolinha 2013 demonstram que às funções de ensino, realizadas pelas **pessoas chaves**, concentram-se nas pessoas ligadas à estrutura organizacional do Kilombo Tenodé e possuem pouca reciprocidade, com pequenas diferenças entre as Redes Sociais de aprendizado da Capoeira Angola e as Redes Sociais de aprendizado da Permacultura.

Quando a comparação é feita entre as Redes Sociais do Permangola e as Redes Sociais do Permangolinha, é possível perceber que o número de relações de aprendizado

aumentou, apesar de o número de participantes ter se mantido estável. Mesmo a Rede Social de reciprocidade no aprendizado de Capoeira Angola do Permangolinha 2013 apresentou maior quantidade de relações quando comparada à Rede Social de reciprocidade no aprendizado da Capoeira Angola do Permangola 2013.

O fator tempo é muito importante para o desenvolvimento das características que se procura mensurar, pois muitos destes efeitos possivelmente somente serão captados após o pleno estabelecimento do Kilombo Tendoné. Em um estudo semelhante a este que analisou a economia local do município de Veranópolis, Rio Grande Do sul, buscou-se determinar o surgimento das redes de trabalho, na história do município, e de que maneira estas são fundamentais em reciprocidade, relações de proximidade e parentesco. As conclusões desta pesquisa apontam que estes três elementos constituíram-se em mecanismos sociais para a formação de redes de trabalho e de sociabilidade desenvolvimentos de forma lenta e não linear. (Radomsky, 2006).

Os resultados do perfil dos participantes são interessantes por demonstrarem que os recursos humanos são diversos. Apesar de a participação masculina ser ligeiramente maior do que a feminina, as mulheres exercem importantes funções ao longo do evento, não se restringindo apenas às funções socialmente pré-estabelecidas. Ao longo do evento Permangola foi possível observar que as mulheres problematizam diversas questões de gênero e procuram criar espaços dentro da programação para discussão coletiva. Os dados referentes à escolaridade demonstram que a maior parte dos participantes possui o nível superior de ensino (entre 56,5% e 61,0%), sendo que em relação aos conhecimentos especificamente ligados ao evento Permangola, a maior parte dos participantes já possuem conhecimentos destas áreas, o que se pode considerar um indicativo de que os participantes procuram o Permangola para aprofundar seus conhecimentos em Permacultura mais do que para serem iniciados, o mesmo acontecendo em relação à Capoeira Angola.

Conclusão

Com o intuito de finalizar esta dissertação, os principais pontos abordados na introdução do trabalho serão retomados brevemente de modo a relacioná-los com os resultados obtidos no estudo de caso e as possibilidades de operacionalização dos resultados.

No início deste trabalho, as motivações da escolha do objeto de pesquisa foram expostas. Neste momento torna-se necessário explicar como foi feita a escolha da linha de pesquisa dentro do Mestrado em Desenvolvimento Sustentável no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS). No início possuía algumas inquietações pessoais relacionadas às Políticas Públicas, tanto em relação à forma que estas são criadas, quanto à forma que as mesmas são implementadas, bem como com o tipo e a qualidade das relações estabelecidas entre os indivíduos responsáveis pela sua execução e os indivíduos alvo destas ações.

Estas inquietações nasceram a partir dos resultados obtidos no Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília. Ao final de minha graduação, realizei uma pesquisa sobre Políticas Públicas em Reflorestamento, mais especificamente, analisei o processo de implementação do Programa Nacional de Florestas (PNF)⁷³. Apesar de o estudo focar na caracterização do tipo de modelo do Estado brasileiro criador desta Política Pública, no caso, o modelo neo-institucionalista, este estudo mostrou que o PNF criou mecanismos que poderiam atingir os objetivos de atendimento às demandas dos pequenos produtores, porém, de fato, isto não ocorreu. Desta forma, passei a refletir sobre as possíveis explicações para esta falha.

A abordagem do estudo que realizei lidou com a percepção dos agentes públicos responsáveis pela implementação do PNF. Durante as entrevistas, a grande maioria informou existir grande distância entre os criadores das Políticas Públicas e o público alvo das políticas, ou seja, o público alvo pouco participou do processo de criação do PNF, sendo que as tomadas de decisões restringiram-se aos agentes públicos. De modo que, a partir da visão destes entrevistados, pode-se perceber que o modelo que predominou no Estado brasileiro, durante o período de criação e implantação desta Política Pública específica, aproxima-se do que na literatura é conhecido como um processo de planejamento do tipo *Top Down*⁷⁴. Particularmente, acredito que esta característica ajuda a entender as falhas

⁷³ O título do Trabalho de Conclusão de Curso é: Políticas Públicas em Reflorestamento no Brasil: Avanços e Desafios no Programa Nacional de Florestas.

⁷⁴ *Top down*: As decisões são tomadas por autoridades que têm certo controle do processo e decidem o que e como as políticas serão implementadas (Mazmanian e Sabatier, 1983; Van Meter e Van Horn, 1975).

percebidas na implementação do PNF, em particular, e das demais Políticas Públicas, de um modo geral. De forma que passei a assumir a posição de que para a criação de Políticas Públicas efetivas é necessária a inclusão do público-alvo destas ações em todas as etapas do processo de criação e implementação, fortalecendo o modelo de criação de Políticas Públicas, conhecido como *Bottom Up*⁷⁵.

Com este posicionamento pessoal, iniciei os estudos do Mestrado em Desenvolvimento Sustentável tendo por objetivo estudar as Políticas Públicas segundo esta perspectiva. Tendo tido contato ao longo do curso com algumas discussões relativas à assistência técnica e extensão rural, percebi que, para além da problemática da criação e implementação das Políticas Públicas, historicamente, a assistência técnica e extensão rural enfrenta principalmente problemas relativos ao tipo de relacionamento estabelecido entre os técnicos extensionistas e os grupos assistidos. Como exposto na introdução desta dissertação, um dos problemas apontados na literatura é o estabelecimento de relações verticais entre estes dois atores sociais, de modo que, para além do fato de as comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos e produtores familiares não serem incluídos no processo de criação e implementação das Políticas de Assistência Técnica e Extensão Rural, os técnicos extensionistas, durante o processo de extensão e assistência técnica, não levam em consideração os conhecimentos destes atores sociais na busca de soluções para os problemas de produção destes mesmos atores.

Como exposto na introdução, o Estado brasileiro busca lidar com esta situação por meio de sua nova Política Pública Nacional de ATER. Esta política propõe a transformação das práticas convencionais da extensão rural no campo e a introdução de mudanças institucionais, de forma que a construção de mecanismos e instrumentos para a efetivação de seus objetivos também deve ser feita de forma participativa. Dentre os principais desafios enfrentados pela nova PNATER, como exposto anteriormente, encontra-se a construção de um **novo profissionalismo**, o qual exige a continuidade e a ampliação do processo de formação de Agentes de Ater. Além de exigir mudanças nos conteúdos e grades curriculares das Instituições de ensino técnico e superior, de modo a formar profissionais capazes de atender as demandas atuais do meio rural, com base nos princípios da PNATER, é necessário privilegiar o potencial endógeno das comunidades, bem como seus conhecimentos tradicionais. Desta forma, determinou-se a necessidade da realização desta pesquisa, acreditando que um estudo desta natureza poderia oferecer importantes

⁷⁵ *Bottom Up*: Leva em consideração no fluxo do processo de planejamento aqueles que estão mais próximos às ações resultantes das políticas, ou seja, veem o processo de baixo para cima (Elmore, 1979; Lipsky, 1980; Kaufman, 1973). De acordo com autores que apoiam essa visão, ela seria justificada, primeiramente, por questões de efetividade e eficiência, já que esses atores sabem exatamente o que acontece e o que seria melhor para que se alcance os resultados da política (Palumbo e Harder, 1981); segundo, porque a participação das partes interessadas no processo nas decisões que lhes afetam torna o processo mais democrático.

indicações para aspectos relativos à construção de relações de aprendizado recíprocas, horizontais e cooperativas a partir da sistematização de experiências na base bem sucedidas.

Como foi discutido no início deste trabalho, escolheu-se lidar com a formação dos técnicos extensionistas por acreditar que suas práticas e ações são fundamentadas nos saberes e conhecimentos que adquiriram em sua formação. Porém, os programas de ensino ainda não refletem o avanço das discussões acadêmicas acerca das questões que hoje circundam o meio rural e as novas políticas de assistência técnica e extensão rural. Os currículos técnicos e de ensino superior não possuem matérias relativas à Agroecologia, Permacultura, Pedagogia Rural, Antropologia e possuem muito pouco de Sociologia Rural, de forma que a atuação dos técnicos extensionistas não os habilita a lidar de forma dialógica com as comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos e produtores rurais. Desta forma, este trabalho assumiu que sem mudanças no processo de formação dos técnicos extensionistas, as relações estabelecidas entre estes agentes e os atores sociais acima citados permanecem nas mesmas bases apontadas por Paulo Freire (1983), quais sejam, relações com o objetivo fundamental de substituir os conhecimentos destes atores sociais pelos conhecimentos técnico-científicos não adaptados às suas realidades.

Como forma de dar início a esta sistematização, este estudo de caso buscou realizar a caracterização do Kilombo Tenondé. De forma que, os resultados obtidos demonstraram que o Kilombo Tenondé se apresenta enquanto uma **comunidade intencional internacional** que por meio da Capoeira Angola realiza atividades de Permacultura para a produção de alimentos orgânicos, bem como a constituição de relacionamentos humanos mais harmônicos. Suas raízes o conectam aos quilombos constituídos na África, nas Américas (do Sul, Central e Norte) e Caribe no período escravista, de tal forma, o Kilombo Tenondé busca participar da resistência aos sistemas opressores existentes na sociedade capitalista do século XXI, da mesma forma que estas comunidades resistiram às opressões das sociedades escravistas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Um discurso difundido pelas pessoas no Kilombo Tenondé é o de que estas formas de opressão não acabaram, ao contrário, elas se atualizaram, de forma que é necessária uma atualização para além da mera resistência, sendo necessária a proposição de formas alternativas de organização comunitária.

Da mesma forma que os quilombos no período escravista apresentaram-se enquanto núcleos dispersos por um território extenso, o Kilombo Tenondé organiza-se em Rede. Dessa forma, os indivíduos que o constituem residem em diferentes países, encontrando-se principalmente durante os eventos Permangola e Permangolinha. O próprio Kilombo Tenondé participa de diferentes redes de grupos de Capoeira Angola e Ecovilas que trocam

experiências e apoiam-se mutuamente. Assim, a estratégia utilizada pelo Kilombo Tenondé é a de levar os conhecimentos de Capoeira Angola e de Permacultura para diferentes países e convidar pessoas, com diferentes tipos de conhecimentos, a participar das atividades do Kilombo Tenondé.

A metodologia de ensino utilizada nos eventos Permangola e Permangolinha fundamenta-se nos conhecimentos encontrados nos quilombos da América e Caribe originários dos quilombos africanos e das antigas civilizações africanas. A ideia síntese da metodologia do Kilombo Tenondé é a de que dois campos de conhecimentos distintos, no caso a Permacultura e a Capoeira Angola, sejam ensinadas de forma alternada, onde em um primeiro momento um determinado indivíduo possa ensinar algo que tenha domínio e em momento subsequente possa aprender algo da pessoa a quem ensinou, por fim outro elemento importante é a abertura para conhecimentos complementares trazidas pelos participantes do evento, normalmente os participantes bolsistas oferecem atividades complementares em troca da bolsa recebida.

Ao observar esta metodologia sendo posta em prática há alguns anos, observou-se que a maior parte do aprendizado realiza-se na prática dos trabalhos, com primazia destes momentos em relação aos momentos específicos de aulas teóricas. Porém, isto não foi detectado nos dados coletados nas saídas de campo realizadas em Janeiro e Julho de 2013. Nestes dados, os participantes do evento Permangola e Permangolinha, quando questionados quem mais os ensinou Capoeira Angola e Permacultura, mencionaram, majoritariamente, um conjunto pequeno de indivíduos, os quais coincidem com as pessoas que ocupam posições de coordenação na estrutura organizacional do Kilombo Tenondé. Desta forma, a Análise das Redes Sociais demonstra que as relações de aprendizado no Permangola e Permangolinha 2013 constituíram Redes Sociais de relações de aprendizado recíprocas estruturalmente hierárquicas.

Os resultados apresentados no capítulo II demonstram que a estratégia utilizada para a estruturação do Kilombo Tenondé enquanto uma **comunidade intencional internacional** está sendo bem sucedida, pois em 05 anos de existência foram realizados 07 eventos (05 Permangolas, 02 Permangolinhas e a divulgação do evento Permangola de 2014), o número de participantes dos eventos tem crescido de modo expressivo, sendo registrada a presença de pessoas de 24 países diferentes. Os dois eventos realizados no ano de 2013 apresentaram lucro, (mesmo não tendo a dimensão do **capital financeiro** como a determinante na tomada de decisões e oferecendo bolsas de participação no evento para mais de 50% dos participantes em troca de trabalho), ao longo do ano de 2013, Mestre Cobra Mansa foi convidado a participar de 03 eventos internacionais para relatar as experiências do Kilombo Tenondé.

A partir destes resultados de alguma forma conflitantes, as questões que surgem são:

- Como explicar a relação entre o **capital financeiro** e o **capital social**?
- Como esta comunidade intencional realiza suas atividades e organiza-se, mesmo não pondo o **capital financeiro** como a dimensão determinante e a obtenção de lucro como o objetivo principal de suas atividades?
- De que forma uma comunidade, que não apresenta Redes Sociais horizontais, ativa e utiliza seu **capital social**? Outras Redes Sociais constituídas de outras relações são mais importantes no funcionamento do Kilombo Tenondé e do Permangola?

No capítulo III, buscou-se medir o **capital social** segundo as relações de reciprocidade no aprendizado da Capoeira Angola e da Permacultura. Seguindo os pensamentos de Putnam, um dos principais autores utilizados nesta dissertação, a ativação do **capital social** se dá justamente dentro das Redes Sociais das comunidades por envolver obrigações mútuas e o fortalecimento do respeito às normas de reciprocidade. De forma que existem dois tipos de reciprocidade, cada uma tendo características que podem aumentar ou diminuir a quantidade de **capital social** de uma comunidade.

A *reciprocidade específica* realiza-se de um indivíduo para o outro de forma mecânica e em um intervalo de tempo curto e definido, desta forma, uma determinada pessoa dispõe-se a ajudar a outra pelo fato de saber que este mesmo indivíduo encontra-se obrigado a retribuir a este favor. O segundo tipo é a *reciprocidade genérica*. Nesta, segue-se a ideia de que as pessoas de um determinado grupo prestam auxílios uns aos outros sem a expectativa de receber algo em troca do indivíduo para o qual prestam o auxílio, na confiança de que outra pessoa, no futuro, fará algo por elas. Para Putnam esta forma de reciprocidade é mais valiosa. Na interpretação utilizada neste trabalho, aceita-se que esta seja a reciprocidade mais valiosa por se mostrar mais segura por não repousar somente na relação entre dois indivíduos, mas sim na multiplicidade de relações existentes em uma comunidade. Ela também diminui o atrito social das relações, pois cada indivíduo não se preocupa com a consumação das trocas de suas relações, pois confia que os mecanismos sociais do grupo atuarão no sentido de garantir a realização das reciprocidades.

Apesar de o segundo tipo de reciprocidade ser a mais valiosa também é a mais difícil de ser mensurada, devido à sua maior dispersão no tempo das ações e ocorrência de relações simultâneas entre diferentes indivíduos. Desta forma, assumiu-se que possa existir a *reciprocidade genérica* na comunidade intencional do Kilombo Tenondé, porém o que se buscou mensurar foi a *reciprocidade específica*. A partir dos resultados obtidos no capítulo III, os quais não confirmaram a segunda componente da hipótese deste trabalho, é possível

se discutir os fatores que influenciaram tais resultados. O primeiro fator é o curto tempo de existência do Kilombo Tenondé, de modo que a constituição de relações horizontais é o objetivo para o qual esta comunidade caminha e não seu ponto de partida, de forma que, somente a medição ao longo do tempo pode determinar se de fato este objetivo será alcançado ou não. Percebe-se que para realizar esta tarefa será necessário analisar a relação entre:

- As **lideranças**, importantes na coordenação das atividades e realização dos trabalhos cotidianos do Kilombo Tenondé, porém centralizadoras de informações; e
- A constituição de múltiplas **pessoas chaves** durante os eventos, pois quanto maior a quantidade e a diversidade das **pessoas chaves** maior a possibilidade de surgimento de relações recíprocas.

Outro ponto que deve ser levado em consideração nesta discussão, é a de que as lideranças podem explicar o sucesso do evento Permangola por serem pessoas reconhecidas e famosas que polarizam as atenções e dominam o processo de ensino. Este argumento pode ser reforçado pelo fato observado de que nas Redes Sociais de aprendizado da Capoeira Angola, os Mestres e Contra-Mestres além de centralizarem em si as nomeações, basicamente, foram pouco citados enquanto pessoas que aprenderam algo das pessoas a quem ensinaram.

Um exemplo pode ser dado em relação ao papel desempenhado por Mestre Cobra Mansa. Este indivíduo recebeu a maior quantidade de nomeações de aprendizado da Capoeira Angola. Porém, quando os participantes foram questionados se ensinaram algo a Mestre Cobra Mansa, muitos participantes responderam negativamente, sendo que grande parte das respostas positivas foram dadas de forma genérica, algo como, “Bom, ele é uma pessoa que busca aprender com todas as pessoas”. Isto aconteceu com os demais Mestres e Contra Mestres, sendo que este fato pode ser explicado pela grande diferença no nível de conhecimentos dos Mestres e Contra Mestres de capoeira em relação aos participantes do evento. Essa diferença no nível do conhecimento atua como uma blindagem que dificulta a constituição de relações de aprendizado recíprocas.

O mesmo não ocorreu quando a estrutura da Rede Social das relações de aprendizado da Permacultura foi analisada. Nas Redes Sociais do Permangola 2013, a Rede Social da Permacultura apresentou maior quantidade de **pessoas chaves** na posição de ensino, em relação à Rede Social das relações de aprendizado da Capoeira Angola, apesar de que estas **pessoas chaves** continuam sendo as mesmas lideranças ligadas à estrutura organizacional do Kilombo Tenondé. Nesta Rede Social, Mestre Cobra Mansa

ainda é o indivíduo mais citado como a pessoa que mais ensinou. Porém, a quantidade de pessoas que informam ter sido recíproca a relação de aprendizado de Permacultura com o Mestre Cobra Mansa foi maior em relação às relações da Rede Social de Capoeira Angola.

Neste momento é importante trazer à discussão o fato de que as pessoas estão familiarizadas, em seus cotidianos, a constituir relações de aprendizado verticais, ou como é posto por Paulo Freire, relações nas quais o professor tudo sabe e o aluno deve apreender todo o conhecimento deste. De modo que, observou-se, ao longo do evento Permangola, certa resistência dos próprios participantes a tomarem para si o papel de protagonistas nos processos de construção de conhecimento coletivo ou, no caso do Permangola, da reciprocidade no aprendizado. Muitas vezes, ao responderem o questionamento: “Você conseguiu ensinar algo a esta pessoa?”, os participantes demonstraram insegurança e afirmaram que estavam ali somente para aprender ou que era impossível determinar se de fato ensinaram algo a alguém. Além da falta de costume, existe também a barreira de não saber como estabelecer relações horizontais.

O desconhecimento das pessoas entre si é outro fator que pode representar uma barreira para o estabelecimento de relações recíprocas e estruturas mais horizontais das Redes Sociais. O número de pessoas que já participaram de mais de um Permangola vem aumentando, como foi demonstrado no capítulo II, porém a quantidade de novas pessoas que participam do Permangola pela primeira vez ainda é maior do que as pessoas veteranas. Isso faz com que, as pessoas não se conhecendo e não sabendo quais pessoas entre os participantes poderiam ensiná-las, seja criada a tendência a que estas pessoas procurem aquelas que ocupam posições de coordenação.

Outro fator que fez com que o número de relações de reciprocidade se apresentasse baixo foi o de que, durante a análise dos dados, não foi levado em consideração a informação apresentada por grande parte dos participantes, principalmente professores e coordenadores, de terem aprendido com todos os participantes do evento. Esta informação não foi considerada por sua generalidade e falta de precisão. De fato, o ponto de partida deste trabalho é o de que o aprendizado realiza-se em todas as relações estabelecidas entre as pessoas, não somente nas relações professor-aluno ou técnico extensionista-agricultor. Porém admite-se que esta informação não possui as sutilezas necessárias para a análise das relações e determinações de suas características, de modo que, a mensuração a que este trabalho se propôs foi feita na tentativa de se determinar de forma mais refinada quais elementos colaboram com a ocorrência deste fenômeno e podem ser utilizados para sua intensificação, de modo a serem reproduzidos em diferentes contextos de ensino-aprendizado.

Neste momento é importante abordar o elemento do erro humano. Deve-se ter em mente que durante a aplicação dos questionários é possível ter ocorrido diversos erros, ou seja, o pesquisador pode não ter se expressado com clareza em relação às questões feitas aos participantes do Permangola, considerando a subjetividade das perguntas e o curto espaço de tempo para a aplicação dos questionários para, em média, 80 pessoas. Também há a possibilidade de ter ocorrido interpretações diferentes por parte dos participantes, o que pode ter acarretado distorções nas respostas.

Para lidar com este tipo de problema nas coletas de dados subsequentes, é necessário construir estratégias para diminuir a sensibilidade da coleta dos dados aos erros humanos inerentes à experimentos desta natureza. Uma tentativa para lidar com esta questão será realizada no Permangola 2014, no qual a aplicação dos questionários será realizada em um momento posterior ao evento por meio dos formulários virtuais disponibilizados por sites como o Google. Acredita-se que com tempo para organizar a lista de todos os participantes seja possível apresentar as questões com maior clareza, sendo que os participantes terão tempo para pensar e lembrar as experiências vivenciadas.

A relação entre capital financeiro e o capital social mostrou-se importante. Apesar de o capital financeiro não ser a dimensão determinante nas tomadas de decisão do Kilombo Tenondé, não significa que este fator não desempenhe um papel de destaque dentro da estratégia de funcionamento. O capital financeiro é necessário para a manutenção do local, para a realização das viagens internacionais de ensino da Capoeira Angola e compartilhamento das experiências realizadas no Kilombo em eventos e conferências. Desta forma, assumindo a necessidade do capital financeiro, admite-se também que a utilização do capital social mostrou-se ter papel importante na estratégia de funcionamento. Por meio da Rede de núcleos do grupo de Capoeira Angola FICA as pessoas conhecem o Kilombo Tenondé, as pessoas vão ao Kilombo para auxiliar em sua estruturação, as relações são mediadas pela troca de trabalho por aprendizado, após a realização do evento existe Redes de manutenção do contato entre os participantes. Assim, é preciso deixar claro que apesar de a discussão deste trabalho restringir a estas duas dimensões, existem outros fatores que podem explicar o sucesso na utilização da estratégia de funcionamento do Kilombo Tenondé.

Um papel desempenhado pelo capital social que não foi discutido no trabalho de forma aprofundada foi a presença, ao longo do ano, de pessoas que permanecem no Kilombo Tenondé por alguns meses trocando estadia e alimentação por trabalho de forma a aprenderem as técnicas de Permacultura e Capoeira Angola. Para compreender a importância destas ações na estratégia de funcionamento do Kilombo Tenondé é necessário realizar, ao longo de um ano, o monitoramento e registro da presença destas pessoas bem

como quantificar o valor de seu trabalho, o valor dos conhecimentos adquiridos, o custo de sua estadia, o custo da alimentação, para por fim, comparar estes fatores entre si de modo a determinar se esta troca é vantajosa para as partes envolvidas, bem como o impacto destas ações na estratégia de funcionamento do Kilombo Tenondé.

Outro ponto a ser explorado são as diferenças entre os participantes brasileiros e os participantes estrangeiros. De fato, como foi citado nos fatores que motivaram a realização deste estudo, durante a realização dos primeiros Permangolas existia uma diferenciação entre os participantes estrangeiros, que pagavam sua participação em Dólar, e os participantes brasileiros, que pagavam em Reais:

No Permangola 2009:

- Os participantes residentes no Brasil pagaram R\$ 300 (R\$ 150/3 dias ou R\$ 60/dia);
- Os participantes estrangeiros pagaram U\$ 300 (U\$ 150/3 dias ou U\$ 60/dia);

No Permangola 2010:

- Os participantes residentes no Brasil pagaram R\$ 350,00;
- Os participantes estrangeiros pagaram US\$ 300,00;

No Permangola 2011:

- Os participantes residentes no Brasil pagaram R\$ 350,00
- Os participantes estrangeiros pagaram US\$ 300,00

A partir do Permangola 2012 a cobrança passou a ser a mesma para todos os participantes. Tanto para os residentes no Brasil quanto para os estrangeiros o valor cobrado foi de R\$ 450,00. Este foi um fator que levantou certa curiosidade durante os primeiros contatos realizados antes das saídas de campo. Porém este fator não foi analisado em profundidade devido ao fim desta prática. Em uma conversa informal com Mestre Cobra Mansa, este informou que esta estratégia foi deixada de lado, pois ele percebeu que o custo total estava ficando muito alto para os participantes estrangeiros, pois estes, normalmente, participavam de outros eventos, antes ou depois do Permangola, e este valor era um fator que impedia o aumento da participação de pessoas estrangeiras. Isto foi percebido justamente em 2011 no auge da crise econômica na Europa.

Para além desta cobrança diferenciada na participação das pessoas residentes no Brasil e os participantes estrangeiros, durante os eventos, foi observado que existiu diferenças na atuação destes participantes durante os eventos. Em relação ao pagamento da inscrição, a maioria dos participantes estrangeiros pagou o valor integral da inscrição,

muitas vezes realizando o depósito antecipadamente. Já os participantes brasileiros, são aqueles que buscam receber algum tipo de bolsa, oferecendo seu trabalho em troca. Outra diferença entre estes participantes é a de que os estrangeiros normalmente procuram absorver os conhecimentos de forma mais intensa, ocupando uma posição rígida de aprendizes. Já os participantes brasileiros, assumem maior proatividade, ocupando a posição de aprendizes em um determinado momento e em outros momentos colaboraram com o processo de ensino-aprendizagem ao ministrar algum tipo de oficina ou assumir responsabilidades na realização das atividades práticas.

Considerando esta proatividade observada entre os participantes brasileiros é preciso considerar que a mesma não foi suficiente para que estes ocupassem uma posição de destaque no processo de ensino-aprendizado. Apesar de haver abertura do Kilombo Tenondé para a participação de pessoas de fora do círculo interno de organização do local, ao realizar a Análise das Redes Sociais para a identificação das **pessoas chaves** no processo de ensino-aprendizagem **as lideranças** atuaram de forma centralizadora, não sendo detectado a presença de pessoas do externas à organização do Kilombo Tenondé.

No segundo componente da hipótese deste trabalho, assumiu-se que o capital social seria um componente que explicaria em grande parte o sucesso da estratégia de funcionamento do Kilombo Tenondé. Seguiu-se esta linha de pensamento por conta da distribuição de bolsas aos participantes do evento em troca de trabalho ter ficado acima de 50% em ambos os eventos. Como os bolsistas, em troca de sua participação no evento ofereceram serviços de apoio técnico e oficinas de diferentes conhecimentos, esperou-se detectar nas Redes Sociais baseadas em relações de aprendizado uma estrutura horizontal na quais múltiplas **pessoas chaves** atuariam no sentido do estabelecimento de relações de aprendizado recíprocas.

As Redes Sociais aqui discutidas são entendidas como a estrutura da organização de um grupo estabelecida segundo o tipo de relação que se escolhe analisar, por exemplo, dentro da organização de um grupo pode se analisar diferentes Redes Sociais estabelecidas por meio de relações de cuidados, relações de amizade, relações de disputas, relações de trocas. No caso em questão, discutiu-se a relação de aprendizado recíproco. Porém existem outros tipos de relações, que estruturam diferentes Redes Sociais que poderiam apresentar maior importância para a compreensão do sucesso da estratégia utilizada pelo Kilombo Tenondé. Nas Redes Sociais analisadas encontrou-se uma estrutura hierárquica na qual as **lideranças** ocupam as posições de **pessoas chaves**. É possível que se a análise for feita a partir de outras relações o resultado seja diferente.

Agenda de Pesquisas Para a Construção da Unidade Demonstrativa

Com o entendimento de que os resultados obtidos nesta dissertação não encerram as questões levantadas, mas apenas abrem novas questões, novas possibilidades e a necessidade por novas pesquisas, nesta última seção será retomada a discussão sobre a **Agenda de Pesquisas** apresentada no início desta dissertação. Como já apresentado, as pesquisas necessárias realizariam as seguintes tarefas:

- Estudos comparativos de diferentes experiências de fazendas produtoras de alimentos orgânicos:
 - Estudo da Rede WHOOF;
 - Estudo das experiências realizadas pela Rede AS-PTA;
 - Experiências similares ao Mutirão Agroflorestal;
- Estudos comparativos entre Unidades Demonstrativas e seus diferentes usos dentro da nova PNATER;
- Criação do Projeto de uma nova Unidade Demonstrativa para a formação de técnicos extensionistas em **metodologias participativas**;
- Mapeamento das comunidades quilombolas e determinação do grau de insegurança alimentar existente nestes locais;
- Levantamento dos conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas;
- Determinação do nível de acesso à Assistência Técnica das comunidades quilombolas.

Os eventos Permangola e Permangolinha continuarão sendo monitorados. Os dados relacionados à suas dimensões financeiras serão coletados para a construção de uma **série histórica**. Bem como a dinâmica ao longo do tempo dos dados referentes às bolsas para a participação nos eventos. Os dados referentes ao perfil dos participantes continuarão sendo coletados, sendo que se buscarão formas de refinar a coleta destes dados, por exemplo, por meio da inclusão de pontos relacionados à renda dos participantes, bem como a forma que os mesmo aplicam os conhecimentos obtidos no Kilombo Tenondé em seu cotidiano e em suas carreiras profissionais.

Os dados necessários para a construção das diferentes Redes Sociais estabelecidas ao longo dos eventos Permangola e Permangolinha serão coletados em um momento posterior, por meio de um questionário enviado por e-mail, sendo que se buscará a expansão destes dados para outros tipos de relações que possam ser indicadores interessantes das Redes Sociais e do nível do **Capital Social**. Para tanto, o estudo da

literatura referente à medição do capital social será acompanhada de forma contínua. Como discutido na sessão anterior, será feito o monitoramento das pessoas que permanecerem no Kilombo Tenondé, ao longo do ano, de modo a quantificar o valor do trabalho oferecido e comparar com os custos relativos à estadia e alimentação.

No doutorado será construído um projeto de pesquisa para a realização de um estudo comparativo de diferentes propriedades produtoras de alimentos orgânicos, preferencialmente as que possuam uma estratégia de funcionamento semelhante à estratégia utilizada pelo Kilombo Tenondé. Um dos objetivos desta pesquisa será identificar elementos comuns à diferentes experiências de propriedades produtoras de alimentos orgânicos em diferentes contextos de forma a generalizar a fórmula apresentada no capítulo II desta dissertação, qual seja:

$$\textit{Capoeira Angola} + \textit{Permacultura} = \textit{Permangola}$$

Onde:

Capoeira Angola = Conhecimento tradicional de um determinado grupo (CT)

Permacultura = Conhecimento sistematizado para a produção orgânica (CS)

Permangola = Metodologia Participativa e Dialógica (MPD)

De modo que a equação genérica seria:

$$CT + CS = MPD$$

Como dito anteriormente, algumas propriedades constituintes da Rede internacional WHOOF serão selecionadas para comparar a estrutura de suas Redes Sociais com a estrutura das Redes Sociais do Kilombo Tenondé de modo a identificar os elementos semelhantes, bem como os elementos dessemelhantes a cada experiência. Desta forma, a equação poderia ser preenchida com conhecimentos tradicionais de locais de diferentes regiões do mundo, junto aos conhecimentos e técnicas sistematizados para a produção de alimentos orgânicos nestas propriedades. Desta forma os pontos que serão tratado, em relação à cada propriedade serão:

- Caracterização de diferentes formas de organização e estratégias de funcionamento das propriedades de produção de alimentos orgânicos (Lideranças, organização interna, mecanismos institucionais de organização, etc);
- Levantamento das organizações comunitárias pré-existentes às organizações formais em cada local, bem como o levantamento das organizações informais (associações, cooperativas, grupos de jovens, clubes de mães, grupo de mulheres, clubes de futebol, sindicatos, partidos políticos, conselhos, etc);
- Sistematização dos diferentes recursos didáticos utilizados;
- Sistematização das diferentes técnicas de extensão utilizadas;

Para a construção da proposta de Unidade Demonstrativa para a formação dos técnicos extensionistas será considerado que o ponto mais importante é a vivência. De forma que os trabalhos em campo serão projetados para funcionarem da forma contínua de modo a que os módulos de ensino possam variar de encontros de 3 a 7 dias de duração para períodos maiores como dois e três meses. Assim, de forma semelhante ao que ocorre no Kilombo Tenondé e nas propriedades constituintes da Rede WHOOF, a Unidade Demonstrativa proposta será estruturada de tal forma que os técnicos extensionistas a serem formados irão realizar uma imersão em atividades cotidianas baseadas no modo de vida das comunidades que posteriormente serão atendidas por estes agentes, quais sejam as comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e os produtores familiares. Na metodologia utilizada será levado em consideração que a extensão faz parte de um processo que visa melhorar a qualidade de vida dos grupos sociais alvos destas ações. Nesse sentido, será fundamental levar em consideração as diferentes demandas locais de forma que uma preocupação intensa será o estabelecimento de um processo participativo.

Por fim, o aspecto mais prático desta pesquisa é a construção da proposta de Unidade Demonstrativa para a formação dos técnicos extensionistas, porém a discussão teórica lidará com a relação dialética entre o **capital financeiro** e o **capital social**. Tendo por objetivo descobrir qual a importância do **capital social** para o sucesso de cada empreendimento, bem como as metas de cada experiência e a forma que o **capital financeiro** é utilizado para a realização destas metas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J. (2011). Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. *Revista Educação Agrícola Superior*, .
- Altafin, I. G. (2003). *Sustentabilidade, políticas públicas e agricultura familiar: uma apreciação sobre a trajetória brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Altieri. (1989). *Agroecologia: As bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA-FASE.
- Altieri, M. (1998). *Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- AmbienteBrasil. (2011). <http://ambientes.ambientebrasil.com.br/>. Acesso em 26 de agosto de 2013, disponível em Ambiente Brasil: http://ambientes.ambientebrasil.com.br/agropecuario/extensao_rural/historico_da_extensao_rural.html
- Arte, O. d. (2006). Acesso em 25 de agosto de 2013, disponível em <http://opabrasil.blogspot.com.br/p/permacultura.html>
- Bacha, C. J. (2008). Análise da evolução do reflorestamento no Brasil. *Revista de economia agrícola*, 5-24.
- Bauman, Z. (2001). *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *O amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ben, J. (Compositor). (1974). *Hermes Trimegistro e sua Celeste Tábua de Esmeralda*. [J. Ben, Artista] Rio de Janeiro, Brasil.
- Bodin, O., & Crona, B. (2008). Management of Natural Resources at the Community Level: Exploring the Role of Social Capital and Leadership in a Rural Fishing Community. *World Development*, 2763-2779.
- Borgatti, S. B., & Jones, C. (1998). Network Measures of Social Capital. *CONNECTIONS 21* .

- Borgatti, S., Mehra, A., Brass, D., & Labiancas, G. (2009). *Network analysis in the social sciences*. Science.
- Bourdieu, P. (1985). *The forms of capital*. In *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: JG Richardson.
- Brandenburg, A. (2002). Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* , 11-28.
- Brasil. (2009). *Jornal do Senado: Uma reconstituição histórica*. Brasília: Senado Federal.
- BRASIL. (2007). *Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- Bueno, M. (2005). *Ecovila: Guia de planejamento de ecovilas*. Ubatuba: IPEMA.
- Burt, R. S. (1992). *Structural Holes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Burt, R. S. (2000). *Structural Holes versus Network Closure as Social Capital*. Chicago: University of Chicago and Institute d'Aministration d'Affaires (INSEAD).
- Burt, R. S. (1998). The network structure of social capital. *Social Network and Social Capital*. Duke University.
- Callou, A. B., Pires, M. L., Leitão, M. R., & Santos, M. S. (2008). O ESTADO DA ARTE DO ENSINO DA EXTENSÃO RURAL NO BRASIL. *Revista Extensão Rural* , 84-115.
- Caporal, F. (2009). *Bases para uma Política Nacional de Formação de Extensionistas*. Brasília: sd.
- Caporal, F. R. (2003). *Bases para uma nova ATER pública*. Santa Maria: Universidad de Cordoba.
- Caporal, F. R., & Costabeber, J. A. (2002). Agroecologia: enfoque científico e estratégico. *Agroecología e desenvolvimento rural sustentável* , 03 (02), 13.
- Caporal, F. R., & Ramos, L. d. (2006). *Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar os desafios para romper a inércia*. Brasília: Em fase de publicação.
- Cardoso, A. O., & Arruti, J. M. (2011). *A temática quilombola no banco de teses da CAPES: Mapeamento preliminar*. Rio de Janeiro: Departamento de Educação / PUC-Rio.
- Carvalho, J. J. (2003). *Experiência histórica dos quilombos nas Américas e no Brasil*. Brasília: Editora da Unb.

- Garrafiel, D. R., Nobre, F. R., & Dain, J. (1999). *Manual da Metodologia Pesa: Uma abordagem participativa*. Rio Branco: Universidade da Flórida .
- Garrote, V., Amador, D. B., Pinho, R. Z., Peneireiro, F. M., & Marcon, M. (2002). *Movimento Mutirão Agroflorestal: Rede de integração e troca de experiências para a consolidação dos conhecimentos e difusão da agrofloresta*. Pará: IV CBSagf.
- Geledés, I. d. (2007). *Racismo institucional: Uma abordagem conceitual*. Rio de Janeiro: Geledés.
- Gouldner, A. W. (1960). The Norm of Reciprocity. *American Sociological Review* , 169.
- Granoveter, M. S. (1973). *The strength of weak ties*. The American Journal of Sociology.
- Guanzioli, C. E., & Cardim, S. E. (2000). *Novo Retrato da Agricultura Familiar - o Brasil redescoberto*. Brasília: INCRA/FAO.
- Gulati, R. (1999). *Network location and learning: The influence of network resources and firm capabilities on alliance formation*. Strategic Management Journal.
- Hilliard, A. G. (1995). *The marron within us*. Baltimore: Black Classic Press.
- Hobsbawn, E. (1988). A Era dos Impérios 1875-1914. In: E. Hobsbawn, *A Era dos Impérios 1875-1914* (pp. 54-55). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Holgrem, D. (2007). *Os fundamentos da permacultura*. Internet.
- Holmgren, D. (2007). *Os fundamentos da permacultura*. Victoria, Australia: Holmgren Design Services.
- Iglesias, E. V. (1997). *Cultura, educación e desarrollo. Exposición en ocasión de la Asamblea General de la Unesco*. Paris: Unesco.
- INCRA. (08 de 03 de 2012). *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária*. Acesso em 02 de 09 de 2013, disponível em <http://www.incra.gov.br/>: <http://www.incra.gov.br/index.php/noticias-sala-de-imprensa/noticias/11860-unidades-demonstrativas-aumentarao-sustentabilidade-de-147-familias-sertanejas-em-casa-nova-ba>
- Jacinto, C. R. (2007). *A agroecologia, a permacultura e o paradigma ecológico na extensão rural: Uma experiência no assentamento colônia I - Padre Bernardo - Goiás*. Brasília: Centro de Desenvolvimento Sustentável.
- Jackson, T. (2009). *Prosperity without growth: Economics for a finite planet*. Earthscan: Fishbooks.

- Jones, G., & Garforth, C. (1997). *The history, development, and future of agricultural extension*. New York: Food and Agriculture Organization of the United Nations.
- Kliksberg, B. (1999). *Capital Social y Cultura: Claves Olvidadas Del Desarrollo*. México: Cepal.
- Kummer, L. (2007). *Metodologia Participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar*. Salvador: GTZ Agência Alemã de Cooperação Técnica.
- Laumann, E., Marsden, P., & Prensky, D. (1983). *Applied network analysis: The boundary specification problem in network analysis*. Beverly Hills.
- Lee, J., Árnason, A., Nightingale, A., & Shucksmith, M. (2005). Networking: Social Capital and Identities in European Rural Development. *Sociologia Ruralis*, 45 (4).
- Leite, I. B. (2000). Os Quilombos no Brasil: Questões Conceituais e Normativas. *Etnografia*, 333-354.
- Lévi-Strauss, C. (1950). Introdução à obra de Marcel Mauss. In: M. Mauss, *Sociologia e Antropologia* (p. 30). São Paulo: COSACNAIFY.
- Lin, N. (1999). *Building a network theory os Social Capital*. Duke University.
- Lopes, É. B., Luz, A. M., Azevedo, M. d., & Moraes., W. T. (2010). Compreender, Atuar e acolher. *Adolescer*.
- Machado, G. J. (1996). *Os primórdios no Estudo do Conceito de Comunidade*. sd: sd.
- Machado, S. A. (2012). *Saberes e Fazeres na Capoeira Angola: A autonomia no jogo de muleekes*. Salvador: UFBA.
- Marteletto, R. M. (2001). Análise de Redes Sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da informação*.
- Mauss, M. (1950). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: COSACNAIFY.
- Mc's, R. (Diretor). (2007). *Mil Trutas, Mil Tretas* [Filme Cinematográfico].
- MDA. (2010). *Fundamentos teóricos, orientações e procedimentos metodológicos para a construção de uma pedagogia de ATER*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- MDA. (2004). *Manual para a elaboração de projetos de Unidade Demonstrativa*. Recife: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

- MDA. (2004). *Manual para elaboração de projetos de unidade demonstrativa*. Recife: Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- Milgram, S. (1967). The Small World Problem. *Psychology Today* , 60-67.
- MMA. (26 de agosto de 2013). <http://www.mma.gov.br/>. Acesso em 2013 de agosto de 26, disponível em Ministério do Meio Ambiente: <http://www.mma.gov.br/agua/agua-doce/unidades-demostrativas>
- Molisson, B. (1993). *The Foundation Year-Book of The Permaculture Academy*. Sydney, Austrália.
- Moura, C. (1981). *Os Quilombos e a Rebelião Negra*. São Paulo: Brasiliense.
- MPA. (30 de 08 de 2011). <http://www.mpa.gov.br/>. Acesso em 02 de 09 de 2013, disponível em MINISTÉRIO DA PESCA E DA AQUICULTURA: <http://www.mpa.gov.br/aquiculturampa/aguas-da-uniao/unidades-demonstrativas-para-treinamento>
- Munanga, K. (1996). Origem e história do quilombo na África. *Revista Usp* .
- Nascimento, A. d. (1980). Quilombismo: An Afro-Brazilian Political Alternative. *Journal of Black Studies* , 141-178.
- Newman, M. E. (2003). The structure and function of complex networks. *SIAM Review* , 167-256.
- Odum, E. P. (1953). *Fundamentos da ecologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, M. N. (2012). *A Formação de Técnicos e Extensionistas Rurais no Contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável e da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Palmares, F. C. (2 de julho de 2012). *Fundação Cultural Palmares*. Acesso em 01 de outubro de 2013, disponível em <http://www.palmares.gov.br/>: <http://www.palmares.gov.br/2012/07/cresce-o-numero-de-pessoas-que-se-autodeclararam-negras-segundo-o-ibge/>
- Palmares, F. C. (fevereiro de 19 de 2013). www.palmares.gov.br. Acesso em 11 de setembro de 2013, disponível em Palmares: <http://www.palmares.gov.br/2013/02/pan-africanismo-o-conceito-que-mudou-a-historia-do-negro-no-mundo-contemporaneo/>
- Pastinha, M. (1988). *Capoeira Angola*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- Peçanha, C. F. (2012). (S. A. Machado, Entrevistador)
- Peçanha, F. C. (2013). www.kilombotenonde.com. Retrieved 2013 йил 30-abril from Kilombo tenonde: <http://www.kilombotenonde.com/kilombo-tenonde/>

- Peixoto, M. (2008). *Extensão Rural no Brasil - Uma Abordagem Histórica da Legislação*. Brasília: Consultoria Legislativa do Senado.
- Pereira, E. Q. (2004). *Assistência Técnica e Extensão Rural ou Assessoria técnica e social? Visões opostas do apoio à agricultura familiar*. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba.
- Peruzzo, C. M. (2002). Comunidades em Tempos de Redes. In: Peruzzo, *Comunicación y movimientos populares: Quais redes?* Porto Alegre: Unisinos.
- Portes, A. (1998). Social Capital: Its origin and applications in modern sociology. *Annu. Rev. Sociol.* , 1-24.
- Pretty, J. N. (1995). *Participatory Learning for Sustainable Agriculture*. World Development.
- Putman, R. D. (2001). Social capital: Measurement and consequences. *The contribution of human and social capital to sustained economic growth and well-being* , 117-135.
- Putnam, R. (1995). *Bowling alone: America's Declining Social Capital*.
- Putnam, R. (1999). *Comunidade e Democracia*. São Paulo: FGV.
- Radomsky, G. F. (2006). As Redes Sociais da Economia Local: Um Estudo de Caso na Serra Gaúcha. *UFRGS* .
- Rodrigues, F. Q., Peneireiro, F. M., Ludewigs, T., Meneses-Filho, C. d., & Almeida, D. A. (2000). Formação de educadores agroflorestais no Estado do Acre. Acre: Universidade Federal do Acre.
- Rogers, E. M. (1983). *Diffusion of innovations*. New York: The American Center Library.
- Rogers, E. M. (1983). *Diffusion of Inovations*. New York: The Free Press.
- Sabourin, E. (2001). Aprendizagem coletiva e construção social do saber local: o caso da inovação na agricultura familiar da Paraíba. *Estudos Sociedade e agricultura* , 37-61.
- Sabourin, E. (2009). Educação, dádiva e reciprocidade: reflexões preliminares. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* , 131-208.
- Sabourin, E. (2008). Marcel Mauss: Da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* .
- Sabourin, E. (2011). Teoria da Reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento. *Sociologias* , 21-51.
- Sabourin, E. (2011). Teoria da reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento. *Sociologias* .

- Santana, A. C. (2006). *A experiência do projeto Dom Helder Câmara, com unidades demonstrativas de piscicultura em tanques-rede em assentamentos e pequenas comunidades rurais do semi-árido nordestino*. Lavras: Universidade Federal de Lavras.
- Santos, A. C. (2008). *Construção participativa de indicadores de sustentabilidade em sistemas agroflorestais no vale do ribeira*. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente.
- Sen, A. (1999). *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo : Cia das letras.
- Seppir. (2013). *Guia de Políticas Públicas para comunidades quilombolas*. Brasília: Brasil.
- Severo, A. C., Costa, A. J., Cabana, G. S., Porto, F. S., & Borges, F. d. (2008). A questão da sustentabilidade em agroecossistemas. *Conhecimento sem fronteira*.
- Silva, A. M. (2006). *POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL NO BRASIL*. Brasília: MDA.
- Silveira, A. C., & Pippi, J. (2005). *Políticas Democráticas e Popularização dos Conteúdos: Resignificações do Discurso Sobre Novas Tecnologias*. Recife: Editora Contraluz.
- Souza, N. d. (2005). *Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Atlas.
- Souza, W. P. (2012). *UNIDADE DEMONSTRATIVA DE RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA INTRODUZIDA EM AGROECOSSISTEMA DEGRADADO, NO ALTO SÃO LOURENÇO, CAMPO VERDE - MT*. RONDONÓPOLIS: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO.
- Temple, & Chabal. (1995). La réciprocité ou la naissance des valeurs humaine. *l'Harmattan* , 263.
- Temple, D. (2012). <http://dominique.temple.free.fr/>. Acesso em 20 de setembro de 2013, disponível em Réciprocité - Reciprocidad: http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad&id_rubrique=83
- TOCANTINS, C. (27 de 06 de 2013). <http://conexaoto.com.br/>. Acesso em 02 de 09 de 2013, disponível em CONEXÃO TOCANTINS: <http://conexaoto.com.br/2013/06/27/sao-valerio-e-santa-rosa-terao-unidades-demonstrativas-de-biodiesel-para-atender-agricultores>
- Valente, A. L. (2007). Descompasso, desencontros e desconhecimento: As políticas públicas em território Kalunga. In: J. P. Tonneau, & E. Sabourin, *Agricultura Familiar Interação Enter Políticas Públicas e Dinâmicas Locais* (pp. 195-217). Brasília: UFRGS.
- Valente, T. W. (2012). *Network interventions*. Science.

Villas Boas, F. L. (2005). *A requalificação do espaço geográfico: Uma análise a partir da Assentamento Colônia I - Padre Bernardo - Goiás*. Brasília: Universidade de Brasília - Departamento de Geografia.

Vione, G. F. (2002). *Metodologias Participativas na construção de planos de desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Wasserman, S., & Faust, k. (1994). *Social Network analysis*. Cambridge University Press.

Wellman, A. M., & Wellman, B. (2009). *Social Network Analysis: An introduction*. London: Peter Carrington and John Scott.

Wellman, B. (1998). *Networks in the Global village*. Boulder: westview.

Wenger, J. (2013). *Quantum Shifting*.

Wikipedia. (26 de março de 2013). http://pt.wikipedia.org/wiki/Cin%C3%A9zio_Feliciano_Pe%C3%A7anha. Acesso em 24 de agosto de 2013, disponível em Wikipedia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cin%C3%A9zio_Feliciano_Pe%C3%A7anha

Woolcock, M., & Narayan, D. (2000 йил august). Social Capital: Implications for development theory, research, and policy. *the world bank research observer*, pp. 225-49.

Anexos

Primeiro questionário

FICHA DE INSCRIÇÃO

NOME:
DATA DE NASCIMENTO:
SEXO: M () F ()
LOCAL DE ORIGEM:
ANOS DE ESTUDO:
PROFISSÃO:

RENDA MÉDIA:
e-MAIL:
TELEFONE/SKYPE:
POSSUI CONHECIMENTO DE PERMACULTURA: SIM () NÃO ()
POSSUI CONHECIMENTO DE CAPOEIRA ANGOLA: SIM () NÃO ()

QUAIS SÃO SUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO PERMANGOLA?

Segundo questionário

PERMACULTURA

Já possuía conhecimentos de Permacultura antes do evento?
Sim () Não ()
Aplicava esses conhecimentos no seu cotidiano?
Sim () Não ()
Aprendeu algo novo sobre Permacultura durante o evento?
Sim () Não ()

O que?

Quais foram as pessoas com as quais você mais aprendeu?

Vocês se tornaram amigos?

Você ensinou algo a esta pessoa?

No futuro pretende aplicar em seu dia-a-dia as técnicas de Permacultura? Como?

Terceiro questionário

CAPOEIRA ANGOLA

Já possuía conhecimentos de Capoeira Angola antes do evento?

Sim () Não ()

Já praticava Capoeira Angola?

Sim () Não ()

Aprendeu algo novo sobre Capoeira Angola durante o evento?

Sim () Não ()

O que?

Quais foram as pessoas com as quais você mais aprendeu?

Vocês se tornaram amigos?

Você ensinou algo a esta pessoa?

Pretende continuar praticando Capoeira Angola?

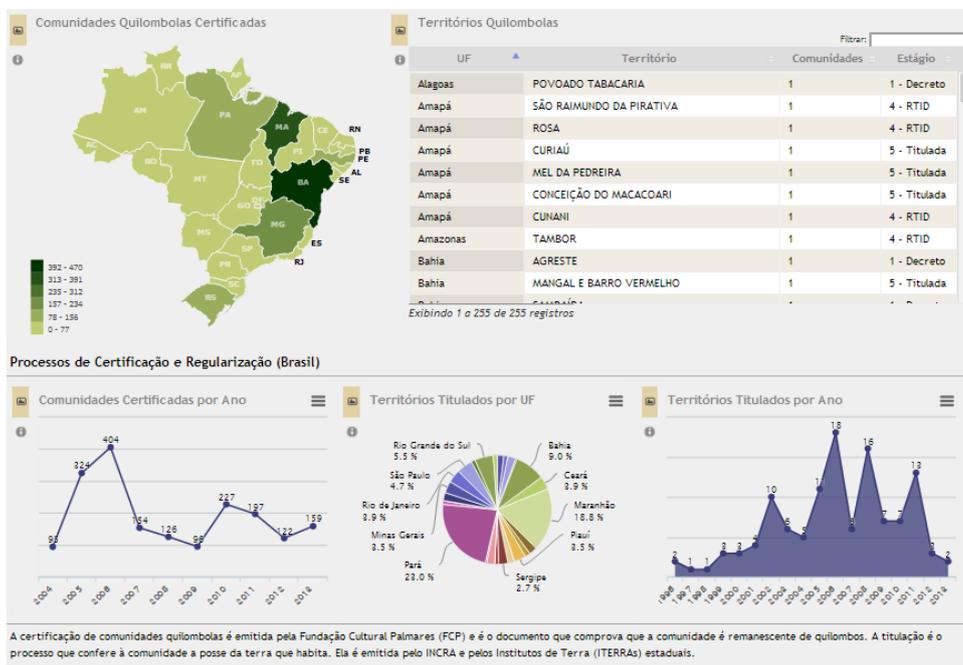
Entrevista semi-estruturada com os principais atores do Kilombo Tenondé e do Permagola

Qual a trajetória de vida da pessoa que a levou ao KT?
Quais as funções exercidas no KT?
O que a pessoa entende por quilombo moderno?
Qual a ligação entre Permacultura e Capoeira Angola?

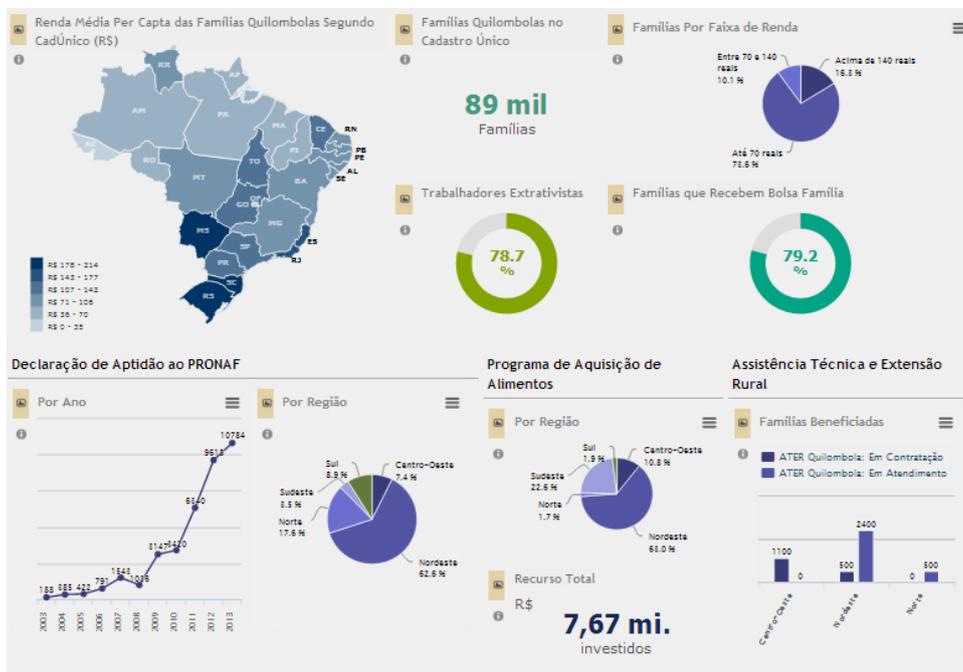
Entrevista semi-estruturada sobre as motivações e as relações dos participantes de mais de um Permangola

Como a pessoa ficou sabendo da existência do Permangola pela primeira vez?
O que a levou a retornar?
A pessoa aplica os conhecimentos adquiridos no Permangola no seu dia a dia?
Neste meio tempo entre os eventos, houve manutenção de contato com outros participantes?
O que a pessoa espera aprender no seu retorno ao evento?

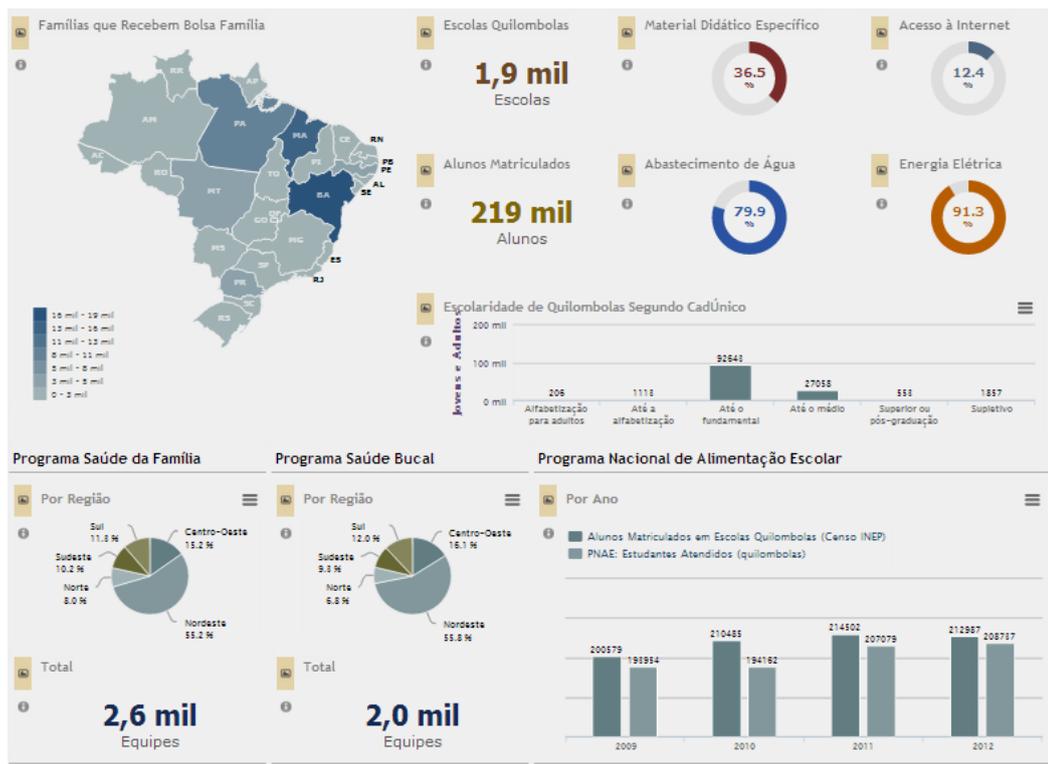
Mapeamento das comunidades quilombolas no Brasil



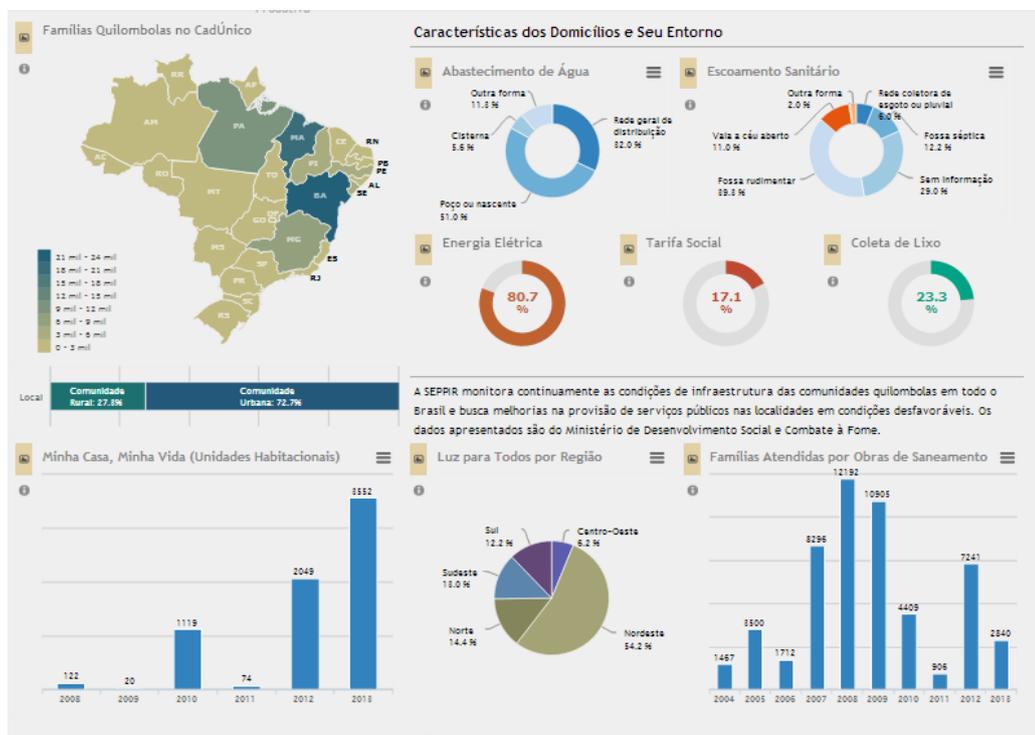
Eixo 1: Acesso à Terra



Eixo 2: Infraestrutura e qualidade de vida



Eixo 3: Desenvolvimento local e Inclusão



Eixo 4: Direitos e cidadania

Cartazes dos eventos Permangola



Organizadores:

- Scott - Permacultor, Capoeirista (USA)
- Phil - Construção Natural, Capoeirista (USA)
- Lua Santana - Agrofloresta, Mestre de Capoeira (Morro do Chapéu, BA)
- Isabel Modenci - Abelhas, Capoeirista (Salvador, BA)
- Paulo Feliciano - Construtor, Padeiro, Horticultor (Rio de Janeiro, RJ)
- Paula Elaine - Capoeirista, Fotógrafa, Filme Maker (Rio de Janeiro, RJ)
- Dona Eliane - Comida Natural (Salvador, BA)
- Suka Oliveira - Papel Reciclado (Salvador, BA)
- Do' - Agricultor, Permacultor (Valença, BA)
- Florisvaldo - Agricultor (Valença, BA)
- CM Cabelo - Capoeirista, Produtor e Agricultor (Itacaré, Bahia)
- Mestre Cobra Mansa - Permacultor, Mestre de Capoeira Angola

I PERMANGOLA
I REUNIÃO AGROPECOLÓGICA

- ACROFLORESTA
- PERMACULTURA
- BIOCONSTRUÇÃO
- BAMBU
- SUPERADOBE
- CAPOEIRA ANGOLA

E MUITO MAIS!!!

Investimento para Residentes no Brasil
R\$ 150 (Inclui 3 refeições diárias e área de acampamento)
Obs. Favor trazer RG
* Traga sua barraca ou saco de dormir
** Transporte até Valença não está incluído

Haverá aulas de Capoeira Angola com os
Mestres Cobra-Mansa, Valmir e Jurandir
da FICA - Fundação
Internacional de
Capoeira Angola
e confecção de
caxixis e berimbaus
e rodas de capoeira

Kilombo Tenonde

MAIORES INFORMAÇÕES:
Mestre Cobra Mansa
cobramansa@hotmail.com
011 55 71 3217 4946
ou pelo site
www.kilombotenonde.com

15 a 21 de janeiro 2008
Kilombo Tenonde
Rodovia Valença - BR 101 (KM 23 - Bonfim)

WWW.KILOMBOTENONDE.COM



II PERMANGOLA

II Reunião Agropecológica – 16 a 26 de Janeiro de 2009

- Agrofloresta
- Permacultura
- Bioconstrução
- Bambu
- Superadobe
- Capoeira Angola

E muito mais!!!

FACILITADORES

Scott – Permacultor, Capoeirista (USA)

Phill – Construção Natural, Capoeirista (USA)

Lua Santana – Agrofloresta, Mestre de Capoeira (Morro do Chapéu-BA)

Isabel Modenci – Apicultora, Capoeirista (Salvador-BA)

Paulo Feliciano – Construtor, Padeiro, Horticultor (Rio de Janeiro-RJ)

Dona Eliane – Comida Natural (Salvador-BA)

Dó – Agricultor, Permacultor (Valença-BA)

Sandra Lima – Bióloga e Terapeuta Corporal (Salvador-BA)

INVESTIMENTO

- Para residentes no Brasil*: R\$ 300 (R\$ 150/3 dias ou R\$ 60/dia)

- Para Estrangeiros: U\$ 300 (U\$ 150/3 dias ou U\$ 60/dia)

- Inclui 3 refeições diárias e área de acampamento**

* Favor trazer RG

** Favor trazer sua barraca ou saco de dormir

*** Transporte até Valença não está incluído.

Haverá aulas de Capoeira Angola com os Mestres Cobra Mansa, Valmir e Jurandir da FICA – Fundação Internacional de Capoeira Angola, confecção de Caxixis e Berimbaus e rodas de capoeira

Onde?

Kilombo Tenonde, Rodovia Valença – BR 101 (Km 23 – Bonfim)

MAIS INFORMAÇÕES:

Mestre Cobra Mansa

cobramansa@hotmail.com

55 (71) 3217-4946

Ou pelo site WWW.kilombotenonde.com

Valença, Brasil: permangolinha 2009

Permangolinha (Permangola em pequena escala)

13 a 16 agosto de 2009

Uma pequena intervenção Agropercológica com capoeira Angola, construção natural pintura e técnica de adobe, taipa telada além de construção de um pequeno tanque de captação para água de chuva com Terra cimento e a casa ecológica.

Mestre Lua Santana (Oca da minhoca), Serelepe (Ipoema), Isabel Modetri (abelhas), Cabelo (fazenda ouro verde) já confirmaram as suas presenças, estamos trabalhando diretamente com a associação de trabalhadores rurais do Bonfim- Valença e estaremos exibindo o filme do instituto para todos no local. A presença de vocês seria muito importante para eles por favor me responda urgente sobre a participação vocês.

Ps : Estamos ainda na fase de organização do evento sua opinião será muito importante. Favor traduzir para outras línguas urgente.

Contribuição: brasileiros R\$100 com direito a 3 refeições e local para acampamento.

Estrangeiros -Europa e USA: USD100

.....
Kilombo Tenondé - A harmonia da vida Rural no cenário urbano

de 13 a 16 agosto de 2009

A semente do Kilombo Tenondé esteve sendo plantada a séculos nos Quilombos brasileiros. Reconhecemos as novas formas de opressão na sociedade moderna e industrial. Usando de espaço e de atividade, o Kilombo Tenondé promove a regeneração da criatividade, do pensamento e de ideais; busca a reconstrução da estrutura comunitária, hoje enfraquecida. E aqui estamos hoje "Ação no Kilombo" são uma série de práticas e palestras sobre sistemas alternativos de construção, agricultura e energia. Estaremos desvendando os primeiros passos para a sustentabilidade, em Coutos Salvador/BA no Subúrbio Ferroviário, em Valença Salvador/BA e no restante do mundo.

IV Permangola

Quando: 27 de janeiro a 7 de fevereiro de 2010

Onde: Kilombo Tenondé
Rodovia Valença - BA 542 KM 23 (Bonfim-Guerem)

www.kilombotenonde.com

Investimento:

Para residentes no Brasil: R\$ 150,00

Para não residentes no Brasil: US\$ 300,00 (dólares)

As inscrições devem ser realizadas por e-mail e com o depósito de R\$ 150,00 em conta corrente com comprovante de pagamento anexado. O material deverá ser pago no curso. O pagamento da inscrição garante a vaga no curso. Inclui: almoço com 7 refeições e área para acampamento. Não incluem: a transporte até Valença. As vagas são limitadas!

Deposite em conta corrente:

Conta: Fidejussu Peçanha

Banco Bradesco

AG 0366-8

C/C 0023008

E-mail: rebramas@kilombo.com

Acompanhantes:

Trazendo 2 pessoas, todas recebem 10% de desconto.

Trazendo 4 ou mais pessoas, cada uma recebe 15% de desconto.

Grupos de 10 pessoas, oferecemos 2 boletas integrais.

Sugestões:

Tragam barraca ou fiquem em quarto de residência de nossos parceiros R\$ - 15 a 30 dias. Barraca necessita de colchonetes, roupas de cama, toalhas, canga, roupas para frio e calor, capas e lonas para chuvas ocasionais, protetor solar, lanternas ou lâmpo vela. Quem vir de carro pode trazer ainda rede panelinhas, alimentos pessoais, instrumento de música.

O Permangola são atividades agroecológicas que acontecem aqui por por ano na fazenda agroecológica Kilombo Tenondé. Durante cada evento, são oferecidas atividades que enfocam permacultura, agrofloresta, samba e Capoeira Angola.



Permangola 2010

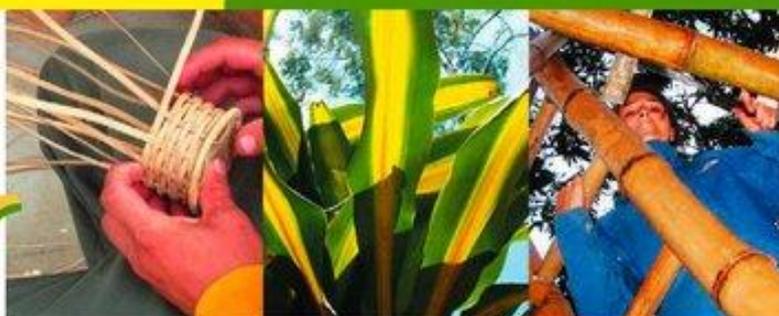
Agricultura, Permacultura, Construção Ecológica e Capoeira Angola



INTERNATIONAL
CAPOEIRA ANGOLA
FOUNDATION



(Agricultura,
Permacultura,
Construção Ecológica
e Capoeira Angola)



V

Permangola

Reunião Agroperecológica

Investimento para Residentes
no Brasil: R\$ 350,00

Investimento para Não Residentes
no Brasil: \$ US 300,00 (dólares)

Incluso: diária com 3 refeições e área para
acampamento. OBS: O transporte até Valença não
está incluído.

As vagas são limitadas!!!

Depósito em Conta Corrente:
Cinézio Feliciano Peçanha
Banco Bradesco
AG: 03666-8 C/C: 0523008

Acompanhantes: (Trazendo 3 pessoas, todas
recebem 10 % de desconto). 4 ou mais pessoas, cada
uma recebe 15 % de desconto. Grupos de 10 pessoas,
oferecemos 2 bolsas integrais.

Sugestões: Tragam barraca ou fiquem em quarto de
residência de nossos parceiros (R\$ - 15 a 30,00/dia).
Barraca necessita de colchonete, roupas de cama,
toalhas, canga, roupas para frio e calor, capas e lonas
para chuvas ocasionais, protetor solar, lanterna ou
lato-vela, quem vir de carro pode trazer ainda rede,
panelinhas, alimentos pessoais, instrumentos de
música.

Haverá: Aulas de Capoeira Angola
Confeção de Caxixis e Berimbaus
Rodas de Capoeira

**Tenha vontade em aprender, ensinar, servir
e a evoluir. Este curso pode significar um
salto quântico em sua vida!**

21 a 30 de janeiro de 2011

Kilombo Tenondé - Rodovia Valença -
BA 524 KM 23 (Bonfim) Guerem - Valença - BA Brasil





KILOMBO TENONDE
January 24 – 30

PERMANGOLA 2012

E-mail: cobramansa@hotmail.com
kilombotenonde@yahoo.com.br
Tel: Fazenda Kilombo Tenonde:
00 55 (71) 9931-6868,
Cobra Mansa (mob): 00 55 (71) 9128-8028
Centro Cultural Coutos: 00 55 (71) 3217-4946

Location:
Kilombo
Tenonde,
Bonfim/
Valenca

Duration:
five days.

Cost:
\$R 450

Includes:
Location
for setting
up tents,
and
breakfast,
lunch
and dinner

**Center diffuser
of Permaculture
and Capoeira Angola,**
underneath the coordination of Mestre
Cobra Mansa. Here, activities with local
farmers are held with the objective that they stop
the use of pesticides and chemical fertilizers. Located
in Bonfim, the town of Valenca, area of original forest,
interspersed with patches of recovery, with a large number
of small owners who are producers of cocoa, clove,
cinnamon, jackfruit, cassava, palm oil, guarana, etc.
During the event, classes and discussions will be held
about Permaculture and Capoeira Angola as well as
performed activities of the recovery of degraded areas,
agroforestry, and green building with adobe and taipa.

www.kilombotenonde.com



15 – 20
de janeiro

PERMANGOLA 2013

**Aulas e rodas de Capoeira
Angola, confecção de Caxixis
e Berimbaus, Bioconstrução,
Aglofloresta e Permacultura**

Permacultura + Capoeira Angola = Permangola

O Permangola é um evento realizado anualmente no Kilombo Tenondê. O objetivo é integrar a filosofia da Capoeira Angola com a ética e os princípios da Permacultura, visando proporcionar o desenvolvimento humano de forma holística, onde corpo, mente, espírito e meio natural estão integrados.

Serão realizadas oficinas teórico-práticas, palestras e vivências que englobam: introdução à Permacultura, criação e manejo de agrofloresta e horta orgânica em forma de mandala, técnicas de bioconstrução (adobe, bambu e materiais recicláveis), manejo de abelhas, energias renováveis, atividades artístico-culturais de dança, capoeira, construção de instrumentos, percussão, yoga, mosaico, exibição de vídeos, entre outras. Além de uma deliciosa alimentação natural, com produtos do local.

**Período: 15 a 20
de janeiro (cinco dias)
Inscrição: R\$ 450,00
Incluso: área para
acampamento e diária
com 3 refeições**

Sugestões: Levar barraca ou ficar em quarto de residência de nossos parceiros (R\$20/dia). Levar ainda: colchonete, roupas de cama, toalhas, canga, protetor solar, lanterna ou lato-vela, roupas para calor e frio e capas e lonas para chuvas ocasionais. Opcionais: rede, panelinhas, alimentos pessoais, instrumentos musicais, etc.

Rodovia BA 542, Km 23, Povoado de Bonfim, Guérem, Valença-BA

Tel: Fazenda Kilombo Tenonde: 00 55 (71) 9931-6868,

Cobra Mansa (mob): 00 55 (71) 9128-8028

E-mail: cobramansa@hotmail.com

Centro Cultural Coutos: 00 55 (71) 3217-4946

www.kilombotenonde.com



Agriculture
Permaculture
Capoeira Angola
Ecological Construction



PERMANGOLINHA July 25 to 29 Kilombo Tenondé Highway Valença - BA 542 KM 11 (Bonfim - Guerem)

2013

Price: R\$150 before 30.06 and R\$200 after.

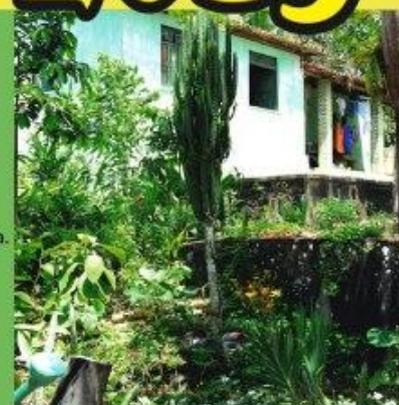
Deposit:

Name: Cinezio Feliciano Pecanha
Bank: Bradesco
Agency: 03666-8
Current account Nº 0523008

Applications should be made by e-mail. Application payment guarantees a place in the course. Included: 3 daily meals and camping site. Not included: transportation to Valença. Places are limited!

Suggestions:

Bring tent or stay in a room of our partners R\$ 15 to 30 per day. People in tents needs caramat, bed linen, towels, clothes for cold and hot weather, cover and canvas for occasional rain, sunscreen, flashlight or candle.
People arriving by cars can bring hammocks, personal food and music instruments.



www.kilombotenonde.com



Cartaz do curso de Bambu

Curso Prático de Construção com Bambu

4 a 5 de maio de 2013 (Últimas vagas)

Já pensou em fazer uma casa, galpão ou toldo com bambu? O curso engloba as técnicas eficazes para corte, manejo, secagem, tratamento, manufatura e montagem de uma construção de bambu.



O curso envolve a construção de sapatas, passando pela confecção das peças, até a cobertura e fechamento com painéis, todas as técnicas são ensinadas de forma prática e teóricas.

Facilitador do Curso:



Bruno Sales



Graduando em Engenharia Agrônoma, estagiário do Departamento de Engenharia Florestal da UFRRJ (Universidade Rural) e da EMBRAPA Agrobiologia onde desenvolve pesquisas com Bambu nas áreas de construção, propagação, manejo e utensílios para o meio rural, abordando a questão ecológica. Ministrou diversos cursos em instituições como EMBRAPA, UFRRJ, PUC-RIO, UNIRIO e comunidades de Paraty, Trindade e Praia Vermelha em Ilha Grande. Desde os 10 anos de idade, Bruno aprendeu técnicas artesanais com seus avós e ao longo dos anos de prática e experiência e estudos de técnicas, conseguiu compilar os procedimentos mais eficientes e com melhor custo X benefício para promover o uso sustentável e viável do bambu.

Programação do curso de bambu em Valença – BA

Local: Kilombo Tenondé

1º dia –

Teoria: Uma breve introdução sobre o bambu no Brasil e mundo.
Identificação das espécies; Espécies recomendadas pelo IMBAR(órgão internacional com sede na China)

Prática: Mostra de folhar caulinar

Teoria: Morfologia - partes da planta e seus respectivos usos.

Prática: Ida a touceira para reconhecimento da planta no campo;

Teoria: Anatomia - Células e suas particularidades.

Prática: Cortes anatômicos para visualização

Teoria: Fenologia. (ciência que estuda a idade),- Como saber idade do colmo - Usos conforme a idade - Proporções de maduros, jovens, brotos e podres encontrados em touceiras brasileiras.

Teoria: Manejo - Ferramentas e equipamento de segurança – Como fazer o diagnóstico de potencial de uma touceira de bambu – Quantificação e qualidade da matéria prima para seu devido uso – Épocas de corte de acordo com a planta e fases da lua.

Prática: Cortes e verificação do estado do colmo em relação a touceira.

Teoria: Tratamento – Por que tratar bambu – Métodos de capilaridade, de imersão, de copo, de auto clave e tradicionais – Custo e eficiência de método.

– Produtos utilizados nos dias de hoje e quais são os entraves – Como eliminar o resíduo dos produtos de tratamento.

Prática: Procedimento de tratamento por imersão e capilaridade

2º dia –

Local: Instituto Permacultura Raio de Sol, Valença- BA

Visita a um restaurante e um galpão oficina, construídos com bambu;

Construção de tesoura com bambu servindo de elemento estrutural – Quais ferramentas a serem utilizadas - Escolha de peças – Entalhes e formas de fazer – Desenhos e formas de obras com bambu e quais amarrações utilizar – Como dimensionar uma obra – Custos por m².

Inscrição e outras informações: www.kilombotenonde.com ,
c-pacheco@uol.com.br

Custo: R\$250,00, incluindo alimentação e hospedagem



Plantando Agrofloresta na capoeira

Uma experiência prática

Práticas de agrofloresta - Renata Rangel

**Treinos de capoeira angola
e musicalidade** - Mestre Cobra Mansa

Filmes

Alimentação saudável

24 a 26 de maio de 2013
No Kilombo Tenondé
Bonfim - Valença - Bahia

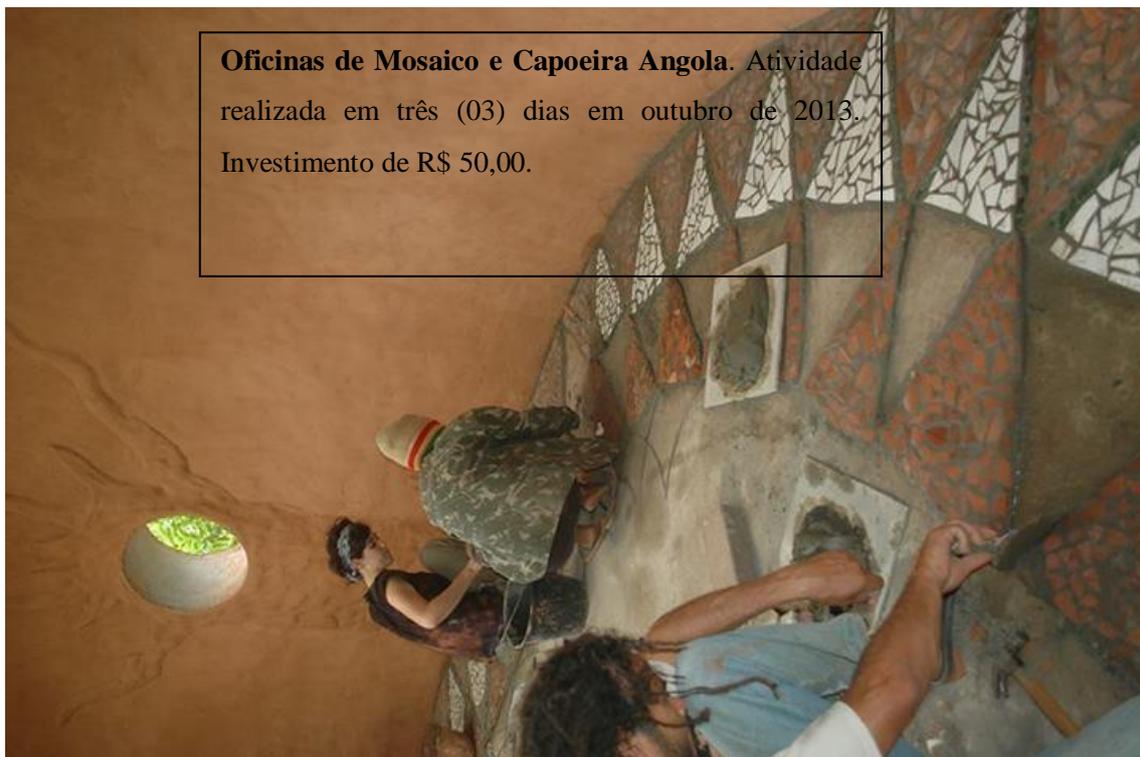
investimento:
R\$ 170,00 até 03 de maio
R\$ 200,00 após essa data
** incluso alimentação e hospedagem
(camping ou alojamento)*

Facilitação:
Renata Rangel - Engenheira Florestal,
Permacultora e artesã faz trabalhos
educativos com sistemas agroflorestais,
plantas medicinais, agroecologia em
comunidades

Informações e inscrições:
Renata Rangel - renafloresta@yahoo.com.br
Adriano Alves - dricoalves@hotmail.com
(71) 86441905

Capoeira: palavra originária do tupi guaraní, que
significa "o que foi mata"

Oficinas de mosaico e capoeira angola



Jardins Imperiais da Rússia



Eco city Farms COME UNITY



ECO City Farms Presents COME -UNITY!

Spring is here, and we're ready to start growing food at Autumn Woods. Let's get together & have fun as we exchange ideas on how to live more active, healthier lives.

Come join us in making a special place for all the residents - with a mix of activities, exciting people, new experience and learning opportunities.

Weekly events to get your blood pumping and your mind revving

FARM CLEAN-UP DAY & LAUGHTER YOGA

March 12, 3:30pm - 6:00pm

CAPOEIRA, DRUMMING, & PERMACULTURE With

M. COBRA MANSA, special guest from Brazil

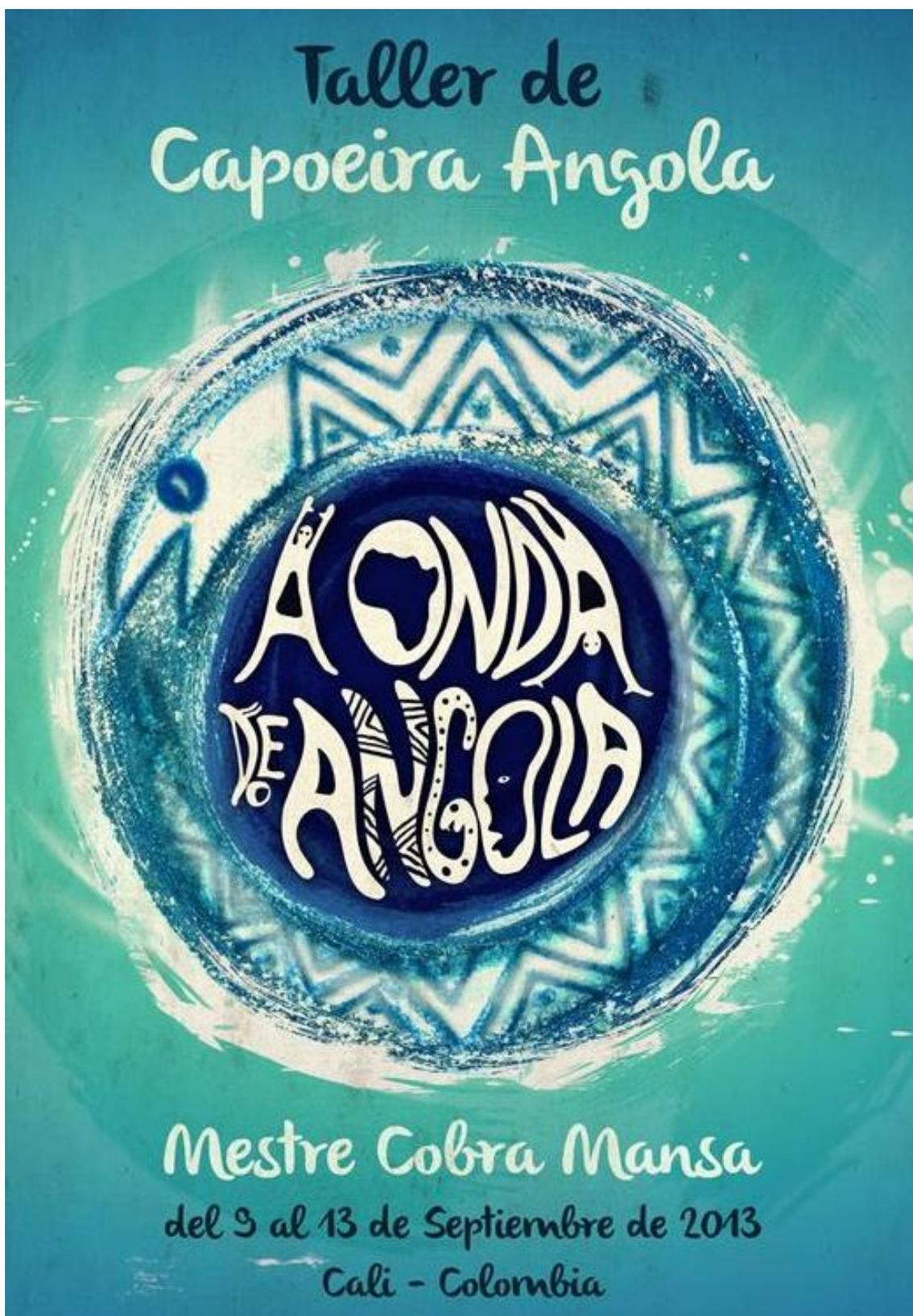
March 19, 5:30pm - 8:00pm

ART GARDEN PROJECT & KUNDALINI

March 26, 4:30pm - 7:30pm



Cartaz do evento Na Onda da Angola





Programación



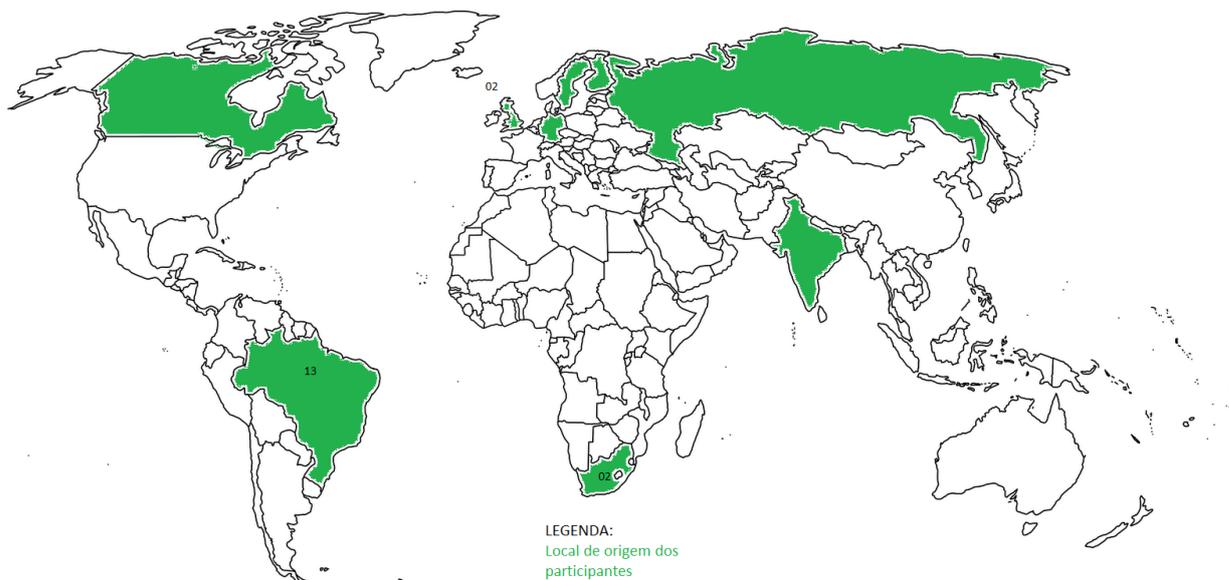
Lunes 9	6:30 p.m. Lugar: PUJ Cali, CDL	Taller de Capoeira ANGOLA Mestre Cobra Mansa
Martes 10	3:00 p.m. Lugar: FUNDAMOR	CONVERSATORIO: "PERMANGOLA" "Promoviendo comunidad sostenible a través de la Permacultura y Capoeira Angola" Mestre Cobra Mansa ENTRADA LIBRE
	6:30 p.m. Lugar: PUJ Cali, CDL	Taller de Capoeira ANGOLA Mestre Cobra Mansa
Miércoles 11	3:00 p.m. Lugar: Parque de los poetas (Igl. Ermita)	RUEDA
	6:30 p.m. Lugar: ANGOLA-CALI	Taller de Musicalidad Mestre Cobra Mansa
Jueves 12	9:00 a.m. Lugar: Fundación "SE QUIEN SOY"	Taller de Capoeira ANGOLA Mestre Cobra Mansa
	5:00 p.m. Lugar: PUJ Cali Auditorio Ed. Almendros	CONFERENCIA: "La Capoeira Angola como forma de resistencia cultural" Mestre Cobra Mansa ENTRADA LIBRE
	6:00 p.m. Lugar: PUJ Cali Plazoleta Central	Taller y RUEDA ENTRADA LIBRE
Viernes 13	5:00 p.m. Lugar: ANGOLA-CALI Parque Barrio 1ro de Mayo	RUEDA. Clausura del evento

PUJ Cali (Pontificia Universidad Javeriana Cali) CDL (Centro Deportivo Loyola):
Calle 18 No. 118-250 Av. Cañasgordas / Cali, Colombia, Teléfono (57-2) 321 82 54
FUNDAMOR: La Viga - Panca. Calles 19 y 20 con Carreras 148 y 154
SE QUIEN SOY: Calle 120 No. 23 - 66, Caseta Comunal / Barrio DECEPAZ
ANGOLA-CALI (Grupo de Estudio de Capoeira Angola-Cali):
Calle 13F No. 54-25 (Casa Comunal) Barrio Primero de Mayo / Cali, Colombia.

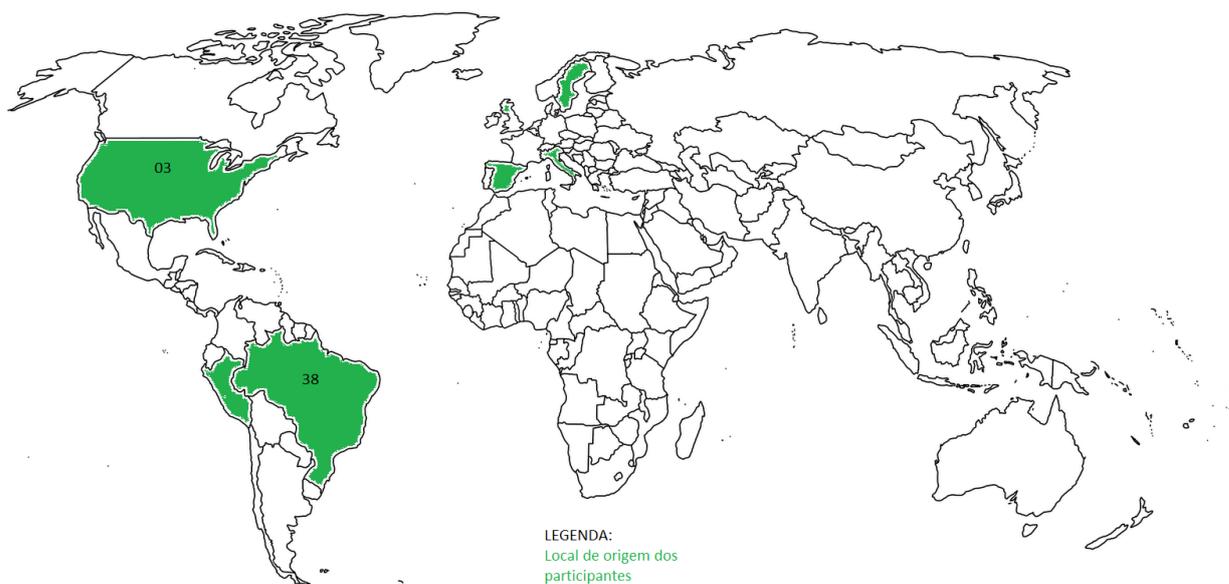
INVERSIÓN: \$100.000
INFORMES E INSCRIPCIONES:
www.facebook.com/angolacali.capoeira
E-mail: cuerdagrafica@gmail.com
Cel: 318 846 3458

Mapas dos locais de origem dos participantes dos Permangolas

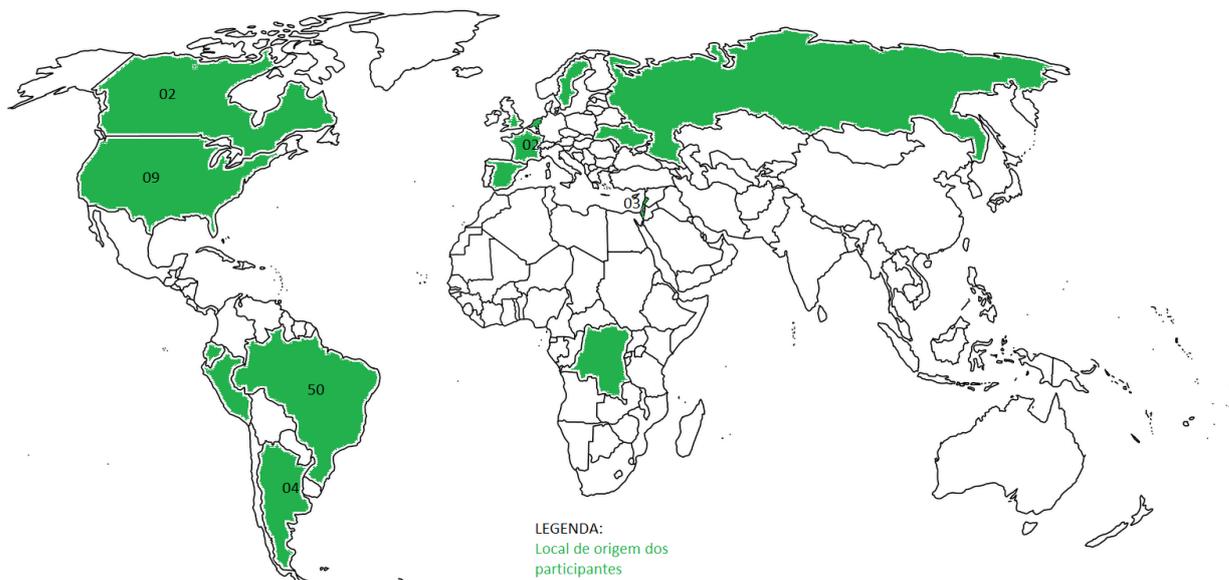
PERMANGOLA 2009



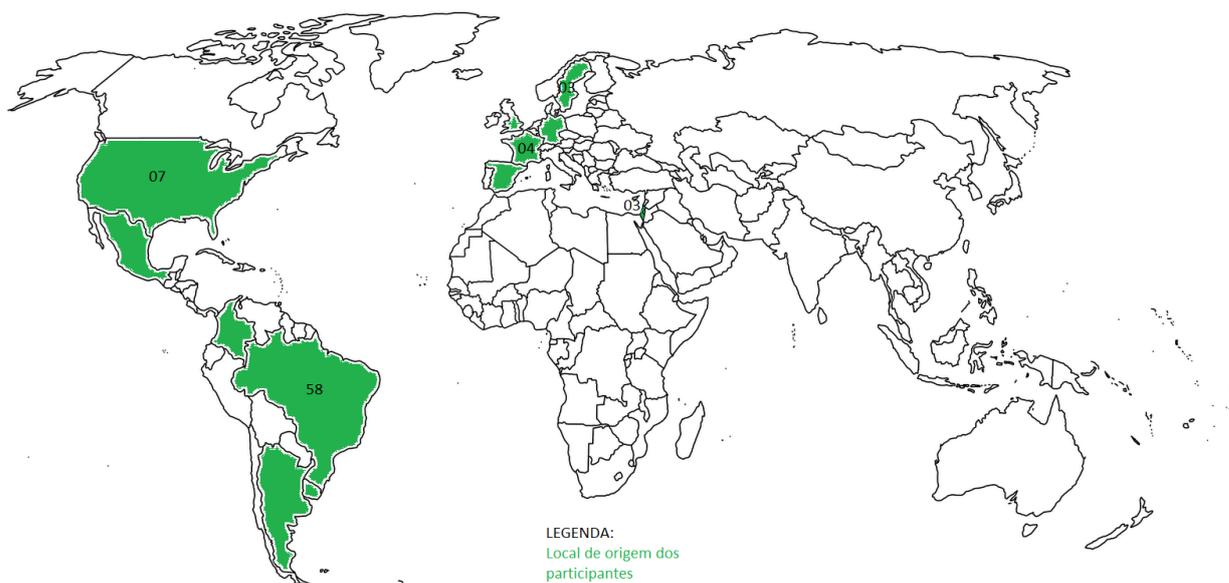
PERMANGOLA 2010



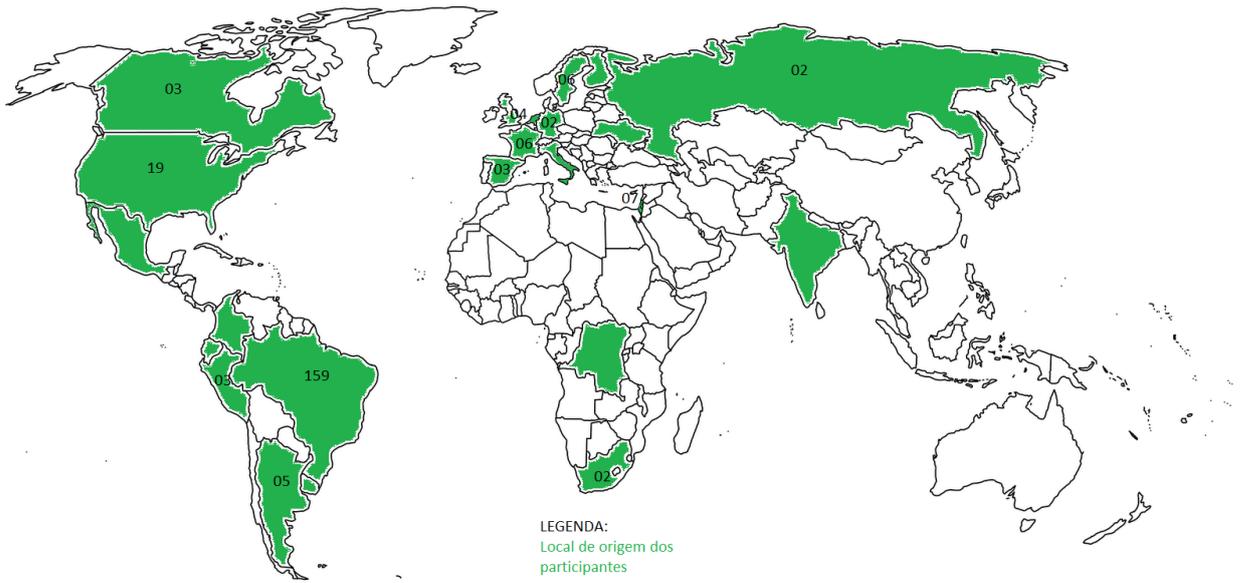
PERMANGOLA 2013



PERMANGOLINHA 2013



PAÍSES PARTICIPANTES DO PERMANGOLA



Culinária do Permangola

Os cardápios do evento são diversos, criativos e saudáveis, aproveitando a variedade do que vem sendo produzido no Kilombo, com muita criatividade. Lembremos que a alimentação é o início do nosso ciclo de vida, e que ela depende na nossa relação com a terra!

Variedades do cardápio:

Café da manhã

- Banana da terra ou da prata assada, com canela, açúcar e manteiga.
- Cuscuz temperado (com tomate, cebola, pimentão, alho, coentrinho, sal)
- Sorvete de banana com amendoim ou de cupuaçu
- Bolo de cenoura com cobertura de amendoim com cacau
- Pão integral
- Mungunzá
- Pasta de manjeriço com dendê
- Suco de frutas
- Aipim cozido
- Poponha assada ou cozida (fruta da Amazônia, produzida no kilombo)
- Mingau de semente de jaca
- Bolachinha de goma

Almoço e jantar

- Moqueca de jaca ou de mamão verde
- Aipim temperado
- Purê de aipim
- Farofa de banana
- Salada variada
- Novidade: salada de cacau
- Quibe de soja
- Bolinha de arroz ou de banana verde
- Bife de casca de banana
- Variedades de ensopado (banana da terra, taioba, etc)

Outros pratos:

- Variedades de pizza vegetariana

Receita – Moqueca de jaca da Núbia

Ingredientes:

- 2 jacas verdes
- 1 cebola
- 1 tomate
- 1 pimentão verde
- 1 ramo de Coentro
- Sal a gosto
- Pimenta (di bico ou de cheiro)
- Leite de coco
- Azeite de dendê

Modo de fazer: Tire o caroço da jaca, lave e escale com sal em 500ml de água fervendo, separando as pelinhas que ficaram do caroço. Depois escorra a jaca. Corte o tempero em rodelas. Machuque pimenta com sal. Em uma panela de barro coloque: leite de coco, a jaca, os temperos e a pimenta com o sal. Por último, o dendê. Tampe e deixa no fogo até ferver. Depois, tire a tampa e deixe mais um pouco.